UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE
ESTADO DE ALAGOAS

AS RIQUEZAS DAS ÁREAS PROTEGIDAS NO **TERRITÓRIO ALAGOANO**

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE
ESTADO DE ALAGOAS

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE
ESTADO DE ALAGOAS

AS RIQUEZAS DAS ÁREAS PROTEGIDAS NO **TERRITÓRIO ALAGOANO**

Organização
Alex Nazário Silva Oliveira
Clarice Maia F. de Amorim
Rosângela P. de Lyra Lemos

Maceió
2014

Expediente

Estado de Alagoas

Governador do Estado
Teotônio Vilela Filho

Vice-governador do Estado
José Thomaz Nonô Neto

Secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos
Luís Napoleão Casado Arnaud Neto

Secretário de Estado da Comunicação
Keylle Lima

Sub-secretário de Estado da Comunicação
Guilherme Lamenha

Diretor-presidente do Instituto do Meio Ambiente
Adriano Augusto de Araújo Jorge

Diretor-técnico do Instituto do Meio Ambiente
Ricardo César de Barros Oliveira

Gestão de Acordos, Contratos e Convênio
Afrânio Farias de Menezes

Coordenadoria Setorial de Planejamento e Finanças.
Leone Zaluar Correia de Araújo

Coordenadoria Setorial de Gestão
Adriana Guimarães

Herbário MAC
Curadoria - Rosângela P. de Lyra Lemos (acervo da flora das Unidades de Conservação de Alagoas)

Mineração Vale Verde Ltda

Presidente
James Bannantine

Gerente de Projeto
Tony Lima

Gerente de Engenharia
Telvio Tavares

Gerente de Meio Ambiente
Gustavo Silva de Carvalho

Equipe Técnica
Organização
Alex Nazário Silva Oliveira, Clarice Maia F. de Amorim, Rosângela P. de Lyra Lemos

Caracterização física
Alex Nazário Silva Oliveira e Esdras de Lima Andrade

Caracterização da flora
Rosângela P. de Lyra Lemos

Caracterização da fauna
Laerte William Lobo de Araújo

Caracterização social
Kadja Angélica da S. Tavares e Clarice Maia F. de Amorim

Geoprocessamento e Mapeamento
Esdras de Lima Andrade
Antonio José Pereira de Almeida

Edição
Clarice Maia F. de Amorim

Fotografias
Neno Canuto, Sérgio Roberto Moura Leal, Laerte William Lobo de Araújo, Juliano Maurício Fritscher, Fernando Pinto Neto, Alex Nazário Silva Oliveira, Alexandre dos Santos, Maurício Carnaúba, Micheline Lima, Clarice Maia, Jarina Alves, Neto Vieira, Edson Acioli.

Revisão textual
Bruno Ribeiro, Nilton Resende, Maria Lígia Toledo de Lima Cavalcanti

Apoio no trabalho de campo e levantamento de informações
Djalma Gama Brêda Filho – engenheiro agrônomo
Gustavo Costa Farias – engenheiro agrônomo
Jarina Waléria Alves Silva – bióloga
José Roberto de Farias – engenheiro agrônomo
Kleyton Alysson da Silva Tavares – geógrafo
Lana Ingrid Pereira Navarro – gestora ambiental
Luciano Cavalcante Palmeira – engenheiro agrônomo
Madysson Weslley da Silva – jornalista
Marco Antonio Diniz do Nascimento – estudante de geografia (estagiário)
Alycia Maria Lucena Torres Cavalcante – bióloga
Maria Lígia Toledo de Lima Cavalcanti – bibliotecária
Maurício Carnaúba da Silva – estudante de biologia (estagiário Herbário MAC)
Meraldo Correia da Rocha – educador ambiental
Patrícia Vieira Pacífico – jornalista
Pedro Lins Normande – gestor ambiental
Raíssa Cavalcante Pinto – bióloga
Rodrigo Gouveia Amorim – engenheiro agrônomo
Ykson Teotônio de Emery – zootecnista
Victor Souza / equipe comunicação ICMBio Nordeste

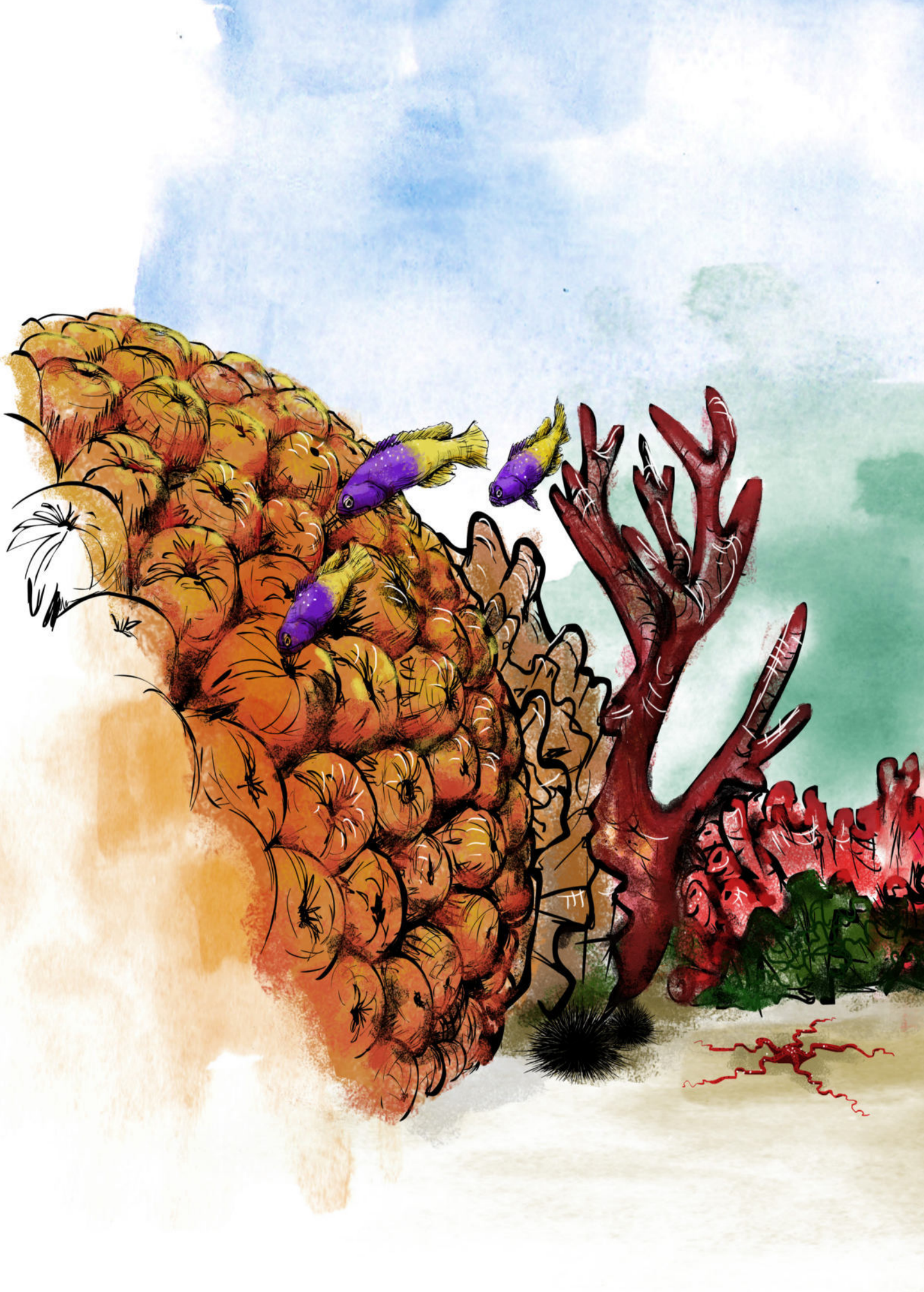
Apoio logístico
Ezequiel de Jesus Caiano

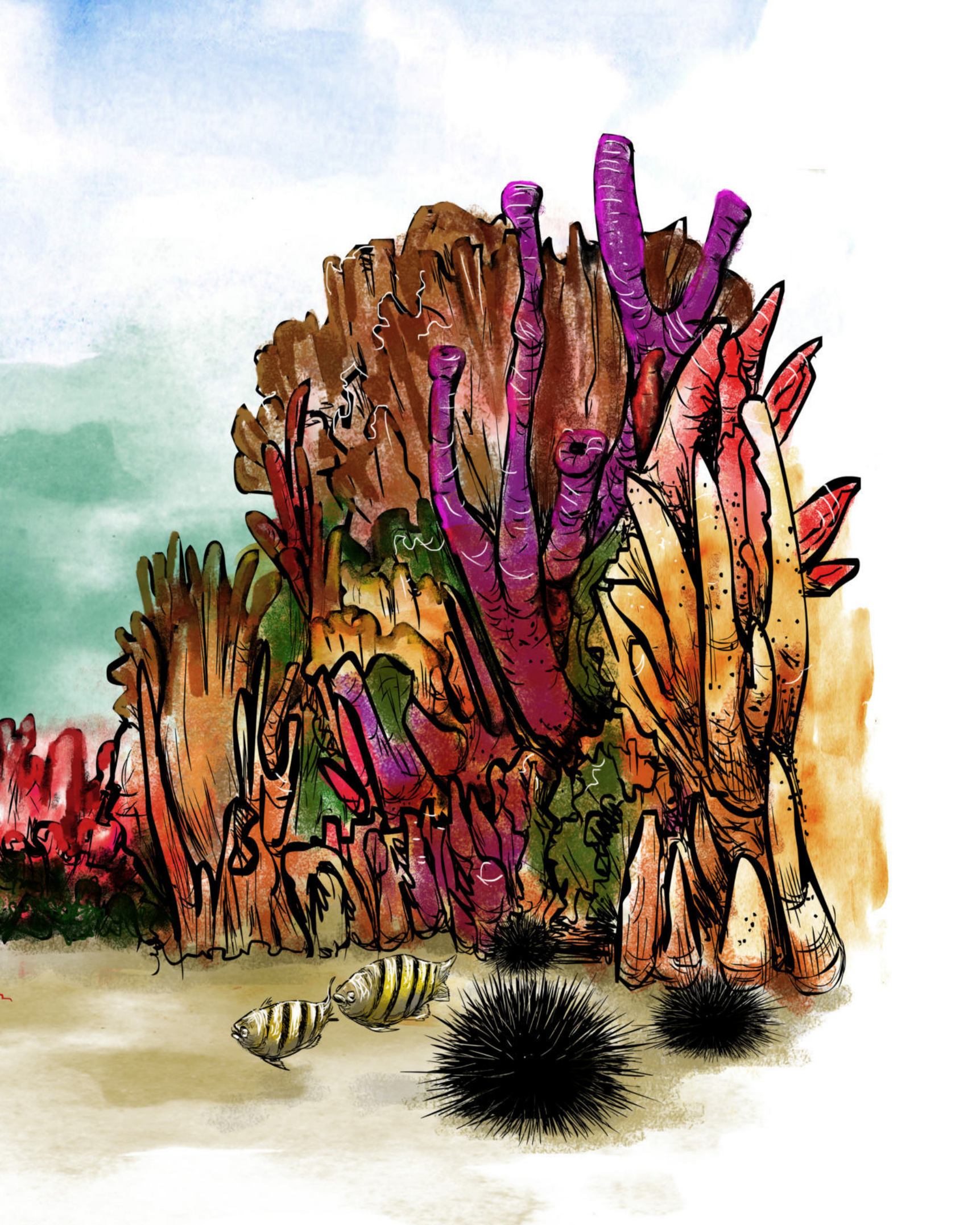
Motoristas
Alcides Francisco dos Santos
Wilson Augusto dos Santos
Djalma Magalhães Sabino

Projeto gráfico e diagramação
Núcleo Zero

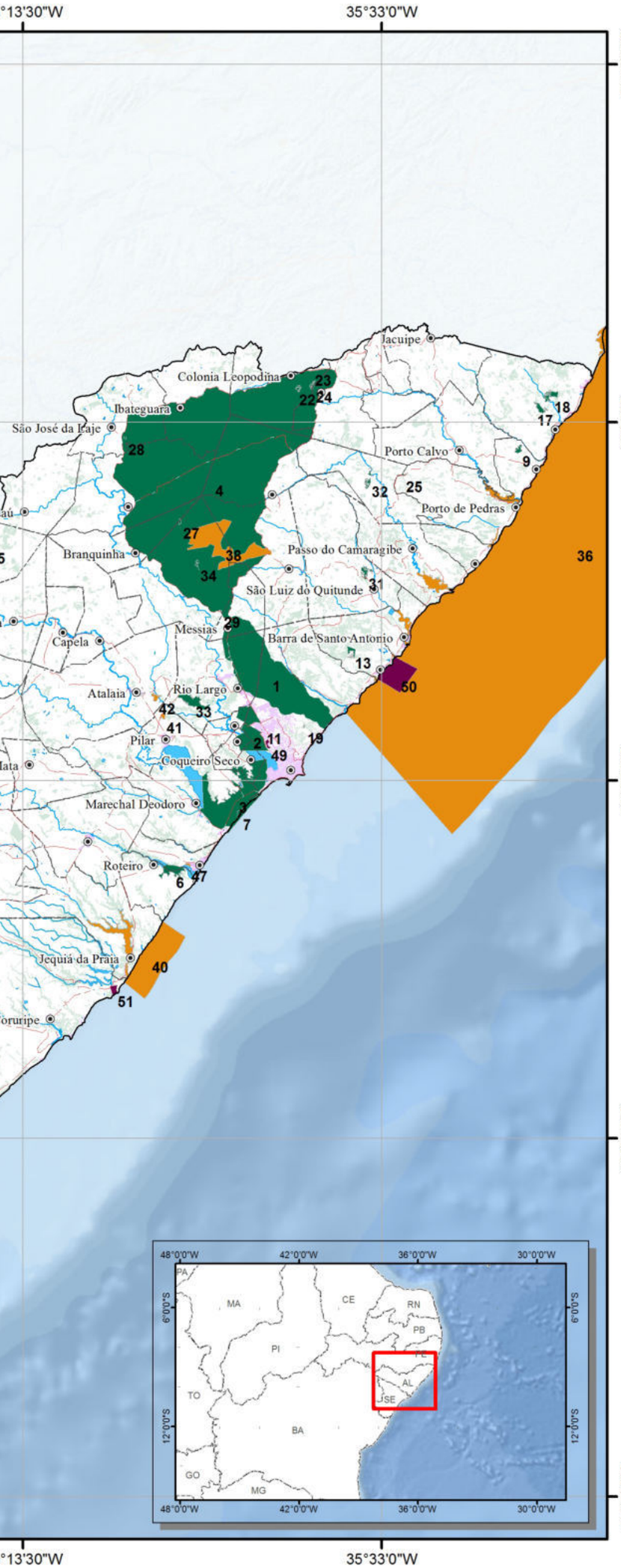
Ilustrações
Weber Salles Bagetti

Diagramação
Werner Salles Bagetti
Ulysses Lins Ribas





38°15'0"W
37°34'30"W
36°54'0"W
36°13'30"W
8°19'30"S
9°0'0"S
9°40'30"S
10°21'0"S
11°1'30"S
PERNAMBUCO
BAHIA
SERGIPE
Oceano Atlântico
Mata Grande
Canapi
Ouro Branco
Inhapi
Maravilha
Pariconha
Poço das Trincheiras
Minador do Negrão
Quebrangulo
Santana do Mundaú
Paulo Jacinto
Viçosa
Delmiro Gouveia
Cacibinhas
Estrela de Alagoas
Mar Vermelho
Carneiros
Olivença
Major Izidoro
Olho d'água do Casado
São José da Tapera
Tanque D'arca
Belém
Monteiropolis
Craibas
Piranhas
Jacaré dos Homens
Taquarana
Boca da Mata
Palestina
Batalha
Jaramataia
Anadia
Pão de Açúcar
Arapiraca
Campo Alegre
Belo Monte
Lagoa da Canoa
Junqueiro
Traipu
Campo Grande
Igreja Nova
Coruripe
Penedo
Piaçabuçu
N
W
E
S
8,5 4,25 0 8,5 17 25,5 34
km
1:1.120.000
Escala numérica em impressão A3
Projeção - Geográfica
Datum Horizontal - SIRGAS 2000



Legenda

- Cidades
- Rodovias
- Cursos D'água
- Corpos D'água
- Remanescentes Vegetais
- Áreas Edificadas
- Divisão Municipal

Unidades de Consevação - Jurisdição:

- Estadual
- Federal
- Municipal
- Propostas Estaduais

UC Estadual

1 - APA do Pratagy
2 - APA do Catolé e Fernão Velho
3 - APA da Santa Rita
4 - APA de Murici
5 - APA da Marituba do Peixe
6 - RESEC Manguezais Lagoa de Roteiro
7 - RESEC Saco da Pedra
8 - RVS Morros do Craunã
9 - RPPN Triunfo
10 - RPPN Tocaia
11 - RPPN Tobogã
12 - RPPN Santa Fé
13 - RPPN Placas
14 - RPPN Jader Ferreira
15 - RPPN Estância São Luiz
16 - RPPN Cachoeira
17 - RPPN Cachoeira
18 - RPPN Bosque
19 - RPPN Aldeia Verde
20 - RPPN Planalto
21 - RPPN Madeiras
22 - RPPN Estrela do Sul
23 - RPPN Porto Alegre
24 - RPPN Papa Mel
25 - RPPN Porto Seguro
26 - RPPN Canadá
27 - RPPN Boa Sorte
28 - RPPN Osvaldo Timóteo
29 - RPPN Santa Maria
30 - RPPN José Abdon Malta
31 - RPPN Garabu
32 - RPPN Serra D'água
33 - RPPN Mata do Cedro
34 - RPPN Vila D'água

UC Federal

35 - APA de Piaçabuçu
36 - APA Costa dos Corais
37 - MONA do São Francisco
38 - ESEC de Murici
39 - REBIO de Pedra Talhada
40 - RESEX de Jequiá
41 - RPPN São Pedro
42 - RPPN Santa Tereza
43 - RPPN Gulandim
44 - RPPN Lula Lobo
45 - RPPN Vera Cruz
46 - RPPN Pereira
47 - RPPN Rosa do Sol

UC Municipal

48 - Parque Municipal Pedra do Sino
49 - Parque Municipal de Maceió
50 - Parque Municipal Marinho de Paripueira
51 - APA do Poxim

UC Propostas

52 - Serra das Mãos - Parque Estadual
53 - Serra da Taborda - ARIE
54 - Serra da Caiçara - APA

Estado de Alagoas
Instituto do Meio Ambiente
Diretoria de Unidades de Conservação
Gerência de Geoprocessamento

Título do Mapa

UNIDADES DE CONSERVAÇÕES DO ESTADO DE ALAGOAS

Realização

Data: 04 de Dezembro de 2013

Fonte:
- Malha Municipal 2010 do IBGE, escala 1:1.000.000;
- Mapeamento das Regiões Hidrográficas do Estado de Alagoas, escala 1:100.000;
- Mapeamento do Zoneamento Agroecológico do Estado de Alagoas, escala 1:100.000;
- Bases das Unidades de Conservação do Estado de Alagoas;
- Banco de dados do IMA/GEOP (2014)

Foto - Neno Canuto

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda a equipe que aceitou nosso convite de fazer parte desse necessário trabalho para Alagoas. Sabemos que apostar na ideia de apresentar à população a rica biodiversidade contida nas Unidades de Conservação do estado é uma iniciativa fácil quando se acredita e quando se permite contemplar a riqueza que isso significa. Por isso, agradecemos ao diretor-presidente do Instituto do Meio Ambiente de Alagoas - IMA/AL, Adriano Augusto de Araújo Jorge, pelo apoio, participação, recepção e cobranças na concretização do projeto de que este livro faz parte.

Levou mais de um ano o período de idealização e realização do projeto. Nós nos angustíamos e preocupamos, mas também sonhamos e acreditamos que faríamos um belo trabalho. Nesse sentido, agradecemos os esclarecimentos, encaminhamentos e apoio oferecidos por Afrânio Menezes, Leone Zaluar, Wendel Castro, Lígia Toledo e Ezequiel Caiano.

Agradecemos também à equipe do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade – ICMBio, na pessoa da coordenadora da regional CR6, Mary Carla Marcon Neves, que colaborou com o repasse de informação e com entrada das nossas equipes nas unidades federais. Estendemos o agradecimento também à Mineradora Vale Verde, que investiu recursos financeiros necessários à concretização desse trabalho, em especial ao gerente de meio ambiente, Gustavo Carvalho, por facilitar nossos diálogos.

Encontramos apoio também junto a nossas equipes e colegas de trabalho; por isso, esse livro deve ser dedicado a cada um que nos substituiu em alguma atividade, pesquisou e enviou algum dado, passou da hora de trabalho para conseguir alguma informação, todos que ajudaram de alguma forma.

Alex, Clarice e Rosângela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - A importância do tema meio ambiente para o desenvolvimento do estado de Alagoas . . . 12

APRESENTAÇÃO - A preservação do meio ambiente e da existência humana no planeta . . . 14

A importância das Unidades de Conservação . . . 16

Reservas Mundiais da Biosfera . . . 18

Alagoas e as Unidades de Conservação . . . 26

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS

APA Costa dos Corais . . . 32

ESEC de Murici . . . 40

APA de Piaçabuçu . . . 48

RESEX da Lagoa de Jequiá da Praia . . . 56

REBIO de Pedra Talhada . . . 62

MONA do Rio São Francisco . . . 70

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO ESTADUAIS

APA de Murici . . . 78

APA de Santa Rita . . . 88

APA do Catolé e Fernão Velho . . . 98

APA do Pratagy . . . 108

APA da Marituba do Peixe . . . 116

RESEC do Saco da Pedra . . . 128

RESEC dos Manguezais da Lagoa do Roteiro . . . 136

RVS dos Morros do Craunã e do Padre . . . 146

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO MUNICIPAIS

Parque Municipal Marinho de Paripueira . . . 156

Parque Municipal de Maceió . . . 164

APA do Poxim . . . 172

Parque Municipal da Pedra do Sino . . . 180

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN Aldeia Verde . . . 188

RPPN Boa Sorte . . . 192

RPPN Bosque, RPPN Cachoeira e RPPN Triunfo . . . 196

RPPN Cachoeira 204
RPPN Canadá 208
RPPN Estância São Luiz 212
RPPN Estrela do Sul, RPPN Papa Mel e RPPN Porto Alegre 216
RPPN Fazenda Rosa do Sol 224
RPPN Santa Tereza 230
RPPN São Pedro 234
RPPN Jader Ferreira Ramos 238
RPPN José Abdon Malta Marques 242
RPPN Lula Lobo 246
RPPN Madeiras 250
RPPN Osvaldo Timóteo 254
RPPN Pereira 258
RPPN Placas - O Sabiá 262
RPPN Planalto 266
RPPN Porto Seguro 270
RPPN Gulandim 274
RPPN Santa Fé 278
RPPN Santa Maria 282
RPPN Tobogã 286
RPPN Tocaia 290
RPPN Vera Cruz 294
RPPN Vila D'Água 298
RPPN Garabu 302
RPPN Serra D'Água 304
RPPN Mata do Cedro 308

ÁREAS EM ESTUDO PARA CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Serra da Caiçara 310
Serra da Taborda 312
Parque Estadual da Serra da Mão 314
Baixo São Francisco 316
Referências 318

INTRODUÇÃO

A IMPORTÂNCIA DO TEMA MEIO AMBIENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE ALAGOAS

TEOTONIO VILELA FILHO
GOVERNADOR DE ALAGOAS

Alagoas vive um novo momento econômico, social e ambiental. Para mover a economia, foi preciso que aqui se instalassem indústrias e empreendimentos de grande porte. Em todo esse tempo, tudo foi feito para proteger o ambiente, a flora, a fauna, nossas riquezas minerais e naturais. Quando foi preciso, houve compensações, replantios e toda forma de proteção ao meio ambiente. Quando precisamos abrir o caminho ao desenvolvimento, nada ficou a dever, a não ser pelas catástrofes naturais, como a enchente de 2010, e a seca inclemente que ainda persiste.

Este livro do Instituto do Meio Ambiente chega para mostrar que desenvolvimento e bem-estar social devem andar juntos com a proteção de nossas belezas, nossa biodiversidade. De maneira sustentável e responsável, conduzimos nossa política ambiental.

Criamos programas de recuperação de nascentes e de proteção a biomas até então ameaçados, como a Caatinga. Da aridez da região sertaneja, tiramos a água que hoje corre pelo Canal do Sertão e irriga a terra do Semiárido. Dos secos gravetos, nasceram áreas de plantio e de preservação.

É dessas áreas de preservação e unidades de conservação que a publicação extrai seu foco, em um trabalho que reúne todas as informações sobre essas áreas que já tiveram o reconhecimento de instituições como o Conselho Nacional da Biosfera, da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura.

Foto - Sérgio Leal.

Em outubro de 2013, o Estado foi destaque nacional ao receber Menção Honrosa do Conselho da UNESCO por ter a maior quantidade de Postos Avançados e Núcleos dentro do Programa da Biosfera.

Mas queremos mais; queremos continuar crescendo em número de proteção de áreas. As Unidades de Conservação em Alagoas configuram hoje um dos mais importantes mecanismos de proteção à biodiversidade existente no País. No estado de Alagoas, atualmente existem 51 áreas protegidas. Dos 102 municípios alagoanos, pelo menos 44 possuem alguma parte do território dentro de uma área protegida.

E não poderia ser diferente em uma terra cheia de significados e singularidades, como, por exemplo, uma espécie de orquídea genuinamente alagoana - *Prostechea alagoensis* - descoberta pelo maior orquidófilo das Alagoas, Luiz Araújo; o pássaro Mutum das Alagoas; o sururu de capote; os cânions do São Francisco; os canais e as lagoas, universo do grande ambientalista Octávio Brandão e terra também de tantos outros guardiões da natureza: Ladislau Neto, considerado o cientista mais influente no Brasil no século 19; Ivan Fernandes Lima, professor e geógrafo alagoano, o primeiro a classificar as bacias hidrográficas de Alagoas; e Paulo Ramalho Pedrosa, naturalista e ardoroso defensor da Mata Atlântica.

Com isto, queremos afirmar que a história natural de Alagoas está sendo bem cuidada, como cuidaram os nossos antepassados. Mas temos que pensar no futuro, e Alagoas é um estado solar por vocação, como disse o mestre Beroaldo Maia Gomes. Temos grandes potenciais para a geração de novas energias, como a biomassa, que vai transformar o bagaço da cana em combustível limpo, que vai gerar empregos e oportunidades. Esta tem sido a base do nosso trabalho: diversificar a economia, mas de modo correto, sustentável e com responsabilidade.

APRESENTAÇÃO

A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DA EXISTÊNCIA HUMANA NO PLANETA

ADRIANO AUGUSTO
DIRETOR-PRESIDENTE DO INSTITUO DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE ALAGOAS

Há séculos a humanidade tem depredado a natureza na busca frenética de conquistas materiais. As civilizações, à medida que desenvolvem novas expectativas comerciais, mais uma vez esquecem deliberadamente de pensar nas suas atitudes, de forma inteligente e em longo prazo. Somos indiscutivelmente os grandes responsáveis pelo caos ambiental posto.

Sem os recursos naturais não haverá ciência capaz de remediar a vida.

O que resta no nosso planeta já não é suficiente para nos suportar, sem contar o brutal crescimento populacional existente com o mais absoluto descompasso em relação a ações de recuperação. É grotesco sabermos que já não temos mais água em boa parte da terra e não fazemos grandes esforços para resolver a situação, muito pelo contrário, estudamos regras para autorizar novas iniciativas.

Proteger sistematicamente o que ainda nos resta é, pois nossa única alternativa para que possamos cumprir aquilo que nós "estudiosos" pusemos com todas as letras em nosso mais importante documento: "todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida...".

Há belas e ricas áreas no estado de Alagoas, juntas garantem a existência de uma biodiversidade fundamental para a continuidade da sobrevivência das pessoas. Entre elas, há significativa parcela protegida no formato de Unidades de Conservação.

Apresentamos, nas páginas a seguir, fotografias e informações sobre essas áreas protegidas, com a intenção de incentivar que mais pessoas se sintam motivadas a proteger o meio ambiente, para fazer valer o que estabelece a Constituição Federal quando impõem "ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

Este exemplar literário tem como pano de fundo esta finalidade também: fazermos uma grande reflexão crítica às nossas atitudes.

Foto - Neno Canuto.

A IMPORTÂNCIA DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

O ESTADO TEM O IMPORTANTE PAPEL DE AMPLIAR AS ÁREAS COM BIOMAS PROTEGIDOS E INCENTIVAR A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NA GESTÃO, ATRAVÉS DOS CONSELHOS CONSULTIVOS OU DELIBERATIVOS

ROBERTO RICARDO VIZENTIN

PRESIDENTE DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

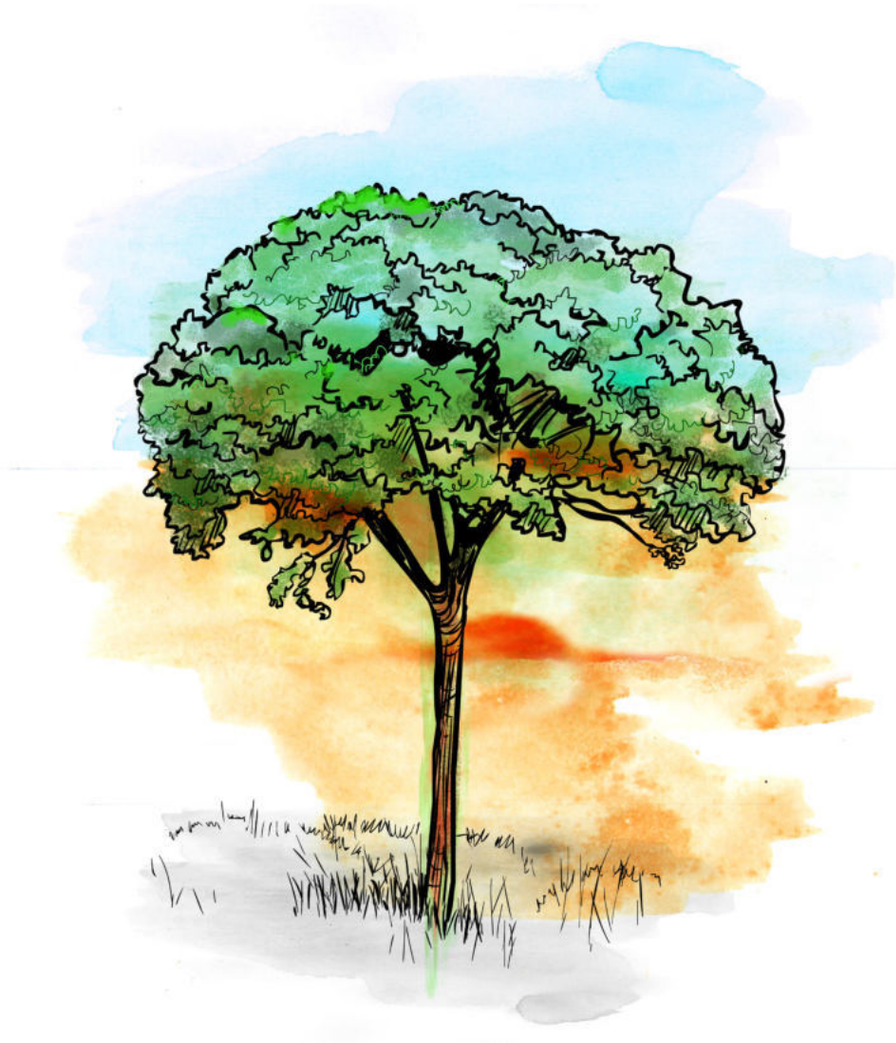


Foto - Neno Canuto

Somente em Alagoas são 45 Unidades de Conservação estaduais/municipais e mais seis federais que protegem a rica biodiversidade existente nos biomas Caatinga e Marinho Costeiro. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) responde pela gestão no estado da Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais, da Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçú, da Estação Ecológica de Murici, da Reserva Extrativista da Lagoa do Jequiá, da Reserva Biológica de Pedra Talhada e do Monumento Natural dos Cânions do São Francisco, que juntas somam 462.373,01 hectares em áreas protegidas, sendo 442.870,16 em Alagoas.

Como integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente, tanto a União quanto os Estados e os Municípios têm grande responsabilidade na criação e implementação de Unidades de Conservação no País, elevando o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) ao patamar de importância que de fato merecem. Afinal, sem os biomas, as áreas protegidas e toda a biodiversidade que encerram ficam comprometidas, comprometendo a própria manutenção da vida.

O Brasil assumiu junto à Convenção da Diversidade Biológica o compromisso de manter, sob a forma de Unidades de Conservação, 30% do bioma Amazônia e 10% dos demais biomas (Pampa, Pantanal, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica e Marinho Costeiro), incluídas nesses percentuais as UCs estaduais, municipais e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), de caráter privado.

O papel do Estado é não apenas ampliar esse rol - no que Alagoas tem dado significativa contribuição -, mas garantir a participação social na gestão dessas áreas, por meio dos conselhos consultivo ou deliberativo existentes.

Para o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiveridade, iniciativas como a desta publicação, mais do que louváveis, são necessárias e importantes, pois promovem o conhecimento acerca das Unidades de Conservação e o seu papel junto à sociedade. E nesse sentido, o Instituto do Meio Ambiente (IMA/AL) está de parabéns.

RESERVAS MUNDIAIS DA BIOSFERA

AFRANIO FARIAS DE MENEZES
VICE-PRESIDENTE DO IA-RBMA

Foto - Sérgio Leal

Reservas Mundiais da Biosfera são porções de ecossistemas terrestres ou costeiros onde se procuram meios de reconciliar a conservação da biodiversidade com o seu uso sustentável. São propostas pelos países-membros da UNESCO e, quando preenchem os critérios, são reconhecidas internacionalmente. Atualmente são 627 sítios distribuídos por 107 países.

A origem das Reservas Mundiais da Biosfera está na "Conferência sobre a Biosfera" organizada pela UNESCO em 1968, que foi a primeira reunião intergovernamental a tentar conciliar a conservação e o uso dos recursos naturais, fundando o conceito presente de desenvolvimento sustentável.

A UNESCO lançou, em 1970, o "Programa Homem e Biosfera", com o objectivo de organizar uma rede de áreas protegidas, designadas *Reservas da Biosfera*, que representam os diferentes ecossistemas do globo e cujos países proponentes se responsabilizam em manter e desenvolver. É um

programa de cooperação científica internacional sobre a interação do homem e o seu meio. Sua gestão é constituída de:

COBRAMaB - Comitê Brasileiro do Programa MaB é o colegiado interministerial, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente, responsável pela implantação e desenvolvimento do programa no Brasil;

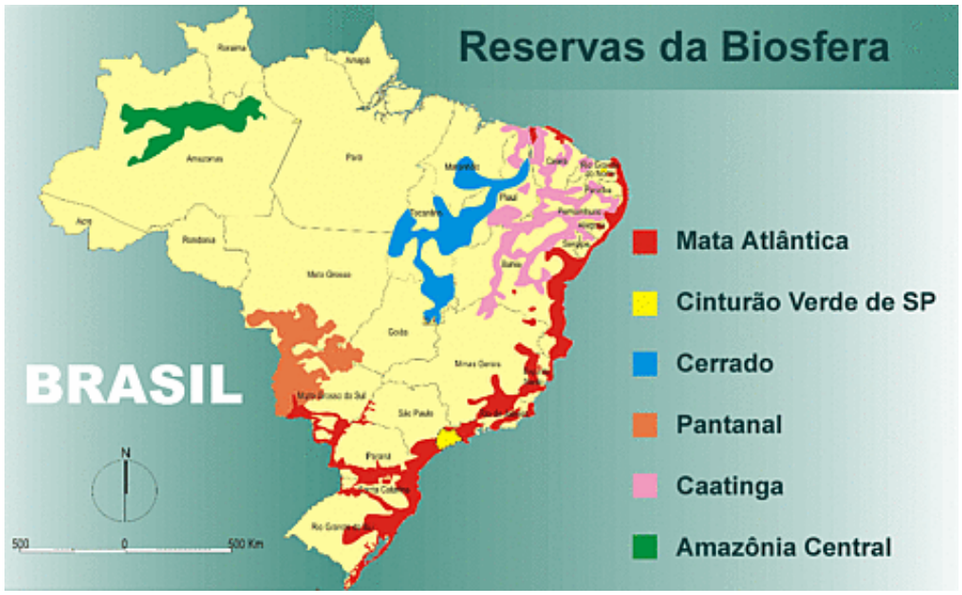
CNRB - Conselho Nacional da Reserva da Biosfera, organismo formado pelo Ministério do Meio Ambiente e outros órgãos federais, representantes dos 14 estados costeiros, ONGs , universidades e moradores da área de abrangência de um determinado bioma, previamente reconhecido pela UNESCO como patrimônio da humanidade;

Comitês Estaduais - nos estados existem os Comitês Estaduais que definem as ações do programa, escolhem as Áreas Piloto e selecionam os candidatos ao "status" de Posto Avançado. São a instância de gestão da Reserva da Biosfera no nível estadual, subordinando-se ao CNRB;

Postos Avançados - são centros de divulgação e informação das ideias, conceitos, programas e projetos desenvolvidos na Reserva e subordinam-se aos Comitês Estaduais. Para ser candidato ao título de Posto Avançado, o candidato deverá desenvolver atividades de Proteção da Biodiversidade, de Desenvolvimento Sustentável e de Difusão do Conhecimento Científico.

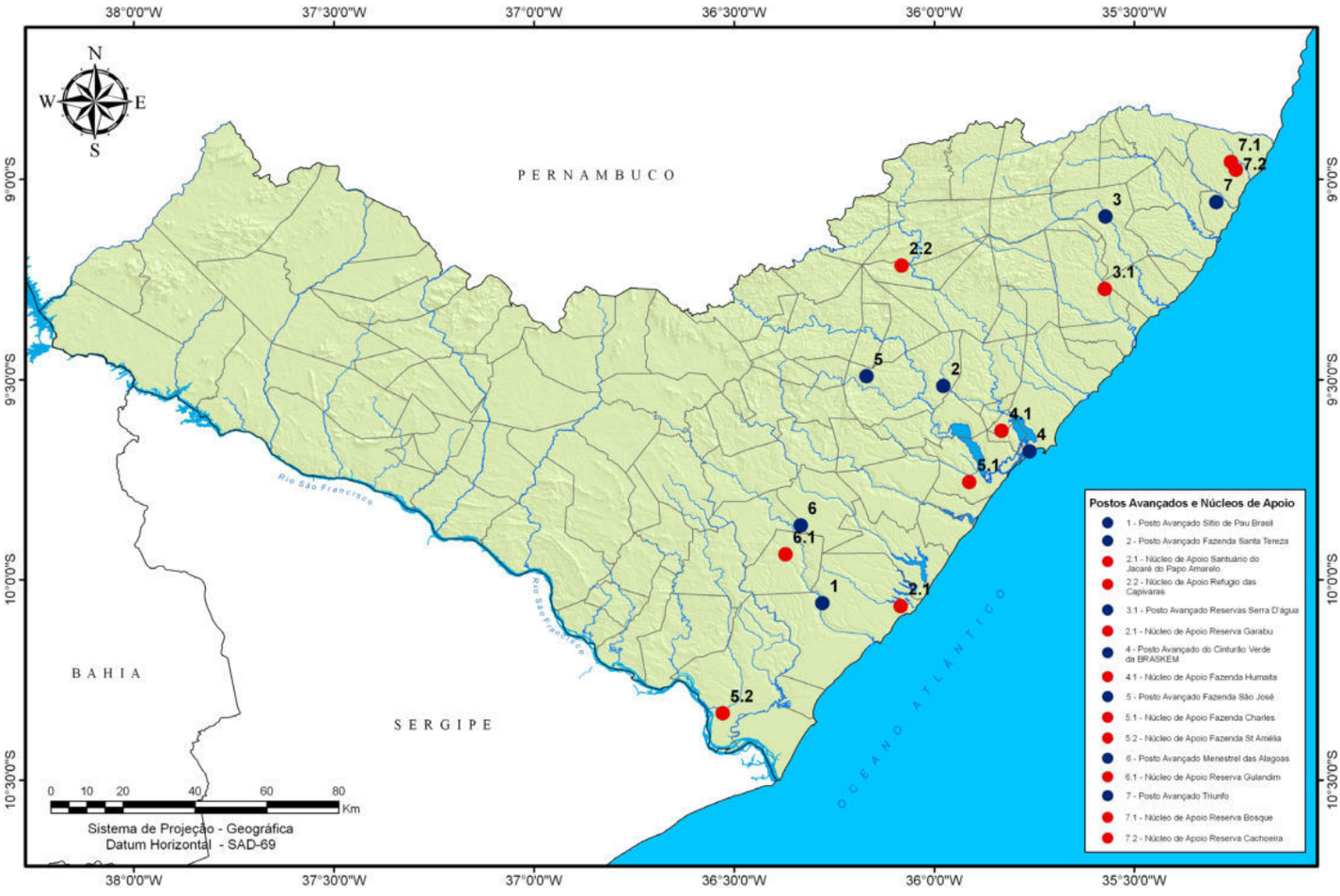
No Brasil, existem sete Reservas de Biosfera pleiteadas pelo Governo Federal e reconhecidas pela UNESCO. São elas:

ANO	NOME DA RESERVA	ÁREA Km²
1991	Reserva da Biosfera da Mata Atlântica	444.330
1993	Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de SP	15.400
1993	Reserva da Biosfera do Cerrado	296.500
2000	Reserva da Biosfera do Pantanal	251.570
2001	Reserva da Biosfera da Caatinga	198.990
2001	Reserva da Biosfera da Amazônia Central	208.600
2005	Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço	30.700



As Reservas da Biosfera do Brasil atuam independentes umas das outras, entretanto sob a supervisão do COBRAMaB e em consonância com os preceitos estabelecidos pela UNESCO, por meio do Programa Homem e Biosfera.Todas têm direitos e deveres a cumprir e são auditadas a cada quatro anos, podendo perder o reconhecimento, caso não cumpram com as obrigações pactuadas.

Alagoas é partícipe de duas Reservas de Biosfera: a Reserva da Mata Atlântica e a Reserva da Caatinga. Na área de influência da Mata Atlântica, Alagoas desponta como pioneira e lidera o ranking nacional com sete Postos Avançados e oito Núcleos de Apoio, perfazendo um total de quinze unidades de gestão e divulgação das ideias e preceitos do programa.



Eis a relação dessas unidades em Alagoas:

Nº	NOME DA UNIDADE	PONTO AVANÇADO	NÚCLEO DE APOIO	TOTAL
01	Sítio do Pau Brasil	X	-	01
02	RPPN da Fazenda da Santa Tereza	X	-	01
03	Santuário do Jacaré do Papo Amarelo	-	X	01
04	Refúgio da Capivara	-	X	01
05	Reserva da Serra D'Água	X	-	01
06	Reserva Garabú	-	X	01
07	Cinturão Verde do Pontal da Barra	X	-	01
08	Reserva da Fazenda São José	X	-	01
09	Reserva da Fazenda Charles	-	X	01
10	Reserva da Fazenda Santa Amélia	-	X	01
11	Menestrel das Alagoas da RPPN da Madeira	X	-	01
12	Reserva Gulandim	-	X	01
13	Sede da RPPN Fazenda Triunfo	X	-	01
14	Sede da RPPN Fazenda Cachoeira	-	X	01
15	Sede da RPPN Fazenda Bosque	-	X	01

A Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, pela importância das Reservas da Biosfera, dedica o Capítulo VI exclusivamente a esses espaços de grande importância para a humanidade. O assunto também é apresentado no Decreto Nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, no capítulo XI.

Os quadros que seguem demonstram os ganhos ambientais conseguidos pelo Estado de Alagoas com a ação efetiva dos Postos alagoanos:

PROTEÇÃO DA BIODIVERSIDADE			
ATIVIDADE	BRASIL	ALAGOAS%	
Áreas Protegidas	102.420	42.015	41.02
Zona Recuperada	11.768	8.560	72,74
Mudas Produzidas	19.502.000 8.502.000	4.223.000	21,65 49,67

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E POPULAR			
ATIVIDADE	BRASIL	ALAGOAS%	
Professores Capacitados	5.749	2.796	48,63
Estudantes Orientados	673.773 513.773	96.350	14,30 18,78
Palestras Realizadas	2.880	1.192	41,39
Pesquisas Apoiadas	502	54	10,76
Grupos de Visitação	5.925	399	6,73

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL			
ATIVIDADE	BRASIL	ALAGOAS%	
Projetos Financiados	103	60	58,25
Familias Atendidas	8.861	5.646	63,72

O Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica criou um programa de incentivo à geração de renda com sustentabilidade, lançado no decorrer da RIO+20, na cidade do Rio de Janeiro, com a seleção de vinte empreendimentos sustentáveis no Brasil. Destes, sete estão localizados no Estado de Alagoas, o que perfaz 35% do total reconhecido. São eles: Associação das Artesãs do Pontal de Coruripe, Oficina de Papel Artesanal Alagoas (OPA), Artesãs Associadas de Feliz Deserto, Associação dos Artesãos do Povoado do Jacinto (ZUMBANARTE), Associação dos Artesãos Sol Nascente de Porto de Pedras, Artesanato Titara de São Luiz do Quitunde, Projeto Arte da Mata.

Foto - Neno Canuto

ALAGOAS E AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

ALEX NAZÁRIO
GEÓGRAFO - DIRETOR DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
DO INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE

APA de Murici. Foto – Sérgio Leal.

APA Costa dos Corais.
Foto – Neno Canuto.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), criado pela Lei 9.985/2000, promove o reconhecimento de áreas protegidas em duas categorias: de Proteção Integral, com o objetivo de preservar a natureza e permitindo apenas o Uso Indireto dos recursos naturais, com excessão dos casos previstos em lei; e de Uso Sustentável, com objetivo de compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parte dos recursos naturais.

As Unidades de Proteção Integral são representadas pelas Estações Ecológicas, Reservas Biológicas, Parques Nacionais, Monumentos Naturais e Refúgios de Vida Silvestre. As Unidades de Uso Sustentável são as Áreas de Proteção Ambiental (APAs), Áreas de Relevante Interesse Ecológico, Florestas Nacionais, Reservas Extrativistas, Reservas de Fauna, Reservas de Desenvolvimento Sustentável e Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN).

Com aproximadamente 27.768 km², o estado de Alagoas, hoje, destaca-se no âmbito nacional, e principalmente na Região Nordeste, pela sua diversificada atuação: em programas de conservação; no reconhecimento de áreas protegidas, seja pela criação de Unidades de Conservação da Natureza, seja pelo reconhecimento de novas áreas especiais para a conservação da natureza, como Postos Avançados e Núcleos de apoio da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica; na implantação de programas de recomposição de áreas degradadas, a exemplo do Termo de Ajuste de Conduta, firmado entre as Usinas sucroalcooleiras, o Ministério Público Estadual e o Instituto do Meio Ambiente, garantindo a restauração de importantes áreas de vegetação ciliar dos principais rios

que cortam o leste do Estado.

Até meados de 2001, o estado de Alagoas apresentava uma malha de Unidades de Conservação estabelecidas e distribuídas na mesorregião do Leste Alagoano, compreendendo a zona da mata, litoral e encraves interioranos do bioma Mata Atlântica.

Dentre os fatores determinantes para essa localização, destacam-se a degradação da vegetação nativa, nos tabuleiros costeiros e várzeas, pela implantação da monocultura da cana-de-açúcar, e o crescimento desordenado das cidades litorâneas.

Atualmente, o número de Unidades de Conservação cresceu consideravelmente, graças ao reconhecimento das Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) pelo Instituto do Meio Ambiente de Alagoas – IMA/AL, através do Decreto Estadual 3.050/2006, com o importante apoio de Organizações Não Governamentais - ONG como o Instituto de Preservação da Mata Atlântica e a Associação para Proteção da Mata Atlântica do Nordeste, garantindo a adição de 26 novas Reservas às sete reconhecidas pelo Governo Federal em Alagoas. Hoje, totalizam 33 RPPN, representando fragmentos dos ecossistemas presentes nos Biomas Mata Atlântica e Caatinga.

É importante ressaltar que a trajetória de Alagoas no reconhecimento das Unidades de Conservação estaduais data da década de 80, com a criação das APAs de Piaçabuçu, em junho de 1983, e de Santa Rita, em dezembro de 1984. A criação foi baseada na antiga Lei 6.938 de 1981, a Política Nacional do Meio Ambiente, que estabelecia as categorias de APA e Reserva Ecológica (Resec), dentre outras.

Com isso, o foco de proteção do meio ambiente pelo Estado tomou a categoria APA como uma espécie de "carro chefe", levando ao reconhecimento de importantes áreas onde a presença humana e a conservação dos recursos naturais deveria deter uma gestão direta e estratégica, diferenciada e galgada em preceitos da educação ambiental e em formas sustentáveis de crescimento e desenvolvimento, já que os processos de transformação

Resec da Lagoa do Roteiro.
Foto - Neno Canuto.

da paisagem no Brasil foram intensos, provocando uma crescente diminuição das áreas naturais, comprometendo a sua biodiversidade.

No decorrer do tempo, houve a implantação de outras tipologias de Unidades de Conservação, seguindo a vocação das áreas estudadas e propostas, o que garantiu áreas com maiores graus de restrição devida, a sua fragilidade ou importância. Surgiu assim a Reserva Biológica de Pedra Talhada, a Estação Ecológica de Murici, a Reserva Ecológica de Manguezais da Laguna do Roteiro e mais recentemente, agraciando o Bioma Caatinga, o Monumento Natural do Rio São Francisco e o Refúgio de Vida Silvestre dos Morros do Craunã e do Padre.

Para o Estado, em meados de 2007, foi iniciada uma espécie de cruzada, um movimento de interiorização de ações de reconhecimento e proteção da Caatinga, que, até o ano de 2008, não possuía Unidades de Conservação reconhecidas em Alagoas, quando então o Instituto do Meio Ambiente de Alagoas – IMA/AL promoveu o reconhecimento da primeira Unidade de Conservação da Caatinga alagoana, a RPPN Tocaia, localizada no município de Santana do Ipanema e de propriedade do saudoso Senhor Luiz Alberto Nepomuceno, grande entusiasta das questões ambientais, a quem nós tivemos o privilégio de conhecer em vida.

A partir desse marco, as três esferas da administração pública avançaram com a criação de novas Unidades de Conservação na Caatinga: o Monumento Natural do Rio São Francisco, pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); o Parque Ecológico da Pedra do Sino, pelo município de Piranhas; e o Refúgio de Vida Silvestre dos Morros do Craunã e do Padre, pelo Governo de Alagoas. Além delas, foram criadas também três RPPN no sertão alagoano.

Quanto à região do Agreste Alagoano, área de transição entre a zona da mata e a Caatinga, existe a proposta de criação de um parque, o primeiro Parque Estadual de Alagoas, já atrelado às medidas de compensação ambiental pela implantação do empreendimento Serrote da Lage, da Mineração Vale Verde, no município de Craíbas. O Parque Estadual da Serra da Mão, que será localizado no

Carcará (*Caracara plancus*).
Foto – Sérgio Ieal.

município de Traipú, irá abranger boa parte da Serra da Mão (ou das Mãos), que detém uma área aproximada de 5.592 hectares.

A área se configura como um importante ecótono, com características especiais, detendo representantes da vegetação típica dos biomas distintos da Mata Atlântica e da Caatinga, com um microclima diferenciado nas altitudes elevadas. Consequentemente, sua fauna é especial por se adaptar a essas características múltiplas, devendo ser preservada e estudada.

Além disso, existem novas propostas de reconhecimento e criação de Unidades de Conservação e estudo de áreas com potencial para tal: a Serra da Caiçara, no município de Maravilha; a Serra da Taborda, no Município de São José da Tapera; bem como diversas áreas marginais dos municípios banhados pelo Rio São Francisco, com sua vegetação nativa bem preservada e em bom estado de conservação.

Dessa forma, espera-se que, com a criação de novas Unidades de Conservação, exista um acréscimo de áreas protegidas no estado, aumentando o percentual de 8,3%, no seu território, para 11,6%, com ganho significativo para o bioma Caatinga, que passará de 1% para 7,25% de áreas protegidas em Alagoas.

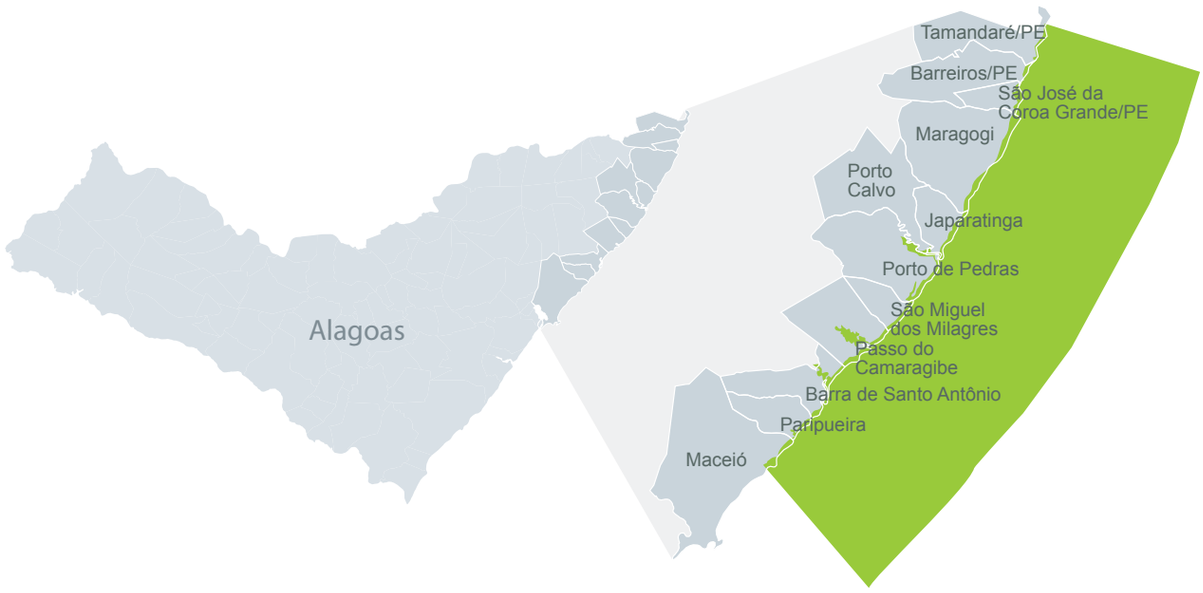
Há diversos avanços também no que se refere à participação da sociedade na gestão dessas áreas. A criação de diversos Conselhos, tanto nas esferas federais quanto estaduais, representou um importante progresso na administração e resolução de conflitos nas Unidades de Conservação. Em se tratando das Unidades Estaduais, é importante ressaltar a parceria entre o Instituto do Meio Ambiente de Alagoas – IMA — através da Diretoria de Unidades de Conservação e Núcleo de Chefias de APA — e a Superintendência de Meio Ambiente da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH).

Essa parceria garantiu a formação dos Conselhos Gestores das Unidades Estaduais, com reuniões periódicas e participação da administração pública, sociedade civil e diversos setores ligados às áreas protegidas, bem como a realização de eventos anuais, os Encontros de Conselhos, vitais para garantir um fórum de discussão entre os conselheiros, visando a troca de experiências, o conhecimento de problemas em comum e a busca por soluções.

Ainda no âmbito das Unidades, a formulação dos Planos de Manejo foi marcante. Eles começaram a ser formulados a partir de 2006, a exemplo das APAs da Marituba do Peixe, Santa Rita, Costa dos Corais e Piaçabuçu. Outros estão em via de tratativas burocráticas ou com direcionamento previsto pela compensação ambiental de empreendimentos de significativo impacto, a exemplo das APAs do Catolé e Fernão Velho e do Pratagy, ambas estratégicas do ponto de vista do abastecimento de água da zona metropolitana da capital alagoana.

Esses indicadores buscam informar sobre a necessidade de não apenas serem criadas Unidades de Conservação, mas efetivamente se buscar a sua implementação, garantindo a efetividade dos seus objetivos de criação de forma a garantir a existência da nossa biodiversidade para as futuras gerações.

APA COSTA DOS CORAIS



Vista dos recifes de coral.
Foto - Neno Canuto.

Trinta-réis-boreal (*Sterna hirundo*). Foto - Sérgio Leal

Dardanus venosus. Foto - Juliano Maurício Fritscher

Aspectos gerais

A Área de Proteção Ambiental (APA) da Costa dos Corais, ou APACC, foi criada por Decreto Federal s/n em 23 de outubro de 1997, Ano Internacional dos Recifes de Corais, e possui uma extensão aproximada de 405.802 hectares ou 4.058 km², distribuída em 122 km de costa ao longo de 13 municípios. Dessa extensão costeira, 95 km abrangem o território alagoano, o que corresponde a 78% do comprimento total da APA. Em direção ao mar aberto, seus limites estendem-se até a quebra da plataforma continental, região também conhecida como talude ou "paredes", adentrando 18 milhas náuticas (33,33 km) no oceano Atlântico e sendo considerada a maior Unidade de Conservação Marinha do Brasil.

Está localizada na margem oceânica dos Municípios de Maceió, Barra de Santo Antônio, São Luís do Quitunde, Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres, Porto de Pedras, Japaratinga e Maragogi, em Alagoas, e São José da Coroa Grande, Barreiros, Tamandaré e Rio Formoso, em Pernambuco, e nas águas jurisdicionais.

Nessa região, encontram-se as maiores extensões de recifes de coral costeiros do país. A presença desses ambientes propicia a ocorrência de uma grande diversidade biológica, representada por algas, corais, peixes, crustáceos, moluscos e outros seres, como o peixe-boi marinho, o mero e tartarugas marinhas, espécies ameaçadas de extinção.

A APACC foi criada exclusivamente em áreas públicas classificadas como "Patrimônio da União" e "de Preservação Permanente", abrangendo ambientes marinhos e estuarinos e tendo, entre seus objetivos, os de:

I - Garantir a conservação dos recifes coralígenos e de arenito, com sua fauna e flora entre os rios Meirim (AL) e Formoso (PE);

II - Manter a integridade do habitat e preservar a população do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus*);

III - Proteger os manguezais situados ao longo das desembocaduras dos rios em toda a sua extensão, com sua fauna e flora;

IV - Ordenar o turismo ecológico, científico e cultural, e demais atividades econômicas compatíveis com a conservação ambiental;

V - Incentivar as manifestações culturais e contribuir para o resgate da diversidade cultural regional.

De todos os rios que deságuam na APA, destacam-se o Camaragibe, o Santo Antônio e o Manguaba, por seus vastos manguezais que formam ricos estuários, servindo principalmente à fauna local.

Acesso

Estendem-se entre os paralelos 9°47'23" e 8°41'20" sul e os meridianos 35°36'33" e 34°41'20" oeste. Os principais acessos se dão através das rodovias AL-101 Norte do lado alagoano e PE-060 e PE-076 do lado pernambucano.

Aspectos físicos

O relevo expõe uma nítida relação com a sua geologia e geomorfologia, no que concerne à distribuição das feições do Terciário, através da Formação Barreiras, que é representada pelas Falésias Vivas da praia de Carro Quebrado, nos municípios de Barra de Santo Antônio e Passo de Camaragibe em Alagoas, e do Quaternário, em especial do período Holoceno, no qual há uma ocorrência predominante da Planície Litorânea, subdividida em planícies deltaicas, estuarinas e praiais, correspondendo aos sedimentos quaternários inconsolidados de praia e aluvião. Na porção aquática há ainda a presença do arenito, que, em muitas localidades, serve de base para espécies coralígenas, formando assim os recifes biogênicos.

Quanto à expressão espacial dos solos que recobrem o relevo no limite da APA, há destaque para os Neossolos Quartzarênicos em toda a extensão da planície litorânea. Nas planícies estuarinas, verificam-se os Solos Indiscriminados de Mangue; e nas falésias, os Argissolos Amarelos.

Myrichthys ocellatus.
Foto - Juliano Maurício Fritscher

Seguindo-se a classificação de Thornthwaite, a APACC está sob a influência do clima úmido, em que a precipitação histórica registrada encontra-se entre a faixa de 1.900 a 2.100 mm ao ano, sendo os meses mais úmidos de maio a julho e verificando-se, durante todo o ano, uma média de 60 dias biologicamente secos.

Aspectos bióticos

A diversidade da fauna marinha existente na APA Costa dos Corais é tão grande quanto a extensão dessa Unidade de Conservação. Entre os grupos faunísticos mais numerosos, estão diversas espécies de invertebrados e de peixes que impressionam pelos mais diversos padrões de coloração.

As águas costeiras e estuarinas quentes e rasas também são o ambiente onde pode ser encontrado um de seus moradores mais ilustres, o peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*). Essa espécie de mamífero costuma se alimentar de algas, aguapés e capins e vive tanto em água doce como em água salgada. Já foi vítima de intensa caça no passado, e atualmente encontra-se ameaçada de extinção, sendo por isso protegida por leis ambientais que criminalizam a caça e comercialização de sua carne ou derivados, acarretando até dois anos de prisão para seus infratores. O uso de embarcações motorizadas em localidades onde essa espécie ocorre tem sido visto como uma grave ameaça que pode ser fatal, devido aos profundos cortes que as hélices podem causar.

Segundo o Instituto Biota de Conservação, os registros dos encalhes mostram que, além do peixe-boi-marinho, pelo menos outras nove espécies de mamíferos aquáticos (baleias, golfinhos, botos e lobos-marinhos) passam pelas águas mais profundas do litoral de Alagoas, como por exemplo, a baleia-cachalote (*Physeter macrocephalus*) e a baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*), ambas com registros de encalhe nos municípios de Maragogi e Morro de Camaragibe, respectivamente.

Diversas espécies de aves migratórias utilizam essa área para repouso e obtenção de alimento (engorda). Geralmente, essas espécies são visitantes sazonais oriundas do hemisfério norte, do qual fogem do inverno Ártico. Espécies como o trinta-réis-boreal (*Sterna hirundo*), o batuiruçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola*), o vira-pedras (*Arenaria interpres*), o maçarico-branco (*Calidris alba*), o maçarico-de-sobre-branco (*Calidris fuscicollis*) e a batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*).

Provavelmente o maçarico-de-papo-vermelho (*Calidris canutus rufa*), ameaçado de extinção, também passe pelas regiões costeiras de Alagoas em sua migração ao sul do Brasil, por já ter sido registrado no estado vizinho, Sergipe. Nos últimos anos, tem sido registrada a ocorrência acidental de diversos indivíduos debilitados do pinguim-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*). Pelo menos três espécies de tartarugas-marinhas (todas ameaçadas de extinção) usam essa área como local de alimentação, a tartaruga-comum ou cabeçuda (*Caretta caretta*), a tartaruga-

Mussismilia hispida. ►
Foto - Juliano Maurício Fritscher

1

2

3

de-pente (*Eretmochelys imbricata*) e a tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*), esta última com registro de desova ocasional para essa região.

Essa Unidade de Conservação é extremamente importante para a conservação de grande diversidade de espécies nos ecossistemas costeiros, muitas das quais são raras ou estão ameaçadas de extinção.

O sistema recifal possui grande biodiversidade, ainda desconhecida pela maior parte da população. Devido ao aglomerado de organismos que forma este ambiente e devido à interrelação entre as espécies é um dos ambientes mais variados e ricos do país. Diversos organismos endêmicos no Brasil ocorrem na APA, além de espécies de interesse comercial e pesqueiro; por isso, um grande número de pessoas faz uso da Área.

Aspectos sociais

Em 2011, foi criado o Conselho Consultivo da APACC, que tem como função contribuir com sua gestão. Constituído por 52 instituições, ele é o principal espaço de participação social dos atores que tem alguma forma de intervenção na Unidade. No início de 2013, após um amplo processo de participação, foi aprovado o Plano de Manejo. Nesse documento está estabelecido, entre outras coisas, seu zoneamento e seus programas de ação.

Os oito municípios alagoanos contabilizam mais de um milhão de habitantes, porém os aglomerados urbanos não entram na poligonal da Unidade, de forma que aproximadamente 200 mil pessoas vivem na área abrangida pela APACC. Segundo o Censo do IBGE para o ano de 2010, os municípios envolvidos na porção alagoana, com exceção de Maceió, apresentam menos de 30 mil habitantes. O menor contingente populacional encontra-se em são Miguel dos Milagres, que detém uma população de 7.163 habitantes.

Segundo o Plano de Manejo da APA, apresentado em 2012, estes são os principais problemas encontrados: analfabetismo ambiental das comunidades locais e baixa capacidade de organização social e institucional; atividades turísticas e recreativas desordenadas; poluição por esgoto doméstico; atividade pesqueira desordenada.

Entretanto, com exuberante beleza paisagística, a região apresenta um elevado potencial das atividades turísticas, sendo estas estruturadas com pousadas e hotéis, restaurantes que dispõem da culinária da região.

Em Porto de Pedras, é possível verificar-se a adequada relação do homem com os recursos da natureza. É desenvolvido no município, o turismo sustentável para a contemplação do peixe-boi, ordenado e supervisionado por instituições e pelos próprios moradores da região.

A pesca é de fato a principal atividade extrativista da região. Para o ano de 2006, a produção pesqueira dos municípios alagoanos envolvidos na APA ultrapassou 1.500 toneladas de diversos tipos de pescado como a sardinha, o vermelho e a lagosta. A sardinha é a espécie mais comum na região, a sua produção ultrapassa a de qualquer outra, em todos os municípios envolvidos, com exceção de São Miguel dos Milagres que tem no vermelho a espécie mais pescada (ESTATPESCA, IBAMA, 2008).

É importante salientar que os municípios de Japaratinga e Maragogi são considerados os polarizadores da região no que tange à infraestrutura de serviços (unidades de saúde, escolas) e à estrutura disponível de setores voltados ao turismo.

1
Micromelo undata.
Foto - Juliano Maurício Fritscher

2
Pomacanthus paru.
Foto - Juliano Maurício Fritscher

3
Spirobranchus giganteus.
Foto - Juliano Maurício Fritscher

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS

ESEC DE MURICI

Foto - Neno Canuto. ►

Aspectos gerais

A Estação Ecológica de Murici é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, criada através de Decreto Federal, no dia 28 de maio de 2001. Com área de 6.116,43 hectares ou 61,16 km², abrange partes dos municípios de Messias, Murici e Flexeiras, a cerca de 50 km da capital Maceió. É formada por dois grandes blocos florestados isolados por pastagens e canaviais, e constitui um dos maiores remanescentes florestais de Mata Atlântica do Nordeste.

Tem como objetivos proteger e preservar amostras do ecossistema de Mata Atlântica nordestina, bem como propiciar o desenvolvimento de pesquisa científica e programas de educação ambiental.

Devido a toda a riqueza da biodiversidade, o complexo florestal de Murici tem despertado interesse mundial, como nos atestam a atitude do Príncipe Charles, da Inglaterra, em enviar carta ao governo brasileiro relatando sua preocupação com a preservação dessa área, e uma reportagem produzida pela BBC de Londres. Oito Organizações Não Governamentais (ONGs) ambientalistas, entre elas o WWF-Brasil, a Fundação SOS Mata Atlântica e a The National Conservancy (TNC), assinaram no Senado Federal o Pacto Murici, uma parceria que visa proteger a biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, com suas ações tendo início no complexo florestal de Murici.

Aspectos físicos

O relevo da ESEC de Murici varia de forte ondulado a montanhoso e se estabelece sobre os soerguimentos cristalinos do Planalto da Borborema, compreendidos em cotas altimétricas que variam entre 160m e 560m acima do nível do mar e são constituídos por rochas plutônicas e quartzosas do embasamento Pré-cambriano Suíte Intrusiva Itaporanga e do Complexo Nicolau-Campo Grande.

Os solos dominantes são os Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos com algumas associações com os Latossolos e Afloramentos Rochosos (Assis, 1998).

Inserida nas bacias hidrográficas do rio Mundaú e do rio Santo Antônio, possui diversas nascentes que formam os riachos Grota do Meio, Água Quente, Bulangi, Jitituba, Tapado e Balança, drenando para os seus respectivos rios principais, que dão nome às bacias acima citadas.

A área da Estação Ecológica está sob influência do clima quente e úmido, com estação seca no verão e chuvosa no outono e inverno, tendo início em estação de chuvas, em meados de abril, e prolongando-se até meados de agosto. As precipitações se concentram no trimestre maio, junho e julho e o período de estiagem ocorre entre os meses de novembro e janeiro, sendo dezembro o mês mais seco. A precipitação anual histórica oscila entre 1.700 e 2.100 mm, com uma temperatura média de 23 °C (IBAMA), e influencia diretamente os fragmentos da Floresta Ombrófila remanescentes.

Acesso

Localizada sob as coordenadas geográficas 9°16'50" e 9°10'45" de latitude sul e 35°54'52" e 35°45'36" de longitude oeste, está inserida na APA homônima e os acessos se dão pelas rodovias BR-101, na parte leste da ESEC, e BR-104, na parte oeste.

Aspectos bióticos
Flora

Inclui-se no contexto da Área de Proteção Ambiental (APA) de Murici, ocupando cerca de 5% de seu território, num trecho de relevo montanhoso com encostas íngremes e com a presença de diversos córregos nos fundos dos vales. Sua fisionomia é marcada pelo estrato superior, com árvores emergentes de 20m a 40m de altura e caules com perímetros avantajados que chegam a 2m de diâmetro.

Apesar disso, em vários trechos dessa Unidade ainda são verificados rebrotos de árvores que sofreram corte seletivo no passado. A flora local concentra espécies

◄ O gavião-de-pescoço-branco (*Leptodon forbesi*) é uma das aves ameaçados de extinção e que podem ser encontradas na região.
Foto - Sérgio Leal

Orquídea *(Cyrtopodium flavum)*.
Foto - Alexandre dos Santos.

pouco encontradas em outros fragmentos de Alagoas, podendo ser consideradas como raras a exemplo, das palmeiras *Geonoma pauciflora*, de distribuição restrita apenas às encostas bem preservadas e úmidas, e da Jussara (*Euterpe edulis*), que aparece na lista oficial do IBAMA como espécie da flora brasileira ameaçada de extinção. A exploração econômica da indústria alimentícia ao longo da floresta atlântica levou esta última espécie ao status desfavorável, por conta do uso do palmito e da polpa dos frutos para consumo humano. A espécie é apontada como de grande potencial ecológico e econômico para o enriquecimento de florestas secundárias (BARROSO et al., 2010).

Dentre as árvores mais comumente observadas na ESEC de Murici, estão: pororoca (*Clusia nemorosa*), sucupira (*Bowdichia virgilioides*), embiriba (*Eschweilera complanata*), mangue-da-mata (*Tovomita guianensis*), *Annona pickelii*, *Annona montana*, cabotã (*Thyrsodium spruceanum*), *Pera glabrata*, canudo-de-pito (*Mabea occidentalis*), condurus (*Brosimum guianense e Brosimum rubescens*), embaúba-branca (*Pourouma guianensis*), sapucaia (*Lecythis pisonis*), cupiúba (*Tapirira guianensis*) e sambacuim (*Schefflera morototoni*).

No sub-bosque, estão as arbustivas, sendo comuns as Rubiaceae conhecidas como ervas de rato (*Psychotria hoffmannseggiana, P. capitata, P.colorata*). Há também o predomínio da gramínea *Olyra latifolia*, que aparece dentre as mais comuns no estrato herbáceo dos fragmentos da ESEC de Murici. *Dichorisandra hexandra* aparece esporadicamente, tornando-se conspícua apenas na época chuvosa, quando surgem as suas flores arroxeadas.

Nota-se também a presença da amescla (*Protium sp*), de uso medicinal, e do barbatimão (*Pithecellobium avaremotemo*), muito utilizado também como planta medicinal e ameaçado de extinção nas áreas de Mata Atlântica.

Com relação às plantas epífitas, podemos citar as bromélias

Jararaca-de-murici (*Bothrops muriciensis*). Foto - Neto Vieira

(*Aechmea fulgens, A. constantinii, Araeococcus chlorocarpus*), as orquídeas (*Dimerandra emarginata, Prosthechia alagoensis, Encyclia bohnkiana.*) e os imbés (*Monstera adansonii, Rhodospatha latifolia, Philodendron acutatum*), que ocupam os ramos das árvores em diferentes alturas. Na época da floração, essas plantas contribuem para a modificação da fisionomia monocromática do interior da floresta, exibindo suas flores vermelhas, brancas, amarelas e arroxeadas. Além destas, várias espécies de samambaias, liquens e musgos ocupam as falhas das rochas e troncos das árvores, também contribuindo para a retenção da umidade local.

A verificação de amostras depositadas em herbários, provenientes de outros fragmentos florestais da mata ombrófila em Alagoas, possibilitou constatar que espécies pouco freqüentes figuram entre as ocorrentes na ESEC de Murici, a exemplo de *Quararibea turbinata e Tachigali paraenses*. Felizmente, os indivíduos registrados estão em áreas protegidas, o que assegura a preservação, evitando assim uma possível inclusão dessas espécies nas categorias dos táxons ameaçados no estado. A composição florística da ESEC de Murici registra, até o momento, 379 espécies (Mota 2013, comunicação pessoal), que se distribuem em todos os ambientes na Unidade. O levantamento realizado por Pinheiro (2005) revelou a composição e estrutura da vegetação na Serra do Ouro, que representa um trecho significativo da floresta preservada.

Fauna

Há grande concentração de espécies da fauna de vertebrados terrestres e o maior número de espécies endêmicas (restritas a determinada área) e ameaçadas de extinção no estado de Alagoas. Entre as espécies de mamíferos mais relevantes que já foram registrados nessa unidade de conservação, estão: o coandu-mirim (*Coendou speratus*), espécie que foi descoberta recentemente pela ciência para a Mata Atlântica de Pernambuco

e posteriormente registrada na ESEC Murici por pesquisadores do Museu de História Natural da UFAL, o guariba-de-maos-ruivas, guariba-de-mãos-vermelhas, guariba-preto ou bugio-de-maos-ruivas (*Alouatta belzebul*); o tamanduaí (*Cyclopes didactylus*); o jupará-verdadeiro, macaco-da-meia-noite, jurupará ou jupurá (*Potos flavus nocturnus*); a jaguatirica, gato-do-mato-grande, canguçu ou maracajá (*Leopardus pardalis*); e a paca (*Cuniculus paca*).

Não há dúvida de que essas espécies atualmente ainda subsistem na região, o que nos é atestado por registros recentes, tanto de pesquisadores quanto de caçadores, estes últimos muito habituados a encontrar várias dessas e outras espécies, tanto visualmente quanto através das típicas vocalizações emitidas pelo bugio e pelo canguçu, do qual muitos temem a sua aproximação.

A lista de aves registradas para Murici totaliza 288 espécies. Dentre os 160 táxons de aves considerados como ameaçados de extinção no Brasil (Instrução Normativa MMA 03 de 27 de maio de 2003), a ESEC de Murici tem registros recentes de pelo menos 34 (além de mais duas não encontradas nos últimos anos), provavelmente a maior concentração de aves ameaçadas no País.

A avifauna dessa região foi objeto de estudos científicos em meados da década de 1980, quando pesquisadores do Museu Nacional do Rio de Janeiro surpreendentemente descobriram quatro novas espécies de aves: o zidedê-do-nordeste (*Terenua sicki*), o cara-pintada (*Phylloscartes ceciliae*), a choquinha-de-alagoas (*Myrmotherula snowi*) e o limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Mesmo com a descoberta de outras populações em Pernambuco, a situação de duas, dessas quatro espécies é especialmente preocupante devido aos seus requisitos ambientais. Para a choquinha-de-alagoas, que se pensava ser fortemente associada à presença de pequenos cursos d'água no interior da floresta, a principal preocupação no momento é a sua baixa densidade populacional (c. de 10 indivíduos na ESEC Murici). Já a situação do limpa-folha-do-nordeste é ainda mais crítica: se não bastasse uma população ainda mais reduzida que a da choquinha-de-alagoas, não houve relatos de registros dessa espécie para a ESEC Murici nos últimos anos, tornando a sua ocorrência atual restrita para a Reserva Frei Caneca (Pernambuco). Também estão ameaçados de extinção pelo menos mais 31 espécies de aves, como o gavião-de-pescoço-branco (*Leptodon forbesi*). Outras estão localmente quase ameaçadas, como o macuco (*Tinamus solitarius*).

Mas as aves não compõem o único grupo com espécies exclusivas de Murici. Pesquisas indicam que a Unidade tem 42 répteis, dos quais 20 são lagartos e 22 são cobras, sendo que duas destas são, além de restritas ao local, espécies novas para a ciência. Na herpetofauna, é possível citar como exemplos as serpentes conhecidas como jararaca-de-murici (*Bothrops muriciensis*) e a cobra-cega (*Liotyphlops trefauti*), além de uma espécie de perereca (*Phyllodytes gyrinaethes*). Por toda a sua relevância em proporcionar condições ambientais específicas para a manutenção de diversas espécies da fauna, a ESEC de Murici pode ser considerada atualmente uma das mais importantes Unidades de Conservação do Estado de Alagoas.

◄ Coandu- mirim (*Coendou speratus*). Foto – Sérgio Leal.

◄ Bulandim (*Symphonia globulifera*). Foto- Jarina Alves.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS

APA DE PIAÇABUÇU

Foto - Neno Canuto

Aspectos Gerais

A Área de Proteção Ambiental (APA) de Piaçabuçu, criada pelo Decreto Federal nº. 88.421, de 21 de junho de 1983 é a primeira APA de Alagoas e a segunda Unidade de Conservação do estado - a primeira é o Parque Municipal de Maceió, criado em 1978. Classificada como de Uso Sustentável, possui uma área de 9.106 hectares, ou 91,06 km², a maior parte inserida no município de Piaçabuçu, com uma pequena porção no território do município de Feliz Deserto.

Localizada no domínio do bioma Mata Atlântica, mais precisamente no ecossistema Costeiro-Marinho. A APA, que envolve toda a faixa costeira de Piaçabuçu, faz limite com a APA da Marituba do Peixe, Unidade de Conservação de gestão estadual. Tem como principal objetivo assegurar a proteção de quelônios marinhos, aves praieiras e fixação de dunas. Dentro da Unidade, existe um longo cordão dunar, onde predominam dunas móveis, que se deslocam a velocidades que podem ultrapassar dez metros por ano.

Acesso

Partindo da capital Maceió, o acesso se dá por meio da rodovia estadual AL-101 Sul, por cerca de 120 km. A partir de Penedo, o acesso se faz pela AL-225, até a sede municipal de Piaçabuçu, por onde se alcança a sede da APA após 18,6 km, no povoado do Pontal do Peba.

Aspectos físicos

Com clima subúmido e seco, as chuvas superam 1.200 mm/ano, concentradas entre os meses de abril a junho. A temperatura média anual varia entre 20º C e 31º C e o índice xerotérmico na faixa de 60 a 90 dias biologicamente secos. Por esses motivos, a vegetação incidente na APA de Piaçabuçu pode ser enquadrada em três formações distintas: a Floresta Estacional Semidecidual; a Floresta Estacional Decidual; e, mais representativa, a Vegetação Pioneira.

Quanto a geologia, distingui-se a formação Piaçabuçu, em homenagem à cidade homônima, ocupando uma reduzida área aflorante em Sergipe, porém que subaflora do grupo Barreiras, alcançando uma faixa de 10 km a 15 km

Região da foz do rio São Francisco.
Foto - Neno Canuto.

Na APA de Piaçabuçu destacam-se as formações dunares.
Foto - Neno Canuto.

adentro no continente, oferecendo ricas jazidas de petróleo e evaporitos. Destacam-se ainda os grupos quaternários dos terraços marinhos, terraços flúvio-lagunares, depósitos de pântanos e mangues, depósitos de leques aluviais, os recifes e as dunas - estas podendo ser as fixas subatuais e móveis, que se diferenciam pela fixação por vegetação e sua localização em relação à faixa litorânea.

Na região da APA de Piaçabuçu, predominam as deposições sedimentares datadas do Quaternário. No interior da APA, a maior parte dos sedimentos é arenoso, quase exclusivamente de areias amareladas de origem marinha. Com isso, os neossolos quartzarênicos são o tipo mais representativo, predominando sobre as depressões interdunares, dunas móveis, cordões litorâneos, terraços marinhos e interiores. Em geral não possuem aptidão agrícola, exceto para algumas culturas perenes adaptadas como o cajueiro e o coqueiro.

A superfície que compreende a APA de Piaçabuçu é drenada pelos riachos Camurupim e Potengi, além de uma série de canais que interligam drenagens intermitentes e lagoas naturais que se formam com as chuvas e elevação de nível do lençol freático.

Aspectos bióticos
Flora

A Unidade é praticamente contígua à APA da Marituba do Peixe, e juntas foram criadas para proteger os trechos mais importantes do ponto de vista fisionômico e turístico do litoral sul de Alagoas, que reúne a praia do Peba, as dunas e o delta do rio São Francisco, considerado o mais importante do Nordeste não só pela dimensão, mas também pela riqueza biológica que ele abriga. A praia longa, de aspecto nativo e largo trecho de areia, desnudo de vegetação, é bastante utilizada, durante a maré baixa, por transeuntes que querem

ir pela praia ao encontro das águas do Velho Chico.

A Unidade localiza-se no município que também dá nome à APA, "Piaçabuçu", e que se deve à grande quantidade de palmeiras piaçavas ou piaçabas (*Attalea funifera*) antes muito comuns na região. Hoje em dia, apesar da pressão para a remoção da vegetação nos trechos arenosos, principalmente para implantação de coqueirais, ainda se verificam muitas piaçavas emoldurando a paisagem regional. Outra palmeira acaule encontrada aí, o emburi (*Polyandrococos caudescens*), ocorre mais restritamente nos trechos mais afastados do mar e exibe folhas grandes, com cera branca na face interna, além de produzir grandes cachos de cocos que tocam o chão. Diversas outras espécies são importantes para a composição da flora da região, como o cajueiro (*Anacardium occidentale*), aroeira (*Schinus terebenthifolia*), maçaranduba (*Manilka rasalzmannii*), lixeira (*Curatella americana*), murici (*Byrsonima sericea*) e cabaçu (*Coccoloba mollis*).

A vegetação na praia está sujeita a inundações periódicas durante as marés altas. Gramíneas e Cyperaceae (*Sporobolus virginicus, Remirea maritima e Paspalum distichum*) estão presentes no trecho inicial das dunas. Essas espécies, cosmopolitas, distribuem-se também por toda a costa brasileira. A partir das dunas, as plantas já apresentam raízes capazes de tolerar os ventos que trazem grãos de areia e sal marinho. As espécies *Ipomoea*

Batuiruçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola)*. Foto - Sérgio Leal.

Barcos ancorados no porto da cidade de Piaçabuçu. Foto - Neno Canuto.

pes-caprae e *Alternanthera maritima* antecedem os trechos mais internos, cuja cobertura é formada por Myrtaceae, Cactaceae e Bromeliaceae, Bignoniaceae, Sapotaceae, Polygonaceae e Fabaceae.

Fauna

A fauna de vertebrados encontrada na APA de Piaçabuçu está associada à região de praia, dunas, vegetação de restinga e mangue. Os mamíferos podem ser encontrados com mais facilidade nas áreas mais arbóreas e/ou arbustivas, onde podem ser observados o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), o porco-espinho ou quandú (*Coendou prehensilis*), o preá (*Cavia aperea*) e o gambá-de-orelha-branca, saruê ou sariguê (*Didelphis albiventris*).

As espécies residentes utilizam essa área para repouso, obtenção de alimento e reprodução, como a batuíra-de-coleira (*Charadrius collaris*), que não constrói ninho, mas deposita seus ovos, geralmente dois, diretamente na areia de pequenas dunas.

As espécies migratórias chegam a partir do mês de setembro, podem ser avistados o trinta-réis-boreal (*Sterna hirundo*), o batuiruçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola*), o vira-pedras (*Arenaria interpres*), a fragata-comum ou tesourão (*Fregata magnificens*), a pardela-de-bico-amarelo ou bobo-grande (*Calonectris borealis*) e, nos últimos anos, o pinguim-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*).

O tesourão, apesar de se alimentar de peixes, pode ser observado constantemente próximo da praia, planando em correntes de ar. A pardela-de-bico-amarelo vive em águas oceânicas, porém por vezes pode se aproximar da praia ao acompanhar barcos de pesca. É normal, após tempestades no oceano, serem encontrados vários indivíduos dessa espécie mortos ou debilitados na faixa de praia. Uma ocorrência atípica é a do pinguim-de-magalhães, que chega à praia bastante debilitado.

Existem ainda répteis, como o camaleão (*Iguana iguana*), e anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas) que habitam esse ecossistema costeiro, mas, com certeza, a espécie que melhor representa a herpetofauna da Unidade é a tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*). Segundo o projeto Tartaruga Marinha (TAMAR), essa região ao sul de Alagoas é uma das áreas prioritárias de desova da espécie. Infelizmente, na APA de Piaçabuçu também é possível encontrar várias tartarugas marinhas, raramente de outras espécies, mortas ou feridas ao longo da longa faixa de praia, tendo como causa, na maioria das vezes, a ingestão de plásticos (confundem com seu alimento preferido, as algas) e as redes de pesca.

Aspectos sociais

A Unidade compreende diversos ambientes de relevante beleza natural e socioambiental. Segundo o Plano de Manejo, toda a faixa costeira de Piaçabuçu é abrangida pela APA. O município é composto por nove regiões censitárias, das quais, a Unidade engloba cinco: os povoados do Pontal do Peba e do Pixaim; a Zona rural litorânea; e duas regiões censitárias da zona rural.

As porções de terra mais significativas, no interior da APA, pertencem aos setores de Pontal do Peba, seguidos pela zona rural de Piaçabuçu. O centro urbano do município é o de principal referência, por oferecer infraestrutura e serviços de apoio. Segundo dados do IBGE, a população residente (Censo 2010) é de 17.203 habitantes. A rede pública de saúde não dispõe de hospital, tendo 11 Unidades Ambulatoriais, cinco Postos de Saúde, dois Centros de Saúde. Não existem consultórios médicos ou odontológicos registrados no município.

Ao chegar à sede de Piaçabuçu, é possível verificar a estreita ligação entre a população residente e os recursos da natureza, pois centenas de pequenas embarcações ficam ancoradas no Rio São Francisco, no centro da zona urbana, proporcionando um incrível cenário a indicar que a pesca é uma das principais fontes de renda dos piaçabuçuenses.

Ao andar nas ruas do centro da cidade, é possível encontrar vários pontos que servem para a defumação de camarão. O município abriga o maior banco de camarões do Nordeste; dezenas de barcos

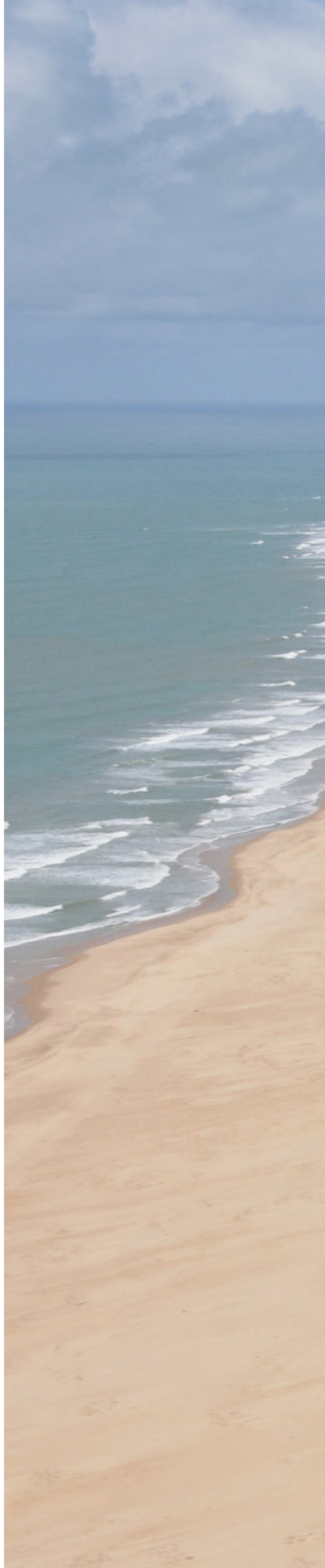
capturam, anualmente, mais de 1.500 toneladas dos camarões branco, rosa e espigão, que são vendidos para outras regiões do País.

O turismo é outra atividade praticada. É nos limites de Piaçabuçu que está localizada a foz do rio São Francisco, ambiente que atrai visitantes para passeios, pesquisas e contemplação. O folclore e o artesanato são bem expressivos; há grupos de Chegança, Pastoril, Baiana, Reisado e Quadrilha. O artesanato, elaborado majoritariamente com cipó e palha, é representado por chapéus, cestas, redes e vassouras. Ainda há destaque para brinquedos de madeira e esculturas de coco (Enciclopédia dos municípios de Alagoas, 2012).

O encontro do rio São Francisco com o mar se estabelece nos limites do povoado Pontal do Peba, localizado a aproximadamente 25 km da área e onde a atividade turística é bem expressiva. Mesmo assim, o ambiente ainda apresenta características de lugar tradicional e sustentável.São diversas pousadas e restaurantes de pequeno porte e que mantêm a rusticidade do lugar. Os pratos típicos são produzidos com matérias-primas retiradas do próprio local, o que as define como importante fonte de renda para a população.

No Pontal do Peba há cerca de 4.000 habitantes, e o local dispõe de infraestrutura direcionada à população residente, sendo possível encontrar estabelecimentos de educação e saúde.

A região da APA possui um rico patrimônio imaterial, representado pelas festividades, eventos, mostras e diversas outras exposições que ocorrem ao longo de todo o ano, como a Gincana de Pesca e Arremesso, ocorrida sempre em novembro.



Encontro do rio São Francisco com o mar. Foto - Neno Canuto.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS

RESEX DA LAGOA DE JEQUIÁ DA PRAIA

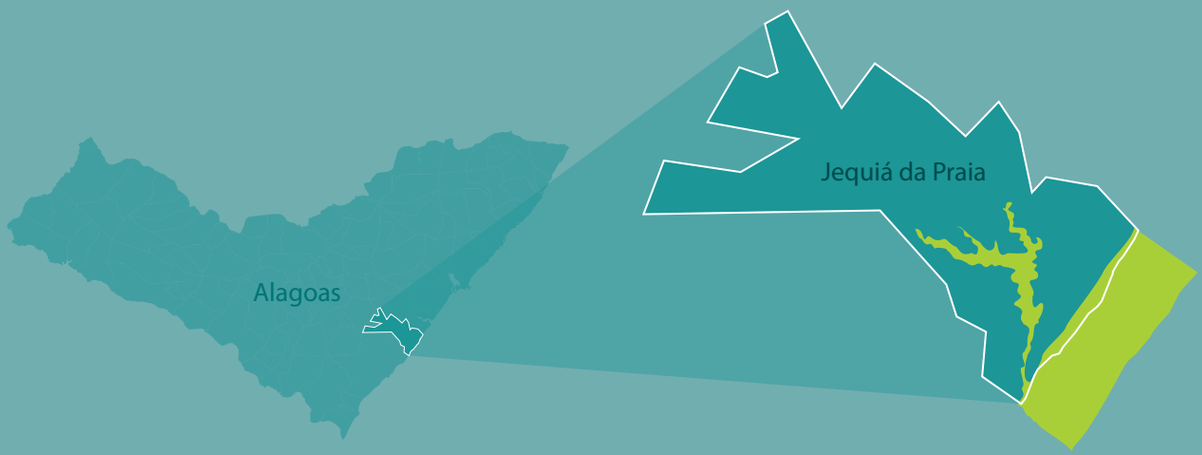


Foto - Neno Canuto.

A pesca artesanal é uma das principais atividades encontradas na Resex. Foto - Neno Canuto

Aspectos gerais

A Reserva Extrativista Marinha da Lagoa do Jequiá foi criada por Decreto Federal de 27 de setembro de 2001, para atender à solicitação da própria comunidade no intuito de garantir as atividades desenvolvidas pela população tradicional, baseadas na pesca artesanal, e proteger o meio ambiente.

Localizada no município de Jequiá da Praia e possuindo área aproximada de 10.203,90 hectares, a RESEX é composta pela Lagoa do Jequiá, por uma porção do oceano, que adentra três milhas náuticas e se estende pela linha da costa entre os rios Taboado e Jequiá, e por parte do Rio Jequiá, no trecho compreendido entre a lagoa e o mar, incluindo os manguezais.

A Reserva Extrativista é uma área utilizada por populações tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo (pesca) e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, além de assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da Unidade (Cadastro Nacional de Unidades de Conservação - CNUC).

Além da importância ecológica dos ecossistemas, a RESEX da Lagoa do Jequiá representa um dos principais pontos turísticos de Alagoas, devido à beleza de suas praias, às diversas cores que constituem as falésias e à presença da terceira maior laguna do estado.

Embora o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) conduza os trabalhos da Reserva, a gestão é compartilhada entre diversos órgãos governamentais e a sociedade civil, totalizando 30 representantes, que compõem o Conselho Deliberativo da Unidade, para o cumprimento da Lei 9.985, de 18 de Julho de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

Assim, todos os envolvidos na administração da Reserva têm a missão de buscar os meios para assegurar o uso sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis, protegendo os meios

Gavião-carrapateiro (*Milvago chimachima*). Foto - Sérgio Leal

de vida e a cultura da população extrativista local, para atender aos objetivos estabelecidos no decreto de sua criação. E para isso, todos têm como desafio a resolução de conflitos e de outros problemas que ainda persistem, como por exemplo a pesca predatória, o crescimento urbano desordenado e a poluição.

Aspectos físicos

Segundo a classificação de Tornwaite, o clima da região é do tipo subúmido a úmido, com temperaturas variando em torno de 19 °C a 32 °C e médias mensais em torno de 25 °C, apresentando precipitação anual variando entre 1.700 mm e 1.900 mm, concentrada entre abril e julho. Dessa forma, o município de Jequiá da Praia está inserido na região de domínio da floresta subperenifólia, destacando-se a vegetação de pioneiras praiais, as perenifólias de mangue e os campos higrófilos de várzeas do Jequiá, determinados pelas estações chuvosas com faixas de 60 a 90 dias biologicamente secos.

Quanto ao relevo, a RESEX está rodeada dos platôs de origem sedimentar terciária, que apresentam grau de entalhamento variável, ora com vales estreitos e encostas abruptas, ora abertos com encostas suaves e fundos com amplas várzeas, na área da planície litorânea, detentoras dos Gleissolos e Neossolos nos vales, como também dos solos de mangue, que são formados pela decomposição de matéria orgânica associada aos sedimentos encontrados nas áreas fluviais em contato com a salinidade do mar.

Nos recursos hídricos, destaca-se o Rio Jequiá, que nasce entre os municípios de Belém e Taquarana, inserido na Região Hidrográfica do São Miguel, com uma área de 2.222,5 km². A Bacia do Jequiá corresponde a aproximados 822,5 km² da Região Hidrográfica.

Acesso

O acesso é feito através das AL 101 Sul e AL 420, tomando como origem a capital Maceió.

O artesanato é uma fonte de renda para parte da população. Foto: Neno Canuto.

Socozinho (*Butorides striata*). Foto - Sérgio Leal.

Aspectos bióticos
Fauna

Dezenas de espécies da fauna buscam abrigo, alimento e local de reprodução nos manguezais da Lagoa do Jequiá, constituindo uma das áreas marinhas costeiras mais importantes no Estado de Alagoas, com grande concentração de animais, das quais diversos moluscos e crustáceos.

A biodiversidade dessa Reserva Extrativista também inclui muitos animais vertebrados, na sua maioria peixes, além de aves e algumas poucas espécies de répteis e mamíferos, muitas ainda desconhecidas pela maioria da população local. Alguns anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas) podem até ser encontrados em áreas com terra firme, como o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*) e a perereca-de-banheiro (*Scinax fuscovarius*), mas, como regra geral, esses animais estão ausentes no interior de manguezais, já que sua pele permeável fatalmente iria deixá-los vulneráveis à desidratação por causa do contato com a água salobra do mangue.

Entre as diferentes espécies de aves que podem ser encontradas nessa região, destacam-se, no manguezal, o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), o carcará (*Caracara plancus*), o gavião-carrapateiro (*Milvago chimachima*), o martim-pescador-grande (*Megaceryle torquata*), o socozinho (*Butorides striata*), a garça-branca-pequena (*Egretta thula*) e a saracura-do-mangue (*Aramides mangle*), além de algumas aves migratórias na região de praia. Para muitos animais, o manguezal se traduz numa significativa fonte de alimento, sendo comum, por isso, encontrar algumas espécies, como o bem-te-vi, o gavião-carrapateiro e o carcará, que também ocorrem em outros ambientes abertos ou meio abertos.

Além das aves, ocorrem nessa região o camaleão (*Iguana iguana*), o papa-vento (*Anolis punctatus*), o cágado (*Batrachemys tuberculatus*) e várias serpentes, entre as diversas espécies de répteis que usam o manguezal como fonte de alimento, refúgio e até para realizar seus rituais de acasalamento. No caso dos mamíferos, não é muito comum encontrar uma grande diversidade, por isso os relatos das espécies que ocorrem nessa Unidade de Conservação estão limitados aos registros de morcegos, do sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), do gambá-de-orelha-branca, saruê ou sariguê (*Didelphis albiventris*) e do mão-pelada ou guaxinim (*Pro-*

Cágado.
Foto - Sérgio Leal

cyon cancrivorus).

Devido à importância da Reserva como refúgio natural para milhares de animais, as ações de conservação devem ser direcionadas de forma a assegurar que sejam mantidas a proteção dos habitats e o disciplinamento do uso do solo na área dos manguezais da Lagoa do Jequiá.

Aspectos sociais

A Reserva Extrativista de Jequiá da Praia está localizada no município de mesmo nome, que, segundo dados do IBGE (2010), conta com uma população de 12.029 habitantes, a maioria concentrada na zona rural. Esse município possui estabelecimentos de saúde e de ensino. Sua população desenvolve a atividade extrativista, residindo sua maioria nos povoados situados às margens da lagoa, canal e mar. São 2.700 famílias, distribuídas em 13 povoados, 10 deles localizados na orla lagunar.

Dentre essas comunidades, pode-se destacar o povoado Barra de Jequiá, que se encontra num ambiente privilegiado, localizado nas margens do ambiente que guarda o encontro da Lagoa de Jequiá com o Oceano Atlântico. Ambiente que apresenta grande beleza e atrai diversos visitantes durante todo o ano. Na orla lagunar do município, observa-se o grande número de residências. É na zona rural que existe a maior concentração populacional de Jequiá da Praia. Dentre os povoados ali existentes, destacam-se Ponta da Pedra, Paturais, França, Alagoinhas, Mangabeira e Prata.

Os aglomerados urbanos possuem ligação direta com os recursos naturais existentes na região. As comunidades tradicionais têm como principal fonte de renda a pesca, e retiram das águas: bagre, serrinha, vermelho, tainha, cavala e uma grande quantidade de camarão. Essa produção é comercializada para vários pontos do estado (Enciclopédia dos Municípios de Alagoas, 2012).

A agricultura ainda representa a principal atividade geradora de renda no município. A cana-de-açúcar é o principal produto cultivado. O coco também tem sua produção considerável, e no ano de 2010 se deu em 263 ha de plantação, de onde se retirou cerca de 5.000 unidades do fruto por hectare (IBGE, 2010).

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS

REBIO DE PEDRA TALHADA

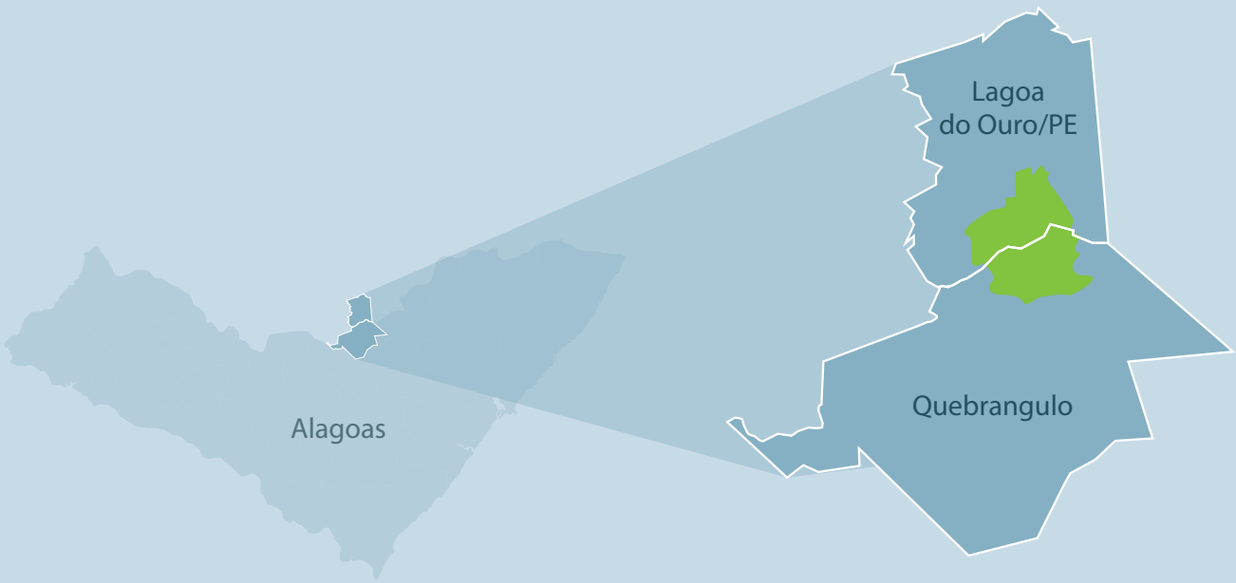


Foto - Sérgio Leal

Aspectos gerais

A Reserva Biológica de Pedra Talhada é uma Unidade de Conservação Federal, de Proteção Integral, criada em 13 de dezembro de 1989 sob o Decreto Federal nº. 98.524. Situada na fronteira dos estados de Alagoas e Pernambuco, mais precisamente na Serra dos Guaribas, abrange parte dos municípios de Quebrangulo, do lado alagoano, e Lagoa do Ouro, do lado pernambucano, totalizando uma área de 3.840,21 hectares, em um perímetro de 30,71 km.

A Reserva recebe o nome de Pedra Talhada devido às fissuras presentes nas rochas expostas que são decorrentes do intemperismo físico (tempo, vento e chuva) que atua esculpindo suas superfícies, conferindo-lhes uma beleza cênica que foi retratada em uma das crônicas do escritor alagoano Graciliano Ramos.

Não por acaso, recebe esta tipologia de Unidade de Conservação por constituir um relevante refúgio de espécies endêmicas da fauna e da flora típicas da região de transição entre os biomas da Caatinga e da Mata Atlântica. Algumas dessas estão arroladas no catálogo de espécies em risco de extinção do ICMBio, como são os casos do gavião-pomba (Amadonastur lacernulatus) e da orquídea Cattleya labiata.

A Reserva foi criada a partir de uma proposta feita ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

A Reserva recebe o nome Pedra Talhada devido às fissuras presentes nas rochas expostas. Foto - Neno Canuto.

◄ Lírio da mata (*Hippeastrum stylosum*). Foto - Neno Canuto.

(IBAMA) pela Associação Nordesta, a Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento (Seplande) e o Instituto do Meio Ambiente de Alagoas (IMA/AL), devido à necessidade de se dispor de um instrumento jurídico que garantisse a proteção definitiva daquela área, uma vez que o Parque Estadual de Pedra Talhada, criado em 1985, não fora efetivado por falta de recursos.

Com sede situada a aproximadamente 150 km de Maceió (AL), a REBIO caracteriza-se por relevo majoritariamente ondulado e montanhoso, com destaque para grandes elevações como a Pedra Talhada, a Serra das Três Lagoas, os Três Lajedos, a Pedra da Cabocla e o Lajeado dos Bois, um dos pontos mais altos do estado de Alagoas.

A região também é dotada de uma rede hidrográfica muito rica. Um recente levantamento constatou cerca de 180 nascentes na Unidade, além de diversos rios, riachos e grotas de água potável, em grande parte perenes. Os principais rios são: Cavaleiro e Corrente, desaguando no Rio Mundaú; e Carangueja e Riachão, que deságuam no Rio Paraíba. As nascentes da Unidade alimentam a barragem de Carangueja, responsável pelo abastecimento de Quebrangulo (AL), e a barragem da Companhia de Abastecimento e Saneamento de Alagoas (CASAL), que atende os municípios de Palmeira dos Índios (AL) e Estrela de Alagoas (AL). Os municípios pernambucanos de Correntes e Lagoa do Ouro também recebem água da Reserva.

De acordo com pesquisas recentes, a REBIO perdeu 16,24% de sua área de mata entre 1987 e 2007, uma mudança causada principalmente devido a ações humanas ligadas à extração de madeira, agricultura e criação de áreas para o pasto. O principal alvo do desmatamento é a sucupira, mas na Reserva podem ser encontradas outras várias espécies arbóreas de valor comercial, como o cedro, o pau amarelo, o pau d'óleo, o ipê e o murici.

Aspectos físicos

A REBIO encontra-se sob domínio do clima subúmido seco, segundo a classificação de Thornthwaite, com duas estações bem definidas: seco, durante o verão, que vai de outubro a abril; chuvoso, durante o inverno, que vai de maio a setembro. A média pluviométrica para a região é de 1.275 mm/ano e a temperatura não sofre variações significativas, ficando em torno dos 25 °C.

Do ponto de vista geológico, estende-se sobre um aglomerado de rochas ígneas de origem magmática que se soergueram e resfriaram ao entrar em contato com a superfície terrestre há mais de 540 milhões de anos, fazendo parte da Era Neoproterozóica. Esse soerguimento se projeta positivamente em relação ao relevo do entorno, atingindo altitude média de 900m. Geomorfologicamente é parte integrante do Planalto da Borborema, apresentando uma topografia predominantemente considerada de fortemen-

te ondulada a montanhosa. Nessa conformação, os solos predominantes são os Argissolos Vermelho-Amarelos, típicos de ambientes relacionados à Formação Barreiras ou que sofrem influência das rochas cristalinas.

Aspectos bióticos
Flora

Resguarda relíquias significativas de vegetação com grande heterogeneidade fisionômica, constituindo-se numa raridade da paisagem fitogeográfica, num trecho do planalto da Borborema, entre os estados de Alagoas e Pernambuco.

A variação de altitude entre os fundos dos vales e os topos rochosos, de mais de 800 metros, propicia a existência de diversos ambientes que justificam a grandiosa variedade florística da reserva. A Floresta Estacional Subcaducifólia cobre grande parte do solo e, em alguns trechos, assume características de Floresta Ombrófila, fato comprovado pela ocorrência de espécies típicas desses ambientes.

Trechos rochosos estão aparentes em toda a região, sendo o de maior expressividade o da Pedra Talhada, que dá nome à reserva. Trata-se de um paredão íngreme, resultante da erosão hídrica e eólica das rochas, considerado o principal atributo paisagístico e o mais admirado do local. Merece destaque ainda a rede de drenagem formada pelos inúmeros rios e riachos que cortam a Reserva e que aumentam consideravelmente seu volume na época chuvosa. A Rebio protege os mananciais e nascentes e observa-se nitidamente a relação da vegetação com o solo e a altitude, que se reflete diretamente no porte e na composição florística.

Vários lajeados estão expostos nos topos das serras ou dentro da floresta, revestidos pela flora rupestre composta principalmente de Bromeliaceae, Orquidaceae, Cyperaceae, Euphorbiaceae, Melastomataceae, Clusiaceae, dentre muitas outras espécies. O extrato arbóreo apresenta uma elevada riqueza de espécies, tais como: amarelo (*Platymenia foliosa*), urucuba (*Vochysia thirsoidea*), louro (*Ocotea glomerata*), burdão-de-velho (*Samanea tubulosa*), asa-de-morcego (*Alseis floribunda*), pau-sangue (*Pterocarpus violaceos*), mamajuda (*Sloanea guianensis*) e sapucaia (*Lecythis pisonis*), dentre muitas outras espécies, também de hábito arbóreo, que compõem a magnitude da floresta em Pedra Talhada.

Indivíduos adultos muito antigos são observados nos trechos mais conservados, onde aparecem os jequitibás (*Cariniana legalis*) e as gameleiras (*Ficus pertusa*), que atingem 30 metros de altura. Importante registrar a presença de indivíduos jovens, de várias espécies, em toda a extensão da floresta, indicando o pleno processo de regeneração da vegetação. O estrato herbáceo é povoado por uma profusão de espécies que se alternam ao longo dos caminhos, como as begônias (*Begonia saxicola*), orquídeas

Uma das trilhas existentes na Rebio.
Foto – Neno Canuto.

(*Habenaria pratensis*), *Sinningia nordestina*, *Ertela triflora*, *Tamonea curassavica*, *Ruellia geminiflora*, *Pterolepis trichotoma*, entre outras.

A camada de serapilheira, formada por folhas, flores e frutos, em vários estágios de decomposição, sustenta uma importante cadeia alimentar, além de regular a umidade do solo. Diversos fungos, liquens e briófitas também dependem da condição de umidade para sobreviver na reserva. O levantamento da flora da RESEC está em andamento pelos pesquisadores do Herbário MAC do Instituto do Meio Ambiente e tem referendado a riqueza florística da região. Quatro famílias de plantas trepadeiras (Cucurbitaceae, Aristolochiaceae, Dioscoreaceae e Passifloraceae) foram estudadas por Santana 2013, que registrou 26 espécies ocorrentes nas bordas e interior da reserva de Pedra Talhada, demonstrando a relevância das trepadeiras para a composição florística da Reserva.

Fauna

É a segunda Unidade de Conservação do Estado de Alagoas, só perdendo para a Estação Ecológica de Murici, com maior número de espécies de animais vertebrados endêmicos e ameaçados de extinção. Sua fauna é constituída principalmente por espécies associadas ao ecossistema de Mata Atlântica, embora como está situada numa zona de transição, também podem ser encontradas nessa região espécies que ocorrem na Caatinga e no Cerrado.

Tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*).
Foto - Sérgio Leal

Entre as espécies de mamíferos da Reserva Biológica Pedra Talhada, existe um grande número de roedores, de morcegos e de espécies de pequeno porte, além de alguns primatas, carnívoros, como a lontra (*Lontra longicaudis*), o jupará (*Potos flavus*) e o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) e cinco espécies de felinos. Outros mamíferos, como o tatu-galinha ou tatu-verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), o quandú ou porco-espinho (*Coendou prehensilis*), a paca (*Cuniculus paca*), o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*) e o quati (*Nasua nasua*), sofrem pressão da caça local, despertando grande interesse dos caçadores pela qualidade de suas carnes.

A Reserva também abriga uma grande diversidade de espécies de aves, das quais 22 são ameaçadas de extinção e correspondem a cerca de 10% de todas as aves do Brasil em risco de extinção. Assim, estão entre as espécies de aves mais relevantes dessa Unidade, o pica-pau-anão-de-pintas-amarelas (*Picumnus exilis pernambucensis*), o zidedê-do-nordeste (*Terenura sicki*), o formigueiro-de-cauda-ruiva (*Myrmeciza ruficauda soror*), a araponga-do-nordeste (*Procnias averano*) e o arapaçu-pardo-do-nordeste (*Dendrocincla fuliginosa taunayi*). Além dessas, outras espécies estão quase ameaçadas, como o macuco (*Tinamus solitarius*); que tem decaído sua população local em consequência da pressão da caça.

Os répteis são abundantes nesse ambiente rico em abrigos, tocas e esconderijos para diversas espécies, como o cágado-muçuã ou jurará (*Kinosternon scorpioides*), a cobra-cega (*Amphisbaena alba*), o lagartinho-do-folhiço (*Coleodactylus meridionalis*), o lagarto-de-calda-azul (*Micrablepharus maximiliani*), a jararaca-verde (*Bothriopsis bilineata*) e a surucucu (*Lachesis muta*). Esta última espécie tem sido dizimada por caçadores e pessoas que frequentam as matas onde ela ocorre.

Devido ao grande número de nascentes que formam riachos e brejos, podem ser encontradas muitas espécies de anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas) na Reser-

Pica-pau-anão-dourado (*Picumnus exilis pernambucensis*). Foto Sérgio leal.

va, como *Colostethus alagoanus, Rhinella granulosa, Dendropsophus branneri, Hypsiboas crepitans e Leptodactylus natalensis*; muitas outras espécies habitam folhagens e bromélias. Essa é uma área extremamente relevante para a conservação, por proporcionar condições ambientais que permitem a manutenção de diversas espécies da fauna, das quais muitas estão ameaçadas de extinção, sendo por isso uma das mais importantes Unidades do estado de Alagoas.

Aspectos sociais

A pecuária de bovinos é expressiva no município de Quebrangulo, perdendo, em números de cabeças, apenas para Palmeira dos Índios, que concentra 44.480, e Viçosa, com 34.830. Na Rebio Pedra Talhada, o uso da área só poderá ser feito com cunho científico e sob condições especiais, não havendo a possibilidade para visitação pública e recreação.

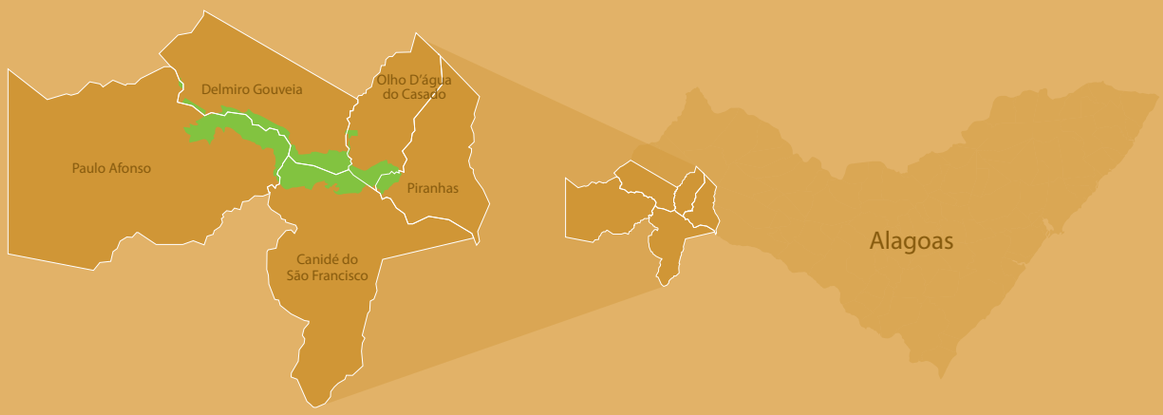
Segundo o Ministério do Meio Ambiente em pesquisa realizada em 2006, apesar de ter sido legalmente criada em 1989, a área da reserva ainda apresenta irregularidades na questão fundiária, pois cerca de 60% apenas do total fora indenizada. A Rebio enfrenta conflitos socioambientais. A caça, que é desenvolvida mesmo com a proibição: e a extração de mel com uso do fogo, pois a fumaça torna as abelhas menos hostís. (MMA, 2006).

Mesmo com a restrição de uso e ocupação, há interação da sociedade com a Unidade, de acordo com definições do Ministério do Meio Ambiente, 2006, por:

- Moradores tradicionais que residem no interior da Unidade;
- Áreas já desapropriadas, mas ocupada até hoje por posseiros;
- Posseiros que utilizam a área da reserva para plantio de cultura de subsistência e pecuária, mas não residem;
- Proprietários não indenizados, que residem e trabalham na área.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS

MONA DO RIO SÃO FRANCISCO



Cânions do São Francisco.
Foto - Neno Canuto.

Aspectos gerais

O Monumento Natural (Mona) do Rio São Francisco é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, criada no dia 5 de junho de 2009 (quando é comemorado o Dia do Meio Ambiente), através do Decreto Federal s/n. Compreende os estados de Alagoas, Bahia e Sergipe, entre os municípios de Piranhas, Olho D'água do Casado e Delmiro Gouveia do lado alagoano, Paulo Afonso na porção baiana e Canindé de São Francisco do lado sergipano. Possui uma extensão territorial de 26.715,09 hectares, circunscrita em um perímetro de 197,32 km, e é resultante da medida de compensação ambiental da construção da Hidrelétrica de Xingó.

Tem como objetivo preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica no bioma Caatinga, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

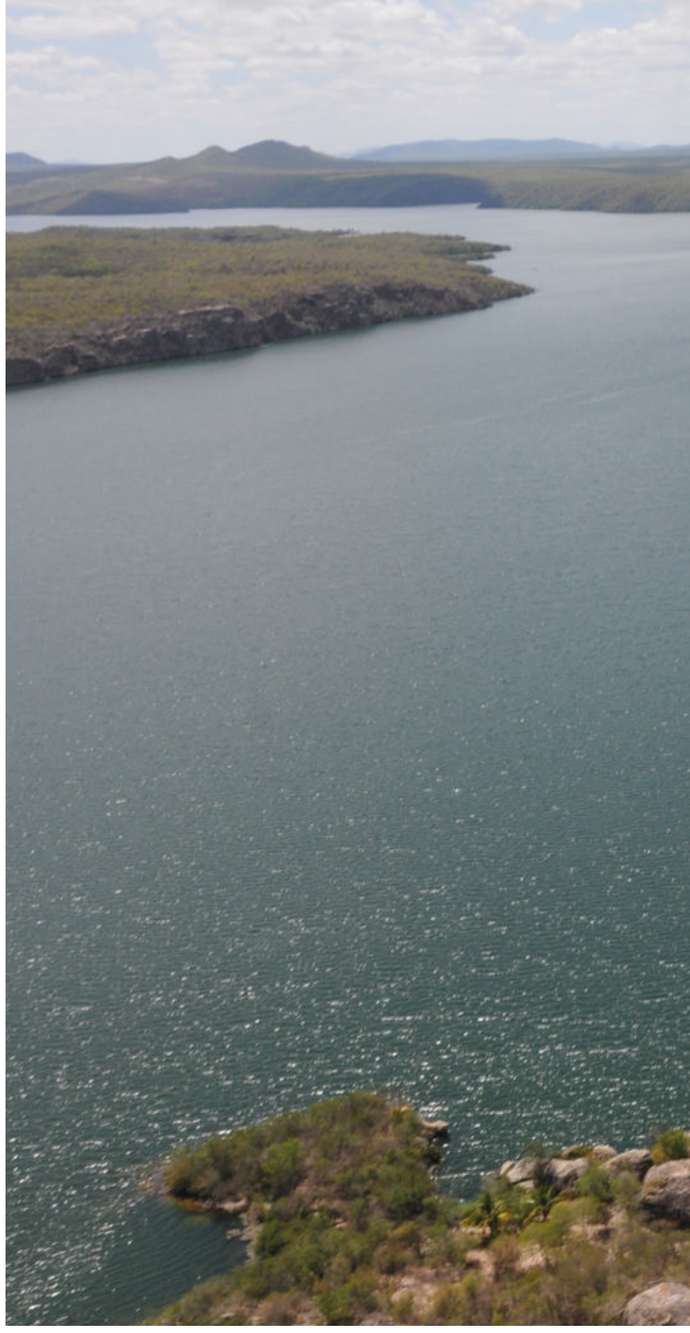
O MONA do Rio São Francisco encontra-se completamente inserido na Bacia Hidrográfica do São Francisco. Assim, além de guardar amostra representativa do bioma Caatinga, sua criação se justifica pela necessidade de proteção do belíssimo cânion do Rio São Francisco e de importantes sítios arqueológicos existentes na região e ameaçados pela exploração mineral irregular.

O grande diferencial dessa categoria de Unidade de Conservação é, portanto, poder conciliar a presença humana, desenvolvendo suas atividades econômicas e a preservação do meio ambiente.

Aspectos físicos

Por estar inserido no sertão nordestino, o volume médio de chuvas é de 600mm/ano, com índice de umidade efetiva que varia de -20 a -40, caracterizando o clima semiárido na região, que determina a fisionomia da vegetação como caatinga hiperxerófila de porte arbustivo-arbórea, descrita como uma vegetação densa e de estrutura irregular, descobrindo o solo durante o período seco, quando a vegetação perde sua folhagem.

A unidade de conservação abrange a parte final das bacias hidrográficas dos rios Moxotó e do Maxixe e dos riachos Talhado, Uruçu, Olho D'água Grande e Grande da Cruz. Em todos os casos a rede hidrográfica é temporária, seguindo o padrão dendrítico de drenagem. A maioria dos talvegues da drenagem está entalhada num relevo plano e suave ondulado do Pediplano do Baixo São Francisco, onde predominam as rochas ígneas, como o quartzo, e as sedimentares, a exemplo dos arenitos que dominam a paisagem do MONA nas terras do município de Olho D'água do Casado, passando a ser escarpado nos paredões dos cânions.



Vales do São Francisco.
Foto - Neno Canuto

Aspectos bióticos
Flora

O Monumento Natural do São Francisco garante a preservação de um trecho com uma das vistas mais privilegiadas e espetaculares do Rio São Francisco, na porção oeste de Alagoas. Do alto dos paredões naturais, há a oportunidade de se admirar um visual inexis-

tente em qualquer outro trecho do sertão alagoano: que mostra o cânion formado pelo corredor de rochas escarpadas e suas encostas ao redor do reservatório de Xingó, entre Alagoas, Sergipe e Bahia. O trecho plano continuado no alto do paredão forma um platô completamente dominado pela vegetação de Caatinga, considerada em bom estado de preservação.

O clima seco regional com chuvas irregulares é propício ao desenvolvimento da vegetação da Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro e que representa mais de 10% da vegetação do País (Queiroz, 2009). As árvores e arbustos típicos, na maioria das vezes, apresentam galhos retorcidos e perdem as suas folhas na época da seca, visando evitar a perda de água por evaporação.

A diferença percebida na vegetação, quando comparadas as épocas seca e chuvosa, chama a atenção de qualquer leigo. Algumas espécies sequer aparecem na ausência das chuvas e guardam seus bulbos sob o solo, passando a se mostrar apenas quando chega a estação chuvosa, a exemplo da *Zephyranthes sylvatica*, o lírio-do-sertão, de flores vermelhas com extraordinária beleza ornamental. Várias outras herbáceas ambém estão presentes:

Herissantia tiubae, moleque-duro (*Varronia leucocephala*), *Polygala boliviensis*, entre muitas outras que florescem somente no inverno.

As Convolvulaceae se salientam pela elevada representatividade na composição da flora na região: *Evolvulus glomeratus, Ipomoea subincana, Ipomoea nil, Ipomoea hederifolia, Operculina macrocarpa e Turbina cordata* estão entre as mais encantadoras. Segundo Junqueira & Simão-Bianchini 2006, essa família é considerada como uma das mais representativas, em número de espécies, em áreas de caatinga.

Em diversos pontos, são vistas associações de Cactaceae, como as observadas entre coroa-de-frade, mandacaru, rabo-de-raposa, xique-quique e as bromélias macambira-de-flecha (*Encholirium spectabile*), macambira (*Bromelia laciniosa*) e o caroá (*Neoglaziovia variegata*). Estas últimas se destacam como um componente importante no estrato baixo da Caatinga, ocorrendo em grandes populações e impedindo o acesso entre elas, em função dos espinhos de suas folhas, que formam um emaranhado quase impenetrável para o pisoteio, mas concentram uma fauna variada, que vão desde répteis a grandes pássaros que se utilizam da proteção do espaço entre as folhas, onde há o acúmulo de água, para alimentação e/ou reprodução. O caroá é produtor de fibra dura, especial para a confecção de cordas, que tem presença obrigatória nas feiras do sertão nordestino.

A religiosidade popular é uma das características dos moradores da região. Foto - Neno Canuto

Foto - Neno Canuto

Fauna

Devido a sua grande extensão territorial, uma enorme riqueza de espécies da fauna de vertebrados pode ser contemplada com essa Unidade de Conservação, através da preservação de seus habitats. Os mamíferos mais comuns nessa região são o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), o mocó (*Kerodon rupestris*), o punaré (*Thrichomys apereoides*), o cangambá (*Conepatus semistriatus*) e o tatú -peba (*Euphractus sexcinctus*).

Praticamente todas as espécies citadas acima são vítimas da pressão da caça local. O mocó é o mais caçado, devido à qualidade de sua carne, o que tornou os caçadores especialistas na sua localização, por conhecerem sua vocalização de alerta e seu hábito de defecar sempre no mesmo lugar. Outra espécie, o tamanduá-mirim, apesar de muito conhecido na Mata Atlântica, também pode ser encontrado na Caatinga, já existindo relato, na região, de um indivíduo atropelado no trecho da rodovia (AL-220) que dá acesso ao município de Delmiro Gouveia.

Entre as espécies de aves mais comuns no MONA do Rio São Francisco estão a gralha-cancã ou cancão (*Cyanocorax cyanopogon*), o galo-de-campina (*Paroaria dominicana*), o casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*), a águia-chilena, gavião-de-serra ou gavião-pé-de-serra (*Buteo melanoleucus*), a maria-cavaleira-de-rabo-enfer-

rujado (*Myiarchus tyrannulus*) e o pombão, amargosa ou asa-branca (*Patagioenas picazuro*). As duas primeiras espécies, normalmente são alvos do tráfico de aves, sendo capturadas em suas áreas naturais de ocorrência e comercializadas para diversas regiões, onde acabam fugindo ou sendo soltas indevidamente e estabelecendo populações exóticas nesses ambientes.

Já a asa-branca é uma das maiores espécies de pombas, sendo muito apreciada por algumas pessoas como alimento. Curiosamente sua carne adquire gosto amargo (daí o nome amargosa) quando se alimenta de uma determinada quantidade de frutos.

Entre os répteis que vivem nesse trecho de cânions do Rio São Francisco ou em suas proximidades, estão a catenga-de-listra-branca (*Tropidurus semitaeniatus*), a lagartixa-cocoroba (*Tropidurus cocorobensis*) e o lagarto-semifossorial (*Acratosaura mentalis*); além de duas espécies de serpentes, a cobra-preta ou muçurana (*Boiruna sertaneja*) e a cascavel (*Caudisona durissa*), esta última muito temida pelo seu poderoso veneno.

Diversas espécies de anfíbios anuros também podem ser encontradas nessa UC, como o sapo-boi (*Proceratophrys cristiceps*), a rã-manteiga (*Leptodactylus ocellatus*) e a perereca-de-capacete (*Corythomantis greeningi*). Apesar do MONA do Rio São Francisco ser muito importante do ponto de vista da conservação de diversas espécies de animais que habitam a Caatinga, sua extensão pode dificultar o controle sobre as ações antrópicas que afetam a fauna local.

Aspectos sociais

Os três municípios alagoanos inseridos no MONA possuem aproximadamente 80.000 habitantes (IBGE, 2010), sendo Alagoas o segundo estado em contingente populacional dentro da Unidade. Nesses locais, o turismo ecológico se apresenta como expressiva atividade. A beleza natural do local favorece a presença de inúmeros visitantes em todas as épocas do ano. Eles podem contemplar a beleza do Rio São Francisco, juntamente com os paredões rochosos que formam os cânions, deliciando-se com produtos derivados do próprio rio.

A população do entorno se beneficia com a pesca e a oferta de serviços, em bares, restaurantes e serviços de hospedagem. O turismo vem crescendo na região, instigado pela divulgação dos estados de Alagoas e de Sergipe, que se valem das belezas do cânion do rio para proporcionar experiências únicas de contato com a natureza do bioma Caatinga.

Há também o turismo de aventura . É possível contratar empresas que desenvolvem atividades como canoagem, rapel, tirolesa e a caminhada por trilhas em meio à Caatinga. A Unidade se presta à atividade de educação ambiental, em contato direto com os atributos do Rio São Francisco e com as cidades vizinhas, ressaltando também a vocação cultural e a vocação histórica da região.

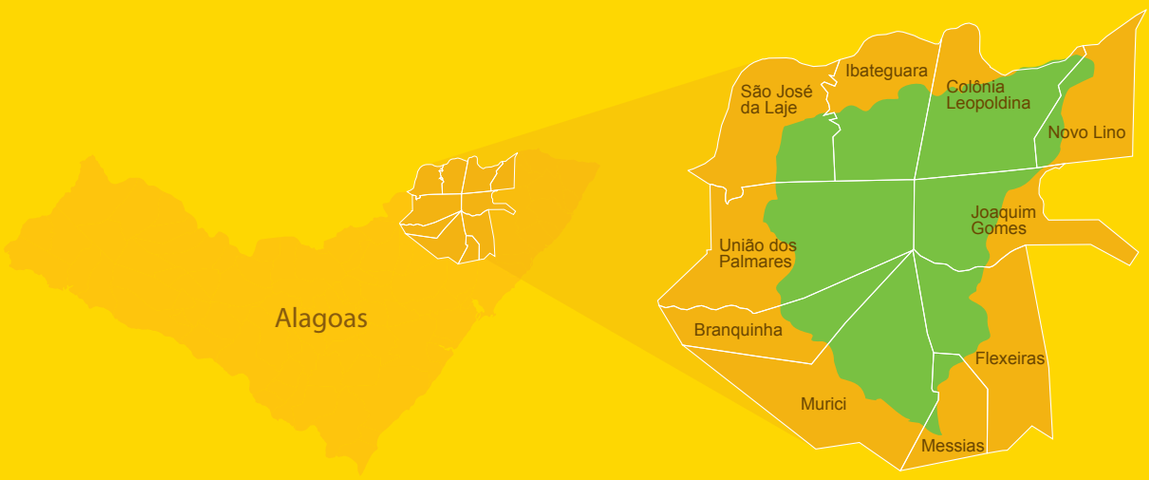
Cidades importantes histórica e culturalmente como Piranhas e Delmiro Golveia, são destinos obrigatórios onde o visitante tem contato com uma arquitetura que retrata a época do crescimento econômico do sertão através do algodão e da tecelagem, do transporte de mercadorias pela linha férrea; além do contato com as transformações mais recentes, proveniente da implantação das usinas hidrelétricas de Paulo Afonso e Xingó.

Asa-branca (*Patagioenas picazuro*). Foto – Sérgio Leal. ►

Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado (*Myiarchus tyrannulus*). Foto - Sérgio Leal. ►

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO ESTADUAIS

APA DE MURICI



Pintor-verdadeiro ou sete-cores (*Tangara fastuosa*). Foto – Sérgio Leal. ►

Aspectos gerais

Essa é a maior Área de Proteção Ambiental terrestre do Estado de Alagoas, tanto em extensão quanto em quantidade de município reunidos. Possui uma área de 132.833 hectares ou 1.328,33 km², abrangendo partes de 10 municípios: Murici, União dos Palmares, São José da Laje, Ibateguara, Colônia Leopoldina, Novo Lino, Joaquim Gomes, Messias, Branquinha e Flexeiras.

Foi criada pela Lei Estadual nº 5.907/1997, com o objetivo de preservar as características dos ambientes naturais e o ordenamento da ocupação e do uso do solo a partir das seguintes diretrizes:

I - Assegurar as condições naturais de reprodução da flora e da fauna nativas;
II - Proteger o ecossistema e os seres humanos dos efeitos negativos da poluição e da degradação ambiental, originados de quaisquer fontes;
III - Possibilitar o desenvolvimento harmônico na região, sem prejuízo dos recursos ambientais especialmente protegidos pela legislação;
IV - Resguardar a vegetação natural e a flora característica, inclusive toda a população da fauna, protegendo sua função cientifica, relevância ecológica, econômica e paisagística;
V - Compatibilizar a ocupação antrópica com a proteção ao meio ambiente local.

Acesso

Inserem-se sob as coordenadas geográficas 9°22'45" e 8°53'54" de latitude sul e 36°02'34" e 35°37'51" de longitude oeste. O acesso à APA se dá através das rodovias BR-101, BR-104 e AL-110, sendo estas os limites físicos da unidade de conservação.

Aspectos físicos

Devido à abrangência territorial, a APA de Murici encontra-se sob a influência de dois tipos de clima, segundo a classificação de Thornthwaite: sub-úmido e úmido, ocorrendo praticamente em toda sua extensão, com exceção para duas pequenas áreas, uma a Leste e outra a Noroeste, que sofrem influência do clima úmido. Dessa forma, a média pluviométrica varia entre 1.100 e 1.700 mm/ano no primeiro tipo de clima e de 1.700 a 2.100 no segundo tipo; sendo que o período chuvoso concentra-se entre os meses de maio a setembro, e durante todo o ano é verificado uma média de 90 dias efetivamente secos, ou seja, dias sem chuvas e com baixíssima umidade relativa do ar.

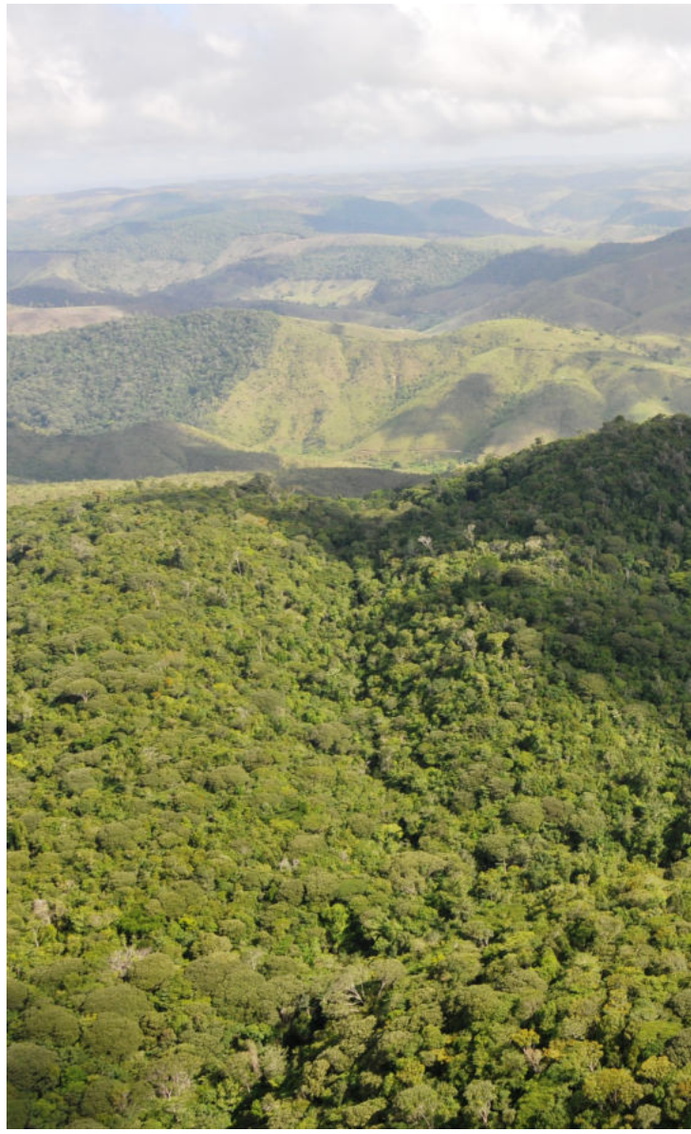


Foto - Neno Canuto.

Em relação aos recursos hídricos superficiais, pode-se dizer que abrange seis Bacias Hidrográficas: Camaragibe, Santo Antônio, Mundaú, Jacuípe, Manguaba e Meirim. Elas conferem uma riqueza hidrográfica que é formada principalmente pelos rios Jacuípe, Camaragibe, Seco, Porto Velho, Branco, pelos riachos Galho do Meio e Sueca, e por seus respectivos contribuintes, formando uma rede que se estende por 710 km de drenagem.

O relevo por onde corre a rede de drenagem está incrustado nos Piemontes Inumados, ou Tabuleiros Costeiros, como são mais conhecidos, por serem constituídos pelos sedimentos Cenozóicos (formados há mais de 65 milhões de anos) da Formação Barreiras e que foram depositados sobre o embasamento Cristalino do Planalto da Borborema. Essa composição, associada a uma altitude média de 450 metros acima do nível do mar, propicionou interfaces que classificam o relevo desde ondulado e forte-ondulado, que se distribui espacialmente por quase toda a extensão territorial da APA, até o montanhoso, na porção leste dessa unidade de conservação. Aí, destacam-se as serras do Ouro, dos Frios, Azul e da Palha, possibilitando a formação de cachoeiras como a da Catita em Ibateguara e a da Tiririca em Murici, representando locais potenciais ao turismo ecológico na região.

Sobre essas condições e estruturada nos Argissolos amarelo e vermelho-amarelo que dominam a APA, a cobertura vegetal apresenta fisionomias diversas da tipologia de Floresta Ombrófila, com aspectos denso e aberto, e da tipologia Floresta Estacional, totalizando uma área de 42.111,31 hectares (4,21 km²) de fragmentos remanescentes da Mata Atlântica.

Em sua porção sudeste, em terras dos municípios de Murici, Flexeiras e Messias, encontra-se encravada a Estação Ecológica de Murici (Esec de Murici), com uma área de 6.116 hectares, administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

É importante destacar a existência de sete Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) estaduais inseridas na APA de Murici: Vila D'Água, Santa Maria, Boa Sorte, Osvaldo Timóteo, Papa

Mel, Porto Alegre e Estrela do Sul. Além dessas, existem outras em processo de reconhecimento no IMA, localizadas na APA e em seu entorno.

Aspectos bióticos
Flora

Essa Unidade de Conservação concentra o maior bloco florestal no domínio da Mata Atlântica do Estado de Alagoas. Classificada como Floresta Ombrófila, resguarda um grande número de fragmentos, circundados por plantações de cana-de açúcar, formando um mosaico de florestas que pode ser visualizado facilmente de cima dos morros próximos ou em vista aérea. A cobertura vegetal nessa APA apresenta diversas fisionomias, com aspectos ora denso ora aberto. Quedas d'água, a exemplo da cachoeira da Catita, em Ibateguara e a da Tiririca, em Murici, representam atributos significativos dessa unidade que ampliam a diversidade florística regional.

Os fragmentos apresentam-se em diferentes estágios de conservação e regeneração natural, partindo desde níveis iniciais àqueles mais avançados. Estes últimos ocupam geralmente os locais mais úmidos e íngremes da floresta, onde há espécies que só conseguem sobreviver ali. Esses trechos mais conservados apresentam fisionomia mais densa com árvores exuberantes, em geral de troncos retilíneos, que atingem até 35 metros de altura. Estão presentes, entre outras árvores, o buranhém (*Pradosia lactescens*), a sapucaia (*Lecythis pisonis*), a massaranduba (*Manilkara salzmannii*), o pau-ferro (*Dialium guianense*), o visgueiro (*Parkia pendula*), canelas e louros (*Cinnamomum chana e Ocotea glomerata*), *Picramnia latifolia, Quiina cruegeriana e Tachigali densiflora*.

Frutos da pindoba (*Attalea oleifera*).
Foto - Neno Canuto.

Merece destaque nesta unidade, o murici (*Byrsonima sericea*), a árvore mais conhecida,em função de

Frutos da Cupiuba (*Tapirira guianensis*).
Foto - Neno Canuto.

Foto - Clarice Maia.

sua ampla distribuição, na maioria dos fragmentos da região. Seus representantes atingem alturas que variam de 3 a 20 metros e sua floração se inicia em meados de outubro, estendendo-se até o final de janeiro. Produz grande quantidade de flores amarelas que atraem abelhas fêmeas específicas, em busca do pólen e do óleo produzido, pelas glândulas nas flores, para alimentar as suas larvas (Teixeira e Machado, 2000). Ocorre desde o litoral até os trechos florestados do interior, sendo predominante nas áreas mais ensolaradas. Seus frutos comestíveis possuem potencialidade frutífera, podendo ser usado

como matéria prima para fabricação de sucos, doces e sorvetes. Não há, no entanto, registro do uso deste recurso pelas comunidades que ocupam a APA de Murici.

A flora do estrato herbáceo é ricamente constituída por plantas pioneiras e por diversas espécies de trepadeiras que protegem as bordas dos fragmentos ou estão nos locais mais ensolarados em seu interior. Suas flores coloridas ornamentam este espaço e também atraem polinizadores para todo o conjunto florestal, que por sua vez produz alimento para os dispersores de sementes e predadores naturais, fundamentais para que ocorra o processo de regeneração natural das florestas.

As avencas e samambaias se destacam pela diversidade, ocupando preferencialmente os locais úmidos da floresta como os cursos d'água, os troncos e fendas de rochas, dentre outros.

Tatú-peba (*Euphractus sexcinctus*).
Foto - Sérgio Leal ►

Estudos botânicos têm sido realizados nesta unidade há mais de 10 anos, visando o conhecimento da diversidade florística. Amostras de plantas desidratadas encontram-se depositadas no herbário MAC do IMA, são destinadas a pesquisas e servem também como subsídio para elaboração de estratégias de conservação na APA.

O histórico de destruição dos recursos florestais, decorrente da utilização desordenada, principalmente para a expansão das cidades ou implantação de práticas agrícolas, provocou significativa modificação do ambienteem Alagoas. Os trechos protegidos nos dão uma amostra de representatividade atual deste conjunto florístico e a esperança de conservação para as futuras gerações.

Fauna

Formigueiro-de-cauda-ruiva (*Myrmoderus ruficaudus*).
Foto - Sérgio Leal ►

Além de incluir a grande diversidade de espécies da fauna de vertebrados que existe na ESEC de Murici, essa Unidade de Conservação proporciona também, ainda em termos de biodiversidade, devido a extensão de sua área, que espécies semi-florestais, que vivem nos ambientes mais abertos, também tenham seus habitats protegidos.

Nesse contexto, podem ser citadas como exemplos, algumas espécies de mamíferos que ocorrem nessa extensa área, como o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), o porco-do-mato, cateto ou pecari (*Tayassu tajacu*), o tapiti, coelho-do-mato ou lebre (*Sylvilagus brasiliensis*) e o esquilo ou caxinguelê (*Guerlinguetus alphonsei*), este último restrito aos ambientes florestais. Dessas espécies de mamíferos, o veado-catingueiro e o porco-do-mato, apesar de serem espécies de ampla distribuição, podem ter suas populações reduzidas localmente em curto espaço de tempo devido a atual pressão da caça.

Foto - Neno Canuto ►

Espécies raras da avifauna são encontradas apenas em certos fragmentos da APA, como a sururina (*Crypturellus soui*), a araponga-do-nordeste

ou araponga-de-barbela (*Procnias averano*) e o formigueiro-de-cauda-ruiva (*Myrmeciza ruficauda*), enquanto que outras se aproveitam da sua grande capacidade de deslocamento e do mosaico de manchas florestais remanescentes para explorar os recursos alimentares de diversos outros fragmentos no mesmo dia, como a maitaca-de-barriga-azul (*Pionus reichenowi*) e o gavião-pega-macaco (*Spizaetus tyrannus*).

No caso do sanhaço-de-fogo, canário-do-mato ou queima-campo (*Piranga flava*), que também pode ser encontrado nessa região, mesmo sendo uma espécie mais típica do Cerrado, raramente é observado, mas quando acontece está sempre nas bordas das matas mais ralas. Dentre as espécies de répteis e anfíbios anuros que também podem ser encontrados nessa região, estão a cobra-de-vidro (*Ophiodes sp.*), a cobra-cipó-grande (*Chironius carinatus*), a cascavel (*Caudisona durissa*), o camaleãozinho (*Enyalius sp.*) e o sapo-de-chifres (*Proceratophrys boiei*).

As três primeiras espécies ocorrem preferencialmente em ambientes mais abertos, porém podem ser encontradas também no interior dos fragmentos. Ao caminhar pelo local é comum a pessoa se deparar com camaleãozinhos, cada indivíduo exibindo um padrão de coloração diferente. Também o sapo-de-chifres, que apresenta apêndices cutâneos nas pálpebras superiores que aparentam chifres, pode ser facilmente encontrado saltando sobre o folhiço.

Coruja-da-igreja (*Tyto furcata*).
Foto - Sérgio Leal

Para a região da APA de Murici, pode-se observar que a mesma vastidão que proporciona que sejam encontradas nela um alto número de espécies da fauna de vertebrados, também dificulta a sua fiscalização, tendo consequentemente implicações diretas sobre a conservação de suas espécies.

Aspectos sociais

Localiza-se entre as microrregiões geográficas da mata alagoana e serrana dos quilombos. Apesar do grande número de municípios inseridos na APA, apenas Ibateguara e Novo Lino possuem suas zonas urbanas localizadas no interior da Unidade, considerando que os dois contabilizam aproximadamente um contingente populacional de cerca de 25.000 habitantes (IBGE, 2010).

União dos Palmares apresenta o maior número de habitantes, 62.358, e se apresenta como polarizador, por dispor de uma infraestrutura mais elaborada nos aspectos de saúde pública, educação e comércio. No município, segundo dados da Enciclopédia dos Municípios de Alagoas para o ano de 2012, existem dois hospitais para atender a população local e dos municípios do entorno que não dispõem de serviços de saúde adequados. O número de leitos não chega a dois para cada mil habitantes.

Murici, devido à enchente que atingiu toda a mata alagoana em meados de 2010, teve seu contingente populacional acrescido nos limites da APA, considerando que as casas destinadas aos desabrigados da tragédia foram construídas no polígono da Unidade de Conservação.

A APA abriga em seus limites um elevado potencial natural, capaz de proporcionar o uso destes para diversas atividades. Uma delas é à produção de laticínios obtidos

Comunidade indígena Wassu Cocal
está inserida na APA de Murici.
Foto - Neno Canuto

com a matéria prima da própria região em algumas comunidades. Essa atividade se apresenta como fonte de renda para diversas famílias.

A região também acolhe inúmeros assentamentos em terras desapropriadas pelo INCRA, como o Pacas, que é referência. Lá é feita a utilização do fogão ecológico, uma atividade desenvolvida e difundida pelos próprios assentados.

É importante também a conservação de características tradicionais da população. União dos Palmares resguarda o importante episódio da história nacional, representado pela resistência à escravidão, que teve como marco o líder Zumbi, há mais de 300 anos. (Enciclopédia dos municípios de Alagoas, 2012). O fato proporciona um incremento na atividade turística, atraindo visitantes de todo o País em busca da história e do conhecimento do lugar.

No município de Joaquim Gomes, está localizada uma importante aldeia indígena que abriga cerca de 500 famílias, a Wassu Cocal, com aproximadamente 2000 índios que apresentam características diversas e costumes relevantes do ponto de vista sociocultural. A área da aldeia compreende 2.700 hectares.

A disposição inadequada de resíduos sólidos, a caça, a pesca e o desmatamento se apresentam como os principais problemas socioambientais. A lei de criação da APA, no art. 3º, III, IV e V, define que serão proibidas as seguintes atividades:

- Cortes das espécies vegetais, queima ou desmatamentos em qualquer extensão;
- Toda e qualquer forma de despejo de resíduos sólidos ou líquidos no solo, em corpos d'água, ou em nascentes, bem como emissões de poluentes atmosféricos;
- Caça, apanha ou qualquer aprisionamento de animais silvestres, exceto nos casos de pesquisas científicas devidamente autorizadas pelos órgãos gestores.

Na APA de Murici existe um tipo de atividade que atrai visitantes do mundo todo: a observação de aves. A região é referência mundial, devido à presença de espécies consideradas em risco de extinção. Além disso, a Associação para Proteção da Mata Atlântica do Nordeste (Amane), criada em 2005 por meio do Pacto Murici, acordo feito por oito organizações não-governamentais para proteger a região de Murici-AL, mantém um posto para capacitação sobre proteção e recuperação da Mata Atlântica do Nordeste, por meio da conservação da biodiversidade e do desenvolvimento de benefícios socioambientais.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO ESTADUAIS

APA DE SANTA RITA

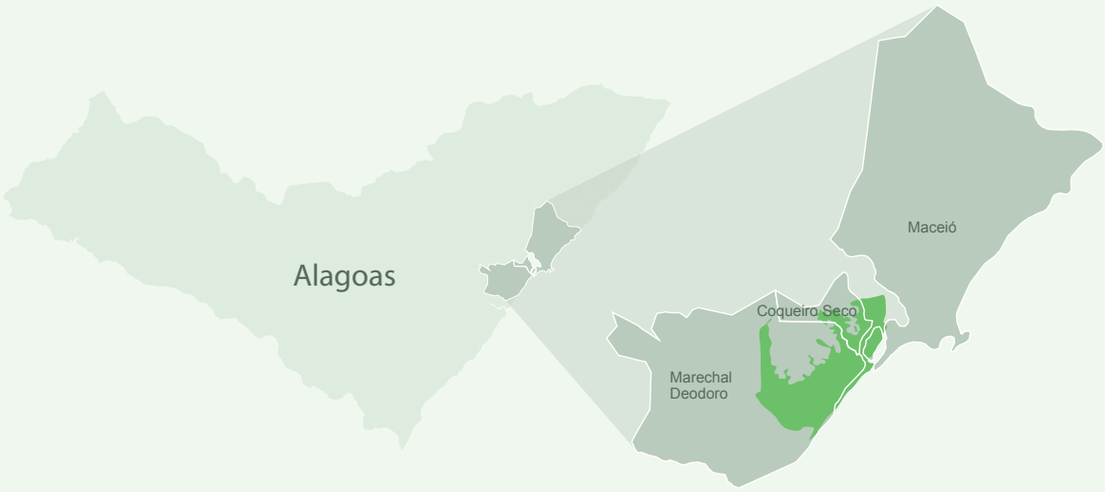


Foto - Neno Canuto

Restinga do Pontal.
Foto - Neno Canuto.

Aspectos gerais

A Área de Proteção Ambiental (APA) de Santa Rita foi criada pela Lei Estadual nº. 4.607/1984. Possui uma área de 10.230 ha e abrange os municípios de Maceió, Marechal Deodoro e Coqueiro Seco. Foi criada com o objetivo de preservar as características ambientais e naturais das regiões dos canais e lagunas Mundaú e Manguaba, ordenando a ocupação e uso do solo, com as seguintes diretrizes:

I - Assegurar as condições naturais de reprodução da flora e da fauna nativas;
II - Impedir alterações nos recifes, desembocaduras das lagoas e perfis dos canais, que venham a prejudicar o equilíbrio ecológico do estuário;
III - Resguardar a população local e o meio ambiente dos efeitos negativos da industrialização e urbanização;
IV - Possibilitar o desenvolvimento harmônico das atividades pesqueiras, agrícolas e artesanais da população local;
V - Resguardar a vegetação natural e sua flora característica, importantes

Guapira pernambucensis.
Foto – Neno Canuto.

dos pontos de vista econômico, paisagístico e ecológico;

VI - Impedir a degradação do meio aquático, assegurando a manutenção de padrões de qualidade da água que permitam a renovação dos recursos pesqueiros, bem como a balneabilidade das praias;

VII - Assegurar padrões adequados de qualidade do ar.

Aspectos físicos

Segundo a classificação de Thornthwaite, o território da APA está sob a influência dos climas sub-úmido e úmido, com uma média pluviométrica variando entre 1.700 e 2.300 mm/ano, sendo o período chuvoso compreendido entre os meses de abril e julho. São registrados ainda entre 60 e 90 dias biologicamente secos.

Quanto aos recursos hídricos superficiais, destacam-se na APA o Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (Celmm), composto pelas lagunas Mundaú e Manguaba, interligadas por uma vasta rede de canais interlagunares, formado por ilhas, sendo a maior delas a Ilha de Santa Rita, com aproximadamente 12 km2, atingindo na faixa mais larga 3 km, localizada próxima à desembocadura das lagunas e limitada pelos canais de Dentro e de Fora. Com esses atributos, há de se destacar que, segundo informações da Secretaria de Estado do Turismo de Alagoas, ela é considerada a maior ilha lacustre do Brasil.

Segundo o Plano de Manejo e Gestão da APA, a área constitui um ecossistema onde se processa o escoamento das bacias hidrográficas dos rios Paraíba do Meio, Mundaú, Remédios, Silva e Sumaúma, cujo encontro das águas interioranas com as águas oceânicas se dá pelo estuário-lagunar na área conhecida como "Boca da Barra". Na dinâmica da amplitude das marés em fluxo e refluxo, produz os teores ideais de salinidade e o aporte de nutrientes que propiciam as condições de uma zona de alta produtividade de peixes, crustáceos e moluscos, destacando-se o sururu (*Mitella carruana*).

O Relevo da APA de Santa Rita é constituído pelos Tabuleiros Costeiros, que constituem as falésias fósseis, cobertas pela vegetação típica de mata atlântica nas áreas declivosas e pela Planície Costeira, formada pelos Sedimentos Quaternários de Praia e Aluvião, compondo as áreas de restinga, os alagadiços de mangue, terraços flúvio-lagunares, as praias e cordões arenosos.

Acesso

O acesso à APA se dá através das rodovias AL-101 Sul e BR-424.

Amescla (*Protium heptaphyllum*). Foto – Neno Canuto

Aspectos bióticos
Flora

A APA de Santa Rita reúne atributos singulares (rios, lagunas, ilhas, várzeas e estuários) que formam uma das paisagens mais encantadoras e conhecidas do litoral de Alagoas. Inclui-se no Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba, que se destaca pelo valor cultural, econômico e ecológico, de relevância imensurável para o Estado. A elevada produtividade biológica da região está diretamente ligada à cadeia alimentar da fauna, bem como às atividades pesqueiras, principal fonte de renda do Complexo. Estudos iniciados pelo PLEC 1979 revelaram as potencialidades da região enfocando sua produtividade, expressões culturais, flora, fauna e os aspectos físicos e químicos.

A Unidade está situada ao nível da planície litorânea, onde prevalecem os ambientes aquáticos, delimitando-se pelas encostas de tabuleiro que culminam nas chãs ocupadas pela cana de açúcar. Devido à proximidade com a capital, Maceió, e com a principal rodovia que conduz ao litoral sul de Alagoas (AL-101), observa-se uma intensa urbanização e uma forte pressão imobiliária. Em alguns trechos a vegetação foi substituída por coqueirais.

Ao longo da praia, formam-se calçadas de recifes resultantes das formações de arenitos e algas calcárias onde se desenvolvem diversas espécies de algas e pequenos animais.

A flora apresenta-se bastante diversificada, com a ocorrência dos manguezais ocupando as desembocaduras, margens de rios e lagunas, a mata atlântica ocupando as encostas de tabuleiros, e, no trecho arenoso, a vegetação conhecida como de restinga. A vegetação aquática dos rios e lagunas está composta por hidrófitos, incluindo as algas que crescem imersas na água; e nas margens, ocorrem associações alternadas de *Salvinia auriculata, Pistia stratiotes* e a baronesa ou aguapé, *Eichhornia crassipes*, muito conhecida na região como bioindicadora de poluição.

O manguezal é caracterizado pela ausência de estrato herbáceo e sua estrutura e características ecológicas são semelhantes em toda a costa brasileira. A distribuição das

Camarão (*Casearia sylvestris*). Foto – Neno Canuto.

Pau brasil (*Caesalpinia echinata*). Foto – Neno Canuto.

espécies do manguezal obedece ao grau de salinidade local, aparecendo o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) nas áreas menos salinas, tanto nas áreas degradadas quanto naquelas conservadas. Mangue-vermelho (*Rhyzophora mangle*), espécie mais característica, atinge na APA até 15 metros de altura. Esta se caracteriza por amplas raízes de escora que nascem em diversas alturas dos troncos e dirigem-se ao solo como verdadeiros arcos, que se ramificam em contato com o solo movediço. As sementes germinam ainda presas aos frutos, e ao caírem se instalam e crescem rapidamente. Sua ocorrência está limitada à baixa salinidade.

Avicennia germinans e A. schaueriana, conhecidas como mangue-preto, geralmente formam bosques que chamam a atenção pela exuberância, cujos indivíduos atingem até 20 metros de altura, principalmente na desembocadura do rio Mundaú. À medida que o solo se torna mais estável, a comunidade se enriquece com outras espécies como o avencão (*Conocarpus erectus*) e diversas Gramineae e Cyperaceae. Uma planta de grande valor alimentício e medicinal também aparece nesses ambientes: o rabo-de-bugio (*Dalbergia ecastaphyllum*), que produz um exsudado resinoso avermelhado, coletado pelas abelhas para a produção da própolis vermelha, detentora de propriedades biológicas que lhe conferem alto valor comercial.

Nos locais onde ocorrem depressões no terreno e o lençol freático é superficial, aparecem áreas alagadas, renovadas pelas águas das chuvas. Nesses locais, predominam espécies características, que ocorrem em grupamentos homogêneos, a exemplo do lírio-do-brejo (*Canna glauca*), com suas flores amarelas evidentes, e da taboa (*Typha domingensis*), com sua folhagem ereta e hastes cilíndricas culminadas por densas espigas acastanhadas. O Mulungu (*Erythrina velutina*) aparece em vários pontos na APA, pontilhando as margens dos cursos d'água com suas flores vermelho-alaranjadas, na época da floração.

Muitas frutíferas nativas e cultivadas são vistas na Unidade, como as mais comuns, mangueiras, frutas-pão, goiabeiras, cajueiros etc. Merece comentário o caso das mangabeiras (*Hancornia speciosa*), uma espécie nativa que se distribuía amplamente pelos trechos arenosos, na APA de Santa Rita, e atualmente enfrenta uma expressiva diminuição das populações, em função da especulação imobiliária nos terrenos onde ela vive. Trata-se de uma árvore elegante, que atinge até cinco metros de altura e produz a mangaba, seu fruto, de casca amarelada com manchas vermelhas, com ótimo sabor na maturação, mesmo sendo um pouco viscoso. Produz uma polpa branca, que pode ser utilizada *in natura* ou na fabricação de doce, sorvete, suco ou licor, todos com ampla aceitação de mercado. Diante da atual realidade da mangabeira, programas de recomposição dessa espécie poderiam garantir sua sobrevivência no ambiente natural e a possibilidade de seu uso sustentável.

Na encosta que circunda o CELMM, as árvores apresentam caules finos ou rebrotados e aparecem grandes clareiras, resultantes da exploração intensa que no passado afetou toda a área. Barbatimão (*Abarema cochliacarpos*), sucupira (*Bowdichia virgilioides*), ouricuri (*Syagrus coronata*), sambacuim (*Scheflera morototoni*), imbiriba (*Eschweilera ovata*) e catolé (*Attalea oleifera*) estão sempre presentes.

As restingas são formações geológicas que cobrem as areias holocênicas próximas ao oceano, sendo representadas na APA pela vegetação herbácea arbustiva e arbórea, conhecida como vegetação de restinga. Como representantes da vegetação arbórea, estão as matas do Saco da Pedra e do Campo Grande, que diferem entre si pela localização, estrutura e composição florística. A do Saco da Pedra situa-se próxima ao mar, onde as árvores são baixas (cerca de 5 metros) e as copas são modeladas pelos ventos. Mais para o interior, elas atingem até 15 metros e os troncos são mais espessos. Entre as espécies mais comuns estão a amescla (*Protium heptaphyllum*), que produz resina incolor, odorífera e de uso medicinal; várias espécies de ingás, com sementes que possuem polpa muito apreciada pela fauna local, além de murici (*Byrsonima sericea*), que mostra suas flores amarelas durante quase todo o ano. O estrato herbáceo apresenta área desnudas e/ou cobertas por vegetação. Estão aí: folha- de-urubu (*Anthurium affine*); *Oeceoclades maculata*, orquídea terrestre de folhas variegadas; e *Dichorisandra tejucensis*, erva delicada que cobre grande parte do solo. Entre as trepadeiras destacam-se o cruapé (*Serjania salzmanniana*) e o imbé (*Philodendron acutatum*), que são os mais comuns dentre as hemiepífitas.

Comparada à mata do Saco da Pedra, a mata do Campo Grande sofre mais ameaça de ações antrópicas. A flora possui grande quantidade de Myrtaceae (murtas) de flores brancas e perfumadas e outras espécies importantes como a massaranduba (*Manilkara salzmannii*) e pau d'arcos, de flores que variam entre rosa, roxo e amarelo. A mata de Campo Grande apresenta o maior número de lianas quando comparadas com a mata anterior: *Aechmea lingulata, Vanilla palmarum, Lundia cordata e Paullinia trigonia* estão sempre presentes.

A saracura-sanã (*Pardirallus nigricans*) é encontrada em áreas de alagadiços. Foto - Sérgio Leal

Fauna

Por se tratar de uma área extensa, que abrange diversos habitats, essa Unidade de Conservação concentra um grande número de espécies de animais vertebrados, que podem ser encontradas sobretudo associadas às vegetações de mangue e restinga. Porém algumas das espécies existentes nesse mosaico de habitats ocorrem também em ambientes abertos ou meio abertos, não apresentando grandes problemas em termos de conservação. Alguns mamíferos encontrados são o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), o mão-pelada ou guaxinim (*Procyon cancrivorus*), a capivara (*Hydrochoerus*

hydrochaeris), o ouriço-cacheiro ou quandú (*Coendou preensilis*), o preá (*Cavia aperea*) e o gambá-de-orelha-branca, saruê ou sariguê (*Didelphis albiventris*).

Duas espécies desses mamíferos possuem hábitos curiosos. O primeiro é o guaxinim, que costuma visitar o manguezal devido a sua predileção por se alimentar de caranguejos. O segundo é o quandú, que, na falta de ocos de árvores lenhosas em matas de restinga, pode fazer tocas em cupinzeiros, nas quais passa boa parte do dia dormindo.

Também podem ser observados, por quem passa na APA de Santa Rita, diversas espécies de aves, principalmente aquelas associadas ao manguezal, como por exemplo, o martim-pescador-grande (*Megaceryle torquata*), o arapapá (*Cochlearius cochlearius*), a garça-branca-grande (*Ardea alba*), a garça-branca-pequena (*Egretta thula*), o socozinho (*Butorides striata*), a saracura-do-mangue (*Aramides mangle*) e o gavião-caramujeiro (*Rosthramus sociabilis*). Outra espécie de ave que também é frequente, e endêmica da vegetação de restinga, é o sabiá-da-praia (*Mimus gilvus*). Essa espécie está ameaçada de extinção no estado do Rio de Janeiro, e muito provavelmente esse panorama pode se repetir em Alagoas, se com o passar do tempo o seu habitat for ocupado por empreendimentos.

Outros animais completam a fauna de vertebrados terrestres da APA de Santa Rita, a exemplo de répteis como o teiú (*Tupinambis merianae*), o lagarto-de-calda-azul (*Micrablepharus maximiliani*), a cobra-d'água (*Liophis miliaris*), a serpente-olho-de-gato-anelada (*Leptodeira annulata*), a coral-verdadeira (*Micrurus ibiboboca*) e a cobra-verde (*Philodryas olfersii*), além de diversas espécies de anfíbios anuros, como o sapo-cururu-pequeno (*Rhinella granulosa*), a perereca (*Scinax pachycrus*) e a rãzinha (*Leptodactylus natalensis*). Devido à sensibilidade da pele, os anfíbios anuros normalmente não são encontrados no interior de manguezais, por conta do risco de morte por desidratação.

Conclui-se que a APA de Santa Rita é muito importante do ponto de vista da conservação de algumas espécies de animais que habitam os ecossistemas costeiros, porém sua extensão dificulta a fiscalização sobre as ações antrópicas que afetam a fauna local.

Foto - Neno Canuto

Aspectos sociais

A Área de Proteção Ambiental de Santa Rita abriga um grande contingente populacional. Os três municípios que a compõem, Maceió, Marechal Deodoro e Coqueiro Seco, possuem quase um milhão de habitantes, sendo 932.748 na capital Maceió, 45.977 na histórica Marechal Deodoro, e apenas 5.526 no município de Coqueiro Seco, (IBGE, 2010). Dessa população, o contingente dentro dos limites da APA corresponde a 5 mil habitantes (Pereira Pinto, 2006).

Em Coqueiro Seco, o povoado Cadoz possui estimados 110 habitantes, residentes em 37 moradias, (IBGE, 2009). O local possibilita uma grande variedade de atividades de cunho socioambiental, considerando-se a utilização dos seus recursos para a geração de renda através dos recursos naturais, como é o caso do artesanato e da gastronomia. Já, muitos bares e restaurantes proporcionam ao visitante a contemplação de belas paisagens.

Em Maceió, a APA compreende o espelho d'água localizado no bairro do Pontal da Barra, com uma população de 2.478 habitantes, (IBGE, 2010). O referido bairro apresenta características acolhedoras, e seu artesanato, pesca e gastronomia são características predominantes. No local, segundo o SEBRAE/AL, encontra-se cerca de 1.100 artesãos, que vivem principalmente do filé, bordado tipicamente alagoano.

Em Marechal Deodoro, é na atividade turística que a população aproveita as belezas naturais e histórico-culturais: a praia do Francês, uma das mais visitadas do Brasil, dispõe, segundo o Plano de Manejo da APA, de 50 unidades, entre bares, restaurantes e pousadas; No povoado da Massagueira, há 30 estabelecimentos comerciais destinadas a gastronomia; isso, além das belezas encontradas no povoado Barra Nova.

Marechal Deodoro é um município com recursos oriundos de viversas formas: exploração, em seu território, de gás e petróleo; uma

Garça-branca-pequena (*Egretta thula*).
Foto - Sérgio Leal.

unidade da Braskem; uma usina de açúcar e álcool; hotéis que lhe dão o título de segunda rede hoteleira do estado.

O PIB municipal per capita para o ano de 2010 não passava dos R$ 14.000, e a pobreza assola quase a metade das famílias de Marechal Deodoro. Em relação ao perfil educacional do seu eleitorado para o ano de 2008, aproximadamente 10.000 eleitores, cerca de 35% do eleitorado, não apresentavam algum grau de instrução (MEC/INEP).

Ainda nos limites da APA, existem duas unidades de ensino superior: o câmpus Marechal Deodoro do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) e o câmpus descentralizado do CESMAC, localizado às margens da AL 101-Sul.

O Instituto do Meio Ambiente mantém uma base descentralizada, localizada na Ilha de Santa Rita, que serve como ponto de partida para importantes projetos de educação ambiental, como o Navegando com o Meio Ambiente, em que grupos organizados podem percorrer o CELMM e aprender mais sobre a região, a bordo de um catamará e a partir de uma aula com geógrafos, biólogos, engenheiros ambientais e outros técnicos. A base também serve para outras ações do Instituto e também como sede das reuniões do Conselho Gestor da APA de Santa Rita.

APA DO CATOLÉ E FERNÃO VELHO

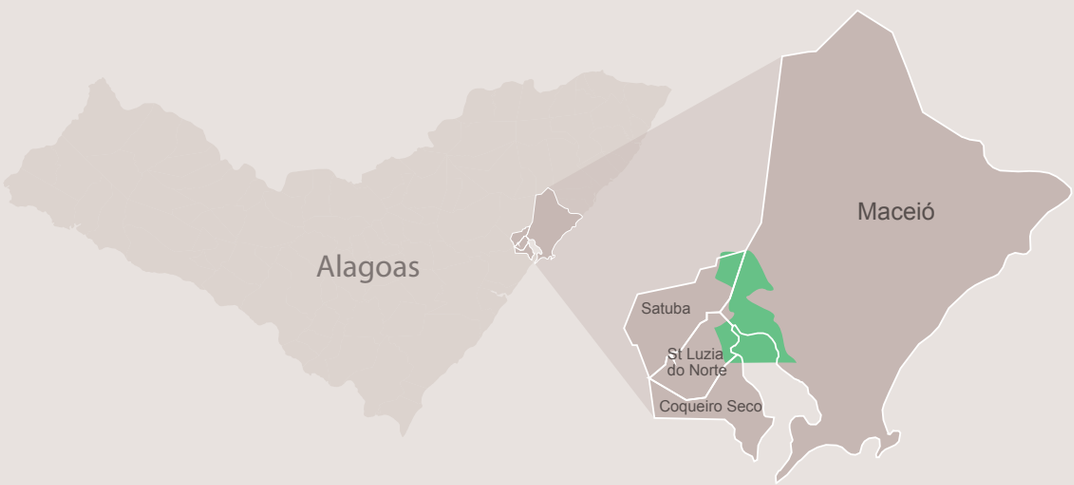


Foto - Neno Canuto ►

O beija-flor-de-costas-violetas (*Thalurania watertonii*) é uma das aves encontradas na APA. Foto - Sérgio Leal.

Aspectos gerais

A Área de Proteção Ambiental (APA) do Catolé e Fernão Velho é uma Unidade de Conservação de uso sustentável criada a partir da Lei Estadual nº 5.347 de 1992, com área total de 3.817 hectares1[1] (38,17 km²) localizados entre os municípios de Satuba, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco e Maceió. Ela tem como principal objetivo a preservação das características dos ambientes naturais e a ordenação do uso e ocupação do solo, com as seguintes orientações:

I. Assegurar as condições naturais de reprodução da flora e da fauna nativas;
II. Resguardar o manancial, que abastece em torno de 20% (vinte por cento) da Cidade de Maceió, Vila ABC e Fernão Velho;
III. Possibilitar o desenvolvimento harmônico de atividades de turismo

1 - A mensuração real da área da APA conflita com o registrado na sua lei de criação, que é de 5.415 ha.

Vista aérea do açude do catolé. Foto - Neno Canuto

ecológico e educação ambiental;

IV. Impedir a degradação da vegetação natural e de sua fauna característica, o que é importante do ponto de vista econômico, paisagístico ou ecológico;

V. Impedir a degradação do meio aquático, assegurando os padrões de potabilidade do manancial.

A APA do Catolé e Fernão Velho detém um rico remanescente de Mata Atlântica que circunda o não menos importante manancial da Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal), o Catolé/Cardoso.

O principal rio a atravessar a Unidade é o Mundaú, mas verificam-se outros cursos d'água com grande importância hídrica, como o rio Satuba e diversos riachos, como o Carrapatinho e o Matroê. Todos são perenes e nascem a montante de alguma confluência ou nos sopés das encostas dos tabuleiros, não ultrapassando os 20 metros de altitude. Juntos, possuem uma extensão média de três quilômetros.

Acesso

Situada entre as coordenadas geográficas 09°31'39" e 09º37'16" de latitude sul, e 35º45'32" e 35º49'19" de longitude oeste, o principal acesso é pela rodovia federal BR-316, a partir da rotatória da Polícia Rodoviária Federal em Maceió.

Aspectos físicos

É sobre as cotas altimétricas, com variação de zero metro, na laguna Mundaú, a 120 metros, no topo dos tabuleiros, que o relevo é considerado predominantemente de terras baixas com altitudes médias inferiores a 40 metros. Todavia, ocorrem, nas encostas, altitudes que variam entre 40 e 80 metros.

Na geomorfologia da APA, destaca-se a Várzea Fluvial, formada por sedimentos quaternários de praia e aluvião, resultante de acumulação fluvial, e está sujeita a inundações periódicas por ser um terreno baixo e ligeiramente plano ao longo das margens dos rios; as encostas de Estuário Lagunar são constituídas por sedimentos terciários areno-argilosos da Formação Barreiras, apresentando vertentes em vales fluviais; e, o Topo de Interflúvios Tabuliformes Aplanados, que também são conhecidos como tabuleiros por possuírem uma superfície plana, com declividades que não ultrapassam 2% e constituído por depósitos argilo-arenosos da litologia terciária pertencente à Formação Barreiras. Outros tipos de relevo presentes na APA são os Terraços Fluviais, Flúviolagunares e Colúvio-aluvionares, assim como as Rampas de Colúvio e as Colinas Tabuliformes Estruturais e Tabuliformes Residuais Aplanadas.

Os solos mais representativos - segundo os mapeamentos e estudos de Jacomine et al. (1975), Wake e Souza (1983), Brasil/Embrapa (2000) - têm sua ocorrência relacionada às feições geomorfológicas que integram a Planície Litorânea e os Tabuleiros Costeiros. Na primeira, ocorrem as Areias Quartzosas e os solos Hidromórficos associados localmente a solos Halomórficos, que ocorrem no fundo do vale nas margens do rio Mundaú e dos riachos Matroê e Carrapatinho. No segundo, ocorrem os Latossolos que dominam os interflúvios tabuliformes aplanados e os Argissolos presentes nas encostas de estuário estrutural e vales fluviais.

Com um clima que varia de Úmido a Subúmido, verifica-se uma irregularidade da distribuição anual das precipitações, com variação entre 1.500 mm e 2.000 mm. Desse total, cerca de 60% ocorrem entre os meses de abril a junho, enquanto os meses mais secos vão de outubro a dezembro. Apesar disso, existe uniformidade térmica durante todo o ano, no qual as temperaturas médias mensais variam entre 23 °C a 25 °C e o índice de umidade varia de 20% a 60%, com um excedente hídrico variando de 3

Miconia Stenostachya. ►
Foto – Neno Canuto

Lagartinho-do-folhiço (*Coleodactylus meridionalis*). Foto - Sérgio Leal.

a 6 meses, e a deficiência de 4 a 5 meses.

Aspectos bióticos
Flora

A APA possui relevante importância ambiental e social por ser detentora de um rico manancial hídrico, com destaque para os rios Rio Mundaú e Satuba. A fisionomia predominante é de floresta Ombrófila, que se instala nos trechos de várzea, nas encostas e na chã de tabuleiro. Neste último ambiente, entremeados com a mata, observa-se ainda um pequeno trecho de vegetação de Cerrado que tem sofrido intensa pressão antrópica do entorno, ocasionada pela implantação de conjuntos habitacionais sem o devido planejamento ambiental.

Além do Manguezal formado entre o delta da foz do rio Mundaú com a laguna que recebe o mesmo nome e que possui ⅓ de sua área (cerca de 8,4 km²) inserido na APA.

Nos trechos florestados, a composição de espécies arbóreas é diferenciada nas áreas mais afastadas dos trechos inundáveis. Nos vales, resultantes das linhas de drenagem naturais, o solo permanece inundado a maior parte do ano, sendo comuns indivíduos de ingás (*Inga edulis*), jaqueiras-do-brejo (*Richeria grandis*), jitós (*Guarea guidonia*), bulandis (*Symphonia globulifera*) e *Calophyllum brasiliensis*.

Nas encostas de tabuleiro, verifica-se a maior riqueza de espécies arbóreas, com alturas que ultrapassam os 15 metros. Estão presentes: cupiúba (*Tapirira guianensis*), visgueiro (*Parkia pendula*), murici (*Byrsonima sericea*), pororoca (*Clusia nemorosa*), praíba (*Simarouba amara*), fruta-de-pombo (*Allophylus edulis*) e coração-de-negro (*Chamaecrista ensiformis*), entre outras (Rodrigues 2002).

Destaca-se na paisagem da unidade a palmeira catolé (*Attalea oleifera*), pelo seu porte majestoso e por emprestar seu nome à localidade. É uma planta importante na fisionomia de todo o litoral norte de Alagoas, seja nas bordas ou no interior dos remanescentes. Essa palmeira se eleva até os 25 metros de altura e produz grande quanti-

dade de coquinhos que servem de alimento para cutias, pacas e outros roedores. Trepadeiras e cipós são significativas nas bordas das matas, principalmente aquelas pertencentes às famílias Sapindaceae, Malpighiaceae, Bignoniaceae e Dilleniaceae.

O trecho ocupado pela vegetação de Cerrado tem fisionomia bastante peculiar com a presença de plantas baixas com caules retorcidos e cascas grossas, a exemplo da lixeira (*Curatella americana*), do murici-de-tabuleiro (*Byrsonima verbascifolia*), do cajueiro (*Anacardium occidentale*) e da mangabeira (*Hancornia speciosa*). Além dessas, orquídeas terrestres e várias outras herbáceas vivem em abundância à sombra das árvores.

Fauna

A fauna de animais vertebrados é altamente diversa, em grande parte, devido à heterogeneidade de habitats e à extensão da área florestal remanescente. Os mamíferos comumente encontrados são o bicho-preguiça-comum (*Bradypus variegatus*), o esquilo (*Guerlinguetus alphonsei*), o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), a cutia (*Dasyprocta aguti*) e o tatú-verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*).

Entre as aves, as espécies mais comuns são o gavião-de-cauda-curta (*Buteo brachyurus*), o tangará-falso (*Chiroxiphia pareola*), a ariramba-de-cauda-ruiva (*Galbula ruficauda*), o beija-flor-de-costas-violetas (*Thalurania watertonii*) e o pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*). Além destas duas últimas, outras cinco espécies de aves ameaçadas de extinção podem ser encontradas.

Alguns exemplos de répteis que podem ser observados são o jacaré-anão (*Paleosuchus palpebrosus*), o teiú (*Tupinambis merianae*) e o lagartinho-do-foliço (*Coleodactylus meridionalis*). Já ao anoitecer, diversas espécies de anfíbios anuros, como a pererequinha-amarela-de-bromélia (*Phyllodytes edelmoi*) e a perereca-de-folhagem (*Phyllomedusa nordestina*), podem ser escutadas vocalizando em vários lugares, como em bromélias, em poças e nas margens do açude do Catolé.

O esquilo, também conhecido como serelepe, caticoco ou caxinguelê, tem hábito diurno e por isso pode ser facilmente observado, geralmente solitário, deslocando-se com extrema agilidade em todos os estratos florestais da APA do Catolé, em busca de frutas, coquinhos e sementes. O beija-flor-de-costas-violetas, apesar de ser uma ave florestal e estar ameaçada de extinção, pode ser encontrado também explorando flores e inflorescências no enclave de Cerrado e em árvores frutíferas na borda da Mata. O macho apresenta bico curto, e tem plumagem mais brilhante e iridescente que a da fêmea, que possui plumagem menos vistosa e bico maior.

O jacaré-anão, também conhecido como jacaré-paguá ou jacaré-coroa, é a menor espécie de sua família, atingindo até 1,5 m. No açude do Ca-

tolé, essa espécie pode ser vista em meio à vegetação paludícola, tomando banho de sol durante o dia, ou em áreas encharcadas nas proximidades. A pererequinha-amarela-de-bromélia, cujo nome científico é uma homenagem ao biólogo Edelmo de Melo Gonçalves, por ter sido ele o primeiro pesquisador a encontrar essa espécie, talvez seja a espécie que melhor simboliza essa Unidade de Conservação, tendo a Mata do Catolé como sua localidade tipo, ou seja, local onde foi recolhido o exemplar para a descrição da espécie, que até então era desconhecida pela ciência. Mesmo com os constantes acessos da população do entorno à APA do Catolé e Fernão Velho, perturbando a fauna das mais diversas formas, um grande número de espécies de animais vertebrados ameaçados de extinção, na sua maioria aves, pode ser encontrado.

Aspectos sociais

Há uma significativa pressão antrópica causada pelo adensamento populacional dos quatro municípios que integram a APA. Em Maceió, os bairros Santos Dumont, Cidade Universitária, Clima Bom, Rio Novo, Fernão Velho, Bebedouro e Santa Amélia se encontram totalmente inseridos na Unidade de Conservação, provocando pressão constante.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a pesquisa dos dados populacionais de 2010 aponta que há aproximadamente 182.000 habitantes concentrados nesses bairros, número maior do que a soma dos habitantes dos municípios de Santa Luzia do Norte e Satuba.

Para Azevedo e Tavares (2006), nas categorias antrópicas correspondentes ao uso do solo na APA do Catolé e Fernão Velho, define-se que cerca de 50% da área é compreendida por sítio urbano. Entretanto, considerando os recursos naturais disponíveis, é possível estabelecer uma relação de sustento através do extrativismo pela população residente no entorno.

Na localidade conhecida como Goiabeira, situada no bairro de Fernão Velho, essa relação tem produzido grandes incentivos para a economia local. Trata-se da extração do mel de própolis, que é cultivado em áreas de manguezais. A produção tem conquistado visibilidadecom mel de boa qualidade e utilização até mesmo na produção de linhas de cosméticos. Isso garantiu incentivos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Alagoas (SEBRAE/AL) para nortear o desenvolvimento da atividade, com capacitação dos trabalhadores e motivação da educação ambiental na região.

Em relação à infraestrutura urbana, há escolas, hospitais, comércio e serviços disponíveis nos municípios.

A riqueza dos recursos naturais existentes nos limites da APA garante a sobrevivência e a geração de renda às comunidades fixadas no entorno. Localizado às margens da Laguna Mundaú, nos bairros de Fernão Velho

Uma espécie comumente encontrada é o bicho-preguiça (*Bradypus variegatus*). Foto -Sérgio Leal.

e Rio Novo, observa-se um ambiente de relevante beleza natural que proporciona aos moradores da região, a possibilidade de sustento devido à pesca desenvolvida no local. O sururu se apresenta como o principal produto retirado pelos moradores e comercializado por todo o entorno.

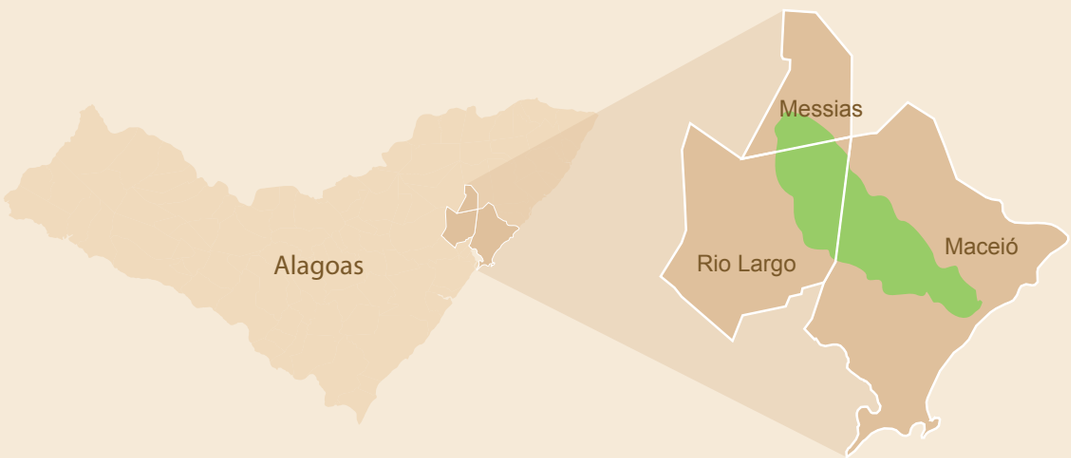
Entre os principais problemas ambientais da Unidade em relação aos aspectos antrópicos, háo lançamento de águas servidas a céu aberto, disposição inadequada de resíduos, desmatamento em área de relevante potencial natural.

Para ordenamento da aréa, a lei de criação da APA restringe as seguintes atividades sociais:

- O corte, a queima ou qualquer outra forma de degradação situada dentro dos limites da APA;
- Toda e qualquer forma de despejo de resíduos sólidos, líquidos ou gasosos, se poluentes tais efluentes, inclusive aqueles gerados da limpeza domiciliar;
- Toda e qualquer forma de captura ou caça de animais.

O Batalhão de Polícia Ambiental (BPA) possui sede dentro da APA do Catolé e Fernão Velho. Devido à pressão urbana e à necessidade de intensificação da fiscalização, o Batalhão, o IMA e a Casal assinaram, em maio de 2014, um Acordo de Cooperação Técnica para ampliar o trabalho de fiscalização, principalmente na mata que abriga o açude do Catolé. O local é público, sob a posse e cuidados da Companhia, e sofria com o avanço de problemas como desmatamento, ocupação irregular, depósito de resíduos e diversos impactos causados pela pressão urbana. A mata do Catolé possui 620 hectares, localizados entre Maceió e Satuba, com importantes características ambientais.

APA DO PRATAGY



A foz do Pratagy está localizada no bairro de Riacho Doce, em Maceió. Foto - Neno Canuto. ▶

Há proporções consideráveis de Mata Atlântica, classificada como Floresta Ombrófila na APA do Pratagy. Foto - Neno Canuto.

Aspectos gerais

A Área de Proteção Ambiental (APA) do Pratagy foi criada pelo Decreto Estadual nº. 37.589 de 05 de junho de 1998. Abrange terras dos municípios de Messias, Rio Largo e Maceió. Ocupa uma área de 21.417,51 hectares ou 214,17 km², correspondendo à bacia hidrográfica do rio Pratagy, acrescida de uma faixa de 1 km no seu entorno, delimitada pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA) em parceria com a GTZ (Agência Alemã de Cooperação Técnica), a qual resultou em uma publicação, no ano de 1993, chamada de Diagnóstico Físico Conservacionista.

O principal objetivo da criação é a harmonização das atividades com o equilíbrio ambiental dos ecossistemas da bacia hidrográfica do rio Pratagy, visando garantir a oferta de água em quantidade e qualidade para o abastecimento humano.

O rio que dá nome à unidade de conservação possui nascente na zona rural do município de Messias e foz no bairro de Riacho Doce, em Maceió, percorrendo a distância aproximada de 32 km e tendo como principal afluente o rio Messias, mais conhecido como Rio do Meio.

Aspectos físicos

Os tipos de solo que predominam na APA são os Latossolos Amarelos, que ocorrem no Topo do Tabuleiro, sob influência da geologia da Formação Barreiras, e os Gleissolos, que ocorrem no Fundo dos Vales, sob influência da geologia dos Depósitos Fluviais. Verificam-se ainda a presença dos Depósitos Quaternários de Sedimentos de Praia e Aluvião na foz do rio Pratagy e toda extensão litorânea da APA, além do Complexo Nicolau/Campo Grande, correspondendo às rochas metamórficas, nas imediações da cidade de Messias, extremo norte da Unidade.

A APA do Pratagy encontra-se sob o domínio de climas considerados típicos do bioma Mata Atlântica, os climas Úmido e Subúmido-Úmido, segundo a classificação de Thornthwaite. A eles está associado um regime pluviométrico que varia de 1.500 a 2.100 mm anuais.

A Bacia Hidrográfica do rio Pratagy é um importante manancial para o abastecimento de Maceió. Foto - Neno Canuto

Aspectos bióticos
Flora

Criada para promover o equilíbrio ecológico na região do manancial formado pelos afluentes da Bacia do Rio Pratagy, a Unidade de Conservação concentra basicamente sua representação florestal nos vales de tabuleiro, escavados pela ação das águas dos rios, ao longo do tempo. Proporções consideráveis de Mata Atlântica, classificada como Floresta Ombrófila, podem ser vistas em pleno desenvolvimento nas encostas íngremes e fundas dos vales, apesar do impacto da cana-de-açúcar que se instalou nas chãs do entorno e do uso indevido dos recursos aquíferos pela comunidade da APA.

Nesse contexto, a permanência da vegetação é um dos aspectos relevantes que propiciam as condições de infiltração e recarga natural dos aquíferos e da vazão dos rios e córregos da Bacia. Em alguns pontos, ainda resistem pequenos trechos de mata nas bordas do tabuleiro, contíguo aos vales, e próximo à foz do rio Pratagy persiste um pequeno trecho de manguezal, entremeado por coqueirais.

De uma forma geral, a vegetação Ombrófila não se apresenta uniforme em toda a APA, sendo sua fisionomia marcadamente diferenciada, de acordo com as condições de solo e topografia do terreno. A distribuição das espécies ocorrentes na APA do Pratagy modifica-se claramente à medida que se aproxima do fundo dos vales, onde a dinâmica de inundação (época seca, época chuvosa) é um dos fatores que regem a diversidade vegetal.

Indivíduos de jitó (*Guarea guidonia*), bulandi (*Symphonia globulifera*) e jaqueira-do-brejo (*Richeria grandis*), estão entre os mais conspícuos que acompanham os cursos d'água, no fundo dos vales, sendo estes também os que apresentam os maiores diâmetros de caule na Unidade. Nos trechos mais conservados, é possível observar os três estratos predominantes: herbáceo, arbustivo e arbóreo, com árvores que variam entre 7 e 15 metros de altura. Nas encostas, observa-se uma grande quantidade de indivíduos jovens que sugerem uma capacidade de regeneração da floresta, com árvores de pequeno diâmetro (cerca de 40 cm de diâ-

metro) e, em sua maioria, rebrotos de árvores seletivamente cortadas.

Dentre as espécies emergentes que ultrapassam 20 metros de altura, estão o murici (*Byrsonima sericea*), o sambacuim (*Scheflera morototoni*), o caboatã-de-rego (*Cupania impressinervia*), o caboatã-de-leite (*Thyrsodium spruceanum*), o cocão (*Pogonophora schomburgkiana*), a cupiúba (*Tapirira guianensis*) e a sucupira (*Bowdichia virgilioides*). Indivíduos adultos de embaúba (*Cecropia spp.*) estão em todos os pontos, indicando a antropização e a possibilidade de regeneração natural pela condição e sombreamento que proporcionam. Várias plantas ornamentam o ambiente sombreado com suas flores amarelas, alaranjadas e vermelhas que cobrem parte do solo, principalmente pertencentes às famílias Maranthaceae e Zingiberaceae. Não são comuns plantas epífitas, nem cipós na região.

Representantes das Arecaceae (família das palmeiras) se destacam na paisagem, no trecho florestal, pelo seu porte e folhagens características, ocupando um lugar de destaque pela grande quantidade de indivíduos observados em todos os ambientes. Aparecem titara (*Desmoncus orthacanthos*), maraial (*Bactris acanthocarpa*), coquinho (*Bactris pickelii e B. ferruginea*), catolé (*Attalea oleifera*) e jussara (*Euterpe edulis*), esta última observada apenas no fundo dos vales, nos trechos mais conservados.

Na desembocadura do Rio Pratagy, no manguezal que encontra a praia da Sereia, o mangue branco (*Laguncularia racemosa*) aparece como a única espécie típica do manguezal que ocupa esses ambientes.

Cobra coral (*Micrurus ibiboboca*).
Foto - Lahert Araújo.

Fauna

A APA possui uma área relativamente extensa, e por isso bastante heterogênea em termos de habitats, com predomínio de espécies da fauna associadas a grandes áreas remanescentes de Mata Atlântica, na região de tabuleiro, e aos ecossistemas estuarinos, nas proximidades da foz do Rio Pratagy. Infelizmente, por ser uma Unidade de Conservação muito próxima de áreas urbanas, a pressão sobre a fauna, principalmente sobre determinadas espécies de mamíferos, é uma realidade até os dias atuais.

Para essa região, entre os mamíferos mais conhecidos estão a paca (*Cuniculus paca*), a cutia (*Dasyprocta aguti*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o porco-do-mato ou cateto (*Tayassu tajacu*), o tatu-galinha ou tatu-verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*) e o quati (*Nasua nasua*), além de diversas espécies de morcegos e minúsculos roedores.

Na região da foz do rio Pratagy, é encontrado também o peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*), mamífero ameaçado de extinção e protegido por lei, que costuma se alimentar-se de algas, aguapés e capins, e viver tanto em água doce como em água salgada, nas proximidades de áreas costeiras e estuarinas, quentes e rasas.

Já a avifauna dessa região, constitui naturalmente o grupo mais biodiverso entre os animais vertebrados, com algumas dezenas de espécies, entre pássaros, pombas,

O quati (*Nasua nasua*) é um dos mamíferos encontrados na região. Foto - Neno Canuto.

gaviões, corujas, beija-flores, tucanos, araras, bacuraus, corujas, garças, socós e patos. Nessa Unidade de Conservação, podem ser encontradas diversas espécies de aves tipicamente florestais, como o tangará-falso (*Chiroxiphia pareola*) e o papa-taoca (*Pyriglena leuconota*), esta última ameaçada de extinção; de área aberta, como a polícia-inglesa-do-sul (*Sturnella superciliaris*) e o gaviãozinho-quiriquiri (*Falco sparverius*); além de espécies de ambientes estuarinos, como a saracura-do-mangue (*Aramides mangle*) e o martim-pescador-grande (*Megaceryle torquata*).

Entre os répteis, o teiú (*Tupinambis merianae*) é um dos lagartos mais comuns nessa região, podendo ser observado deslocando-se na borda dos fragmentos florestais. Vale ressaltar que recentemente foi descoberta e descrita, para um remanescente de Mata Atlântica (Serra da Saudinha) que fica imediatamente no entorno dessa Unidade de Conservação, uma espécie de lagartinho que vive em bromélias, conhecido cientificamente como *Coleodactylus elizae*, o que demonstra o potencial da biodiversidade da região.

Além de lagartos, também podem ser encontrados a cobra-cega (*Amphisbaena alba*), diversas espécies de serpentes, como a cobra-coral-verdadeira (*Micrurus ibiboboca*), e de anfíbios anuros (sapos, rãns e pererecas), como a rã-martelo ou rã-ferreiro (*Hypsiboas faber*). Porém, a mesma vastidão que proporciona encontrar esse alto número de espécies da fauna de vertebrados, também é a mesma que dificulta a sua fiscalização, o que pode ocasionar consequentes implicações diretas sobre a conservação da biodiversidade.

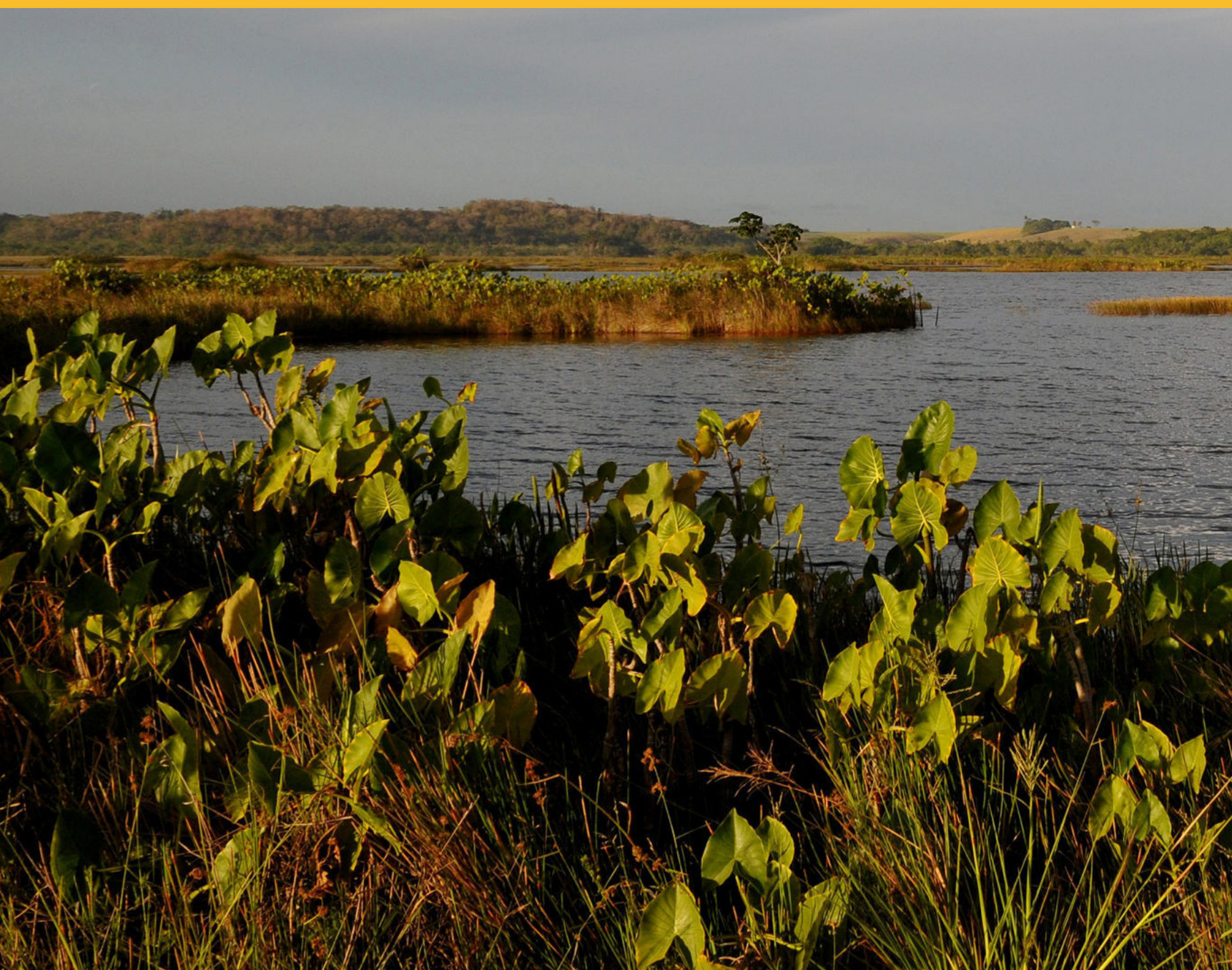
Papa-taoca fêmea
(*Pyriglena leuconota*).
Foto - Sérgio Leal.

Papa-taoca macho
(*Pyriglena leuconota*).
Foto – Sérgio Leal.

Gaviãozinho-quiriquiri
(*Falco sparverius*).
Foto - Sérgio Leal.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO ESTADUAIS

APA DA MARITUBA DO PEIXE



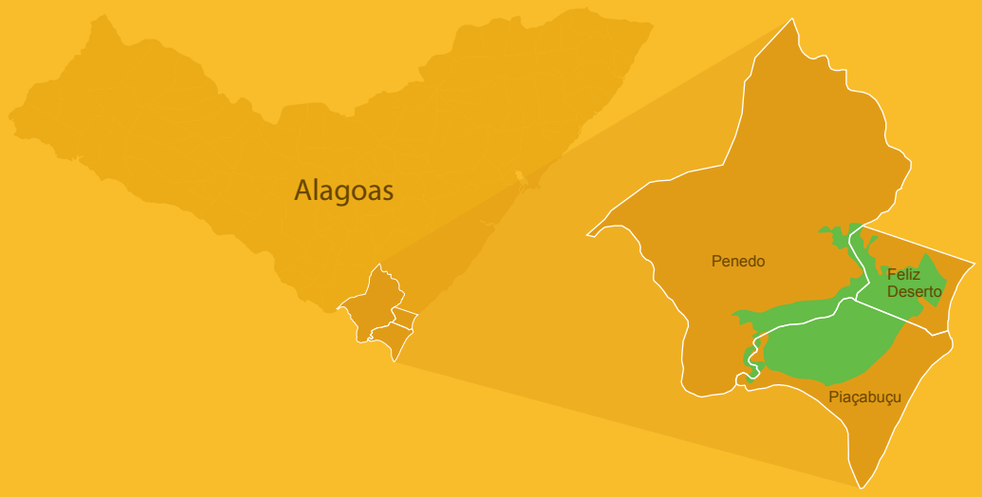


Foto – Neno Canuto.

Aspectos gerais

A Área de Proteção Ambiental (APA) da Marituba do Peixe foi criada pelo Decreto Estadual nº. 32.858/1988. O seu principal objetivo é o de preservar as características ambientais e naturais, visando garantir a produtividade pesqueira e a diversidade da fauna e da flora, assim como assegurar o equilíbrio ambiental e socioeconômico da região. Possui uma área de 18.600 hectares ou 186 km² e abrange parte dos municípios de Feliz Deserto, Piaçabuçu e Penedo.

Situa-se entre as coordenadas geográficas 10°24'30" e 10°14'27" de latitude sul, e 36°31'16" e 36°17'16" de longitude oeste.

Possui Plano de Manejo desde 2006 e um Conselho Gestor atuante, tendo, como um dos marcos da sua influência, ações diretas como a retirada da cana-de-açúcar do interior da APA e a aplicação de programas específicos ligados à educação ambiental e implantação de módulos sanitários nos povoados próximos à várzea do Marituba.

A APA guarda importante biodiversidade e belas paisagens. Foto - Neno Canuto ►

Aspectos físicos

O clima é classificado como Subúmido e Úmido, com registro de chuvas no período de abril a julho e com período seco, de agosto a março (Marques, 1995), e está enquadrado na faixa bioclimática de 90 a 150 dias biologicamente secos durante o ano (Assis, 2000). A distribuição média mensal das chuvas apresenta um período de maior incidência entre os meses de março e agosto, e outro menos chuvoso que se estende de setembro a março. Os valores pluviométricos médios mensais variam de cerca de 33 mm em dezembro a 206 mm em maio, com um total anual médio de 1.200 mm.

De grande riqueza hídrica, a APA abriga o "Pantanal Alagoano", formado pelas águas do rio Marituba, que nasce no município de Penedo e que, por sua vez, recebe contribuição do rio Piauí, que nasce em Arapiraca, a cerca de 80 km, e acaba por desaguar numa planície de inundação, com um lençol freático raso e também consorciado às chuvas, formando assim a Várzea da Marituba.

No período das cheias dos rios, a área inundada torna os hábitats aquáticos predominantes; durante a vazante, a área alagável transforma-se em um verdadeiro mosaico, com habitats terrestres e aquáticos.

A litologia da APA é formada pelos sedimentos terciários da Formação Barreiras e pelos sedimentos quaternários inconsolidados dos depósitos litorâneos, fluviolagunares e de pântanos e mangues, geologicamente referentes ao Membro Marituba da Formação Piaçabuçu (Schaller, 1969), que remonta ao terciário inferior.

Os cordões arenosos são carcaterísticos na região. Foto - Neno Canuto. ►

Os depósitos litorâneos são representados pelos Terraços Marinhos for-

A águia-pescadora (*Pandion haliaetus*) é uma espécie migratória e piscivora. Foto - Sérgio Leal.

mados por sedimentos arenosos relacionados à última transgressão marinha, há aproximadamente 5.100 anos, quando o nível do mar elevou-se a cerca de 5 metros do atual. Compreendem 54% do total da poligonal da APA e localizam-se na porção leste, onde ocorrem as áreas de restinga, entre a várzea do Marituba e a rodovia AL-101 Sul.

Os depósitos flúvio-lagunares são formados por sedimentos quaternários, argilosos, ricos em matéria orgânica, sendo correlacionados com as fases tardias da última transgressão marinha. Estão localizados na região deltáica da Várzea do Marituba, compreendendo cerca de 1% da área da APA. Em função da baixa energia, são constituídos essencialmente por sedimentos argilosos e matéria orgânica. Ocupam cerca de 25% da área da APA.

Geomorfologicamente, está inserida no contexto da Baixada Litorânea e das Planícies Aluviais e Várzeas. A Baixada Litorânea envolve as áreas de restinga e as formas tabulares relacionadas ao Grupo Barreiras, e as Planícies de Várzea relacionam-se à própria várzea do Marituba.

Quanto aos solos, destacam-se os Latossolos, no topo do tabuleiro; os Argissolos, nas encostas do tabuleiro; os Neossolos, nos terraços marinhos e sopés das encostas; e os Gleissolos, acomodados no fundo da várzea.

Aspectos bióticos

Flora

Situada no extremo sul do litoral de Alagoas, protege o trecho conhecido como "Pantanal Alagoano", sendo comparado com o verdadeiro Pantanal mato-grossense do Centro-Oeste do Brasil, apesar das pequenas proporções. A intercepção parcial do canal de drenagem formado pelos rios da região represa as águas, formando um trecho alagadiço de grande beleza visual que se configura como o mais interessante atributo da Unidade, principalmente quando observado em vista aérea.

A região inclui várzea paludosa e alagadiça, devido à ocorrência de enchentes anuais; extensas áreas

de cordões arenosos e demais ambientes naturais cortadas por lagoas que se interligam por canais, terraços arenosos e linhas estreitas de borda de tabuleiro. A região assegura alta produtividade pesqueira e elevada riqueza da flora e fauna pela diversidade de ambientes presentes.

Longos trechos de cordões arenosos mostram uma vegetação pungente de restinga com grande riqueza de espécies, e que na época das chuvas mostram seu lençol freático superficial, onde se tornam visíveis as macrófitas aquáticas que cobrem toda a sua extensão. A flora aquática é bastante significativa tanto nos locais de água estagnada, onde ninfeias, nymphoides, baronesas, gramíneas e ciperáceas mostram sua predominância, como no corpo de água onde está, entre outras, a taboa (*Typha dominguensis*), ocupando os locais mais assoreados.

As Mytaceae (família da pitanga), representadas na APA por oito espécies (informação obtida do banco de dados do Herbário MAC), são muito comuns na região, com destaque para o cambuí (*Myrciaria floribunda*). O nome da planta tem origem do tupi-guarani e significa árvore de ramos ou galhos finos. Seus frutos, quando maduros, são vermelhos e adocicados, podendo ser consumidos in natura, embora seu teor levemente ácido o torne mais apropriado após seu processamento em geleia ou suco ou curtimento em cachaça. Outras plantas úteis da unidade merecem destaque, como a aroeira (*Schinus terebinthifolia*), produtora da pimenta-rosa, que aparece como mais uma fonte de renda aos moradores, visando minimizar a pobreza na região (ONG Eco engenho), e o cajueiro (*Anacardium occidentale*), que produz grande quantidade de seu fruto, o caju, rico em vitaminas, e do qual são feitos os mais deliciosos sucos e doces da região.

Aninga (*Montrichardia linifera*).
Foto - Neno Canuto.

Fauna

A heterogeneidade de habitats proporciona que seja um ambiente naturalmente biodiverso, ou seja, rico em espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes. Nesse ambiente, há a oportunidade de encontrar diversas espécies normalmente associadas a corpos d'água. Porém, devido ao complicado acesso às áreas alagadas e

a perturbações antrópicas, as espécies estão cada vez mais difíceis de serem vistas. Mas, mesmo em um ambiente natural menos perturbado e com mais facilidade de deslocamento, nem todas as espécies são facilmente visualizadas, devido a suas particularidades de hábito e comportamento.

É preciso investir muita paciência e persistência, ao longo de algumas horas ou dias pela Várzea, para que, aos poucos, a sua fauna típica possa ser avistada. Segundo pesquisadores, a mastofauna da APA da Marituba do Peixe é composta por espécies como o macaco-prego (*Sapajus apella*), o guaxinim ou mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), o quati (*Nasua nasua*), a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) e a lontra (*Lutra longicaudis*), esta última ameaçada de extinção.

A capivara possui como localidade-tipo a várzea da Marituba do Peixe, e atualmente sua população ainda está localmente estabilizada, não oferecendo preocupação em termos de conservação. No entanto, a situação mais preocupante é a da lontra, que compete com os pescadores na busca de peixes, chegando a rasgar as redes de pesca e sendo por isso freqüentemente morta.

O grupo das aves é naturalmente o mais biodiverso, sendo listadas 165 espécies para essa região. Algumas são quase que um símbolo, como o gavião-caramujeiro (*Rosthramus sociabilis*), espécie paludícola, que se alimenta de caramujos e é frequentemente avistada. Além de diversas espécies de garças, frangos d'água e socós, também merecem destaque os registros da águia-pescadora (*Pandion haliaetus*), do falcão peregrino (*Falco peregrinus*), do sabiá-da-praia (*Mimus gilvus*), da marreca-irerê (*Dendrocygna viduata*) e do zabelê (*Crypturellus noctivagus*), sendo esta última espécie, ameaçada de extinção.

Existem diversas espécies de répteis na APA da Marituba do Peixe, porém as mais abundantes são o calanguinho (*Cnemidophorus ocellifer*) e a catenga (*Tropidurus hispidus*), merecendo destaque a presença simultânea das duas espécies de jacarés que ocorrem em Alagoas, o jacaré-anão (*Paleosuchus palpebrosus*) e o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), este último ameaçado de extinção. No caso dos anfíbios anuros, as espécies mais comuns de serem encontradas são as rãs *Leptodactylus podicipinus e Ischnocnema cf. ramagii*, e as pererecas S*cinax aff. nebulosus* e *Dendropsophus nanus*. Por fim, completam a rica fauna da Várzea, algumas dezenas de espécies de peixes, como o CD (*Metynnis mola*), o caboge ou cascudo (*Callichthys callichthys*) e o cará-comum (*Cichlasoma sanctifranciscense*).

Frango-dágua-azul (*Porphyrio martinicus*). Foto - Sérgio Leal. ►

São listadas 165 espécies de aves que já foram avistadas na região, a Marreca Irerê (*Dendrocygna viduata*) é uma delas.
Foto - Sérgio Leal.

Capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*).
Foto – Sérgio Leal.

Aspectos sociais

O município de Penedo se apresenta como o mais importante da região, possuindo cerca de 45% do seu território dentro dos limites da APA, sendo que a zona urbana está situada fora do polígono que limita a UC.

Segundo o Plano de Manejo da APA, existem 12 povoados localizados na área de influência da Unidade. Portanto, não são todos os povoados que se situam dentro da poligonal da APA, mas, por estarem em áreas do entorno, estabelecem uma relação direta com os recursos advindos da região. Em Penedo, esses povoados são: Capela, Marcação, Murici, Marituba do Peixe, Marituba de Cima, Riacho do Pedro e Ponta da Várzea. No município de Piaçabuçu: Retiro, Mandim, Penedinho e Marituba da Fábrica. Em Feliz Deserto: povoado Pontes.

Esses aglomerados se localizam continuamente e margeiam o rio Marituba, sendo ele fonte de grande variedade de possibilidades de sustento para as famílias do local. O povoado Marituba do Peixe, localizado na zona rural de Penedo, é o mais populoso. Ele abriga cerca de 1.500 moradores e dispõe de escolas, posto de saúde e estabelecimentos comerciais.

Ao percorrer a área, é possível verificar a estreita ligação da população com a Unidade de Conservação. Considerando a riqueza hídrica do local, é comum os moradores utilizarem as paisagens para contemplação, lazer e extrativismo. A pesca representa a atividade mais expressiva.

Os banhos no rio Marituba e a visualização do pôr-do-sol, nas proximidades das áreas de várzeas, são atividades diárias dos que ali residem.

Vale ressaltar que, devido à presença de Usinas do setor sucroalcooleiro na região, o Conselho Gestor da APA da Marituba do Peixe possui representantes das Usinas Coruripe, Marituba e Paisa. Elas se mantêm atuantes nas decisões e apoiam importantes projetos, como o artesanato ali produzido e a Casa do Mel, no povoado Pontes. Além disso, têm retirado gradativamente a cana outrora plantada em Áreas de Preservação Permanente, na várzea da Marituba. Essa atitude influencia para que terceiros repitam a mesma coisa.

O povoado Pontes, localizado em Feliz Deserto, é um aglomerado urbano determinante no quesito socioambiental. Ele se apresenta como um grande exemplo de que é possível um manejo de áreas protegidas, com a participação efetiva da população. No local, existem diversas atividades que são desenvolvidas a partir da utilização dos recursos naturais encontrados no ambiente. Pelo menos 16 mulheres desenvolvem um trabalho artesanal de reciclagem que, além de ser referência local e regional, tem alcançado proporções nacionais. Trata-se da produção artesanal de bolsas, caixas para presentes, blocos de anotações e outros produtos.

Essa produção se dá através da reciclagem feita com papel, especificamente a embalagem do cimento, e bagaço da cana-de-açúcar. A atividade tem uma sede no referido povoado, sendo de grande visibilidade local, e serve como complemento de renda. O comércio é feito para outros estados, e a satisfação das artesãs é expressa no respeito aos recursos da natureza e na transmissão do aprendizado da região às demais gerações.

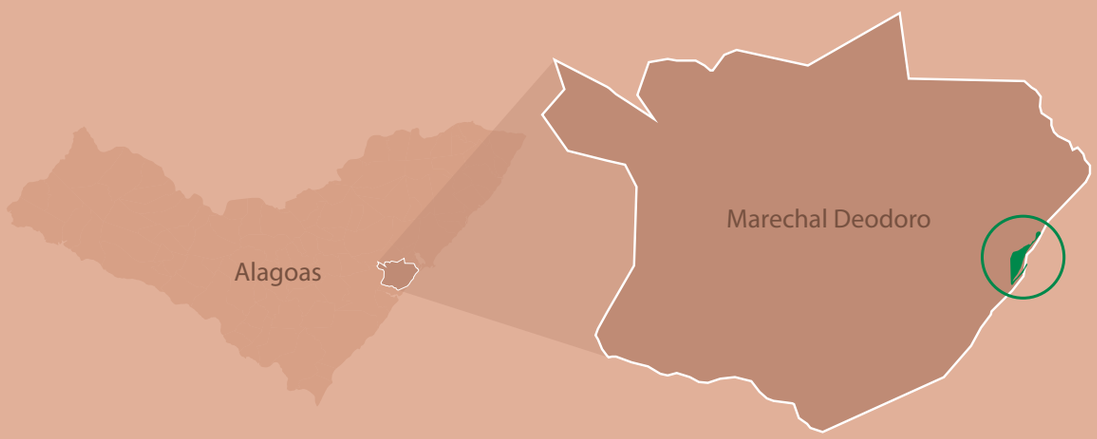
O principal problema é uma constante ameaça de desmatamento dos recursos naturais para dar lugar a monocultivos como os coqueirais e à pecuária, além da retirada de lenha para ser usada como combustível.

A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) também é uma importante parceria do Conselho e foi uma das principais investidoras para a construção do memorial da APA, espaço que serve de referência e sede para a atuação do Batalhão de Polícia ambiental (BPA), assim como sede das reuniões do próprio Conselho.

Foto - Neno Canuto.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO ESTADUAIS

RESEC DO SACO DA PEDRA



A área da Resec está inserida na APA de Santa Rita. Foto - Neno Canuto. ▶

Foto - Neno Canuto

Aspectos gerais

Inserida nos limites da Área de Proteção Ambiental (APA) de Santa Rita, a Reserva Ecológica do Saco da Pedra foi criada pelo Decreto Estadual nº 6.274/1985. Possui área aproximada de 90,17ha, totalmente inserida no município de Marechal Deodoro, e abrange parte do cordão arenoso sul que constitui a desembocadura do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú -Manguaba.

Tem com objetivo a preservação integral do meio natural, sendo limitadas todas as interferências sobre o ecossistema e permitidas apenas aquelas voltadas a possibilitar a estabilidade e preservação do local caracterizado pela presença de vegetação pioneira de restinga sob influência marinha e flúvio-marinha, cordões arenosos e manguezal.

Atualmente, encontra-se em processo de alteração da atual categoria de Resec para Refúgio de Vida Silvestre (RVS)[1] , seguindo os trâmites legais de reavaliação de Unidade de Conservação de categoria não prevista no SNUC. A reclassificação, além de promover uma modificação legal, busca reordenar e disciplinar os usos indevidos que lá se instalaram, bem como usos que comprometem os objetivos de sua criação e que se não forem devidamente tratados, poderão descaracterizá-la em definitivo através das intervenções antrópicas.

Aspectos bióticos
Flora

É representada por um amplo cordão arenoso, desnudo de vegetação em grande parte do terreno e, em alguns trechos, é recoberto pela vegetação pioneira que se estabelece sobre a influência marinha e flúvio-marinha, comum aos ambientes similares em toda a costa brasileira. Pode-se observar uma vegetação herbácea de hábito rastejante que produz raízes muito próximas umas das outras, para se prender na areia solta, devido à ação direta dos ventos e marés.

Salsa da praia (*Ipomoea pes-caprae*) e feijão da praia (*Canavalia rosea*) apresentam adaptações a esses ambientes, resistindo ao elevado aquecimento do solo e à mobilidade dos grãos de areia. Gramíneas e ciperáceas também contribuem para a fixação do substrato arenoso. Representantes dessas famílias aparecem na RESEC Saco da Pedra, como *Sporobolus virginicus* e *Remirea maritima*, alternadas por outra espécie de feijão-de-praia (*Sophora tomentosa*), pertencente às Fabaceae, e *Scaevola plumieri*, perten-

1 - Atendendo ao disposto no Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, Lei 9.985/2000, previsto no seu Artigo 55 e Decreto 4340/2002, Artigo 40.

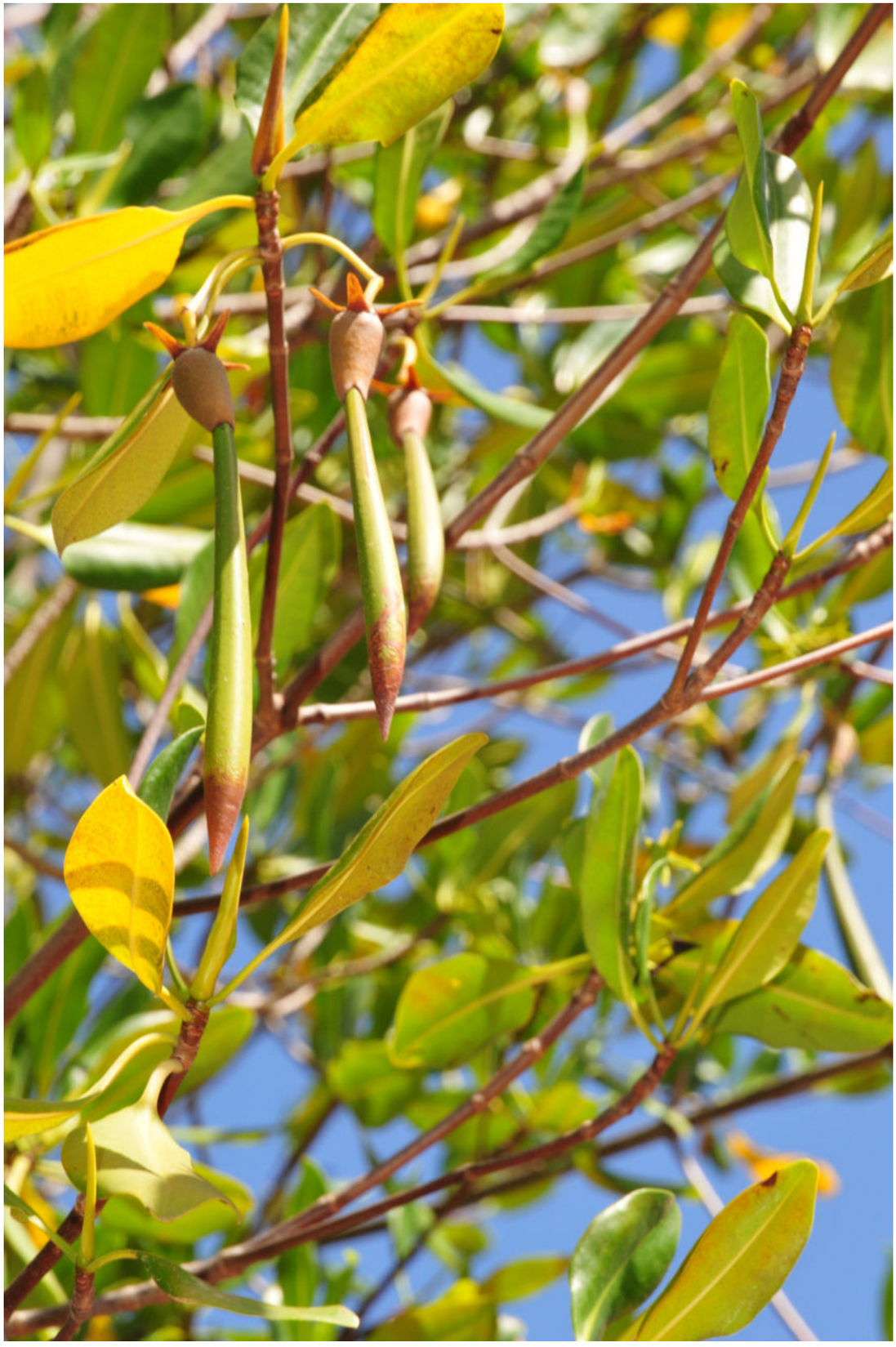
cente à família Goodeniaceae. O guajuru (*Chrysobalanus icaco*), também conhecido como maçã-de-pobre, é uma planta arbustiva, que ocorre em agrupamentos e expande sua copa sobre a areia, produzindo frutos comestíveis que possuem uma polpa branca e adocicada, apreciada pela população autóctone. Segundo Ugent & Ochoa (2006), os frutos podem ser utilizados em doces e em conservas.

Fauna

Apesar de não possuir grande diversidade de espécies da fauna de vertebrados em comparação com outras unidades de conservação, essa é uma área extremamente relevante, sobretudo para a proteção de aves migratórias, que viajam milhares de quilômetros e pousam na RESEC do Saco da Pedra para alimentação, repouso e engorda. Essas aves são geralmente visitantes sazonais oriundas do hemisfério norte, fugitivos do inverno Ártico. A ausência ou pelo menos a atenuação de perturbações antrópicas nos locais onde essas aves se alimentam são bem vindas, no sentido de proporcionar que consigam se alimentar direito, evitando que deixem de acumular energia suficiente e morram pelo caminho de volta aos locais de reprodução.

Há uma suspeita de que o maçarico-de-papo-vermelho (*Calidris canutus rufa*), ameaçado de extinção, também passe pelas regiões costeiras de Alagoas (incluindo essa UC) em sua migração ao sul do Brasil, por já ter sido registrado no estado vizinho (Sergipe). Entre as espécies de aves migratórias com ocorrência confirmada para essa localidade, estão o maçarico -branco (*Calidris alba*), o maçarico-de-sobre-branco (*Calidris fuscicollis*), o batuiruçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola*), o vira-pedras (*Arenaria interpres*), a batuíra-bicuda (*Charadrius wilsonia*) e a batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*).

Completam a fauna de vertebrados da RESEC do Saco da Pedra outros animais, como algumas espécies de mamíferos e répteis. Ente os mamíferos, a mais comum é o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), que possui visível capacidade de se adaptar e habitar praticamente todos os ambientes providos de algum tipo de arborização. Embora não tenha sido possível a confirmação da espécie, pescadores relatam que a área é local de constantes desovas de tartarugas-marinhas, as quais costumam deixar seus rastros na área da praia durante o processo de postura dos ovos. Por ser bastante comum no litoral de Alagoas, a tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*) pode ser uma das espécies que se reproduzem nessa reserva, devido à proximidade com a região mais ao sul do estado, que segundo o TAMAR, é uma das áreas prioritárias de desova.



Mangue vermelho ou mangue verdadeiro (*Rhizophora mangle*). Foto – Neno Canuto.

Batuíra-bicuda (*Charadrius wilsonia*).
Foto – Sérgio Leal.

Podem fazer parte da fauna local, mais precisamente nas áreas com vegetações de restinga, espécies como o camaleão (*Iguana iguana*), o calango (*Ameiva ameiva*), o calanguinho (*Cnemidophorus ocellifer*), a lagartixa-comum (*Tropidurus hispidus*), além de serpentes, como a jibóia (*Boa constrictor*). Mesmo com toda a sua importância como mais um ponto de apoio para diversas espécies de aves migratórias e para desova de tartarugas marinhas, a RESEC do Saco da Pedra atualmente é alvo de constantes perturbações antrópicas, devido ao forte turismo e a empreendimentos imobiliários, tornando cada vez mais incapaz de fornecer suporte.

Aspectos sociais

O município de Marechal Deodoro, onde está localizada a Resec do Saco da Pedra, apresenta-se como um importante sítio histórico do estado. Cidade que foi a primeira capital de Alagoas, conta com arquitetura histórica e abriga em seus limites ambientes naturais conhecidos nacionalmente. A praia do Francês, o complexo gastronômico situado no povoado da Massagueira, os passeios oferecidos por empresas de turismo com vários tipos de embarcações pelo Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), indicam o potencial para o turismo, responsável pelo incremento da economia local.

Segundo dados do IBGE, em 2010 a população recenseada foi de 45.975 habitantes (22.709 homens e 23.268 mulheres).

A Reserva Ecológica está localizada numa região de relevante interesse ecológico. A beleza natural do local atrai a população de Marechal Deodoro, Maceió e cidades vizinhas, principalmente nos finais de semana ensolarados. A RESEC apresenta grandes problemas socioambientais, ressaltando-se a necessidade de reclassificação e ampliação do trabalho de ordenamento e definição do uso e ocupação das áreas adjacentes, assim como a de intensificação das atividades de educação ambiental.

Vira-pedras (*Arenaria interpres*).
Foto – Sérgio Leal.

RESEC DOS MANGUEZAIS DA LAGOA DO ROTEIRO

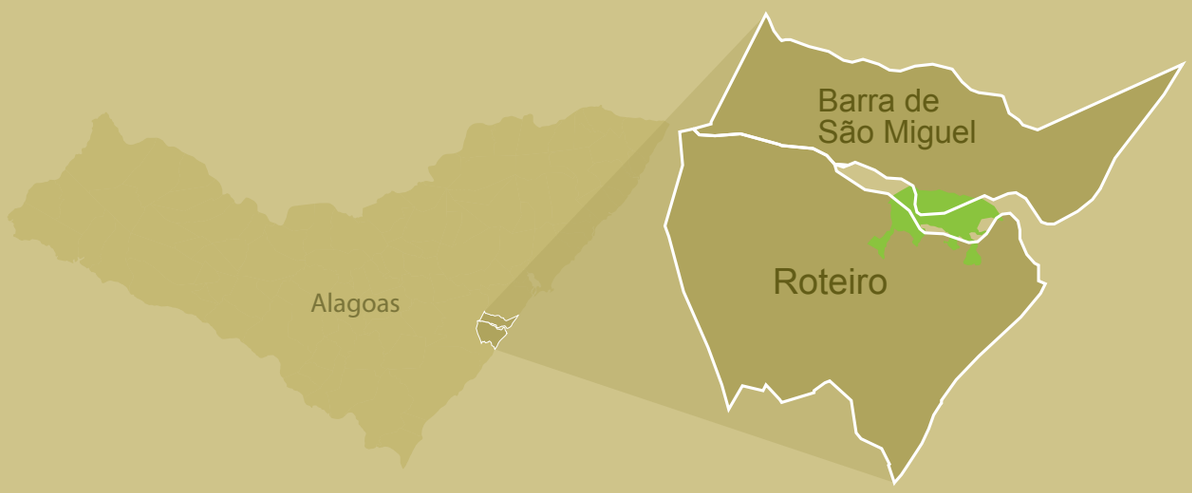


Foto Neno Canuto. ▶

Aspectos gerais

A Reserva Ecológica de Manguezais da Lagoa do Roteiro é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral. Criada pelo Decreto Estadual nº 32.355/1987, possui 742ha e abrange parte dos municípios de Roteiro e Barra de São Miguel. Tem como objetivo a preservação do meio natural e limita todas as interferências sobre o ecossistema, permitindo apenas atividades como a pesca tradicional e a coleta de moluscos, além de outros recursos pesqueiros.

Atualmente, encontra-se em processo de alteração da nomenclatura de Resec para Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) , seguindo os trâmites legais de reavaliação de Unidade de Conservação de categoria não prevista no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A mudança, além de promover uma modificação legal, busca retificar usos que foram estabelecidos de forma equivocada no Decreto de criação da Unidade. Um deles é a permissão de pesca, mesmo que de forma artesanal, numa categoria que hoje, após o SNUC, seria equivalente a uma Reserva Biológica ou Estação Ecológica. Nessas Unidades, o uso dos recursos naturais é proibido, não cabendo, no meio do ambiente, qualquer alteração, coleta ou extrativismo advindo de ação do homem.

A proposta de reclassificação busca compatibilizar a atividade da pesca, que era praticada muito antes da criação da RESEC, com a existência do Povoado do Mangue da Palatéia, localizado no limite norte da Reserva, assim como com a produção de ostras e mariscagem.

Aspectos físicos

Banhada pela Laguna do Roteiro, formada pelo Rio São Miguel, seu principal recurso hídrico, a RESEC detém uma grande área preservada de manguezais, que compõem a vegetação ciliar, e ilhas

A Resec detém grande área preservada de manguezais.
Foto - Neno Canuto.

flúvio lagunares, formadas por sedimentos quaternários representados por terraços pleistocênico e holocênico.

Do ponto de vista geomorfológico, a laguna é composta também por planícies flúvio-marinhas e marinhas. A primeira, onde se encontra a área da RESEC, formada pela dinâmica de sedimentos aluviais e marinhos; e a segunda, constituída por areias quartzozas, transportadas e depositadas pelos processos marinhos.

Mais especificamente na área da Reserva, os solos típicos são os aluviais e gleissolos, formados pela ação e influência hídrica, sendo o substrato ideal para o estabelecimento do ecossistema manguezal e associados, que são os representantes típicos da vegetação de floresta perenifólia de mangue e pioneiras, características da área. Quanto aos aspectos climáticos, apresenta verão seco e inverno chuvoso, com índice pluviométrico médio de 1.600 mm/ano e clima sub-úmido a úmido.

Acesso

Partindo da capital Maceió, o acesso se dá através da rodovia estadual AL 101 Sul, após entroncamento com a rodovia AL 220, no município de Barra de São Miguel.

Aspectos bióticos
Flora

Os manguezais da Laguna do Roteiro formam uma das paisagens mais harmoniosas do litoral de Alagoas, fornecida pelos bosques homogêneos em bom estado de conservação e constituídos por árvores típicas desses ambientes. A visão privilegiada que se tem da praia do Gunga, do coqueiral e de toda a vegetação do manguezal,

canais e pequenas ilhas, é realmente ímpar. Os meandros formados pelos canais, que têm ligação com o mar ao atingirem a praia, também adornam esse trecho da natureza, visível logo ao se chegar à ponte que atravessa a laguna, em direção ao sul do Estado.

A construção da ponte, que faz parte da AL 101 Sul, facilitou o acesso, pelo manguezal e, consequentemente, interferiu na integridade do ecossistema, além de possibilitar a ocupação dos trechos arenosos, em sua foz. O manguezal preservado pela Unidade faz parte da formação vegetal que ocorre em toda a costa brasileira, nos locais onde há o acúmulo de água doce (rios, lagunas, estuários) e da água salgada do mar.

A composição florística do manguezal, na Resec, apresenta baixa diversidade de espécies dominantes, verificando-se apenas cinco, as quais são as mesmas que ocorrem em outras áreas de manguezal em Alagoas. A maioria das árvores, na reserva, atinge 25 metros em altura, sendo mais comum o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*), principais representantes da vegetação pioneira, sob a influência flúvio-marinha, que ladeiam as duas margens da Laguna do Roteiro. As plantas produzem pequenas flores brancas, que passam despercebidas, em meio ao verde das folhas da vegetação exuberante.

O mangue-siriúba (*Avicennia schaueriana*) é a espécie menos observada, aparecendo apenas em alguns pontos da margem dos cursos d'água. O mangue-de-botão (*Conocarpus erectus*) está presente nos trechos com solo mais compactado. Além deste, o avencão (*Acrostichum aureum*) marca presença nesse trecho circundante, bem como várias Poaceae, representando os capins, que dão suporte ao solo, encharcado várias vezes ao ano.

O cultivo de ostras representa complemento ou fonte de renda para diversas famílias da comunidade do mangue da Palatéia. Foto - Neno Canuto ►

Fauna

Apesar da grande diversidade de animais, principalmente de invertebrados, que ocorre nos manguezais, a fauna de vertebrados terrestres desse ecossistema é pouco estudada, uma vez que a maioria das espécies ocorre também em outros ambientes. Isso justifica a escassez de informações sobre os mamíferos, as aves, os répteis e os anfíbios da Reserva Ecológica de Manguezais da Lagoa do Roteiro.

Poucos mamíferos possuem ocorrência conhecida para essa Unidade, sendo a espécie mais característica o guaxinim ou mão-pelada (*Procyon cancrivorus*). Esse carnívoro prefere habitar proximidades de áreas alagadas, sendo que no manguezal tem uma predileção por se alimentar de caranguejos, podendo comer também frutos e ovos. Como tem hábito noturno, dificilmente é visto pelas pessoas, mas pelo dia é comum serem encontradas diversas de suas pegadas espalhadas pela lama do mangue na maré baixa, o que denuncia a sua presença. Outro mamífero que pode ser encontrado é o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o que confir-

Garça-branca-grande (*Ardea alba*). Foto - Sérgio Leal. ►

Os manguezais da Laguna do Roteiro formam uma das paisagens mais harmoniosas do litoral de Alagoas. Foto - Neno Canuto

A figuinha-do-mangue (*Conirostrum bicolor*) é uma ave de fácil visualização na Resec. Foto - Sérgio Leal.

ma a capacidade dessa espécie em se adaptar e habitar praticamente todos os ambientes arbóreos.

Apesar da mastofauna pobre localmente, nada impede que as demais espécies que habitam áreas próximas, como o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), possam visitar as margens do manguezal à procura de alimento. Já as aves, por fazerem parte de um grupo bastante numeroso, com facilidade de deslocamento para vários ambientes e mais fáceis de serem visualizadas, possuem mais espécies conhecidas para essa região, como a curica ou papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*), a saracura-do-mangue (*Aramides mangle*), a figuinha-do-mangue (*Conirostrum bicolor*), o arapapá (*Cochlearius cochlearius*), o savacu-de-coroa (*Nyctanassa violacea*) e a garça-branca-grande (*Ardea alba*).

Apesar do nome papagaio-do-mangue, essa espécie também ocorre em fragmentos de Mata Atlântica. No entanto, relatos de sua reprodução só foram obtidos localmente no povoado Palatéia, onde é conhecido o hábito anual de se retirarem filhotes dos ninhos, construídos em ocos de árvores de mangue, para o comércio ou criação. A saracura-do-mangue e a figuinha-do-mangue são praticamente restritas a esse ecossistema, enquanto as três últimas espécies (arapapá, savacu-de-coroa, garça-branca-grande) podem ocorrer também em outros ambientes com áreas alagadas.

Algumas espécies de répteis já foram relatadas para essa região, como o camaleão (*Iguana iguana*), o teiú (*Tupinambis merianae*), a caninana (*Spilotes pullatus*) e, menos frequentemente, as cobras-d'água *Liophis miliaris e Helicops sp.*

A pesca tradicional e a cata de moluscos são atividades permitidas na Resec.
Foto - Neno Canuto.

Aspectos sociais

Os municípios que compõem a Resec de Manguezais da Lagoa de Roteiro, Barra de São Miguel e Roteiro, somam uma população de 14.230 habitantes (IBGE, 2010) e dispõem de unidades de atendimento de saúde e de ensino. O povoado da Palatéia abriga cerca de 100 residências e aproximadamente 400 moradores, conforme dados da Associação dos Moradores.

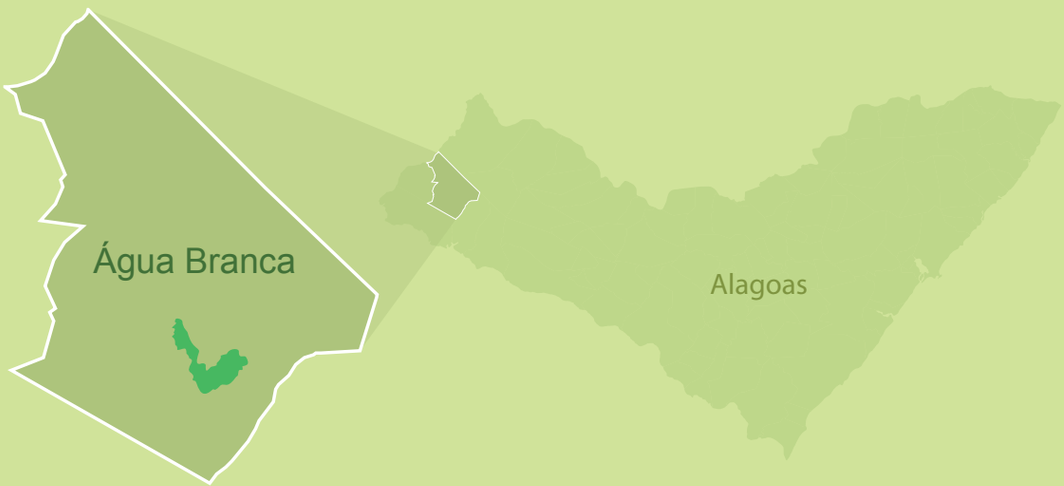
Considerado o único aglomerado urbano localizado às margens da área protegida, a Palatéia apresenta uma importante atividade: cultivo e a criação de ostras, que representa complemento ou fonte de renda para a maioria das famílias. Além das ostras, os pescadores retiram o massunim, peixe e caranguejo, comuns na área de mangue, e comercializam em toda a região. Devido à representatividade da atividade marisqueira no local, a comunidade conta com uma associação que ordena a criação e a comercialização do recurso.

Os pescadores contam com o apoio do Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/AL), que estimula a atividade de forma a estabelecer o manejo sustentável da área junto com o órgão ambiental fiscalizador e educador, o IMA/AL. Desde 2002, com a realização de atividades educativas, a comunidade alia a atividade extrativista à conservação da natureza, proporcionando maior equilíbrio.

A comunidade desenvolve também o reaproveitamento da casca das ostras na produção de fármacos, fabricação de tijolos, adubação de jardineiras e produção de artesanato.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO ESTADUAIS

RVS DOS MORROS DO CRAUNÃ E DO PADRE



A águia-chilena (*Buteo melanoleucus*) ou gavião-da-serra é uma das aves encontradas na região. Foto – Neno Canuto. ►

Vista aérea do Morro do Craunã.
Foto - Neno Canuto.

Aspectos gerais

O Refúgio de Vida Silvestre (RVS) dos Morros do Craunã e do Padre foi criado através do Decreto Estadual nº. 17.935, de 27 janeiro de 2012. Possui uma área de 1.086,57 hectares ou 10,86 km² totalmente inseridos na zona rural do município de Água Branca, microrregião serrana do sertão alagoano. A Unidade de Conservação de Proteção Integral tem estes principais objetivos:

I – Garantir a preservação de amostra do bioma Caatinga e associadas presentes na região;
II – Proteger a fauna e a flora silvestres;
III – Disciplinar o uso e ocupação do solo nas imediações do morro do Carauná e do morro do Padre, nas propriedades e povoados localizados próximos e na sua zona de amortecimento;
IV – Preservar as culturas e tradições sertanejas da população local, garantindo sua permanência em harmonia com a preservação;
V – Incentivar e fomentar ações de educação ambiental e turismo ecológico na região;
VI – Promover a participação da população local em ações de proteção e conservação e adaptar a atual cultura predatória a modos de vida sustentáveis no seu entorno;
VII – Garantir a integridade do ecossistema para a realização de pesquisas científicas que visem o conhecimento da área, garantindo assim subsídios para sua melhor gestão e proteção;
VIII – Apoiar a pesquisa científica com foco na fauna local e migratória, principalmente em espécies como a águia chilena (B. melanoleucus), o macaco-prego (Cebus sp.), gato-do-mato-pequeno (Leopardus tigrinus), ameaçados ou raros, e também em relação ao mocó (Kerodon rupestris), amplamente utilizado como alimentação pelos moradores da região, visando estudos para adotar uma alternativa alimentar ou sua criação em cativeiro.

As pronúncias Crauná e Carauná são corretas. A primeira é mais utilizada pelos moradores da região.

Aspectos físicos

Encontra-se geologicamente inserido no Pediplano do Baixo São Francisco, que abrange as rochas do embasamento gnáissico-migmatítico, datadas do Pré-cambriano superior (680 milhões de anos), e a seqüência metamórfica oriunda de eventos tectônicos ocorridos entre o período Meso e Neoproterozóico. As rochas predominantes são o quartzo-monzonito e o sienito. Esta área de interesse é formada por elevações residuais rochosas com declividade escarpada superior a 45º, o que a caracteriza como área de proteção permanente, e está inserido na unidade geoambiental denominada de Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do semi-árido nordestino. Essas elevações circundadas por um relevo de pediplanação monótona, predominantemente considerada como suave, e testemunham os ciclos intensos de erosão que atingiram grande parte do sertão nordestino.

Na área, são verificados quatro riachos intermitentes de padrão de drenagem dendítrica que praticamente circundam o morro do Carauná: na porção norte, o riacho do Moreira; a leste, o riacho Carauná; a oeste, o riacho Boa Vista, que se continua com o riacho Grande, todos eles tributam o riacho Bom Jesus que alimenta o riacho Talhado e este deságua no rio São Francisco. O potencial hídrico do local é superconcentrado pelas águas superficiais, no qual o excedente hídrico é considerado de fraca intensidade e as águas subterrâneas de média intensidade.

A vegetação é basicamente composta por Caatinga Hiperxerófila com trechos de Caducifólia, distribuídos de forma descontínua em decorrência da grande presença de áreas de pastagem. Esse tipo de vegetação está adaptado ao clima, que é do tipo tropical semiárido, com chuvas de verão, segundo a classificação de Strahler, com período chuvoso entre novembro e abril. A precipitação média anual é de 432 mm.

Os solos verificados são Neossolo Litólico e Planossolo Háplico, ambos com o horizonte A raso e pedregoso, o que propicia uma fertilidade natural de média intensidade. Esse solo é típico de afloramentos rochosos, ou elevações residuais do semiárido nordestino.

O uso e ocupação do solo estão diretamente associados à subsistência dos autóctones ali instalados. Percebem-se pequenas roças para plantio de milho e muitas vezes competindo com pastos destinados à pecuária de bovinos e muares. Há ainda expressivas extensões onde o solo se encontra exposto, sem qualquer tipo de cobertura, em virtude do solo raso e pedregoso e de desmatamentos para extração de madeira. A capacidade de uso dos recursos naturais renováveis é considerada baixa, de apenas 0,6%. Esse valor é definido pela interação entre clima, relevo e solo, assim como pela estrutura, textura e profundidade efetiva dos horizontes A e B.

Acesso

Ambos os serrotes, conhecidos como morros, estão localizados entre os povoados Moreira, Cal, Tabuleiro e Tinguí, porção sudeste do município, distando aproximadamente 11 km, em linha reta, da sua sede e apenas 2,1 km do povoado Alto dos Coelhos no sentido sudoeste dos morros. Limita-se, em um dos lados, com o Canal do Sertão, e as principais vias de acesso são pelas rodovias AL-145, BR-423 e por uma estrada não pavimentada.

Aspectos bióticos
Flora

Situados na zona do sertão alagoano, os morros do Crauná e do Padre podem ser considerados uma forma de relevo residual, denominado inselberg, que contrasta com o relevo aplainado da depressão sertaneja que emoldura a paisagem dominante que circunda a Unidade. No Crauná, a caatinga se mescla a uma vegetação mais densa com representantes da floresta Estacional, enriquecendo consideravelmente a biodiversidade regional. O morro culmina em várias faces voltadas para diferentes direções, expondo cada uma, fi-

sionomias particulares. Uma delas possui um lajedo conhecido como Pedra Montada, onde rochas sobrepostas equilibram-se de forma instigante.

Em qualquer local no topo da elevação pode-se ter uma visão contemplativa de toda a região, mostrando não só as paisagens preservadas, mas também a situação atual de descaracterização da vegetação nativa em um amplo espaço. No sopé da serra, estão espécies mais amplamente distribuídas em trechos de caatinga, como o mororó, a catingueira, o angico, o feijão-bravo, o umbuzeiro e o pau-ferro. À medida que a vegetação preenche as encostas, elevando-se até o cume, há o enriquecimento florístico com outras espécies, juntando-se a estas o pereiro, a burra-leiteira, as barrigudas, e começa a aparecer maior quantidade de bromélias epífitas (*Tillandsia spp.*).

O Canal do Sertão é um dos limites da Unidade. Foto - Neno Canuto.

Também emolduram a paisagem rochosa a Bromeliaceae macambira-de-flecha (*Encholirium spectabilis*) e as Cactaceae facheiro (*Pilosocereus pachycladus*), o mandacaru (*Cereus mandacaru*), a palmatória (*Tacinga palmadora*) e a palma-brava (*Tacinga inamoena*), que estão por toda parte. Destaca-se uma planta de hábito pouco comum, a barba-de-velho (*Tillandsia usneoides*), uma epífita pendente que preenche os ramos das árvores em função de seu crescimento vegetativo rápido, formando verdadeiras cortinas. Essa planta não possui raízes e absorve água apenas da atmosfera, por isso tem preferência por lugares menos secos, sendo também indicadora da ausência de metais pesados e de partículas poluentes no ar (Aquino et al, 2011).

Em toda a encosta até o topo do morro, o ouricuri (*Syagrus coronata*) marca presença entre as rochas, fornecendo coquinhos que servem tanto para a alimentação humana quanto para pequenos animais, como observado pelos frutos quebrados por pedras deixadas por pequenos primatas ao longo do caminho.

Em determinados pontos, as rochas expostas formam uma clareira na vegetação onde há a ocorrência de espécies exclusivas destes ambientes. Várias plantas se instalam nas fissuras dos blocos de rochas onde na época da floração exibem flores roxas (*Tibouchina sp.*), vermelhas (*Melocactus violaceus*), brancas (*Loasa rupestris*), inflorescências alaranjadas (*Aechmea lingulata*), entre muitas outras que compõem esses ambientes. No topo, a cobertura vegetal apresenta porte mais denso, com indivíduos mais altos que não sofreram tanto com as incursões antrópicas, como o cedro (*Cedrela fissilis*), a barriguda (*Ceyba glaziovii*), a imburana (*Commiphora leptophloeos*), o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*),

Um muro de pedras com mais de 150 anos existe na entrada da trilha da pedra montada. Foto – Neno Canuto.

o pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), o pau-d'arco roxo (*Handroanthus impetiginosus*) e o juazeiro (*Ziziphus cotinifolia*).

O Morro do Padre atinge menor altitude e a vegetação apresenta porte arbustivo-herbáceo baixo com o predomínio de espécies típicas da Caatinga em toda a sua extensão. A catingueira e o marmeleiro podem ser considerados como as mais encontradas. No período chuvoso, podemos observar em toda a Unidade uma série de herbáceas pertencentes às famílias Lamiaceae, Acanthaceae e Asteraceae embelezando o sub-bosque, além das trepadeiras da família Convolvulaceae, que, com suas flores tubulosas de coloração diversa, completam o quadro cênico.

Fauna

O Refúgio abriga grande diversidade de espécies da fauna de vertebrados terrestres. Mamíferos usam habitualmente a área como local de abrigo, alimentação e reprodução. Nesse remanescente de Caatinga podem ser encontrados morcegos, comuns aos mais diversos ambientes, e outros animais típicos desse ecossistema, como o mocó (*Kerodon rupestris*), historicamente utilizado como alimento, sendo por isso caçado constantemente. O mocó habita regiões pedregosas, onde costuma passar a maior parte do tempo em tocas.

Outras espécies de mamífero que habitam o RVS do Crauná e do Padre são o punaré (*Thrichomys apereoides*), o macaco-prego (*Sapajus sp.*) e o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), este último ameaçado de extinção e espécie de difícil observação na natureza, afastando-se sempre que percebe a presença de pessoas.

A rica avifauna da região possui algumas espécies consideradas endêmicas do Brasil e comumente

Cacto (*Tacinga inamoena*). Foto – Neno Canuto.

O umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) é encontrado no local. Foto – Neno Canuto.

Punaré (*Thrichomys apereoides*). Foto - Sérgio Leal.

Crianças do povoado Tingui, localizado próximo ao Morro do Craunã. Foto - Neno Canuto

registradas no semi-árido, como o vite-vite-de-olho-cinza (*Hylophilus amaurocephalus*), o casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*), o garrinchão-de-bico-grande (*Cantorchilus longirostris*), o pica-pau-anão-canela (*Picumnus fulvescens*), o golinho ou extravagante (*Sporophila albogularis*) e o cardeal-do-nordeste ou galo-de-campina (*Paroaria dominicana*), sendo as três últimas típicas do nordeste. Apesar do galo-de-campina ser considerado endêmico da Caatinga, atualmente ele pode ser encontrado até mesmo em áreas urbanas em cidades fora da região Nordeste ou em outros habitats, como áreas abertas próximas à Mata Atlântica da faixa litorânea, uma provável consequência do tráfico ilegal e soltura indevida.

Apesar de toda a diversidade local da avifauna, uma das espécies mais importantes para esse ecossistema, devido a sua importância ecológica como predador de topo de cadeia alimentar, é a águia-chilena (*Buteo melanoleucus*), um Falconiforme que atinge quase 2m de envergadura e vive no Refúgio por ser uma área montanhosa, onde costuma construir seu ninho. Devido a seu hábito de preferir lugares montanhosos, costuma ser chamado também de gavião-de-serra ou gavião-pé-de-serra.

Essa Unidade também é área de ocorrência de répteis e anfíbios anuros, comumente registrados no semi-árido, como o lagarto (*Gymnodactylus geckoides*), a catenga-de-listra-branca (*Tropidurus semitaeniatus*), a perereca (*Trachycephalus mesophaeus*) e o sapo-de-quatro-olhos (*Pleurodema diplolister*) ou rãzinha-da-areia, por ter o hábito de se enterrar na areia. O Refúgio da Vida Silvestre dos Morros do Craunã e do Padre tem uma grande importância para a conservação da biodiversidade por abrigar uma considerável diversidade de espécies da fauna de vertebrados terrestres, incluindo espécies ameaçadas de extinção e/ou endêmicas.

Aspectos sociais

O Refúgio abriga, em seu entorno, cinco aglomerados que estabelecem ligação direta com a área protegida: os povoados Tingui, Tabuleiro, Lagoa das Pedras, Alto dos Coelhos, Favela, Moreira e Cal, que se apresentam como importantes na interação sociedade/natureza. A percepção ambiental dos moradores, em relação ao espaço em que vivem, é bem expressiva, utilizando-se eles dos recursos que a natureza oferece, mas considerando a importância do ambiente em que vivem, estabelecendo um atilamento ambiental.

Lagarto (*Enyalius sp.*).
Foto – Sérgio Leal.

O povoado Tingui, que se situa mais próximo ao Morro do Crauná, apresenta infraestrutura básica para os moradores do local. Segundo o IBGE (2010), o referido povoado dispõe de 67 endereços cadastrados, totalizando uma população de 237 habitantes. A área possui um estabelecimento de saúde e um estabelecimento de educação direcionado ao ensino fundamental.

Para frequentar os ensinos Médio e Superior, os jovens do povoado Tingui, deslocam-se para a sede dos municípios de Água Branca e Delmiro Gouveia, onde se encontra um polo da Universidade Federal de Alagoas. As feiras-livres se apresentam como sendo o principal meio para o comércio local. Nelas, são encontrados os mais diversos produtos existentes na região, como o Umbu, para o preparo da umbuzada que é tipicamente consumida nos arruados. As feiras dispõem de artigos direcionados para o homem do campo sertanejo, como sandálias de couro, gibão, chapéu, e como também de produtos alimentícios produzidos pelos moradores.

◄ O pica-pau-anão-canela (*Picumnus fulvescens*) faz parte da rica avifauna. Foto - Sérgio Leal.

Incluem-se também nesse comércio, desenvolvido livremente nos povoados, os remédios naturais produzidos a partir dos recursos existentes em toda a região. Os aglomerados do Tabuleiro, Favela e Lagoa das Pedras apresentam infraestrutura social mais limitada, o que implica a ligação estreita entre estes e os demais povoados. Porém, a caracterização do povo sertanejo e a íntima ligação dos moradores com os recursos da terra são intensos em todas as povoações da região.

PARQUE MUNICIPAL MARINHO DE PARIPUEIRA

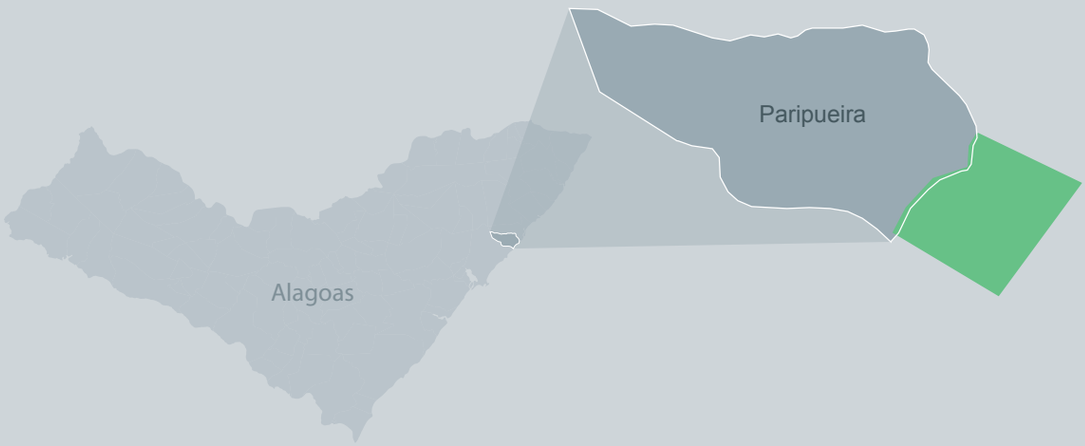


Foto - Neno Canuto. ►

O Parque é formado por extensa área de estrutura rochosa. Foto - Neno Canuto.

Montastrea cavernosa.
Foto - Juliano Maurício Fritscher.

Aspectos gerais

O Parque Municipal Marinho de Paripueira foi criado em junho de 1993, por meio da Lei Municipal nº 12. Abrange 9 km de ambientes marinhos e costeiros e está inserido entre o mar territorial brasileiro e a linha de preamar do Município de Paripueira. Compreende como limite sul o Rio Sauaçuí e ao norte o Rio Sapucaí, até uma isóbata de 25m de profundidade. Possui área de aproximadamente 3,2 hectares.

Essa Unidade foi criada por interferência direta do Instituto do Meio Ambiente de Alagoas (IMA/AL) e do Projeto Peixe-boi, tendo como principal objetivo a proteção deste mamífero marinho e dos ambientes recifais onde ele habita. Para fortalecer esse objetivo, o Conselho Estadual de Preservação Ambiental (CEPRAM) editou a Resolução nº 04/96, que disciplina o uso de embarcações motorizadas na área e cria os corredores de navegação para os barcos de pesca e a área destinada aos esportes náuticos.

O Parque é formado por uma extensa área de estrutura rochosa constituída por uma série de organismos marinhos portadores de esqueleto calcário, os recifes de coral, resistentes à ação das ondas e marés.

Aspectos bióticos
Fauna

Totalmente inserido em ambiente marinho, o Parque está localizado dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) da Costa dos Corais. É uma das áreas onde se encontra a maior concentração de peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*) no Nordeste. Essa espécie de mamífero aquático está entre as mais ameaçadas do Brasil, o que contribuiu para a criação da Unidade. Outrora ela foi vítima de intensa caça, encontrando-se atualmente ameaçada de extinção. Por isso é protegida por diversas leis ambientais, das quais a caça e comercialização de sua carne ou derivados é crime de até dois anos de prisão.

Segundo o Instituto Biota de Conservação, os registros de encalhes mostram que, além do peixe-boi-marinho, pelo menos outras nove espécies de mamíferos aquáticos (baleias, golfinhos, bo-

Millepora alcicornis.
Foto - Juliano Maurício
Fritscher.

Um dos principais objetivos do Parque é proteger o peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*). Foto - Edson Acioli.

tos e lobos-marinhos) passam pelas águas mais profundas do litoral de Alagoas, como por exemplo, a baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*), com registro de encalhe para o litoral do município de Paripueira.

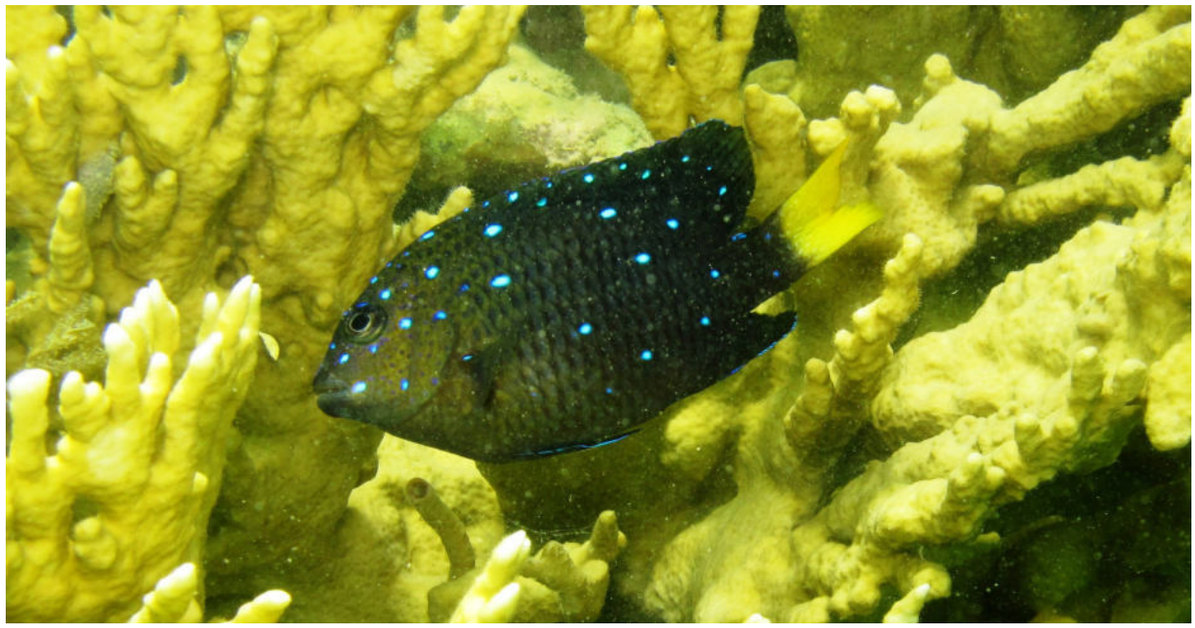
De modo geral, essa é uma região altamente rica em termos de diversidade da fauna marinha, que possui diversas espécies de animais invertebrados e de peixes que impressionam pelos seus mais diversos padrões de coloração. Espécies de aves migratórias também podem ser observadas em voo ou sobre os recifes de arenito durante a maré baixa, quando costumam utilizar áreas como essa para repouso e obtenção de alimento (engorda). Geralmente, são visitantes sazonais oriundas do hemisfério norte, como o batuiruçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola*), o vira-pedras (*Arenaria interpres*), o maçarico-branco (*Calidris alba*), o maçarico-de-sobre-branco (*Calidris fuscicollis*) e a batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*).

Pelo menos três espécies de tartarugas-marinhas (todas ameaçadas de extinção) usam o litoral norte de Alagoas como local de alimentação: a tartaruga-comum ou cabeçuda (*Caretta caretta*), a tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*) e a tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*). Essa Unidade de Conservação municipal é importante, sobretudo, como reforço, na comunidade local, das ações previstas no Plano de Manejo da APA Costa dos Corais para a conservação do peixe-boi-marinho.

Aspectos sociais

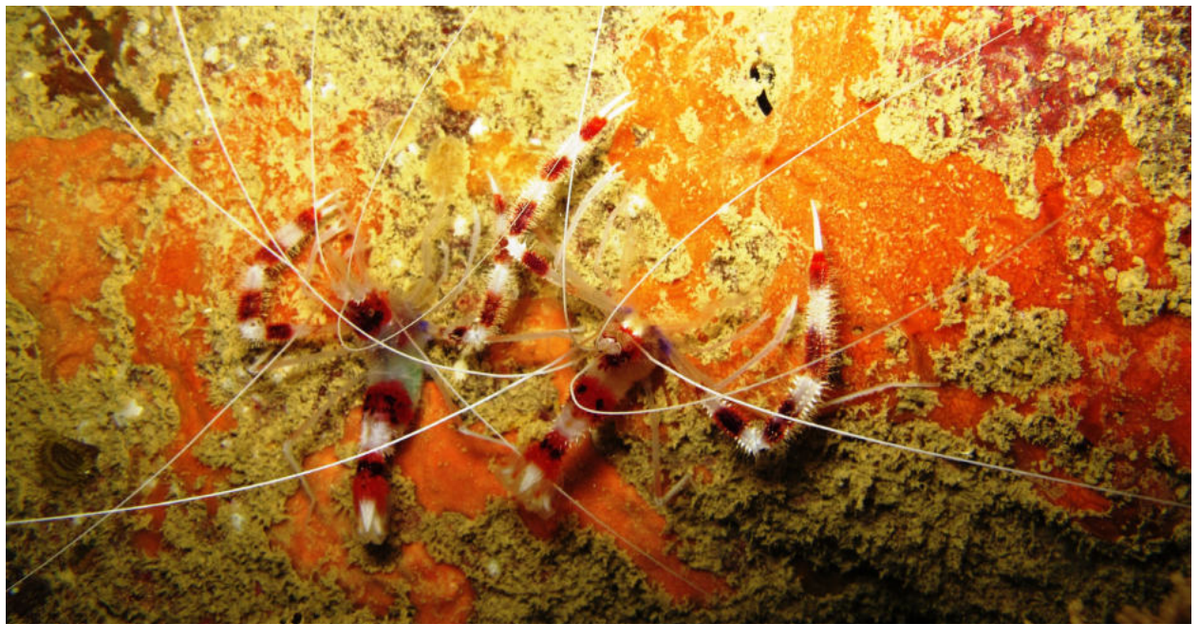
Paripueira é um município litorâneo, com característica de cidade de veraneio. Tem no turismo a base para a fonte de renda de muitos dos seus munícipes, considerando-se toda a movimentação nas demais atividades ligadas ao potencial turístico da região, como a pesca, o artesanato e o comércio, com a disponibilidade de pousadas e restaurantes localizados à beira -mar.

A beleza natural encantadora do lugar, a população tranquila e o mar de águas calmas compõem a gama de atrativos para os visitantes. As 25 piscinas naturais existentes nos seus domínios territoriais tornam a cidade de Paripueira um local que nasceu para o turismo.



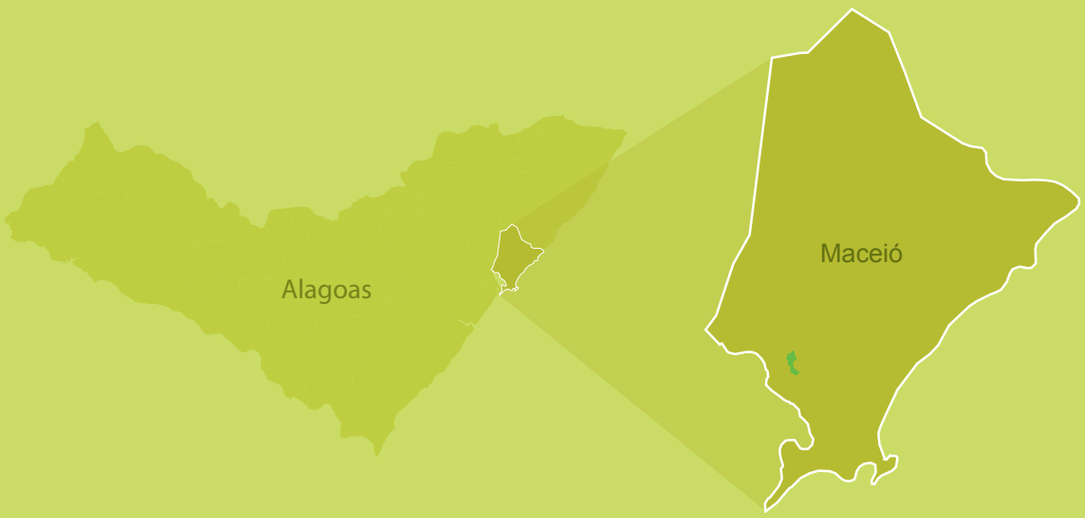
Microspathodon chrysurus. Foto - Juliano Maurício Fritscher.

Halichoeres brasiliensis. Foto - Juliano Maurício Fritscher.



Stenopus Hispidus. Foto - Juliano Maurício Fritscher.

PARQUE MUNICIPAL DE MACEIÓ



O udu-de-coroa-azul-do-nordeste (*Momotus momota marcgraviana*) é uma das aves que representa essa Unidade. Foto Sérgio Leal. ►

O Parque Municipal de Maceió é a primeira Unidade de Conservação criada em Alagoas. Foto - Neno Canuto.

Aspectos gerais

Criado pela Lei Municipal nº 2.514 de 27 de julho de 1978, o Parque Municipal de Maceió é a primeira Unidade de Conservação criada em Alagoas. Caracterizado como de Proteção Integral, é administrado pela Secretaria Municipal de Proteção do Meio Ambiente (Sempma) e possui 89,37ha ou 0,89 km². Entre os seus objetivos e atribuições, destacam-se:

I - Implantação, exploração e manejo florestal;
II - Experimentação e pesquisa;
III - Conservação da vegetação natural do cerrado;
IV - Produção de mudas ornamentais de reflorestamento e de espécies nativas;
V - Recreação, educação e interpretação ambiental para a comunidade.

O Parque possui uma área representativa da vegetação natural de Mata Atlântica e áreas de reflorestamento com espécies dos gêneros Pinus Eucaliptus, e conta com uma vegetação natural compreendendo Floresta Ombrófila (Mata Atlântica). É drenado pelo conjunto de cursos d'água que forma a Bacia do Riacho do Silva, que possui nascente em uma altitude de 20m e escoa suas águas para a laguna Mundaú. (AUTO, 1998).

Aspectos físicos

O clima dominante na abrangência do Parque Municipal de Maceió é do tipo úmido a subúmido, sendo a concentração anual das precipitações a principal característica climática, com o total anual das chuvas variando entre 1.500 mm e 2.000 deste total, cerca de 60% ocorre nos meses de abril, maio e junho. O trimestre mais seco corresponde aos meses de outubro, novembro e dezem-

bro. Apresenta uniformidade térmica durante o ano, com temperaturas médias mensais variando entre 23°C e 25°C. O Índice de umidade varia de 20% a 60%. O excedente hídrico varia de 3 a 6 meses e a deficiência hídrica de 4 a 5 meses (FONSECA E AZEVEDO, 1983).

O Parque Municipal de Maceió encontra-se inserido no compartimento litoestrutural da Província Costeira, compreendida por um pacote sedimentar representado pela Bacia Sedimentar Alagoas, onde ocorrem depósitos de idade Cenozóica (quaternários e terciários) e Paleomesozóico (ALMEIDA et al., 1977; FEIJÓ (1994).

A Altitude do Parque Municipal de Maceió é predominantemente de terras baixas com altitudes inferiores a 60 metros, ocorrendo no entanto, na porção norte-noroeste, áreas com mais de 60 metros. No topo do tabuleiro, alcança 100 metros.

Os solos mais representativos do Parque Municipal de Maceió estão compreendidos pelos Latossolos Vermelho-Amarelos Distróficos e Podzólicos, ou Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos, ocorrendo nos tabuleiros costeiros e suas respectivas encostas.

No Parque há um lago onde podem ser vistos os jacarés-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*). Foto - Sérgio Leal.

Acesso

Localizando-se na porção centro-oeste da cidade de Maceió, entre as coordenadas geográficas 9º35'53" e 9º36'99" de latitude sul e 35º45'29"e 35º46'11" de longitude oeste, ocupa parte dos bairros de Bebedouro, Chã da Jaqueira e Tabuleiro do Martins. O acesso ao Parque se dá através da Avenida General Hermes, que interliga os bairros do Centro à Chã da Jaqueira.

Aspectos bióticos
Flora

A vegetação no Parque Municipal de Maceió é visivelmente florestal, com representantes oriundos da regeneração natural, atualmente em estágio inicial e secundário, da Floresta Ombrófila que ocupava no passado os vales, chãs de tabuleiro e as serras de toda a porção norte de Alagoas. O entorno do Parque, ocupado por moradias, torna-o suscetível à invasão e ao uso inadequado dos recursos da Unidade.

A floresta acompanha encostas muito íngremes e os vales rodeados pelo Riacho do Silva. Em suas margens, estão espécies herbáceas características de lugares úmidos e sombreados e algumas árvores como araticum (*Annona pickelii*), jaqueira do brejo (*Richeria grandis*) e bulandi (*Symphonia globulifera*), que atingem até 15 metros de altura.

Várias trilhas são usadas para as atividades de lazer e educação ambiental na trilha municipal, destaca-se um exemplar de gameleira (*Ficus sp.*), que impressiona pelo seu tamanho, sendo considerada a maior e mais antiga árvore na Unidade.

O laguinho (lago do jacaré) fica

repleto de flores de ninfeias (*Nymphaea ampla*) e aningas (*Montrichardia linifera*) em alguns meses do ano. E ao longo de vários caminhos, destacam-se os bambuzais, espécie exótica de grande efeito harmônico que tem causado problemas ambientais porque dificulta os processos de regeneração natural no parque.

A riqueza de espécies da Unidade foi registrada por Araújo (2007), que coletou 253 espécies que permanecem preservadas, através de suas amostras, no acervo do Herbário MAC do Instituto do Meio Ambiente. Estão documentadas amostras de *Tapirira guianensis*, *Xylopia frutescens*, *Cecropia pachystachya*, banana-de-papagaio (*Himatanthus bracteatus*), as *Melastomataceae Clidemia hirta*, *Miconia ciliata*, *M. minutiflora*, *Henriettea succosa* e as *Rubiaceae Psychotria carthagenensis*, *Psychotria barbiflora*, *Palicourea crocea*, dentre outras. *Aechmea stelligera* é uma das bromélias de grande efeito visual no parque, exibindo no topo das árvores, na maior parte do ano, suas inflorescências com flores amarelas.

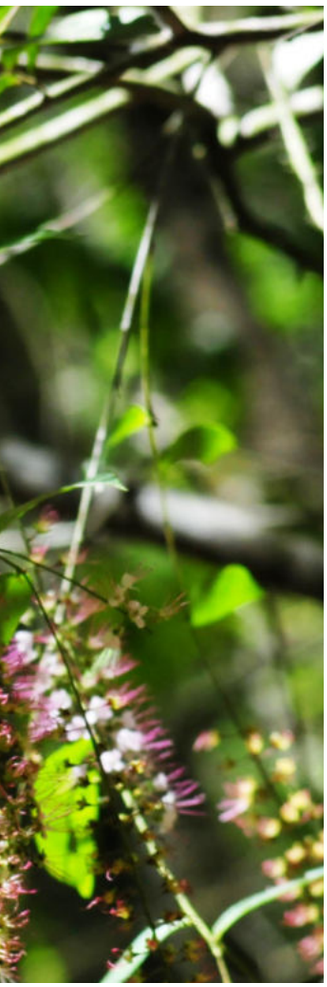
Hirtella racemosa.
Foto – Neno Canuto.

Fauna

Quem visita o Parque Municipal de Maceió não deve ter a intenção de ver todos os animais de uma só vez, como em um zoológico, pois isso seria praticamente impossível: o visitante deve ter em mente que em um ambiente natural nem todas as espécies são facilmente visualizadas por ele ao mesmo tempo e no mesmo dia, devido suas particularidades. Porém, com muita paciência e persistência, ao longo de algumas horas ou dias de caminhada, aos poucos poderão ser avistados animais se deslocando ou forrageando, isolados, aos pares, em grupos familiares ou em bandos mistos.

Tomando como exemplo os mamíferos, sabe-se que, apesar da grande diversidade de espécies no grupo, a maioria consiste em pequenos roedores e morcegos, que dificilmente poderão ser observados. Por isso, no Parque, são as espécies fora desses dois grupos que serão mais fáceis de serem visualizadas, como o bicho-preguiça-comum (*Bradypus variegatus*), o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), a cutia (*Dasyprocta aguti*), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) e o tatú-verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*).

Também poderão ser observadas diversas espécies de aves, das



Pintassilgo-do-nordeste (*Sporagra yarrellii*). Foto - Sérgio Leal.

quais seis estão ameaçadas de extinção: o gavião-de-pescoço-branco (*Leptodon forbesi*), o udu-de-coroa-azul-do-nordeste (*Momotus momota marcgraviana*), o pica-pau-anão-dourado (*Picumnus exilis pernambucensis*), a choca-da-mata-do-nodeste (*Thamnophilus caerulescens pernambucensis*), o pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*) e o pintassilgo-do-nordeste (*Sporagra yarrellii*).

Além dos mamíferos , como o o mico-de-cheiro (*Saimiri vanzolinii*) e aves, outros animais poderão ser vistos, como o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), a cobra-coral-verdadeira (*Micrurus ibiboboca*), a cobra-azulão-bóia (*Leptophis ahaetulla*) e o calango-bico-doce (*Ameiva ameiva*), entre os répteis; e diversas espécies de sapos, rãs e pererecas (*anfíbios anuros*), como o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*) e a pererecа-verde (*Hypsiboas albomarginatus*). O jacaré-do-papo-amarelo e o udu-de-coroa-azul-do-nordeste, ambos ameaçados de extinção, poderiam ser as espécies que melhor representariam essa Unidade, sendo a primeira delas encontrada no lago conhecido como Recanto dos Jacarés. Seu nome popular se deve ao fato de essa espécie ficar com o papo amarelo durante a fase de acasalamento, quando, após a postura dos ovos, a fêmea costuma se tornar mais agressiva, protegendo o seu ninho contra predadores como mamíferos e aves de rapina. Já a segunda espécie, de colorido

Mamíferos como o mico-de-cheiro (*Sporagra yarrellii*) são encontrados no Parque. Foto - Sérgio Leal.

◄ Udu-de-coroa-azul-do-nordeste (*Momotus momota marcgraviana*). Foto Sérgio Leal.

intenso, pode ser observada costumeiramente na Trilha Cidadã e nas proximidades da estrada de barro que corta o Parque, onde constrói seu ninho em barrancos, depositando três ou quatro ovos.

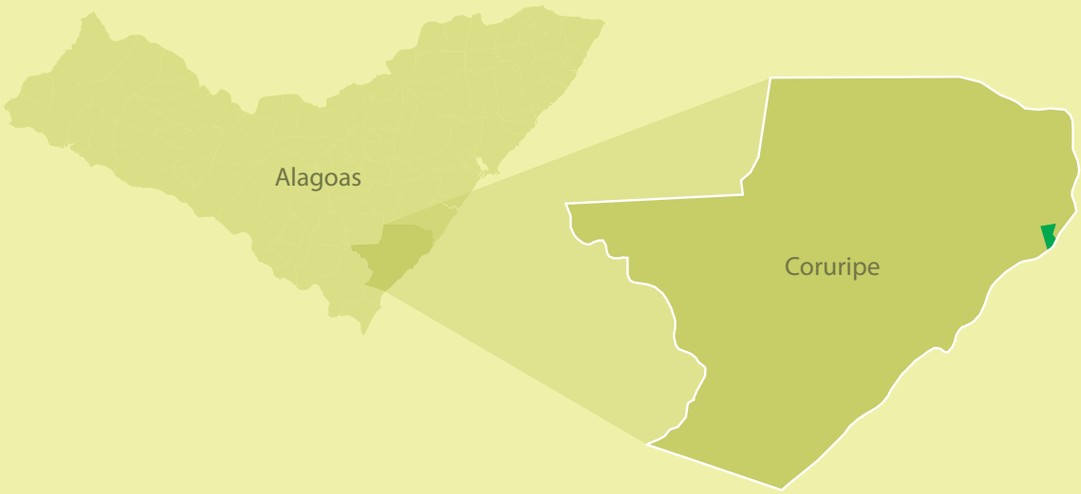
Mesmo localizado dentro de uma área urbana, o Parque proporciona uma ótima oportunidade para que a população se aproxime e conheça diversas espécies de animais que fazem parte da fauna da Mata Atlântica em Alagoas, inclusive espécies raras e ameaçadas de extinção.

Aspectos sociais

O Parque Municipal de Maceió situa-se numa região complexa do ponto de vista da socioeconomia urbana, considerando que todo o seu entorno é compreendido por bairros e conjuntos residenciais que em sua maioria não dispõem de condições adequadas a uma melhor qualidade de vida da população. Devido a isso, é grande a pressão sobre a área preservada e é de grande importância a participação da população nos cuidados com a biodiversidade e com a denúncia de flagrantes de crimes ambientais.

Na Unidade, é possível a contemplação pela sociedade. Escolas, associações filantrópicas, grupos de idosos, atletas e demais grupos sociais costumam frequentar a área para momentos de lazer, recreação e atividades físicas. A riqueza natural serve também para pesquisas científicas. Eventos culturais promovidos no local intensificam a discussão de que é possível a sociedade utilizar-se de ambientes protegidos.

APA DO POXIM



Sabiá-da-praia ►
(*Mimus gilvus*).
Foto - Sérgio Leal.

Um dos principais objetivos da APA é proteger e disciplinar o uso do solo no entorno da foz do rio Poxim. Foto - Neno Canuto.

Aspectos gerais

Criada em 12 de dezembro de 2002 através da Lei Municipal n°. 928/02, a Área de Proteção Ambiental (APA) do Poxim está localizada no Município de Coruripe, responsável pela gestão da Unidade de Conservação de Uso Sustentável. Seu espaço territorial abrange cerca de 400ha e apresenta excepcional beleza cênica, o que torna a área bastante vulnerável à especulação imobiliária.

Possui como principal objetivo proteger e disciplinar o uso do solo no entorno da foz do rio Poxim.

Atualmente, preserva uma grande faixa de manguezal, adjacente à área remanescente da mata atlântica que se junta às áreas das Usinas Coruripe e Guaxuma, formando o grande complexo ao Sul do Estado.

O clima é subúmido úmido, com precipitação que varia de 1700 a 1900mm. O relevo local é considerado Plano e Suave Ondulado, com Neossolos Quartzarênicos e Gleissolo.

A formação do solo é caracterizada por: sedimentos Inconsolidados; Sedimentar; Depósitos de areia, Depósitos de argila; Depósitos Litorâneos (Praia e Aluvião) e Formação Barreiras. A região geomorfológica é formada por Planícies Litorâneas e Piemontes inumados, com unidade geomorfológica de Planícies Deltaicas, Estuarinas e Praiais; Tabuleiros e Costeiros.

A APA do Poxim está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Poxim, que é permanente. A vegetação é caracterizada por campo higrófilo de várzea e floresta subperenifólia de restinga.

Aspectos bióticos
Flora

A Unidade protege uma faixa ampla de manguezal, considerado no auge de uma expressão florística conservada, não demostrando interferências significativas visíveis.

A APA do Poxim é uma Unidade de Conservação municipal.
Foto - Neno Canuto.

Possui área adjacente ao manguezal remanescente de mata atlântica que se junta a outros trechos de florestas, também preservadas, formando um grande complexo vegetacional protegido no sul do estado de Alagoas. Além destes, inclui a praia do Poxim, cuja beleza inexplorada rodeada de uma vegetação exuberante compõe um enquadramento paisagístico convidativo à contemplação.

A vegetação na praia só aparece na parte mais distante e influência das marés, onde medram o capim-salgado (*Sporobolus virginicus*), a salsa-da-praia (*Ipomoea imperati*), o feijão-da-praia (*Canavalia rosea*). Mais distante destas, na porção mais firme, estão *Crotalaria retusa* e *Turnera subulata* como as espécies mais comuns.

Os manguezais, ecossistemas costeiros típicos, caracterizam-se por solo pouco arejado e com alta salinidade, sujeito a inundações periódicas durante as marés altas. Como plantas características, estão presentes o mangue-de-botão (*Laguncularia racemosa*) e o mangue-verdadeiro (*Rhyzophora mangle*), que se alternam na dinâmica específica desse ecossistema. O contexto de preservação geral da região e a inexpressiva ocupação humana, salvo em épocas de veraneio, traz para a unidade pouca interferência antrópica, conferindo grande valor à natureza alagoana.

Fauna

A APA do Poxim possui uma fauna de vertebrados terrestres associada aos seus três principais tipos de ambientes: praia, manguezal e vegetação de restinga. Nesse pedaço da costa alagoana, podem ser encontradas diversas espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios. O mamífero mais comum é o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), mas também já foram registrados nessa região o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), o mão-pelada ou guaxinim (*Procyon cancrivorus*), o gambá-de

A região possui excepcional beleza cênica.
Foto - Neno Canuto

-orelha-branca, saruê ou sariguê (*Didelphis albiventris*) e o quati (*Nasua nasua*).

Entre essas, o guaxinim é o que mais costuma visitar o manguezal, devido a sua predileção alimentar por caranguejos. Já o sagui-de-tufos-brancos tem a capacidade de se adaptar e habitar praticamente todos os ambientes providos de algum tipo de arborização. Também compõem a comunidade de mamíferos dessa região diversas espécies de morcegos, como o morcego-pescador (*Noctilio leporinus*).

Entre as espécies de aves que habitam a APA do Poxim em busca de alimento, abrigo e local de reprodução, podem ser encontradas: o sabiá-da-praia (*Mimus gilvus*), empoleirado em arbustos na vegetação de restinga; a figuinha-do-mangue (*Conirostrum bicolor*), a garça-azul (*Egretta caerulea*) e o socozinho (*Butorides striata*), em meio ao manguezal; além de diversas espécies de aves migratórias na faixa de praia, como o vira-pedras (*Arenaria interpres*), o maçarico-branco (*Calidris alba*) e a batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*).

O sabiá-da-praia, que é endêmico da vegetação de restinga, encontra-se atualmente ameaçado de extinção no estado do Rio de Janeiro, e é muito provável que esse panorama possa se repetir em Alagoas, se com o passar do tempo o seu hábitat for ocupado por empreendimentos. Além do manguezal da foz do rio Coruripe, a APA do Poxim consiste em um dos poucos lugares em Alagoas onde a garça-azul pode ser encontrada.

Os répteis também não ficam de fora, sendo variadas as espécies que habitam essa área, a exemplo do calanguinho (*Cnemidophorus ocellifer*), do papa-vento (*Anolis punctatus*), do camaleão (*Iguana iguana*), da salamanta (*Epicrates cenchria*) e da cobra-verde (*Philodryas olfersii*). O camaleão e a cobra-salamanta estão entre as espécies de répteis mais coloridas que existem nessa região, o que as torna muito cobiçadas como animais de estimação — na língua tupi-guarani, usa-se a palavra xerimbabo para designar os animais de estimação, e sua tradução para nossa língua é: "minha cosia querida".

Apesar de essa Unidade de Conservação contribuir para a proteção de parcela importante da fauna de vertebrados no estado de Alagoas, sua excepcional beleza cênica torna a área vulnerável à especulação imobiliária, levando a níveis variáveis de perturbação da fauna e podendo levar a extinções locais de espécies. Portanto, as ações devem ser direcionadas de forma a assegurar que sejam mantidas a proteção dos habitats e o disciplinamento do uso do solo na área da foz do Rio Poxim.

Aspectos sociais

O município de Coruripe detém a maior área agrícola de Alagoas, com grande parte dessa área destinada ao cultivo da cana-de-açúcar, resguardando em seus limites as usinas Coruripe e Guaxuma. Outras culturas expressivas são as do coco-da-baía, milho e feijão. Segundo dados do IBGE (2010), a população total do município é de 52.130 habitantes, sendo, destes, 46.043 residentes na zona urbana e 6.087 moradores na zona rural.

Coruripe guarda importantes áreas de admirável beleza paisagística, proporcionando a progressão da atividade turística, que se apresenta como colaboradora da economia local. Há pousadas, hotéis e restaurantes situados nas mais diversas praias e lugarejos do município. Com o crescimento do turismo, o artesanato desenvolvido principalmente com a palha do ouricuri tem sido cada vez mais valorizado, garantindo um incremento na renda de diversas famílias.

O povoado do Poxim, além de possuir indiscutível beleza natural, é bucólico e tranquilo. A movimentação social cresce na região, com as festas religiosas e com a procura dos visitantes nos finais de semana ensolarados. A estrutura de bares e restaurantes às margens do rio é capaz de oferecer os mais diversos produtos para atender aos que ali chegam, favorecendo a economia do local, beneficiando os pescadores, os artesãos e o pequeno comércio.

Salamanta (*Epicrates cenchria*).
Foto - Sérgio Leal.

APA está inserida na foz do rio Poxim.
Foto - Neno Canuto.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO MUNICIPAIS

PARQUE MUNICIPAL DA PEDRA DO SINO

Foto - Neno Canuto. ►

Aspectos gerais

O Parque Ecológico Municipal da Pedra do Sino (PEPS) foi criado através de Lei Municipal nº 018/2009 e ocupa área de 21,7 ha ou 217km² na zona rural do bairro Nossa Senhora da Saúde, extremo centro-sul do município de Piranhas. Sua criação teve o intuito de promover o desenvolvimento sustentável, através da utilização dos princípios da conservação da natureza e da contribuição para a manutenção da diversidade biológica, protegendo as espécies ameaçadas de extinção. Nele, são permitidas as atividades de turismo ecológico, educação ambiental e pesquisa científica, tendo estes objetivos específicos:

I - Proteger as reservas florestais das espécies de caatinga hipo-

Leito seco do Riacho Boa Vista, que atravessa o parque. Foto Neno Canuto.

xerófila e mananciais hídricos;

II - Preservar a fauna regional e local, assegurando a proteção de espécies ameaçadas;

III - Introduzir espécies nativas da flora e da fauna;

IV - Mover ações para eliminar e reduzir os riscos ambientais;

V- Respeitar a capacidade de suporte do ecossistema florestal quanto ao uso público;

VI- Conservar as trilhas ecológico -educativas;

Devido ao bom estado de conservação da vegetação e à continuidade com remanescentes florestais além da área atual, é possível identificar sinais de movimentação da fauna regional, como tejos e tatus. Os macacos-prego também são uma atração especial, movimentando-se aos bandos pela vegetação arbórea.

O Parque expõe como atrativo principal uma estrutura de rochas, com aproximadamente dez metros de altura, que se equilibram umas nas outras, marcando presença na paisagem. O formato curioso apresentado parece uma escultura esculpida propositadamente pela natureza e chama a atenção de todos os visitantes. O local é utilizado para passeios, através de trilhas ecológicas, e possui excelente estrutura de atendimento ao público.

Aspectos físicos

A área do Parque está geomorfologicamente inserida no Pediplano do Baixo São Francisco onde o relevo possui uma dinâmica que é considerada instável de forte intensidade, por apresentar, como características, coberturas coluviais e de decomposição, texturas areno-argilosas, argilo-arenosas e argilosas, localmente descontínuas, variando de espessura. A vegetação é de caatinga arbórea densa sem presença de palmeiras, o que indica o excelente nível de conservação da flora. Os processos predominantes se apresentam como escoamento superficial intenso, com carreamento de detritos e formação de sulcos e ravinas. As precipitações anuais variam entre 250 e 800 mm, estando circunscritas entre as faixas altimétricas de 80 a 160 m.

A pedologia é dominada pela cobertura do Luvissolo Crômico que é caracterizado por ser fértil, com boa capacidade de nutrientes, apesar de ser moderadamente pedregoso. Neste caso, ocorre sobre relevo ondulado e suave ondulado e apresenta a camada mais superficial (horizonte A) em uma profundidade média de 15 centímetros, sendo considerado assim um solo muito raso onde se observa o afloramento de rochas, conferindo-lhe baixa capacidade de retenção de umidade e pouca capacidade de percolação das águas pluviais; sendo este o motivo que contribui significativamente para um escoamento superficial acentuado, havendo enxurrada em ocasiões de fortes precipitações.

Quanto ao Potencial Hídrico o

Parque possui nascentes que contribuem com o rio Boa Vista formando pequenas cachoeiras e corredores que seguem para o rio São Francisco.

Acesso

Localizado sob as coordenadas geográficas 9°36'54" e 9°36'35" de latitude sul e 37°45'03" e 37°44'44" de longitude oeste,integra a microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco e mesorregião do Sertão Alagoano. As distâncias para as principais referências do município são de 1,4 km para o Rio São Francisco, no sentido sul; 2,5 km para o bairro Xingó, no sentido oeste; e 1,6 km para o centro histórico, no sentido sudoeste. O acesso ao local se dá em parte pelas ruas do bairro Nossa Senhora da Saúde II, setor 117 e, em outra parte por estradas carroçáveis na área rural do município.

Vista aérea da cidade de Piranhas, onde está localizado Parque.
Foto - Neno Canuto

Aspectos bióticos
Flora

O trecho de Caatinga preservado no Parque sustenta a diversidade florística peculiar a este tipo de vegetação, que domina o trecho hiperxerófilo em Alagoas. A fisionomia e riqueza da flora podem ser admiradas em sua plenitude seguindo-se as várias trilhas no interior da Unidade, que ora alcançam o topo dos pequenos morros de onde se pode ter uma visão geral e ampla do local, e ora levam a paisagens formadas por vegetação verdejante, corpos d'água ou grandiosos paredões de pedra.

Aparecem espécies características que resistem às intempéries do clima e à escassez de água durante um período prolongado, o que impõem uma mudança de fisionomia de acordo com época do ano. Catingueiras (*Caesalpinia pyramidalis*), pereiros (*Aspidosperma pyrifolium*), freis-jorges (*Cordia trichotoma*), mororós (*Bauhinia cheilantha*), juremas-pretas (*Mimosa spp.*), icós (*Capparis hastata*), marmeleiro (*Croton sonderianus*), pau-d'arco (*Handroanthus impetiginosus*), entre outras, passam do aspecto seco, esbranquiçado, para o verde que toma conta da paisagem quando chegam as chuvas.

O riacho intermitente que per-

O Parque possui nascentes que contribuem com o rio Boa Vista, formando pequenas cachoeiras. Foto - Neno Canuto

meia o Parque faz parte bacia do Rio São Francisco e em vários pontos forma pequenas quedas d´água que denotam um aspecto calmo e encantador ao ambiente circundante, sazonalmente inóspito. Não há diferença significativa na composição das espécies nas proximidades do riacho, em comparação com aquela que ocorre no restante da Unidade.

Fauna

Os visitantes tem a oportunidade de entrar em contato com diversas espécies da fauna de vertebrados, mas nem todos os animais serão avistados com facilidade no mesmo dia, isso seria praticamente impossível devido a particularidades de cada espécie, das quais muitas são mais ativas durante a noite, habitam lugares de difícil acesso e/ou não toleram a presença humana, se afastando com a aproximação das pessoas. Porém, com muita paciência e persistência, ao longo de algumas horas ou dias de caminhada pelo Parque, aos poucos poderão ser avistados alguns animais se deslocando ou forrageando, isolados, aos pares, em grupos familiares ou em bandos mistos.

Além de diversas espécies de

Lagartixa-noturna (*Phyllopezus pollicaris*).
Foto - Sérgio Leal.

Casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*).
Foto - Sérgio Leal.

morcegos e minúsculos roedores, habitam o Parque Pedra do Sino outros mamíferos como o punaré (*Thrichomys apereoides*), o gambá-de-orelha-branca, timbu ou cassaco (*Didelphis albiventris*), o preá (*Cavia aperea*), o cachorro-do-mato ou raposa (*Cerdocyon thous*), o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*) e o macaco-prego (*Sapajus sp.*), que aparece em grande quantidade.

A avifauna consiste em um grupo bastante numeroso, sendo relativamente fácil detectar (através dos cantos e vocalizações) e observar os indivíduos em seu ambiente natural. Assim, diversas espécies de aves típicas dessa região podem ser observadas, como o galo-de-campina (*Paroaria dominicana*), o casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*), a maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado (*Myiarchus tyrannulus*), o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*) e a rolinha-picui (*Columbina picui*), além de espécies de corujas, bacuraus, beija-flores e gaviões.

Os répteis são um pouco mais difíceis de serem encontrados em seu ambiente natural, onde normalmente a maioria das espécies não manifesta sinais de sua presença, como as aves que emitem sons. Então, para quem não é especialista, a maioria dos registros costuma ocorrer de forma ocasional. Nessa localidade é comum serem registradas espécies como a catenga-de-listra-branca (*Tropidurus semitaeniatus*), a lagartixa-noturna (*Phyllopezus pollicaris*), o camaleão (*Iguana iguana*), a muçurana (*Clelia plumbea*), a jibóia (*Boa constrictor*), a corre-campo (*Philodryas nattereri*) e a coral-verdadeira (*Micrurus ibiboboca*).

Entre as diversas espécies de anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas) que existem no Parque, estão o sapo-boi (*Proceratophrys cristiceps*), o sapo-cururu-pequeno (*Rhinella granulosa*), a rã-assobiadora (*Leptodactylus fuscus*) e a perereca (*Dendropsophus soaresi*), porém mais fáceis de serem localizadas durante a noite, período em que estão mais ativas, emitindo vocalizações.

O Parque Pedra do Sino proporciona uma ótima oportunidade para que a população se aproxime e conheça diversas espécies de animais que fazem parte da fauna da Caatinga em Alagoas, e dessa forma possam ser agentes multiplicadores no engajamento de ações que visem a proteção das espécies e a manutenção de seus habitats naturais.

Aspectos sociais

O Parque Ecológico Municipal da Pedra do Sino está localizado na área urbana do belíssimo município de Piranhas, que figura com importantes registros históricos como a visita do Imperador Dom Pedro II no século XIX, e a emblemática saga de Lampião e seu bando no início do século seguinte. A riqueza histórica, aliada a sua admirável beleza natural faz de Piranhas um importante centro turístico, com infraestrutura de hospedagem, bares e restaurantes, e ainda com possibilidade da prática de esportes de aventura e ecológico. (Enciclopédia dos Municípios de Alagoas, 2012).

De acordo com o Censo 2010, a população do município éformada por 23.045 pessoas. O Parque dispõe de infraestrutura para atender os visitantes, conta com trilhas ecológicas para contemplação da riqueza de espécies existentes da fauna e da flora, mirantes e paisagismo, proporcionando a relação de todos com os recursos encontrados no ambiente natural.

A educação ambiental e a capacitação de estudantes locais a fim de desenvolver o trabalho de guias ambientais, são iniciativas que objetivam e qualificam a criação da Unidade; fomentam a pesquisa e o contato da sociedade com regiões ambientalmente relevantes, ressaltando a responsabilidade de todas as esferas da sociedade com as questões relacionadas ao meio ambiente.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN ALDEIA VERDE

Informações gerais

Criação: **Portaria IMA n° 005/2007**

Tamanho: **11,42 ha**

Município: **Maceió**

Proprietário: **Ricardo Luiz Rocha Ramalho Cavalcanti**

Foto - Neno Canuto

Plantas frutíferas são cultivadas na reserva, como a pitanga (*Eugenia uniflora*). Foto - Neno Canuto.

Árvores arbustivas como o araçá (*Psidium guineense*) podem ser encontradas na Reserva. Foto - Neno Canuto.

A RPPN Aldeia Verde tem como objetivo a preservação integral do meio natural, sendo vetadas todas as interferências sobre o ecossistema. Possui interessante fragmento do bioma Mata Atlântica, em bom estágio de conservação, detendo trechos em estágio médio de regeneração visto que, em épocas anteriores, a área era de domínio da cultura de cana-de-açúcar.

Verifica-se o envolvimento responsável dos proprietários na preservação da Unidade para que a mesma volte a ter o porte florestal antes registrado. Isso porque a reserva visa recompor um trecho de floresta Ombrófila em estágio inicial de recuperação, que apresenta indivíduos jovens de espécies pioneiras, que se estabelecem facilmente após a destruição da cobertura vegetal. Estão presentes elementos arbóreos pertencentes à floresta que, em tempos remotos, ocorria em seu estado natural nesta porção de Alagoas.

Aparece dentre eles a embiriba (*Eschweilera ovata*), embaúba (*Cecropia pachystachya*), o pau-lacre (*Vismia guianensis*) e araçá (*Psidium guineense*). Espécies herbáceas pioneiras aparecem em toda a área, como a *Turnera subulata*, *Emilia sonchifolia*, *Solanum americanum*, *Eclipta alba*, *Priva lappulacea*, *Spigelia anthelmia*. Além disso, plantas frutíferas são cultivadas na RPPN, para o consumo dos proprietários, como a acerola (*Malpighia glabra*), pitanga (*Eugenia uniflora*), manga (*Manguifera indica*), graviola (*Annona muricata*), banana (*Musa spp.*), entre outras.

É possível encontrar também, espécimes emergentes de troncos finos que atingem 12 metros em

Bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*). Foto – Sérgio Leal.

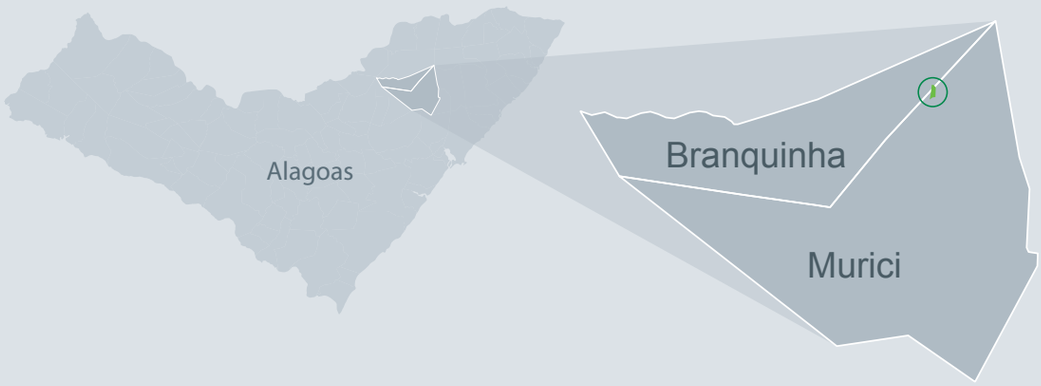
altura: barbatimão, grão de galo, pau lacre, murici, cabaçú e maçaranduba.A área da RPPN compreende em sua maior parte, áreas de encostas e vales. Na porção Noroeste, limita-se com um córrego que delimita a propriedade e é afluente do Riacho da Garça Torta. Na fazenda ainda são produzidos alimentos orgânicos, como hortaliças, frutas e mel de abelha.

Entre os mamíferos que ocorrem nessa região, existe registro de apenas uma espécie de primata (macaco), o sagüi-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), e de uma espécie de carnívoro, o cachorro-do-mato ou raposa (*Cerdocyon thous*). Os demais mamíferos consistem em marsupiais, como o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), ratos e morcegos, como o morcego-de-cauda-curta-e-comedor-de-frutas (*Carollia perspicillata*).

Sobre o folhiço ou trocos das árvores, podem ser encontrados pequenos lagartos, como o papa-vento (*Anolis punctatus*) e o calango (*Ameiva ameiva*), além de cobras, a exemplo da boipeva (*Waglerophis merremii*) e da falsa-coral (*Oxyrhopus trigeminus*). Devido a grande interferência dos efeitos de borda, que provoca grande luminosidade no interior da Mata Atlântica, sua avifauna é formada basicamente por espécies que não dependem exclusivamente de ambientes florestais para sobrevivência. Os principais exemplos são o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), o sebite (*Coereba flaveola*), o suiriri (*Tyrannus melancholicus*) e o gavião-carijo (*Rupornis magnirostis*).

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN BOA SORTE



Informações gerais

Criação: **Portaria IMA n° 015/2007**

Tamanho: **40,85 ha**

Município: **Murici e Branquinha**

Proprietário: **Teresa Maria Lins Tenório**

Cachoeira da Tiririca.
Foto - Neno Canuto.

O sapo-de-chifres (*Proceratophrys boiei*) é uma das espécies que pode ser encontrada na região. Foto - Sérgio Leal.

A Reserva Boa faz parte da Área de Proteção Ambiental de Murici e está localizada a apenas dois quilômetros da Estação Ecológica de Murici. Foi criada com objetivo de preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre o ecossistema da Mata Atlântica, exceto as atividades que envolvem o contato com a natureza, a educação ambiental e a pesquisa científica.

O caminho que conduz à RPPN Boa Sorte, partindo da BR 101, encanta pela paisagem rural. O trecho de floresta Ombrófila se sobressai pela beleza cênica das grandes árvores e formações rochosas presentes em seu interior. Atrás do espaço construído para as atividades de recreação e de ecoturismo, é possível adentrar no fragmento de mata protegido, onde predominam árvores de caules retos ou ramificados, com alturas que variam de 5 a 25 metros.

Constam espécies como a embiriba (*Eschweilera complanata*), cupiúba (*Tapirira guianensis*), praxim (*Anaxagorea dolichocarpa*),japranduba (*Gustavia augusta*), cabotã (*Thyrsodium spruceanum*), canudo-de-pito (*Mabea occidentalis*), conduru (*Brosimum guianense*), e o sambacuim (*Schefflera morototoni*). No sub-bosque estão as plantas herbáceas e arbustivas, sendo mais comuns as Rubiaceae, com flores amarelas, roxas e brancas. As epífitas, cipós e trepadeiras delicadas se sustentam sobre as árvores fazendo um emaranhado que emoldura as bordas e o interior do fragmento.

Troncos revestidos por liquens, briófitas e pteridófitas (Avencas e Samambaias), Aráceas e Orquídeas. Registra-se a ocorrência de espécies arbóreas comuns nas áreas de floresta Ombrófila Alagoana, tais como Visgueiro, Ipê Roxo, Sucupira, Cupiúba, Pau Jangada, Praxim, Ingás, Coração de Negro, dentre outros.

Foto - Neno Canuto.

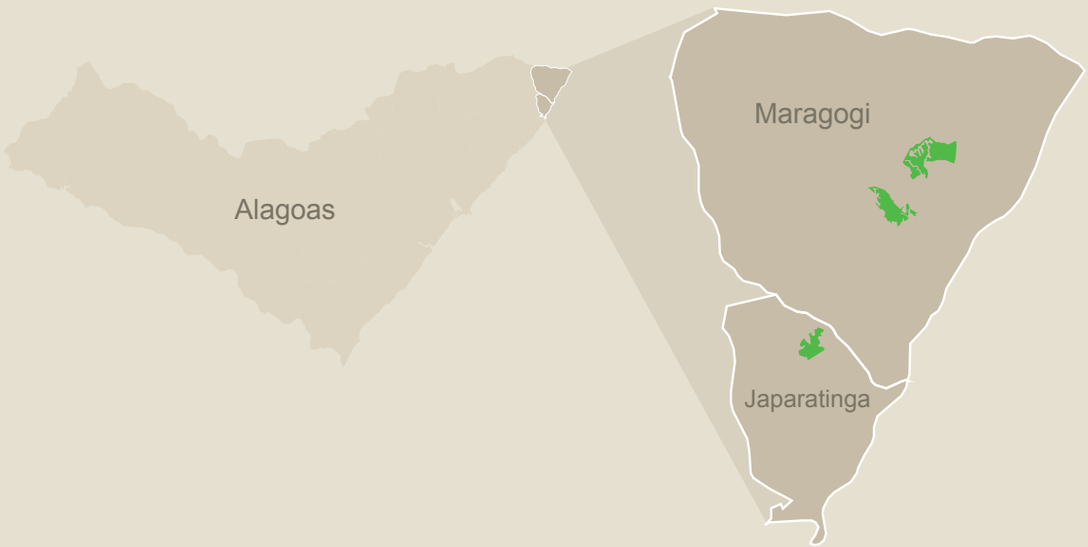
O proprietário desenvolve atividades de manejo sustentável como a criação de abelhas e plantio de plantas exóticas para a utilização madeireira

A RPPN está inserida na Bacia Hidrográfica do Mundaú e é delimitada em seu limite Leste, pelo riacho que forma a famosa Cachoeira da Tiririca, principal atributo de atração de visitantes à localidade, com mais de 70 metros de altura, de grande beleza. A Cachoeira da Tiririca é destino de praticantes do turismo ecológico e de aventura.A formação de áreas com cachoeira como essas na região é proporcionada pela vasta rede de drenagem que irriga os vales e elevações da Borborema em contato com seus afloramentos do cristalino, formando extensos matacões.

Existem aproximadamente 175 espécies de aves que vivem nessa propriedade, onde pelo menos 18 dessas estão ameaçadas de extinção, como o gavião-de-pescoço-branco (*Leptodon forbesi*), o apuim-de-cauda-amarela (*Touit surdus*), o beija-flor-de-costas-violetas (*Thalurania watertonii*), a choca-lisa (*Thamnophilus aethiops*) e o anambezinho (*Iodopleura pipra*). Entre as muitas espécies de mamíferos que ocorrem nessa área e que podem ser avistadas se alimentando ou cruzando o caminho, estão o porco-do-mato, cateto ou pecari (*Tayassu tajacu*), o tapiti, coelho-do-mato ou lebre (*Sylvilagus brasiliensis*) e o esquilo ou caxinguelê (*Guerlinguetus alphonsei*). Possui diversas espécies de répteis e anfíbios anuros, podendo ser encontrados nessa região a cobra-cipó-grande (*Chironius carinatus*), o sapo-de-chifres (*Proceratophrys boiei*) e o camaleãozinho (*Enyalius sp.*). Toda a exuberância pode ser contemplada pelos visitantes. O ecoturismo é bem estimulado, na área da fazenda Boa Sorte, onde existem diversos pontos de acomodação, inclusive área de camping.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN BOSQUE, RPPN CACHOEIRA E RPPN TRIUNFO



Informações gerais

Criação: **Portarias IMA n° 015/2009 (Bosque), 014/2009 (Triunfo), 012/2009 (Cachoeira)**

Tamanho: **334 ha, 2219ha e 145,29 ha**

Município: **Maragogi e Japaratinga**

Proprietário: **Marceal Vasconcelos Silva - representante legal da Agro Industrial São Gonçalo S/A**

Foto - Neno Canuto

As RPPN Bosque, Cachoeira e Triunfo foram criadas com o objetivo de preservação integral do meio natural, sendo proibidas as interferências negativas sobre esse ecossistema do bioma Mata Atlântica.

As três reservas são compostas por fragmentos de vegetação secundária, e apresentam, em suas adjacências, plantio de cana-de-açúcar, pastagens, fruticulturas, assim como áreas remanescentes de Mata Atlântica, com a possibilidade de criação de corredores. O conjunto fisionômico está inserido na zona da mata, porção noroeste do estado de Alagoas, no Planalto da Borborema, sobre rochas de embasamento cristalino, datadas do Pré-Cambriano Inferior, com ocorrência de afloramentos rochosos.

Na vegetação, registra-se a ocorrência de espécies ainda jovens e com caules finos, mas apresentando um bom estágio de regeneração. Apesar da pressão antrópica verificada, há indivíduos de grande porte, como pau d´árco, angelim, visgueiro, cupiúba, com alturas que podem chegar a aproximados 20 ou 25 metros. Na Reserva Triunfo, há grande quantidade de sucupiras. Na época de floração, observa-se o belo colorido das flores no meio de todo o verde ao longo da mata.

Na área da RPPN Bosque, há muitos atrativos cênicos e naturais, tais como: uma trilha que leva o visitante a um imponente visgueiro, onde os dobramentos de

Aspidosperma spruceanum.
Foto – Maurício Carnaúba.

◄ Foto - Neno Canuto

suas raízes chegam a aproximadamente um metro e meio da altura acima do solo; a impressionante atuação das aranhas que formam grandes mantos de teias maciços, que seguem desde os troncos até a copa de algumas árvores; além de uma bela cachoeira.

A RPPN Cachoeira possui um riacho, que margeia parte da reserva, servindo também de atrativo para visitantes e moradores do local. Na Reserva, é centralizado todo o trabalho de educação ambiental realizado pela equipe de gestão ambiental da Usina. O esforço contínuo em ressaltar a importância da preservação, em todas as suas etapas, tem mostrado a estudantes de todas as idades que atitudes simples, quando somadas, podem fazer diferença no processo de recomposição da biodiversidade.

A vegetação na RPPN Bosque apresenta fisionomias diferentes, resultantes da variação do grau de conservação no interior do fragmento. Em alguns trechos há o predomínio de árvores esparsas, onde há penetração intensa de luz. A maioria das plantas observadas nesses trechos se enquadra na categoria inicial do processo de recomposição ecológica, como a laranjinha (*Zanthoxylum rhoifolium*), louro (*Ocotea glomerata*), bom-nome (*Maytenus distichophylla*), pimentinha (*Erythroxylum mucronatum*) e camarão (*Trema micrantha*).

Nos locais onde a cobertura vegetal apresenta árvores com copas que se tocam, conferindo um aspecto mais sombreado ao ambiente, podem-se avistar árvores longevas, que mostram a imponência de seus caules e alturas que ultrapassam 20 metros, principalmente as mungubas (*Eriotheca macrophylla*), gameleiras (*Ficus pertusa*) e visgueiros (*Parkia pendula*). Em geral, essas grandes árvores se utilizam de raízes tabulares que ficam

à mostra e servem para ampliar a estabilidade, visando suportar seu peso e altura. As espécies ocorrentes fazem parte da Floresta Ombrófila, que outrora se expandia vigorosamente e ocupava grande parte da região norte de Alagoas. O sub-bosque está revestido por herbáceas terrestres, trepadeiras, arbustos e arvoretas, destacando-se: erva-de-rato (*Psychotria racemosa*), taquara (*Olyra micrantha*), maracujazinho (*Passiflora foetida*) e jasmim-da-mata (*Rauvolfia grandiflora*).

A RPPN Cachoeira preserva um trecho secundário, que representa uma amostra considerável da biodiversidade atual. A proposta é que, ao longo do tempo, o fragmento possa se restaurar normalizando a dinâmica da vegetação. A fisionomia das áreas visitadas é ora aberta, ora mais densa, com estrato arbóreo mais elevado e porte médio das árvores em torno de 15 metros de altura. A comparação da flora identificada nos remanescentes da porção norte de Alagoas é compatível com aquela que resistiu e/ou se regenerou na Reserva (Dados de exsicatas de herbário MAC, do Instituto do Meio Ambiente). Ocorrem na região, o mau-vizinho (*Machaerium hirtum*), a embaúba (*Cecropia pachystachya*), o açoita-cavalo (*Luehea ochrophylla*), a capeba (*Piper divaricatum*), o amarelo (*Plathymenia reticulata*), o catolé (*Attalea oleifera*), como também populações de espécies exóticas invasoras, como dendê (*Elaeis guineensis*). As bordas florestais são

1

2

Nas Reservas há árvores que ultrapassam 20 metros de altura.
Foto - Neno Canuto.

1
Sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*).
Foto - Sérgio Leal.

2
O Coelho tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*) é um mamífero que pode ser encontrado na Reserva.
Foto - Micheline Lima.

geralmente protegidas pelas trepadeiras olho-de-boi (*Dioclea virgata*), *Trigonia nivea*, P*aullinia pinnata* e *Gouania blanchetiana* e por indivíduos jovens das árvores mais comuns, distribuídos esparsamente ao redor da extensão. São observados também: embira-vermelha (*Xylopia frutescens*), banana-de-papagaio (*Himatanthus bracteatus*), burdão-de-velho (*Samanea saman*) e diversas espécies do gênero Miconia (*Melastomataceae*).

O trecho de floresta contido na RPPN Triunfo apresenta fisionomia arbóreo-arbustiva, com algumas clareiras que possibilitam ampla entrada de luz, favorecendo plântulas e sementes disponíveis no solo, pois elas necessitam dessa condição para o seu desenvolvimento. São pequenos os trechos de mata densa, com árvores que variam de 8 a 20 metros de altura, tais como: japrandubas (*Gustavia augusta*), ingás (*Inga capitata*), mauvizinhos (*Machaerium hirtum*), sucupiras (*Bowdichia virgilioides*), paus-lacre (*Vismia guianensis*), pororocas (*Clusia nemorosa*) e açoita-cavalos (*Luehea ochrophylla*), que representam parte da diversidade florística da unidade. O estrato herbáceo se alterna entre o folhedo abundante, com representantes de Poaceae (*Olyra micrantha*), Cyperaceae (*Rhynchospora cephalotes*), Gentianaceae (*Chelonanthus purpurascens*), Rubiaceae (*Borreria verticillata*) e Malvaceae (*Sida galheirensis*).

Na RPPN Bosque, as aves normalmente são os primeiros a serem

encontrados, a exemplo do papa-formiga-vermelho (*Formicivora rufa*), da jandaia-verdadeira (*Aratinga jandaya*) e do rabo-branco-rubro (*Phaethornis ruber*), sendo este último, a menor espécie de beija-flor da avifauna em Alagoas. Outro grupo bastante numeroso é o da herpetofauna, como por exemplo, os anfíbios anuros (sapos), que ficam mais ativos durante a noite. Desse grupo, são conhecidas espécies como a rã-listrada (*Scinax ruber*), o lagarto (*Enyaliu ssp.*) e a cobra-cipó-bicuda (*Oxybelis aeneus*). Alguns mamíferos também podem ser vistos se deslocando pela mata da Reserva, como a cuíca (*Caluromys philander*), o quati (*Nasua nasua*) e o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*).

A fauna de vertebrados da Fazenda Cachoeira é constituída por espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios anuros típicos da Mata Atlântica. Entre as aves, há a rendeira (*Manacus manacus*), o arapaçu-de-bico-branco (*Dendroplex picus*), a maracanã-pequena (*Diopsittaca nobilis*), o sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*), além do anambezinho (*Iodopleura pipra*), ameaçado de extinção. Mas não é só a avifauna que encanta por sua beleza e diversidade, animais como a falsa-coral (*Oxyrhopus petola*), a jararaca (*Bothrops leucurus*) e o papa-vento (*Anolis punctatus*) são alguns entre dezenas de répteis da região. No folhiço, nas proximidades de alguma poça ou em bromélias, facilmente serão encontrados sapinhos, rãs ou pererecas. A maior parte dos anfíbios anuros é da espécie Ischnocnema gr. ramagii, sendo muito comum encontrá-la, assim como a gia-de-peito (*Leptodactylus vastus*) e sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*). Há ainda mamíferos, como o tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*) e o papa-mel ou irara (*Eira barbara*).

A RPPN Triunfo é um Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica que abriga espécies de mamíferos, como a paca (*Cuniculus paca*), o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*) e o tatu-verdadeiro ou tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), além de morcegos. Ao caminhar pelas trilhas, tem-se a oportunidade de ver o teiú (*Tupinambis merianae*), que passa a maior parte do tempo à procura de uma grande variedade de comida, como ovos de aves que vivem na floresta, entre elas, o tico-tico-de-bico-preto (*Arremon taciturnus*), o qual faz seu ninho no chão da mata. Quando o teiú se sente ameaçado, costuma ficar imóvel ou fugir rapidamente fazendo muito barulho. Entre os seus predadores, muitas espécies vivem na Reserva, a exemplo do quati (*Nasua nasua*), do gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) e do cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), além de diversas espécies de gaviões, como o gavião-preto (*Buteo albonotatus*). Podem ser encontrados também, o calango (*Ameiva ameiva*), o lagarto (*Mabuya bistriata*), várias espécies de cobras e muitos outros répteis. Durante a noite, aves como a choquinha-de-flanco-branco (*Myrmotherula axillaris*) e o saí-azul (*Dacnis cayana*) param de cantar, dando vez ao repertório vocal de diversas espécies de anfíbios anuros, como o da pererequinha-amarela (*Dendropsophus branneri*).

◄ Anu-branco (*guira-guira*).
Foto - Sérgio Leal.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN CACHOEIRA

Informações gerais

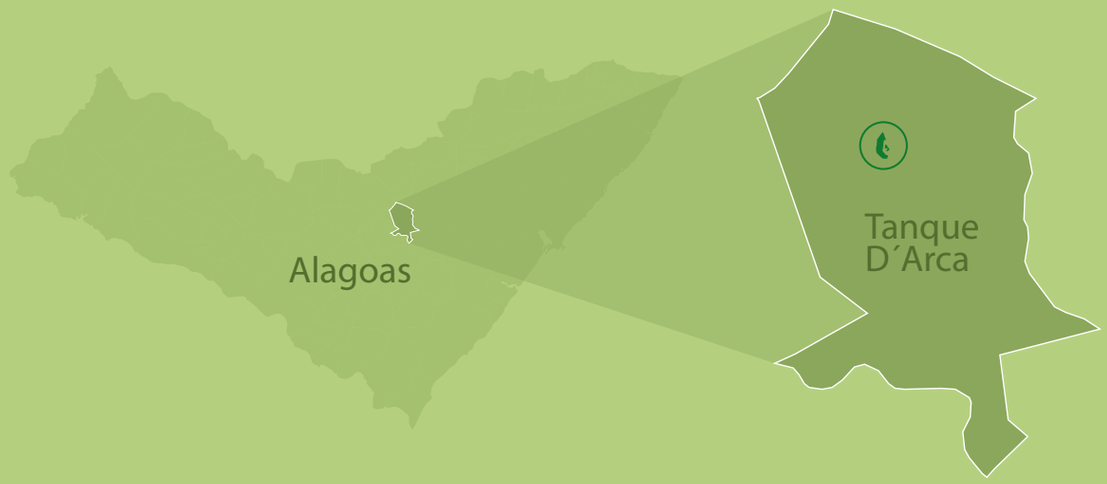
Criação: **Portaria nº 023/2008**

Tamanho: **34,14 ha**

Município: **Tanque D'Arca**

Proprietário: **Luiz Alberto Fonseca de Lima**

A Reserva está encravada no sopé da serra de Tanque D'Arca. Foto - Alex Nazário.


Alagoas
Tanque
D´Arca

A Reserva Cachoeira tem como objetivo a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema do bioma Mata Atlântica. É representado pela Floresta Estacional Decidual e Semidecidual, detendo traços de área de transição ecológica, pois apresenta exemplares típicos dos dois principais biomas alagoanos: a Mata Atlântica e a Caatinga.

A área da RPPN compreende, em sua maior parte, feições de encostas íngremes e sopé de elevação rochosa, e está localizada no divisor de águas de vale fluvial do Rio São Miguel. Ela está encravada no sopé da Serra de Tanque d'Arca, de imponente beleza, avistado a partir de variadas distâncias da cidade. Geologicamente, está situada na unidade geoambiental do Planalto da Borborema — formada por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 650 a 1.000 metros, e que ocupa uma área de arco que se estende do sul de Alagoas até o Rio Grande do Norte.

A beleza da mata preservada em contato com os afloramentos rochosos dão um aspecto muito belo à Reserva, que detém árvores de grande porte incrustadas entre rochedos e paredões.

A RPPN está revestida pela Floresta Estacional, embora apresente alguns trechos com fisionomia e florística semelhante as da Floresta Ombrófila. De uma forma geral, as espécies são esparsas e não ultrapassam 10 metros de altura, mas a cobertura vegetal vigente possibilita sombreamento para as epífitas e outras herbáceas que ocupam o sub-bosque. O cabotá (*Cupania oblongifolia*), a sapucaia (*Lecythis pisonis*), o açoita-cavalo (*Luehea ochrophylla*), a carne-d´anta (*Roupala montana*), a sucupira (*Bowdichia virgilioides*) e a embiriba (*Eschweilera ovata*) convivem com as espécies de clima mais seco, como os juazeiros (*Zyzyphus joazeiro*), o angico (*Anadenanthera macrocarpa*), a catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), a imburana (*Commiphora leptopheos*) e a quixabeira (*Sideroxylum obtusifolium*). Aparecem, na unidade, algumas craibeiras, como a Tabebuia alba, considerada a planta símbolo de Alagoas (Alagoas 1985). A craibeira é facilmente observada em vários pontos no agreste e sertão em todo o estado, principalmente nas proximidades dos cursos d'água. A planta se torna inconfundível na época de sua floração, quando

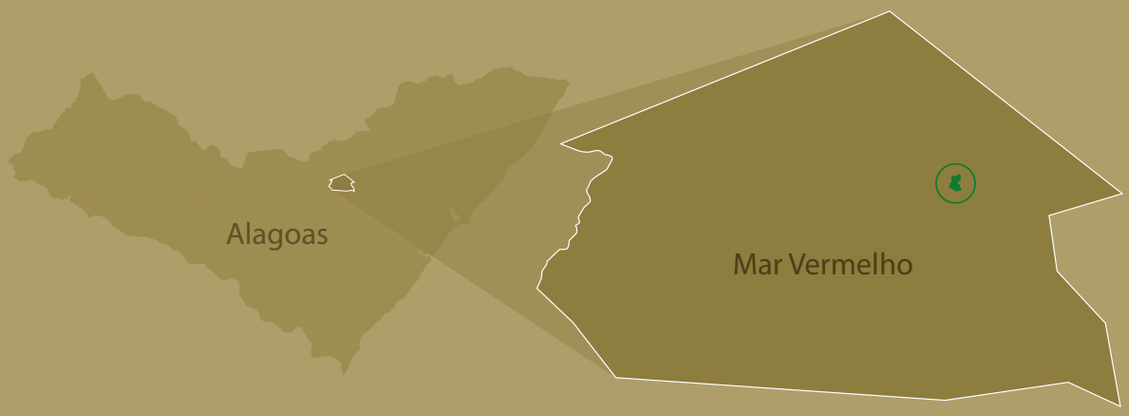
A boipeva (*Waglerophis merreme*) é uma cobra que costuma ser encontrada na Reserva. Foto - Fernando Pinto.

caem as suas folhas e as copas se enchem de incontáveis flores amarelas.

A área funciona como local de alimentação, abrigo, descanso e dessedentação para diversas espécies de mamíferos, como o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), a cutia (*Dasyprocta aguti*), o quati (*Nasua nasua*), o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) e o gambá-de-orelha-branca, saruê ou sariguê (*Didelphis albiventris*). Impressiona a quantidade de aves típicas da região, 112 espécies, o que tem motivado o proprietário a incentivar a soltura de aves nativas na área de sua reserva, a exemplo do galo-de-campina (*Paroaria dominicana*), sanhaçu-cinzento (*Tangara sayaca)* e canário-da-terra-verdadeiro (*Sicalis flaveola*). Também podem ser encontradas outras espécies de aves, como o bacurauzinho-da-caatinga (*Caprimulgus hirundinaceus*), o gibão-de-couro (*Hirundinea ferruginea*) e o pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*). Completam a fauna local, diversas espécies de anfíbios anuros, como o sapo conhecido cientificamente como *Pleurodema diplolistris*, além de répteis como o teiú (*Tupinambis merianae*) e a boipeva (*Waglerophis merremii*), que costuma se alimentar de sapos, furando seus pulmões com as grandes presas.

A entrada de pessoas na Unidade é autorizada apenas na época da Semana Santa, quando moradores caminham em romaria ao topo da Serra do Cruzeiro, uma das serras que compõem a Reserva, representando o Calvário de Cristo.

RPPN CANADÁ



Informações gerais

Criação: **Portaria n° 004/2007**

Tamanho: **08,28 ha**

Município: **Mar Vermelho**

Proprietário: **Álvaro Arthur Lopes de Almeida**

Foto - Alex Nazário. ►

A Reserva Canadá tem como objetivo a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema. A área detém traços de transição ecológica por apresentar elementos da Mata Atlântica, da floresta Estacional Decidual, como também espécies típicas da Caatinga. E impressionante o número de epífitas no interior do fragmento que exibem flores roxas e perfumadas, principalmente nos meses de abril, maio e junho. As espécies arbóreas que merecem destaque na RPPN Canadá são: pau sangue, canzenze e jatobá que chegam a ultrapassar 20 metros de altura.

É impressionante o número de epífitas que exibem suas flores roxas e perfumadas no interior dessa RPPN. Outras espécies arbóreas que merecem destaque são: indivíduos de Pau Sangue, Canzenze e Jatobá de largos dosséis, que chegam a ultrapassar 20 metros de altura.

A área destinada à RPPN compreende, em sua maior parte, feições de encostas suaves e vales, engastados numa área de relevo bastante trabalhado e dissecado da Província Borborema, abrangendo rochas do embasamento gnáissico-migmatítico, datadas do Arqueano ao Paleoproterozóico, sendo constituído por gnaisses, leucognaisses, metarcóseos, metagrauvacas e quartzitos. A altitude da região varia entre 650 e 1.000 metros, detendo um clima ameno a frio, principalmente durante a noite, o que faz a cidade de Mar Vermelho ser conhecida como a "Suiça Alagoana", tendo sua menor temperatura registrada em 10ºC em julho de 2010.

Quanto aos recursos hídricos, a RPPN apresenta córregos e nascentes que contribuem para o chamado Rio Preto.

A maioria das espécies que ocorre nesse remanescente florestal é de pequeno e médio porte. Entre os mamíferos, podem ser citados a cutia (*Dasyprocta prymnolopha*), o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), o punaré (*Thrichomys apereoides*), o rato-do-mato (*Wiedomys pyrrhorhinos*) e o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*). Há dezenas de espécies de aves, das quais a maioria possui hábito diurno, como o balança-rabo-de-chapéu-preto (*Polioptila plumbea*), o barulhento (*Euscarthmus meloryphus*) e o petrim (*Synallaxis frontalis*). Entre os que possuem atividade noturna, há o bacurau-mede-léguas (*Hydropsalis albicollis*) e a corujinha-do-mato (*Megascops choliba*). A herpetofauna local é composta por diversas espécies, das quais incluem cobras-cegas, lagartos, cobras, sapos, rãs, gias e pererecas, como exemplos o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*), o sapinho-do-folhiço (*Ischnocnema gr. ramagii*), o teiú (*Tupinambis merianae*) e a jibóia (*Boa constrictor*).

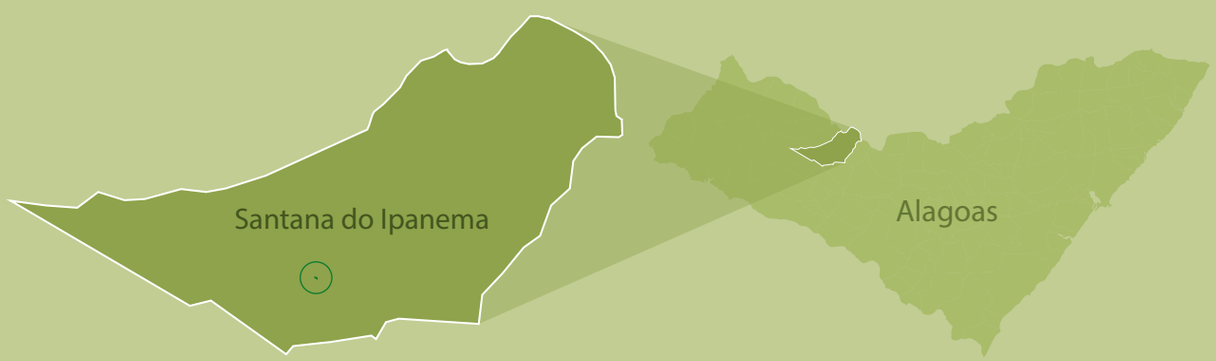
A área da Fazenda que abriga a RPPN Canadá corresponde a uma propriedade que desenvolve a atividade da pecuária de forma bem expressiva. Mesmo assim, o local detém uma exuberante beleza paisagística e é aberto à visitação para pesquisas e contemplação.

Orquídea *(Cattlea labiata)*. ►
Foto - Flávia Cavalcante.

Embiriba *(Eschweilera ovata)*. ►
Foto – Neno Canuto.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN ESTÂNCIA SÃO LUIZ



Informações gerais
Criação: **Portaria n° 004/2009**
Tamanho: **1,36 ha**
Município: **Santana do Ipanema**
Proprietário: **Luiz Alves Ribeiro**

Foto – Neno Canuto. ►

A cuíca-de-rabo-curto (*Monodelphis domestica*) é um mamífero que pode ser encontrado na região.
Foto - Sérgio Leal.

Foto - Neno Canuto.

A RPPN é uma das menores do estado, mas possui importante fragmento continuo de caatinga.
Foto - Neno Canuto.

A Reserva Estância São Luiz tem como meta a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema, e tem como principal objetivo a preservação de fragmento do bioma Caatinga. Não existem limites mínimos de área para o reconhecimento de Reservas Particulares do Patrimônio Natural. A Reserva é atualmente uma das menores do estado, entretanto, possui importante fragmento contínuo de caatinga arbóreo-arbustiva e diversos córregos temporários que afloram na estação chuvosa e irrigam vastas áreas de baixios e vales da região.

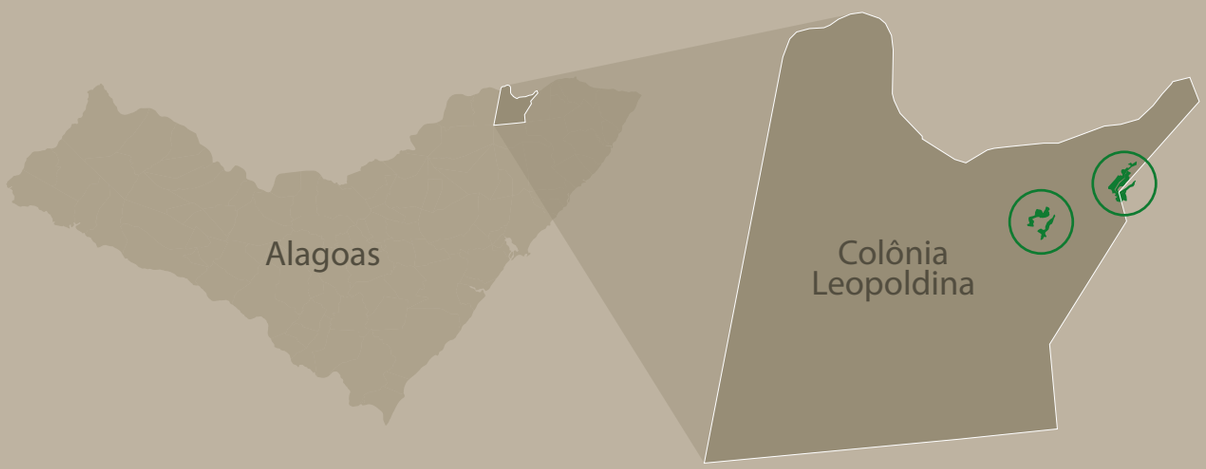
A vegetação apresenta fisionomia e florística características de áreas de Caatinga — bioma exclusivo do Brasil e caracterizado pela pouca umidade. O solo pedregoso e com muitos cascalhos acumula a serapilheira resultante da deciduidade das folhas, na época de escassez de chuvas. Observa-se, no fragmento, o predomínio de espécies arbóreas e arbustivas que apresentam alta resistência a longos períodos de estiagem (hiperxerófilo).

A Unidade ocupa trecho plano, com vegetação em estágio avançado de regeneração, com árvores de 10 a 15 metros de copas ralas. Abriga espécies características em outros trechos de Caatinga ocorrentes em Alagoas, a exemplo do pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), do angico (A*nadenanthera macrocarpa*), da catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), da imburana (*Commiphora leptophloeos*) e da quixabeira (*Sideroxylum obtusifolium*), entre outras. Vale destacar a ocorrência do cedro (*Cedrela fissilis*). Esta planta também está presente, mais significativamente, na Mata Atlântica e na região Amazônica, entretanto, ocorre também de forma restrita nos encraves de vegetação na Caatinga do nordeste. Em Alagoas, a presença dessa planta é cada vez mais escassa, dado a intensa busca por madeireiros, no passado. Em alguns pontos no interior da vegetação, o solo está recoberto amplamente por macambira (*Bromelia laciniosa*), dificultando a passagem. Em alguns pontos específicos, onde há rede de drenagem, aparecem herbáceas como *Ruellia asperula e R. geminiflora*. Várias Euphorbiaceae (*Euphorbia insulana, Croton moritubensis, Cnidoscolus urens, Jatropha ribifolia e Manihot spp.*) e Cactaceae (mandacaru, xique-xique, alastrado, rabo-de-raposa) também estão presentes. No entorno da reserva, o solo é utilizado para o plantio de diversas variedades palma-forrageira.

A Reserva possui uma baixa diversidade de espécies de animais, entre os mamíferos estão o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o rato-do-mato (*Wiedomys pyrrhorhinos*), o gambá-de-orelhas-brancas (*Didelphis albiventris*) e a cuíca (*Monodelphis domestica*), além de algumas espécies de morcegos (ex.: *Artibeus lituratus*). As aves que ocorrem podem ser representadas pela maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado (*Myiarchus tyrannulus*), o arapaçu-do-cerrado (*Lepidocolaptes angustirostris*), o tuim (*Forpus xanthopterygius*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o garrinchão-de-bico-grande (*Cantorchilus longirostris*). Também podem ser registrados a lagartixa-comum (*Tropidurus hispidus*), a lagartixa-de-listra-branca (*Tropidurus semitaeniatus*) e o calanguinho (*Cnemidophorus ocellifer*), além de alguns anfíbios anuros, como o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*).

A Reserva possui uma trilha que atravessa áreas com belos afloramentos rochosos e, devido ao seu baixo grau de dificuldade e terreno plano, é ideal para visitação de crianças e pessoas que se adaptem melhor a uma caminhada de baixo impacto. O local, que dispõe de 10 chalés, recebe visitantes para a contemplação do lugar.

RPPN ESTRELA DO SUL, RPPN PAPA MEL E RPPN PORTO ALEGRE



Informações gerais

Criação: **Portaria n° 09/2012, 08/2012 e 10/2012**

Tamanho: **52,49 ha (dois fragmentos de 21,74 ha e 30,75 ha), 27,52 ha, 52,87 ha**

Município: **Colônia de Leopoldina**

Proprietário: **Diego Tenório Guimarães - representante legal da Usina Porto Alegre**

Foto - Neno Canuto. ►

As três reservas estão inseridas em fragmentos de Mata Atlântica e foram criadas com o objetivo de preservar integralmente o meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema do bioma Mata Atlântica.

A Reserva Estrela do Sul possui dois importantes fragmentos de Mata Atlântica, situados em terreno de encosta, com declive acentuado, e que se configuram como importantes áreas de preservação permanente das áreas de relevo movimentado da região. Com um trabalho de recomposição florestal de áreas adjacentes, os dois podem ser unidos.

As Reservas Papa Mel e Porto Alegre estão inseridas na Área de Proteção Ambiental (APA) de Murici, fazendo parte de um complexo de áreas particulares — composto atualmente por sete RPPN reconhecidas pelo IMA, de importância estratégica para a proteção de remanescentes florestais e corredores ecológicos. A Reserva Papa Mel situa-se adjacente à Reserva Porto Alegre, e, por isso, apresentam continuidade em suas coberturas vegetais. As duas possuem uma característica marcante na composição em terreno de encosta, com declive acentuado, configurando importante Área de Preservação Permanente (APP) das áreas de relevo movimentado da região.

A mata das três é caracterizada por extrato arbóreo, com árvores que podem chegar a 30 metros de altura. Ela é representada por espécies comuns nas áreas de Floresta Ombrófila do estado de Alagoas, como: ‘’pau-de-jangada” (*Apeiba tibourbou*), ‘’jacarandá ” (*Hymenaea courbaril*), ‘’sucupira” (*Bowdichia virgilioides*), ‘’cupiúba” (*Tapirira guianenesis*) ‘’murici (*Byrsonima sericea*), ‘’visgueiro” (*Parkia pendula*), ‘’pau-falho” (*Aspidosperma spruceanum*), e ‘’banana-de-papagaio” (*Himatanthus bracteatus*). As Jaqueiras também são vistas no interior das três Unidades, principalmente nas áreas por onde transitam moradores da região. Podem ser vistas também *Tabernaemontana salzmannii*, *Cordia nodosa*, *Miconia minutiflora*, *Psychotria hoffmannseggiana*, dentre outras espécies de características de povoamento inicial nas florestas em regeneração.

A Reserva Estrela do Sul, formada pelos trechos Cândia e Chã de Colônia, é circundada por plantações de bananeiras, de pequenas lavouras de subsistência e locais de criação de animais. A palmeira dendê (*Elaeis guineensis*), comum no interior da mata, é uma espécie subespontânea que geralmente invade trechos de Mata Atlântica. A embaúba (*Cecropia pachystachya*) é a planta pioneira mais visível na área. As paqueviras (*Heliconia psittacorum*) exibem suas inflorescências vermelho-alaranjadas durante quase todo o ano.

O pau-de-jangada (*Apeiba tibourbou*) é uma espécie pioneira, que pode atingir 15 metros em altura, e possui madeira leve e esponjosa preferida para construção de embarcações leves ou jangadas. Na Reserva Papa Mel, poucas lianas e cipós foram vistos, aparecendo, no entanto, algumas tre-

A região é conhecida pela diversidade de mamíferos, répteis, anfíbios e aves como o sabiá -laranjeira (*Turdus rufiventris*). Foto - Sérgio Leal. ►

padeiras, penduradas ou usando as plantas nas bordas da vegetação para se apoiar. Aparecem também: titara (*Desmoncus orthacanthos*), *Lundia cordata*, *Passiflora alata*, *Merremia sp.*, *Dioclea grandiflora* e *Matelea maritima*, dentre outras.

A Reserva Porto Alegre é caracterizada pela presença de árvores altas. Próximo a uma nascente que brota no interior da unidade, são vistas espécies herbáceas e arbustivas, pertencentes às famílias Cyperaceae, Piperaceae, Commelinaceae, Melastomataceae e Fabaceae. Algumas espécies são vistas apenas nos trechos sombreados, além de samambaias, fungos e líquens. Formigueiros nos caminhos e ninhos de pássaros nas copas das árvores são vistos constantemente no interior do fragmento.

Quanto às características hidrográficas, existem nascentes no interior das três RPPN, promovendo uma área irrigada por córregos que formam riacho afluente do Rio Camaragibe. A Reserva Estrela do Sul está parcialmente inserida em sua bacia hidrográfica, dividindo área com a bacia do Jacuípe, enquanto a Papa Mel e a Porto Alegre estão totalmente inseridas em sua bacia hidrográfica.

A região da RPPN Reserva Fazenda Estrela do Sul é conhecida por sua grande diversidade de mamíferos, aves, répteis e anfíbios. A avifauna é o grupo mais numeroso, há uma incrível variedade de espécies de aves com diversas cores e tamanhos, como o saí-azul (*Dacnis cayana*), o balança-rabo-de-bico-assovelado (*Ramphocaenus melanurus*), o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), a saíra-militar (*Tangara cyanocephala*) e o chupa-dente (*Conopophaga lineata*), estas duas últimas ameaçadas de extinção.

Entre os mamíferos da região serrana da mata, alguns também ocorrem discretamente na RPPN Reserva Fazenda Estrela do Sul, como o ouriço-cacheiro (*Coendou prehensilis*), o preá (*Cavia aperea*), o sagui-de-tufos -brancos (*Callithrix jacchus*), além de diversas espécies de ratos e morcegos. Esse remanescente florestal também abriga espécies da herpetofauna, como a cobra-cega (*Amphisbaena alba*), a cascavel (*Caudisona durissa*), o camaleão (*Iguana iguana*), o lagartinho-do-folhilo (*Coleodactylus meridionalis*), além de anfíbios anuros, como o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*) e a perereca-pintada (*Scinax auratus*).

O nome da Reserva Papa Mel já denuncia: um dos vários animais que podem ser encontrados na RPPN é o papa-mel (*Eira barbara*), nome dado em decorrência de sua predileção por mel. Também conhecido como irara, é um mamífero onívoro, ou seja, que se alimenta tanto de frutas, como de carne, caçando aves, ratos, esquilos e até mesmo cutias.

Completam a fauna de vertebrados terrestres dessa área, outros mamíferos, como o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), o morcego-de-linha-branca (*Platyrrhinus lineatus*), além de várias espécies de aves, répteis e anfíbios. As espécies de aves mais típicas da região são a ariramba-de-cauda-ruiva (*Galbula ruficauda*), o gavião-carijó (*Rupornis*

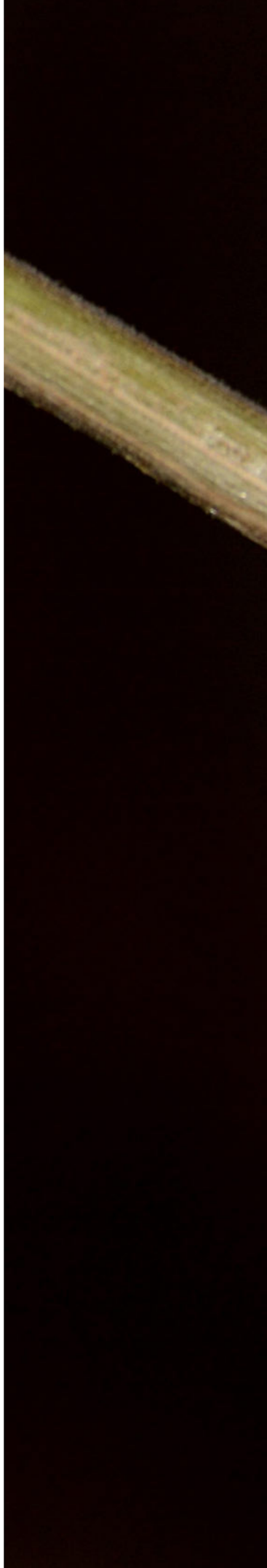
◄ Frutos de maria preta (*Vitex rufescens*). Foto – Neno Canuto.

magnirostris), o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), o arapaçu-de-bico-branco (*Dendroplex picus*), a juriti-gemedeira (*Leptotila rufaxilla*), além de outras dezenas de espécies, porém nenhuma delas ameaçadas de extinção. A herpetofauna (répteis e anfíbios) local é bastante diversificada, incluindo tanto espécies típicas de áreas florestais, como outras que ocorrem também em áreas abertas.

Apesar de já ter acontecido o sumiço local de muitas espécies da fauna na RPPN Porto Alegre, assim como em outras, a homologação como Reserva ajuda a manter a área como fonte de abrigo e suporte alimentar para várias espécies da fauna de vertebrados terrestres. Prova disso é que podem ser observados animais como a cutia (*Dasyprocta aguti*), o guaxinim ou mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), o camaleão (*Iguana iguana*), o teiú (*Tupinambis merianae*), a rendeira (*Manacus manacus*), o beija-flor-de-garganta-azul (*Chlorostilbon notatus*), a rã-pimenta (*Leptodactylus vastus*), o sapinho-do-folhiço (*Ischnocnema gr. ramagii*), além de diversas espécies de cobras, morcegos e pequenos roedores.

A presença da cutia (nessa e em qualquer outra área) é identificada porque esse roedor costuma limpar seu local de alimentação para depositar sementes e frutos que foram coletados cuidadosamente, podendo armazená-los para períodos de escassez. De modo geral, a maioria das espécies de animais, que atualmente pode ser encontrada na RPPN Reserva Fazenda Porto Alegre, não está ameaçada de extinção, pois essas espécies ocorrem também em outras áreas.

Os principais problemas encontrados são as condições sanitárias dos aglomerados, as interferências antrópicas referentes ao uso desordenado do solo e os impactos ambientais provocados pelo desmatamento e pela caça. As Reservas estão situadas em zonas rurais, cercadas por áreas de canaviais. Os povoados localizados no entorno abrigam, em sua maioria, trabalhadores da destilaria pertencente à Usina do mesmo proprietário das RPPN. Existe um povoado chamado Estrela do Sul e outro chamado Porto Alegre, localizados próximos às Reservas de mesmo nome, sendo que apenas o segundo dispõe de escola de ensino fundamental.



Pererecа-de-folhagem (*Phyllomedusa nordestina*).
Foto - Sérgio Leal.

RPPN FAZENDA ROSA DO SOL

Informações gerais

Criação: **Portaria Ibama n° 119/1994**

Tamanho: **15 ha**

Município: **Barra de São Miguel**

Proprietário: **Alfredo Durval Villela Cortez**

Maçarico-branco (*Calidris alba*). Foto - Sérgio Leal. ►

A RPPN Rosa do Sol está inserida nos sedimentos terciários da Formação Barreiras, em área de mudança de plano horizontal, compondo parte das falésias que são banhadas pela Laguna do Roteiro, onde estão os terraços marinhos quaternários (Pleistocênico e Holocênico), depósitos fluviais, arenitos de praia e mangues que formam a planície costeira. Geomorfologicamente, está inserido na região dos Piemontes Inundados da unidade dos Tabuleiros Costeiros.

O Rio São Miguel, que drena uma área de 15 km², formando a Laguna do Roteiro, é o principal recurso hídrico em contato com a RPPN. Seu clima, segundo a classificação de Thornthwaite, é megatérmico subúmido, com excesso hídrico no inverno e deficiência no verão. As temperaturas médias mensais oscilam entre 24° C e 28° C, com total anual de chuvas em torno de 1.400mm.

Inserida no bioma Mata Atlântica, a vegetação na unidade ocupa a encosta e um pequeno trecho de chã, ostenta também um pequeno trecho de manguezal que margeia o corpo d'água adjacente à encosta. Na encosta, a cobertura florística pode ser considerada em estágio inicial de repovoamento, com o predomínio de espécies pioneiras. São exemplos de plantas mais comuns, as arbóreas: cupiúba (*Tapirira guianensis*), sambacuim (*Schefflera morototoni*), embiriba (*Eschweilera ovata*), murici (*Byrsonima sericea*), embaúba (*Cecropia*

Foto - Neno Canuto

pachystachya); as arbustivas: araçá (*Psidium guineense*), pau-lacre (*Vismia guianensis*), manjerona (*Senna occidentalis*); e as trepadeiras da família *Apocynaceae Mandevilla scabra* e *Matelea maritima*, com flores amarelas e brancas respectivamente, de efeito ornamental, sendo comumente observadas em flor durante quase todo o ano. O manguezal contido na Unidade é composto basicamente por mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) - uma espécie pioneira típica do manguezal brasileiro.

A Reserva Rosa do Sol possui uma fauna bem diversificada devido a duas tipologias vegetais em sua área: a Mata Atlântica do Tabuleiro Costeiro e o manguezal da Lagoa do Roteiro, que proporcionam a ocorrência simultânea de espécies de animais, principalmente as da avifauna, que fazem parte da região serrana da Mata, como daquelas que estão associadas a ambientes aquáticos do litoral. Nesse sentido, ocorrem, na região, aves como a rendeira ou troca-birro (*Manacus mancus*), o sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*) e a ariramba-de-cauda-ruiva ou fura-barreira (*Galbula ruficauda*), que estão associadas a ambientes florestais; há também a garça-branca-grande (*Ardea alba*), a saracura-do-mangue (*Aramides mangle*) e o maçarico-pintado (*Actitis macularius*) - aves comumente encontradas em manguezais.

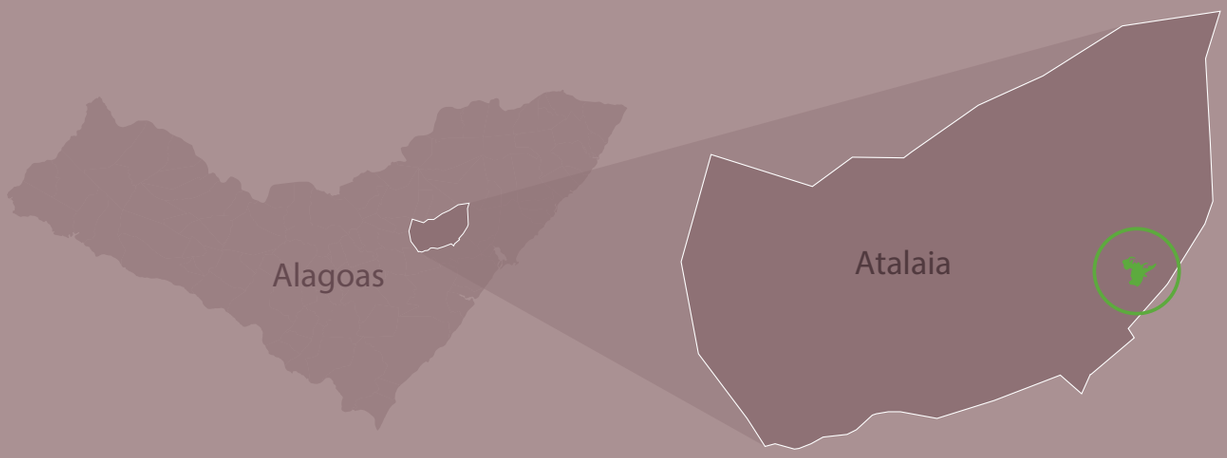
Entre os mamíferos, vale destacar a ocorrência do guaxinim ou mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), do sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*) e do morcego-pescador (*Noctilio leporinus*). O maior número de espécies de répteis que ocorrem na propriedade está concentrado no trecho de mata de encosta, encontrando-se raras espécies na parte de mangue, a exemplo do camaleão (*Iguana iguana*). Os répteis mais típicos que podem ser encontrados na RPPN são o calango (*Ameiva ameiva*), o calanguinho (*Cnemidophorus ocellifer*), o teiú (*Tupinambis merianae*), a cobra-cipó-bicuda (*Oxybelis aeneus*) e a jibóia (*Boa constrictor*).

A RPPN Rosa do Sol está localizada em um ambiente de grande beleza natural. Seu apelo cênico é marcante, com vista para o estuário formado pela Laguna do Roteiro, pela cidade da Barra de São Miguel e por seus belos manguezais.

◄ Jibóia (*Boa constrictor*).
Foto - Sérgio Leal.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN SANTA TEREZA



Informações gerais

Criação: **Portaria Ibama n° 120/01**

Tamanho: **100 ha**

Município: **Atalaia**

Proprietário: **José Pereira Lyra**

Palmeira pindoba (*Attalea oleifera*). Foto – Neno Canuto. ►

A RPPN Santa Tereza está situada, geomorfologicamente, no contato do Baixo Planalto Sedimentar (tabuleiro), com as rochas cristalinas do Planalto da Borborema. Ela possui um trecho de Mata Atlântica (Floresta Ombrófila), que representa uma pequena fração do extenso corpo florestal que existia em Alagoas no passado.

Localizada no município de Atalaia, é banhado pelas bacias hidrográficas dos rios Paraíba do Meio e Mundaú, e apresenta temperatura média anual que varia de 22,5°C, em agosto, a 25,8°C, em fevereiro, com precipitação total anual variando entre 1.390 mm e 1.490 mm, concentrada de abril a agosto (70%). O clima é classificado, de acordo com Thornthwaite, como megatérmico subúmido, com deficiência hídrica no verão.

O trecho preservado ainda reúne um patrimônio florístico importante, que ocupa encostas de tabuleiro, mostrando uma vegetação em recuperação. A composição florística varia de acordo com os diferentes estágios de sucessão verificados, e é similar a de outros remanescentes de mata da região. Podem ser encontradas espécies como: embira vermelha (*Xylopia frutescens*), banana-de-papagaio (*Himatanthus bracteatus*), murici (*Byrsonima sericea*), sambacuim (*Scheflera morototoni*), cupiúba (*Tapirira guianensis*), ingá (*Inga capitata*) e tambor (*Stryphnodendron pulcherrimum*). As arbustivas mais visíveis são: *Cordia nodosa*, *Piper marginatum* e *Psychotria colorata*. Em alguns pontos mais sombreados, a flora herbácea é mais evidente, sendo observadas várias Asteraceae, Poaceae e Verbenaceae.

Na Reserva, pode ser observada, ao longo das quatro trilhas existentes, uma grande diversidade de animais. Entre as espécies de aves, há o pica-pau-de-banda-branca (*Dryocopus lineatus*), o papa-formiga-pardo (*Formicivora grisea*), a maracanã-pequena (*Diopsittaca nobilis*), o caneleiro-preto (*Pachyramphus polychopterus*), além do jacupemba (*Penelope superciliaris alagoensis*) — ave de porte médio e ameaçada de extinção. Essa reserva de Mata Atlântica também fornece suporte alimentar para muitos mamíferos, como o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o quati (*Nasua nasua*) e a cutia (*Dasyprocta prymnolopha*). Também é comum a presença de répteis como o teiú (*Tupinambis merianae*), o lagartinho-do-folhiço (*Coleodactylus meridionalis*) e a cobra-caninana (*Spilotes pullatus*).

As inúmeras nascentes, que afloram no território da Unidade, formam amplas lagoas, muito admiradas pelos visitantes. O proprietário disponibiliza a área para a realização de pesquisa científica e coleta de sementes para produção de mudas.

A RPPN Santa Teresa é notada pelo expressivo trabalho de reflorestamento e a promoção da educação ambiental direcionada aos mais diversos grupos organizados. Detém um criatório classificado pelo IBAMA como fiel depositário, e foi reconhecida pela UNESCO como Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, garantindo a área como referência em preservação do bioma em Alagoas. Possui receptivo e estrutura para apoio, pesquisa, palestras e trilhas.

A Reserva possui um criatório classificado pelo Ibama como fiel depositário. Fotos - Neno Canuto.

RPPN SÃO PEDRO

Informações gerais
Criação: **Portaria Ibama n° 1295/95**
Tamanho: **50 ha**
Município: **Pilar**
Proprietário: **Francisco José Quintella**

Bromélia florida. ►
Foto – Neno Canuto.

A RPPN São Pedro possui diversas nascentes, dentre elas, destaca-se a do riacho Satubinha, contribuinte direto do Rio Mundaú. É por isso considerada uma importante área, tanto pela localização quanto pela contribuição hídrica. O município do Pilar é banhado pela laguna Manguaba, a bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Meio (com 190 km² de área de drenagem) e seus afluentes, e pelos riachos que drenam para o Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú -Manguaba (CELMM).

Geomorfologicamente, a Reserva está inserida no compartimento do baixo planalto sedimentar (tabuleiro). Seu clima, segundo a classificação de Thornthwaite, é megatérmico subúmido, com excedente hídrico no inverno e deficiência no verão, temperaturas médias mensais superiores a 24 °C, e precipitação anual superior a 1.300 mm.

A reserva é constituída por um trecho secundário de Floresta Ombrófila, que apesar de estar em estágio de recuperação, resguarda árvores que atingem em média 18 metros de altura, como a cupiúba (*Tapirira guianensis*), a praíba (*Simarouba amara*), o murici (*Byrsonima sericea*), o sambacuim (*Scheflera morototoni*), a caboatã-de-rego (*Cupania impressinervia*), a caboatã-de-leite (T*hyrsodium spruceanum*), o cocão (*Pogonophora schomburgkiana*) e a sucupira (*Bowdichia virgilioides*). A flora arbustiva herbácea é reduzida, e só aparece nos trechos mais sombreados e úmidos, estão aí algumas Asteraceas, Poaceas e Euforbiaceas. Um exemplar de gameleira (*Ficus pertusa*), preservado nas proximidades das construções civis, se sobressai pelo porte elevado, caule amplo e raízes adventícias, que lhe garantem melhor sustentação, servindo como atributo que, no passado, representava o vigor da floresta.

Também existe grande diversidade de aves, 124 espécies, como corujas, bacuraus, beija-flores, gaviões, pica-paus, tucanos, araras e pássaros diversos, como o cabeca -encarnada (*Ceratopipra rubrocapilla*), o caburé (*Glaucidium brasilianum*), o pula-pula (*Basileuterus culicivorus*) e o pica-pau-anao-de -pintas-amarelas (*Picumnus exilis pernambucensis*), ameaçado de extinção juntamente com mais seis táxons/espécies. Durante a noite, pode ser escutada a vocalização de pererecas, de sapos e de rãs, como sapinho-fogueteiro (*Allobates olfersioides*), ameaçado de extinção, e a da perereca-macaco (*Phyllomedusa nordestina*). Há também espécies de serpentes, como a jararaca (*Bothrops leucurus*), a cobra-cipó.

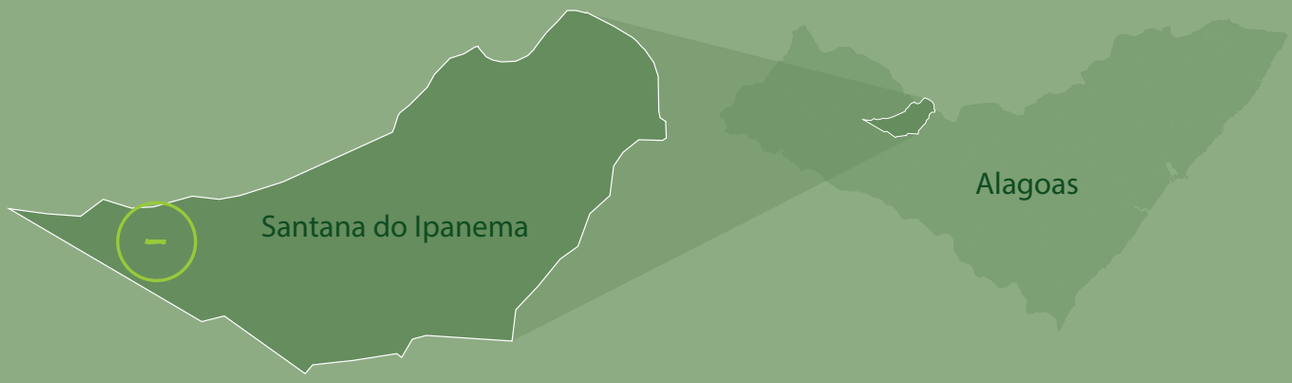
A RPPN possui receptivo e roteiro de visitação com trilhas pela mata, além de um programa de ecoturismo e de educação ambiental aos visitantes. As trilhas levam a uma bica resultante do armazenamento de água de um pequeno riacho que corre na Reserva. No local, um restaurante oferece a culinária local feita a partir de produtos orgânicos produzidos no sistema agroflorestal. Na visitação pública, são oferecidos, ainda, os artesanatos dos moradores do entorno, residentes no povoado Mangabeira.

◄ O ouriço-cacheiro ou quandú (*Coendou prehensilis*) costuma dormir em troncos ocos durante o dia. Foto - Micheline Lima.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN JADER FERREIRA RAMOS

Informações gerais
Criação: **Portaria n° 019/2008**
Tamanho: **43,73 ha**
Município: **Santana do Ipanema**
Proprietário: **José Enaldo Ramos de Oliveira**



Bacurauzinho-da-caatinga (*Hydropsalis hirundinacea*). Foto - Sérgio Leal.

A Reserva Jader Ferreira Ramos está localizada na região do semiárido alagoano, e foi criada para a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse fragmento do bioma Caatinga.

No período de estiagem, a vegetação apresenta aspecto ressecado e/ou desfolhado, de cor cinza esbranquiçada. O aspecto seco (e quase desolador da Caatinga) muda e dá lugar à vegetação verde, rapidamente, assim que chegam as chuvas. Aí, renascem as folhas, passando a fisionomia para a cor verde, bem como as flores que desabrocham nesse período. De forma geral, as árvores são baixas, de 2 a 5 metros de altura, a exemplo da quixabeira (*Sideroxylum obtusifolium*), da braúna (*Schinopsis brasiliensis*), da catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), da jurema (*Mimosa hostilis*), do joazeiro (*Ziziphus joazeiro*) e do bom-nome (*Maytenus rigida*). Apenas as barrigudas (*Ceiba glaziovii*) e o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) ultrapassam 10 metros de altura. O umbu, além de ser consumido in natura, é utilizado para o preparo de sorvetes, doces e a popular umbuzada - iguaria preparada com leite e açúcar, muito apreciada no Nordeste.

A pecuária e a agricultura de subsistência provocaram a devastação da vegetação da Caatinga por longos anos. A preservação desse trecho de vegetação em regeneração, de certa forma, protege uma parcela da biodiversidade representativa do bioma em Alagoas.

De acordo com o período (seco ou chuvoso), pode-se observar maior ou menor diversidade faunística. Chama atenção a presença de árvores de maior porte nas proximidades de um córrego temporário, onde são construídos ninhais de várias espécies de aves, destacando a garça-branca-grande (*Ardea alba*), o asa-de-telha-pálido (*Agelaioides fringillarius*) e o graveteiro ou joão-de-pau (*Phacellodomus rufifrons*). Outras espécies de aves observadas são: o periquito-da-caatinga (*Aratinga cactorum*), a rolinha-picui (*Columbina picui*), o casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*) e o formigueiro-de-barriga-preta (*Formicivora melanogaster*). Entre os mamíferos, são conhecidos o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o cachorro-do-mato ou raposa (*Cerdocyon thous*) e o mocó (*Kerodon rupestris*), além de pequenos roedores e morcegos (ex.: *Desmodus rotundus*). Os répteis mais típicos são a lagartixa-de-listra-branca (*Tropidurus semitaeniatus*), o calanguinho (*Cnemidophorus ocellifer*), o lagarto-noturno (*Phyllopezus pollicaris*) e a cascavel (*Caudisona durissa*). Algumas poucas espécies de anfíbios anuros, como o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*) e a perereca-de-capacete (*Corythomantis greeningi*), completam a herpetofauna local.

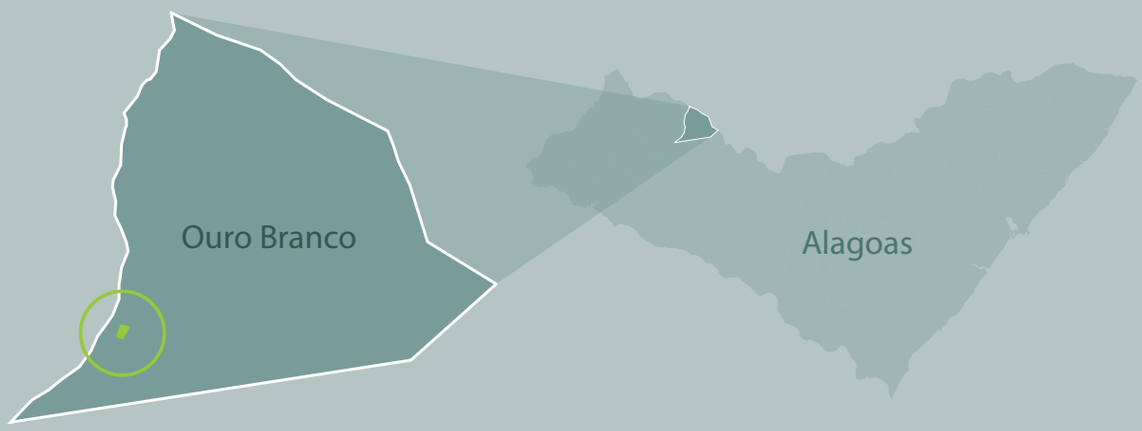
Na sede da propriedade que abriga a Reserva Jader Ferreira Ramos, há criação de bovinos (para leite e corte), além de pavão, galo, guiné e cavalos.

Foto - Neno Canuto.

◄ Ninho de graveteiro ou joao-de -pau (*Phacellodomus rufifrons*). Foto – Neno Canuto.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN JOSÉ ABDON MALTA MARQUES



Informações gerais
Criação: **Portaria n° 003/2009**
Tamanho: **26,8 ha**
Município: **Ouro Branco**
Proprietário: **Ademildo Soares dos Santos**

Foto - Neno Canuto. ►

A Reserva José Abdon Malta Marques foi criada para a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse fragmento do bioma Caatinga. O local detém alguns reservatórios naturais de água, que são frequentemente visitados pela fauna da região, a qual utiliza o local para descanso e bebedouro. Entretanto, devido à seca que atinge as regiões do agreste e do sertão alagoano, os reservatórios secos obrigam a fauna a migrar para locais com oferta de água.

O pequeno trecho preservado no município de Ouro Branco resguarda uma parcela da vegetação xerófila, que predomina no semiárido alagoano. As árvores se destacam na paisagem como forma de crescimento dominante, e ocorrem esparsamente entre os arbustos, sendo as mais representadas, nesses habitats, espécies das famílias Fabaceae e Euphorbiaceae. Entre as arbóreas que merecem destaque, estão as catingueiras (*Caesalpinia pyramidalis*), os mororós (*Bauhinia cheilantha*), os juazeiros (*Ziziphus cotonifolia*), os pereiros (*Aspidosperma pyrifolium*), os angicos (*Anadenanthera macrocarpa*), os paus-ferro (*Caesalpinia ferrea*), dentre outras. As herbáceas são relevantes em quantidade e também apresentam maior riqueza de espécies. Um grupo de plantas que merece destaque é o das cactáceas, que possuem folhas reduzidas a espinhos pelos quais são bem conhecidas. As coroas-de-frade (*Melocactus spp.*) são cactos globosos e suculentos que ocupam geralmente as fendas das rochas, produzindo grande efeito ornamental.

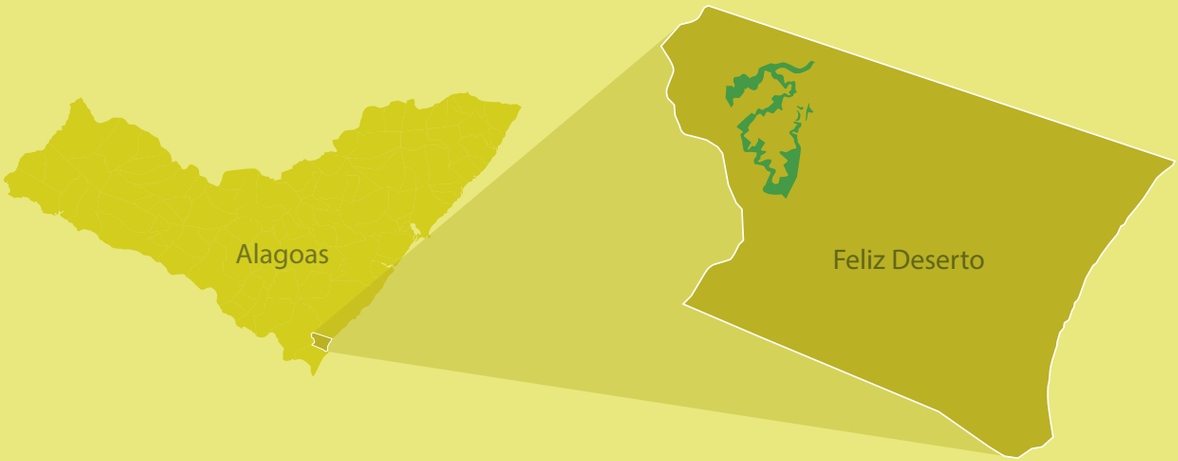
A RPPN serve de refúgio para diversas espécies da fauna da região, que são atraídas frequentemente para alguns de seus reservatórios naturais. Durante a noite, pode-se escutar a vocalização de várias espécies de anfíbios anuros (sapos, rãns e pererecas), como o sapo-cururu-pequeno (*Rhinella granulosa*), a perereca (*Hypsiboas crepitans*), a rãzinha-da-areia (*Pleurodema diplolister*) e a rã-assobiadoa (*Leptodactylus troglodytes*). Durante o dia, também é possível encontrar outras espécies que fazem parte da herpetofauna, a exemplo do lagarto (*Mabuya macrorhyncha*) e do lagartinho (*Lygodactylus kluguei*). Incrivelmente, mesmo em épocas mais secas, quando as folhas caem, muitas espécies de aves podem ser observadas entre os galhos de árvores e arbustos, como o tico-tico (*Zonotrichia capensis*), a cravina ou tico-tico-rei-cinza (*Lanio pileatus*), o piu-piu (*Myrmorchilus strigilatus*), o sebinho-de-olho-de-ouro (*Hemitriccus margaritaceiventer*) e o azulão (*Cyanoloxia brissamboni*).

Nessa propriedade, também é possível avistar alguns mamíferos se deslocando pelas trilhas, ou rastros deles, pegadas ou outros vestígios de algumas espécies. Entre as mais comuns, estão o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), a cuíca (*Monodelphis domestica*), o preá (*Galea spixii*) e o punaré (*Thrichomys apereoides*).

Na sede da fazenda, existe um pequeno parque agropecuário que serve de abrigo para os equinos existentes na área. No local, acontece a atividade conhecida como cavalhada, que movimenta a população, favorecendo a interação social dos moradores.

◄ Foto – Neno Canuto

RPPN LULA LOBO



Informações gerais

Criação: **Portaria Ibama n° 111/01**

Tamanho: **68,6 ha**

Município: **Coruripe**

Proprietário: **S/A Usina Coruripe Açúcar e Álcool**

Trepadeira comum na borda da vegetação. Foto – Neno Canuto. ►

lagarto-de-cauda-espinhosa (*Strobilurus torquatus*). Foto - Sérgio Leal.

Sapucarana (*Lecythis lurida*).
Foto – Neno Canuto.

A Reserva Lula Lobo está geomorfologicamente situada na Unidade dos Tabuleiros Costeiros, apresentando remanescente vegetal de Mata Atlântica, onde o proprietário atua na produção de mudas e coleta de sementes.

A área da RPPN representa uma pequena porção de Floresta Ombrófila, que faz parte de um trecho maior de vegetação que reveste as serras, as encostas e os vales na região sul de Alagoas. O fragmento tem importância primordial por ampliar o trecho com cobertura vegetal remanescente, a qual protege populações nativas do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*). Esta espécie ocorre no município de Coruripe - uma das poucas áreas onde ela ainda existe, em estado nativo, no Brasil. Estudos botânicos que comprovem a existência dessa espécie ainda não foram realizados na Unidade, mas a proteção que essa RPPN presta ao conjunto da floresta onde ela já foi encontrada é relevante.

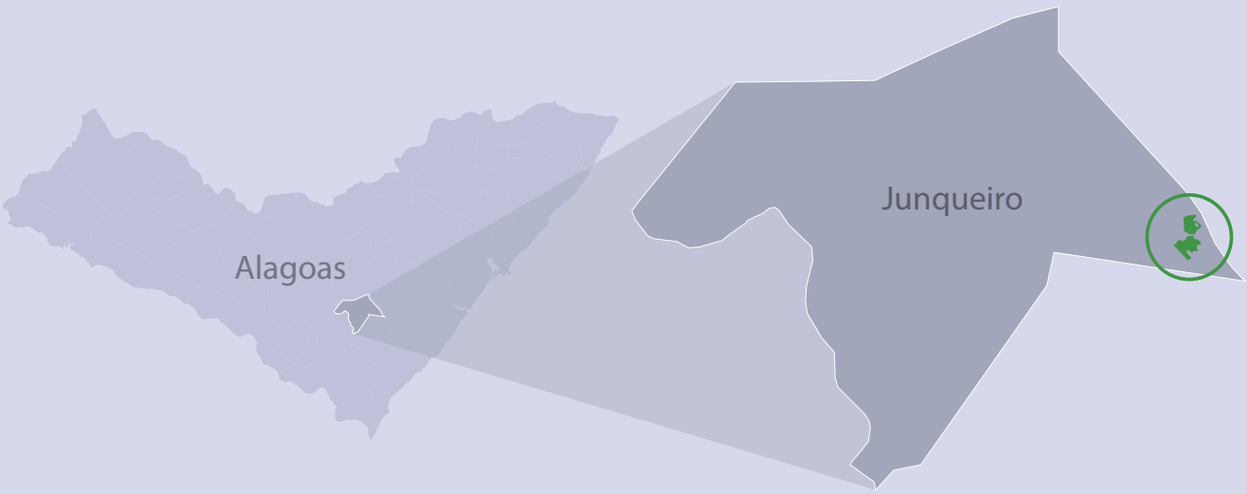
O trecho reúne espécies de diferentes hábitos que ocupam todos os estratos da floresta, por exemplo: as herbáceas *Ruellia geminiflora*, *Pterocaulon interruptum* e *Macroptilium lathyroides*; as arbustivas *Abutilon rufinerve*, *Urena lobata* e *Senna aversiflora*; as trepadeiras *Mandevilla scabra*, *Fridericia pubescens* e *Operculina macrocarpa*; as epífitas *Rhipsalis baccifera*, *Dimerandra emarginata* e *Rodriguezia bahiensis*; e as arbóreas *Centrolobium microchaete*, pimenteira (*Sparattosperma leucanthum*), enxúndia (*Swartzia pickelii*), gagaúba (*Cordia toqueve*), camarão (*Trema micrantha*), sucupira (*Bowdichia virgilioides*) e o conhecido barbatimão (Abarema cochliacarpos). Uma das plantas medicinais mais utilizadas em Alagoas, o barbatimão tem exploração extrativista de suas cascas, para serem utilizadas na medicina popular, devido às suas propriedades cicatrizantes.

Entre os mamíferos que podem ser encontradas na Reserva, estão o porco-do-mato, cateto ou pecari (*Tayassu tajacu*), a cutia (*Dasyprocta prymnolopha*), o tapiti, coelho-do-mato ou lebre (*Sylvilagus brasiliensis*), o ouriço-cacheiro (*Coendou prehensilis*) e o esquilo ou caxinguelê (*Guerlinguetus alphonsei*), além de morcegos e pequenos roedores. As aves formam um grupo bem mais diversificado que o dos mamíferos, com diferentes padrões de tamanho e coloração, como a saíra-galega (*Hemithraupis flavicollis*), o tangará-falso (*Chiroxiphia pareola*), o cabeçudo (*Leptopogon amaurocephalus*), a maria-de-barriga-branca (*Hemitriccus griseipectus*) e a maitaca-de-barriga-azul (*Pionus reichenowi*). A presença de microhabitats possibilita a ocorrência de diversas espécies de lagartos, como *Enyalius sp.* e *Kentropyx calcarata*; de serpentes, como *Bothrops leucurus* e *Chironius carinatus*; e de anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas), como *Rhinella crucifer* e *Dendropsophus nanus*.

A RPPN participa do programa de educação ambiental integrado ao Posto Avançado da Reserva da Biosfera (Sítio do Pau-Brasil), e disponibiliza sua biodiversidade para pesquisa científica.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN MADEIRAS



Informações gerais

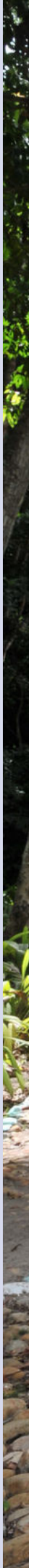
Criação: **Portaria nº 08/2010**

Tamanho: **124,52 ha**

Município: **Junqueiro**

Proprietário: **Usinas Reunidas Seresta**

Receptivo para os visitantes em atividades de educação ambiental. Foto - Neno Canuto. ►



VIDRO
ORGÂNICO
METAL
PAPEL
PLÁSTICO

Tucano-de-bico-preto (Ramphastos vitellinus). Foto - Sérgio Leal

A Reserva Madeiras tem como objetivo a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema. Está inserida no bioma Mata Atlântica, que se encontra em bom estágio de conservação. Reconhecida pela UNESCO como Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, possui receptivo e estrutura para apoio, pesquisa, palestras e trilhas.

Sua configuração é composta por um fragmento de vegetação secundária, em terreno acidentado. Localizada em um vale, além de topo de tabuleiro e, em algumas áreas, com acentuada declividade, detém alguns cursos de água, como o Riacho Teixeira, que corta parte da reserva na porção sul. A Reserva pode ser dividida em porções norte e sul, ligadas por um estreito corredor de área reflorestada, em sua porção central. Essa área apresenta, em suas adjacências, plantio de cana de açúcar. Inclui ainda pequenos vales úmidos e grandes matacões, que podem ser vistos por todos os lados, revestidos essencialmente por Liquens, Briófitas, Pteridófitas e Angiopermas rupículas. Sua área de uso encontra-se bem dilimitada, com presença de aceiros.

A RPPN Madeiras apresenta fisionomia representativa da Floresta Estacional, com composição florística semelhante a das áreas circundantes, a exemplo das matas que resistem em terras da Usina Coruripe (Machado, 2006; Bayma, 2007). A Unidade preserva uma parcela significativa de floresta, apesar das incursões antrópicas, sofridas no passado, para o corte seletivo de madeira e para o desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar. É relevante a representatividade das famílias Fabaceae e Myrtaceae, as quais contribuem com inúmeras espécies que ocupam todos os estratos na unidade. São exemplos: angelim (*Andira nitida*), visgueiro (*Parkia pendula*), orelha-de-negro (*Enterolobium timbouva*), bur-

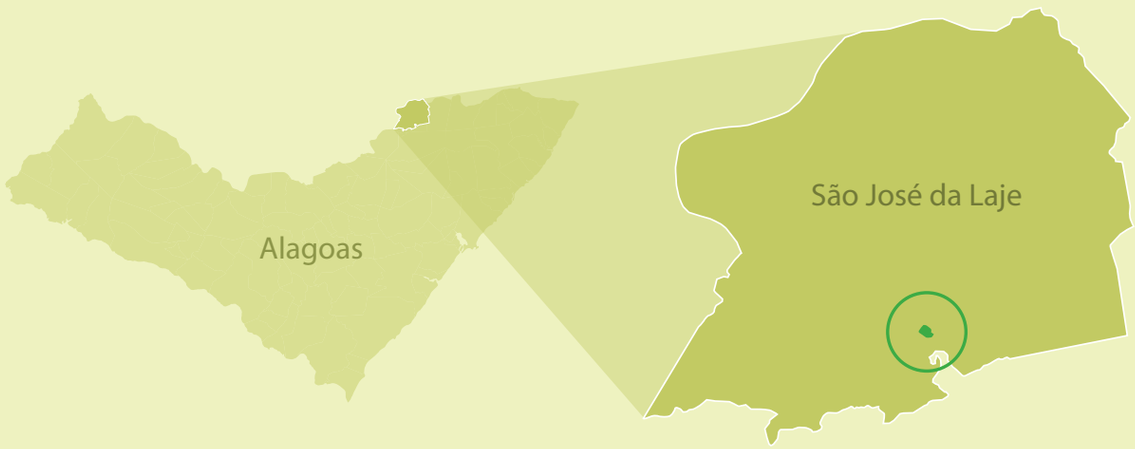
dão-de-velho (*Samanea tubulosa*), ingás (*Inga laurina*), e as goiabinhas (*Myrcia vitoriana* e *Myrcia tomentosa*). Dentre as trepadeiras comuns na Reserva, estão o mucunã (*Dioclea grandiflora*), cipó-de-São-João (*Lundia cordata*), e a uvinha (*Cissus simsiana*). Em todo interior do fragmento, tornam-se evidentes, na época chuvosa, inúmeras espécies de fungos, como as orelhas- de-pau (*Polyporus spp.*), e outros de formas e cores variadas. O levantamento florístico sistemático foi realizado na RPPN pela equipe do Herbário do IMA, e os dados foram publicados em Recor (2013).

A Reserva consiste em um refúgio para muitas espécies da fauna. Entre os mamíferos, podem ser encontrados felinos, roedores, morcegos, além do sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), do porco-do-mato ou queixada (*Tayassu pecari*) e do tatu-verdadeiro ou tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*). No caso das aves, existem passeriformes, araras, tucanos, beija-flores, corujas, como a murucututu ou murucutu (*Pulsatrix perspicillata*), e gaviões, como o gavião-de-pescoço-branco (*Leptodon forbesi*), este último se encontra ameaçado de extinção. O camaleão (*Iguana iguana*), além de muitas espécies de cobras são encontrados. E, pelo menos 24 espécies de anfíbios anuros habitam a Reserva Madeiras, a exemplo de *Dendropsophus minutus*, *Hypsiboas albomarginatus*, *Scinax x-signatus* e *Physalaemus cuvieri*.

Foto - Neno Canuto

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN OSVALDO TIMÓTEO



Informações gerais
Criação: **Portaria n° 018/2007**
Tamanho: **22,34 ha**
Município: **São José da Lage**
Proprietário: **Osvaldo Timóteo da Silva**

Foto - Sérgio Leal. ►

Foto - Neno Canuto

A Reserva Ecológica Osvaldo Timóteo tem como objetivo a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema, representante do bioma Mata Atlântica. Está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) de Murici, e faz parte de um complexo de áreas particulares, composto atualmente por sete RPPN reconhecidas pelo IMA, de importância estratégica para a proteção de remanescentes florestais e corredores ecológicos.

A RPPN possui nascentes que alimentam bicas para banho, barragem e lagos. Um destes, conhecido como Lago Azul, é formado pelo acúmulo de águas pluviais em áreas de antigas pedreiras no local. A Reserva se encontra geologicamente inserida na Província Borborema, representada pelos litótipos dos complexos Cabrobó e relevo de mares de morros da unidade dos Tabuleiros Costeiros.

Apesar do trecho de Floresta Ombrófila (protegido por essa Unidade) já ter sofrido incursões muito agressivas no passado, chama atenção o carinho com que ela é tratada por seus proprietários, que não medem esforços para recompor a vegetação, através do plantio de árvores nativas e da promoção de condições para que haja o retorno do equilíbrio ecológico local.

Apesar do fragmento protegido ainda ser considerado em estágio de regeneração inicial, estão presentes elementos arbóreos de alturas que variam de 2 a 5 metros, de espécies pertencentes às matas que ali ocorriam anteriormente. Aparece o pau-de-jangada (*Apeiba tibourbou*), o mau-vizinho (*Machaerium angustifolium*), a embaúba (*Cecropia pachystachya*) e o pau-lacre (*Vismia guianensis*).

É possível constatar no solo, através das várias trilhas existentes ao redor e dentro da RPPN, várias tocas de tatu, rastros de capivara, gambás e outros mamíferos que a utilizam como refúgio.

O proprietário tem também um grande envolvimento com a preservação da fauna e seus habitats. Nesse sentido, já foi realizada uma catalogação das espécies de aves que ocorrem na Reserva. Foram catalogadas 62 espécies de aves, das quais, 4 ainda não tiveram ocorrência confirmada pelos visitantes e, apesar da diversidade, ainda não se tem o registro de espécies endêmicas e/ou ameaçadas de extinção. Entre as que podem

Chama a atenção o carinho com que a área é tratada pelos proprietários. Foto - Neno Canuto.

ser observadas na RPPN, estão a jaçanã (*Jacana jacana*), o periquito-rei (*Aratinga aurea*), o encontro ou xexéu-de-bananeira (*Icterus cayanensis*), o balança-rabo-de-chapéu-preto (*Polioptila plumbea*) e, recentemente, registrado através de fotografia (http://avesalagoas.blogspot.com.br), o gavião-caracoleiro (*Chondrohierax uncinatus*).

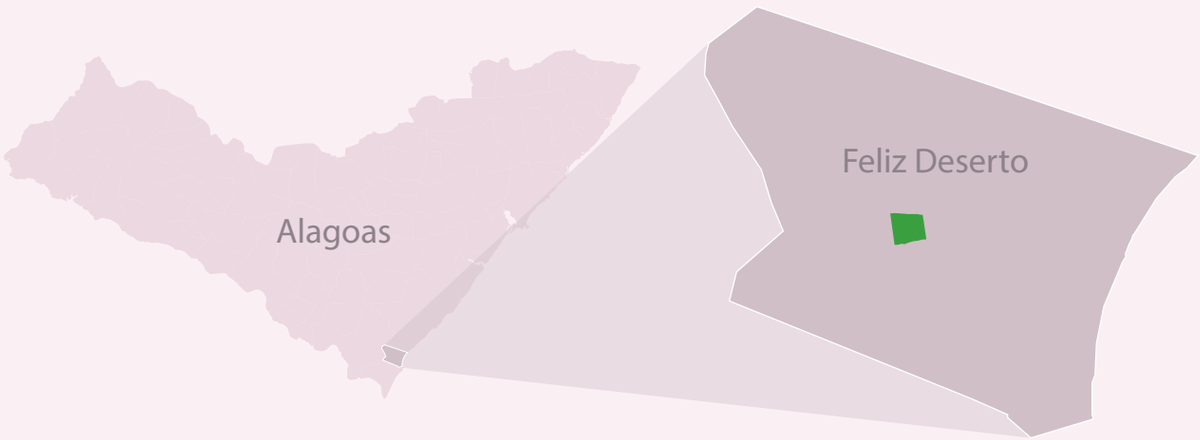
Já foram encontrados, na área, outros animais vertebrados terrestres, como o mão-pelada ou guaxinim (*Procyon cancrivorus*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o porco-do-mato ou cateto (*Tayassu pecari*), a irara ou papa-mel (*Eira barbara*) e o quati (*Nasua nasua*), entre os mamíferos; além do teiú (*Tupinambis merianae*) e do jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), entre os répteis, sendo este último uma espécie ameaçada de extinção.

O local é aberto para visitação, e representa, hoje, uma das Reservas Particulares mais atuantes do estado, participa de programas ligados ao meio ambiente, cultura e turismo, e está inserida em roteiros turísticos, como o da Civilização do Açúcar, no Mercado Sustentável da Mata Atlântica e diversos outros ligados à pesquisa e resgate cultural da região.

A Reserva possui belo receptivo, programas de visitação e atividades de contato com a natureza, proporcionando uma rica experiência aos visitantes que buscam um dia de tranquilidade através do turismo rural/ ecológico, atendidos pelo próprio Senhor Osvaldo Timóteo e por seus familiares.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN PEREIRA



Informações gerais

Criação: **Portaria Ibama n° 113/01**

Tamanho: **219,9 ha**

Município: **Coruripe**

Proprietário: **S/A Usina Coruripe Açúcar e Álcool**

Foto - Neno Canuto. ►

A Reserva Pereira está geomorfologicamente situada na Unidade dos Tabuleiros Costeiros, apresentando remanescente vegetal de Mata Atlântica, onde o proprietário atua na produção de mudas, coleta de sementes e pesquisa científica. Trata-se de um trecho contíguo à Reserva Lula Lobo, e faz parte de um trecho extenso de Floresta Ombrófila, que ocupa as serras, encostas e vales na região sul de Alagoas.

A fisionomia visualizada, mesmo de longe, encanta pelo contexto de continuidade da floresta, que resguarda grande riqueza florística, incluindo o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), sendo aí o único lugar onde ele ocorre de forma nativa, em Alagoas. Machado (2003) reuniu dados da florística e da fitossociologia do complexo vegetacional que inclui a Unidade Pereira, registrando, pela primeira vez, 163 espécies arbóreas ocorrentes na região.

A RPPN Pereira contém a flora representativa do trecho florestal remanescente na região, e integra um conjunto de fragmentos, que, unidos, formam um corredor ecológico que disponibiliza recursos para a sobrevivência de animais silvestres (cursos d´água, flores, frutos, sombra e espaço para a reprodução da fauna, incluindo mamíferos de grande porte).

Dentre os representantes florísticos que se destacam, estão as famílias Myrtaceae (que compreende os araçás, murtas, carpunas, cruiris, batingas, guabirabas) e a Fabaceae (representada por miolo-preto, jatobá, pau-d´óleo, canafístula, barbatimão, pau-sangue, angelim, mau-vizinho, entre outras, que disponibilizam grande quantidade de frutos, e cujas sementes viáveis ajudam na renovação e manutenção da floresta). Destaque para a maria-preta (*Malanoxylon brauna*), conhecida dos mateiros como uma das mais resistentes madeiras-de-lei alagoana, e que está incluída atualmente no status de ameaçada de extinção, na lista oficial do IBAMA. Além dela, outras árvores importantes ocorrem na Reserva: carrapeta (*Licania canescens*), carrapatinho-de-nambu (*Sloanea garckeana*), sapucaia (*Lecythis pisonis*), jequitibá (*Cariniana legalis*), *Galipea trifoliata*, *Posoqueria longiflora*, pau-falha (*Aspidosperma discolor*).

Apesar de essas serem as mais evidentes, há também registro das: epífitas, hemiepífitas, trepadeiras, arbustos, herbáceas, parasitas e lianas, que representam grupos igualmente importantes, pois participam das interações ecológicas nas florestas. A unidade participa de um intenso programa de educação ambiental, que envolve as escolas de toda a região. Pesquisadores de várias áreas da ciência encontram aí subsídios para a realização de seus estudos, ligados à biodiversidade.

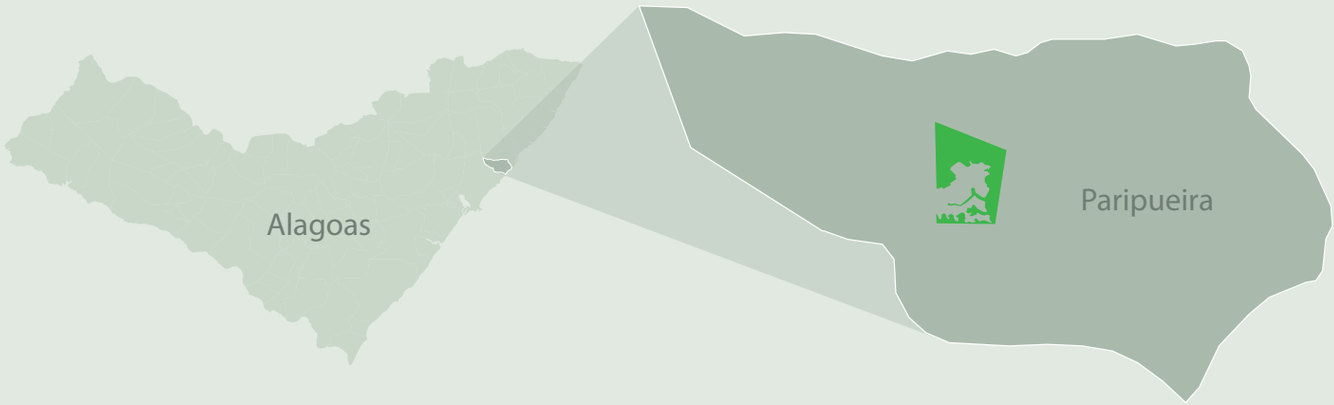
Entre os grupos de mamíferos mais abundantes, estão os morcegos (*quirópteros*) e os pequenos roedores. No entanto, as espécies que mais se destacam na Reserva (tanto por seu porte quanto por

Foto - Neno Canuto.

Lagarto (*Enyalius sp.*).
Foto - Sérgio Leal.

serem avistadas com mais frequência) são o quati (*Nasua nasua*), o bicho -preguiça-comum (*Bradypus variegatus*), o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), a irara ou papa-mel (*Eira barbara*) e o gato-do-mato pequeno (*Leopardus tigrinus*), o qual encontra-se atualmente ameaçado de extinção. No caso das aves, dezenas de espécies vivem nesse remanescente de Mata Atlântica, muitas das quais representam subespécies (raças geográficas) ameaçadas de extinção, como o patinho (*Platyrinchus mystaceus*), o chupa-dente (*Conopophaga lineata*), a choca-da-mata (*Thamnophilus caerulescens*) e o flautim-marrom (*Schiffornis turdina*). Algumas espécies de répteis são mais comuns para a população da região, como o teiú (*Tupinambis merianae*), o cameleão (*Iguana iguana*) e a jibóia (*Boa constictor*), enquanto que os anfíbios anuros são todos conhecidos, como sapos, rãs, gias ou pererecas, destacando-se a ocorrência de uma das espécies mais belas, a pererecа-macaco (*Phyllomedusa nordestina*).

RPPN PLACAS - O SABIÁ



Informações gerais
Criação: **Portaria n° 003/2007**
Tamanho: **202,3 ha**
Município: **Paripueira**
Proprietário: **Rosa Naildes Fireman Tenório**

Bromélia (*Canistrum alagoanum*). ►
Foto - Neno Canuto.

Os proprietários da Reserva possuem parcerias para a recomposição florestal. Foto- Neno Canuto

A Reserva Placas tem como objetivo a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema da Mata Atlântica. Ocupa mais da metade da propriedade em que está inserida. Seus bosques de árvores de grande porte, suas nascentes e registros de animais silvestres, principalmente aves, compõem um representativo e importante fragmento preservado de mata nativa.

A RPPN encontra-se geologicamente inserida na Província Borborema, representada pelos litótipos do Grupo Barreiras. Seu relevo faz parte da Unidade dos Tabuleiros Costeiros, e tem sido densamente explorado pela cultura da cana-de-açúcar, restando poucas áreas e fragmentos da vegetação nativa da região.

Por esse motivo, a RPPN Placas detém um importante papel na região, compondo um dos remanescentes florestais contínuos a outras áreas nativas, de porte considerável, garantindo corredores de ligação entre fragmentos e refúgio para a fauna local, que, na região, sofre com a prática da caça e com a captura de aves nativas, além de sofrer também com o comércio e com a retirada ilegal de madeira.

O riacho Santa Rita atravessa a Reserva, compondo uma área densamente irrigada e estratégica para a conservação dos recursos hídricos da região.

A cobertura vegetal na RPPN Placas é predominantemente florestal, com diferentes estágios de regeneração, e com presença de pequenas clareiras em vários trechos de sua extensão. São verificados pontos com solo encharcado ou sujeito ao alagamento periódico, na época chuvosa, principalmente nas margens de córregos. Onde há acúmulo de água, aparecem macrófitas conspícuas, que tomam toda a superfície aquática com suas folhas grandes e arredondadas, e flores roxas, que abrem durante o dia (*Nymphaea ampla*). Nesses trechos, protegidos pela mata, dominam árvores esparsas revestidas por grandes touceiras de Araceae, epífitas e hemiepífitas (*Monstera adansonii*, *Rhodospatha latifolia*, *Philodendron acutatum*), bem como diferentes espécies de samambaias e de algumas orquídeas. Bromélias terrestres do gênero Cryptanthus forram o solo no sub-bosque em vários pontos sombreados, embaixo de: bulandis (*Symphonia globulifera*), caiuias (*Henrietta succosa*), cocão (*Pogonophora schomburgkiana*), *Tovomita brasiliensis* e *Calophyllum brasiliense*. O murici (*Byrsonima sericea*), o sambacuim

(*Schefflera morototoni*), o caboatã-de-rego (*Cupania impressinervia*), o caboatã-de-leite (T*hyrsodium spruceanum*), a cupiúba (*Tapirira guianensis*) e a sucupira (*Bowdichia virgilioides*) estão presentes ao longo de toda a Unidade.

Merece destaque a grande quantidade de arbustos e arvoretas da família Myrtaceae (*Myrcia guianensis*, *M. rosangelae*, *M. sylvatica*). Na época da floração, as flores brancas exalam cheiro agradável e atraem abelhas e outros insetos polinizadores. Inúmeras herbáceas melíferas povoam toda a extensão da borda da vegetação e promovem uma profusão de abelhas e de borboletas coloridas no começo da manhã.

Há registros de vários animais silvestres nessa localidade, principalmente de aves, como o vissiá (*Rhytipterna simplex*), o sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*), o tiê-galo (*Lanio cristatus*), o gaturamo-verdadeiro (*Euphonia violacea*) e o caburé (*Glaucidium brasilianum*). Incrivelmente, o canto da corujinha-caburé pode ser utilizado para atrair praticamente todas as espécies de aves (presas) que estiverem no entorno, onde simplesmente se aproximam. Existem também mamíferos, porém alguns são mais difíceis de se ver, como as diversas espécies de morcegos e os pequenos roedores. Os mais fáceis de serem encontrados são a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o porco-do-mato, cateto ou pecari (*Tayassu tajacu*) e a cutia (*Dasyprocta prymnolopha*). Os corpos d'água contribuem para a sobrevivência de grande quantidade de anfíbios anuros, como a perereca-amarela (*Dendropsophus branneri*), a perereca (*Dendropsophus decipiens*), a perereca-verde (*Hypsiboas albomarginatus*) e a rã-manteiga (*Leptodactylus ocellatus*). Vale lembrar que há ocorrência da caninana (*Spilotes pullatus*), da cobra-d'água-do-litoral (*Helicops angulatus*) e do calanguinho (*Cnemidophorus ocellifer*).

Foto - Neno Canuto.

A Reserva está localizada na zona rural de Paripueira, onde seus limites são compreendidos pelo plantio de cana-de-açúcar e algumas áreas de pastagens. Destacam-se também as diversas atividades de cunho ambiental e educacional, dentre elas, as ações de recomposição florestal realizadas pelo Instituto de Preservação da Mata Atlântica (IPMA).

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN PLANALTO

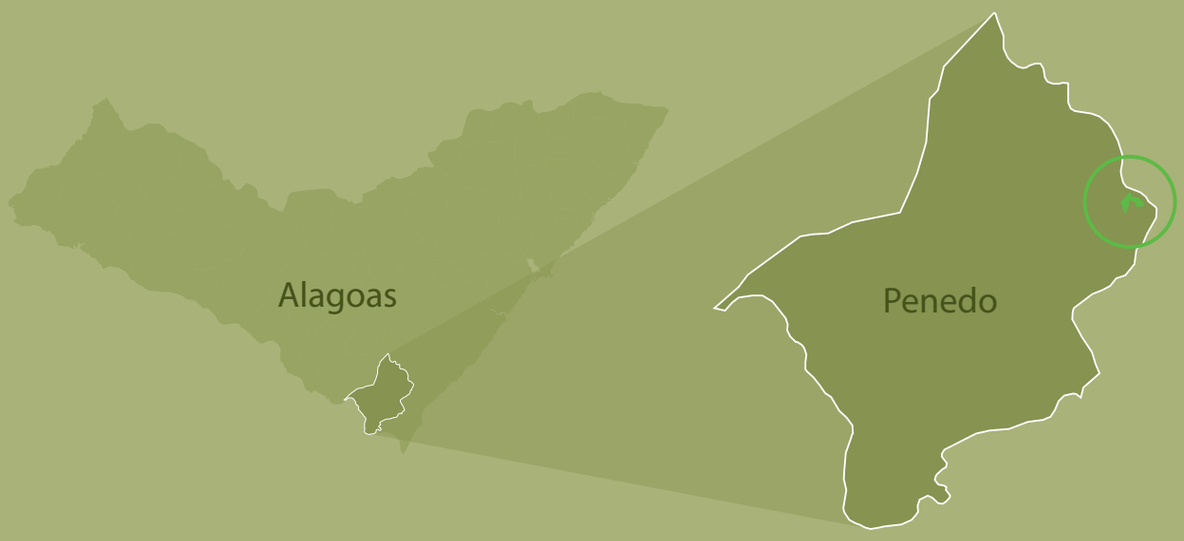
Informações gerais

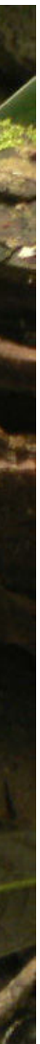
Criação: **Portaria nº 013/2009**

Tamanho: **150 ha**

Município: **entre Penedo e Coruripe (nas imediações do povoado Pindorama)**

Proprietário: **Cooperativa de Colonização Agropecuária e Industrial Pindorama**


Alagoas
Penedo



A Reserva Planalto tem como objetivo a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema do bioma Mata Atlântica. É composta por um fragmento de vegetação secundária, em bom estágio de repovoamento e de regeneração, visto que, em épocas anteriores, a área sofreu incursões antrópicas e desmatamento, que causaram clareiras na mata. O terreno é, em maioria, de superfície plana e pertencente à unidade geomorfológica dos Tabuleiros Costeiros, com pequeno declive.

Nas adjacências da Reserva, pode ser visto o plantio de cana de açúcar de terceiros, pastagens, fruticulturas e fragmentos de remanescentes de Mata Atlântica. A área da reserva se encontra bem delimitada dos usos circunvizinhos através de aceiros e/ou cercas de arame farpado, dificultando acessos sem autorização.

Limita-se com o Riacho Estivas, contribuinte da Bacia do Rio Piauí, e que é atrativo visual na unidade. Podem ser encontradas no local: embaúbas (*Cecropia pachystachya*), sambacuin (*Schefflera morototoni*), cupiúba (*Tapirira guianensis*) e embiriba (*Eschweilera ovata*). Merece destaque, a palmeira (*Syagrus botryophora*) — uma espécie exclusivamente brasileira, com ocorrência no Espírito Santo, em Minas Gerais, na Bahia e em Sergipe (segundo a Lista das espécies do Brasil). Em Alagoas, a espécie é avistada na região sul do estado, e apenas um único exemplar foi visto nessa Unidade, o que favorece ainda mais a permanência do importante contingente florestal lá existente.

◄ Jitó (*Guarea guidonia*). Foto - Neno Canuto.

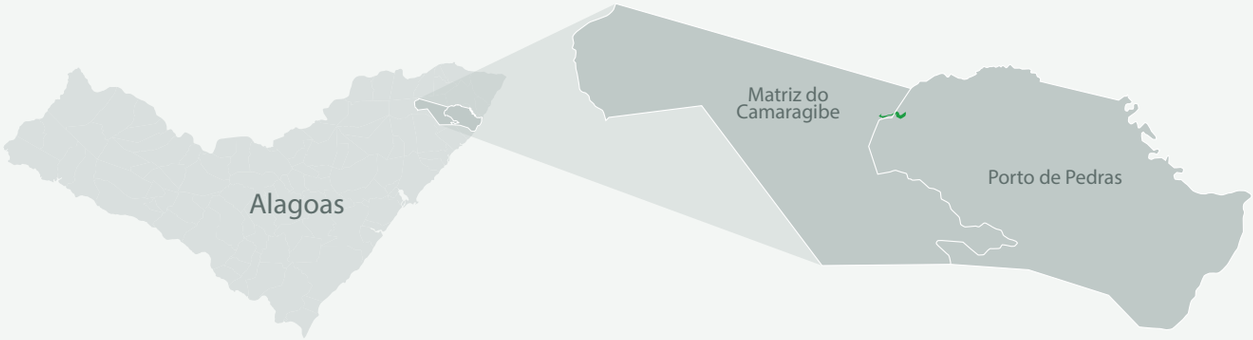
A Reserva abriga mamíferos, como o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), a paca (*Cuniculus paca*), a cutia (*Dasyprocta aguti*) e a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*). O lugar é também refúgio para cobras, como a jararaca (*Bothrops leucurus*), a cascavel (*Caudisona durissa*), a salamanta (*Epicrates cenchria*) e a cobra-cipó (*Chironius carinatus*), além de lagartos, como o papa-vento (*Anolis fuscoauratus*), o lagartinho-do-folhiço (*Coleodactylus meridionalis*) e o teiú (*Tupinambis merianae*). Também existem espécies de anfíbios anuros, popularmente conhecidos como sapos, rãs, gias e pererecas. A avifauna constitui o maior grupo, podendo ser observadas aves, como o tucano-araçari-de-bico-branco (*Pteroglossus aracari*), a maracanã-pequena (*Diopsittaca nobilis*), o picapauzinho-avermelhado (*Veniliornis affinis*) e o pica-pau-anão-de-pintas-amarelas (*Picumnus exilis pernambucensis*), este último, ameaçado de extinção.

◄ O lugar também abriga cobras como a jararaca (*Bothrops leucurus*). Foto - Lahert Araújo.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN PORTO SEGURO

Informações gerais
Criação: **Portaria n° 011/2009**
Tamanho: **28,04 ha**
Município: **Matriz do Camaragibe**
Proprietário: **Everaldo de Albuquerque Alves**



Teiú (*Tupinambis merianae*).
Foto - Sérgio Leal.

Heteropsis oblongifolia.
Foto - Earl Chagas.

A Reserva Porto Seguro foi criada com o objetivo de preservar integralmente o meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema do bioma Mata Atlântica, que se encontra em bom estágio de conservação. A vegetação do fragmento é classificada como Floresta Ombrófila Densa, tendo em vista seus regimes hídricos com certas regularidades e precipitações médias anuais de 1.310mm. A fitofisionomia encontra-se em estágio inicial de regeneração, apresentando grandes clareiras, dossel descontínuo, presença de indivíduos lenhosos jovens com pequeno diâmetro/altura e razoável densidade biológica.

A RPPN Porto Seguro é composta por um fragmento de vegetação secundária de Mata Atlântica, em terreno acidentado, onde uma parte está inserida em um vale e outra em áreas com acentuada declividade. Há também alguns cursos de água, como uma nascente que brota no interior da Reserva.

A presença de indivíduos arbóreos jovens, arbustos e trepadeiras formam emaranhados em vários pontos no interior e na borda da vegetação, protegendo a floresta dos ventos, uma vez que o fragmento bordeia a rodovia Al-101. A conservação do trecho florestal é relevante para a região, na medida em que assegura a recomposição, mesmo que em longo prazo, diversificando, assim, a composição florística e trazendo de volta a fisionomia mais aproximada com a que ocorria originalmente. São espécies mais representativas da região: *Allophylus edulis*, conduru (*Brosimum guianense*), *Guazuma ulmifolia*, cocão (*Pogonophoras chomburgkiana*), munguba. Elas, além de serem as mais representativas, também atingem as maiores

Foto - Neno Canuto.

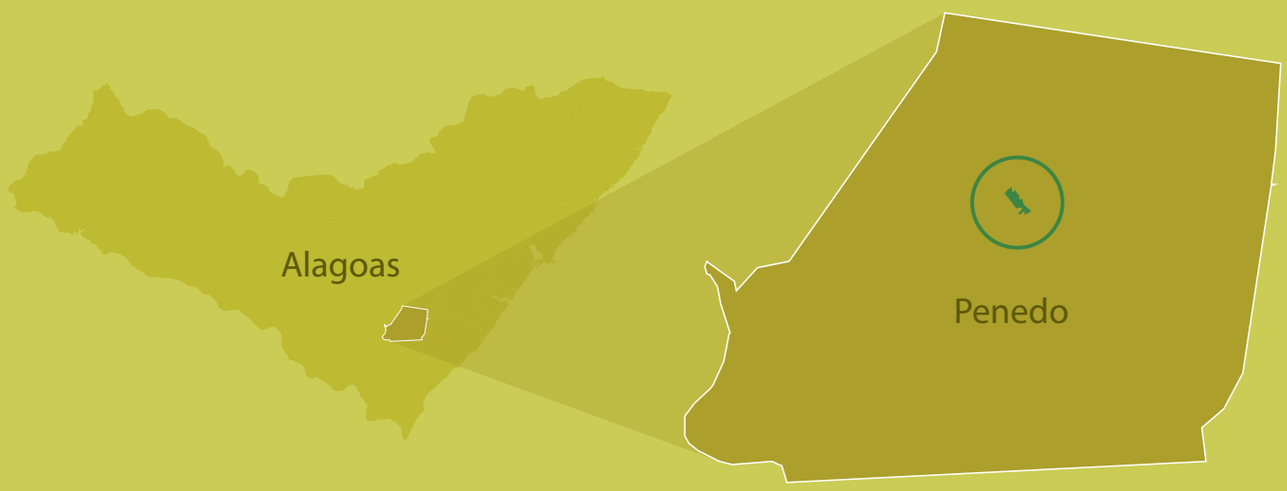
alturas no trecho preservado. Algumas espécies foram coletadas e identificadas por E.C.O. Chagas, 2009, que realizou o primeiro registro botânico na Unidade. As amostras estão depositadas no Herbário do Instituto do Meio Ambiente, para consultas.

A Reserva abriga um número relativamente baixo de espécies de animais vertebrados, o que provavelmente tem relação direta com o seu tamanho e com a estrutura de sua vegetação, não tirando, por isso, a sua importância. A fauna é formada basicamente por sagui (*Callithrix jacchus*), tatus, cobras e aves. Já foram observadas também espécies como o cachorro-do-mato ou raposa (*Cerdocyon thous*) e o coelho ou tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*). O número de aves sempre se destaca em qualquer local, e nessa Reserva não é diferente, sendo possível observar o tico-tico-de-bico-preto (*Arremon taciturnus*), garrinchão-pai-avô (*Pheugopedius genibarbis*) e o bico-chato-amarelo (*Tolmomyias flaviventris*). Já os répteis são diversos, sendo mais comumente encontrados o teiú (*Tupinambis merianae*), a cobra-coral-verdadeira (*Micrurus ibiboboca*) e o papa-vento (*Anolis punctatus*), além de anfíbios anuros, como o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*) e a perereca (*Scinax auratus*).

A RPPN Porto seguro, está localizada na zona rural de Matriz de Camaragibe, em uma propriedade que resguarda também ambientes destinados ao plantio da cana-de-açúcar, pastagens para a bovinocultura e algumas espécies frutíferas.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN GULANDIM



Informações gerais
Criação: **Portaria Ibama n° 98/2001**
Tamanho: **41 ha**
Município: **Teotônio Vilela**
Proprietário: **Usinas Reunidas Seresta S/A**

A Reserva resguarda trechos residuais da Floresta Estacional e manchas de Cerrado. Foto - Neno Canuto. ►

A Reserva Gulandim apresenta, durante todo o ano, médias mensais de temperaturas que variam de 22,5°C a 26°C, com precipitação total de 1.300 mm, irregularmente distribuída durante o ano no município. A área está inserida na Província da Borborema e em seus variados litótipos, e geomorfologicamente situada na unidade dos Tabuleiros Costeiros.

A Reserva Gulandim preserva um dos mais importantes remanescentes florestais no trecho médio do rio Coruripe, localizado na porção sul de Alagoas. Resguarda trechos residuais da Floresta Estacional e de manchas de Cerrado, que ocupavam uma extensão maior em toda a região, fato que despertou para sua preservação, há mais de 20 anos.

A área tem sua fisionomia florestal, mas os exemplares dominantes não ultrapassam 12 metros de altura devido à influência dos fatores abióticos, que guardam, em si, características de um ambiente mais seco. O gulandim (S*ymphonia globulifera*), planta que dá nome à Unidade, era muito comum no passado, sendo atualmente visualizada em poucos trechos da Reserva, especificamente naqueles que detêm alguma umidade. Estão presentes na reserva: camarão (*Casearia sylvestris*), (T*rema micrantha*), mamãozinho (*Jacaratia spinosa*), grão-de-galo (*Connarus blanchetii*), bom-nome (*Maytenus distichophylla*), jitaí (*Apuleia leiocarpa*), angelim (*Andira nitida*), arco-de-barril (*Sparattanthelium botocudorum*), entre outras. Quanto ao estrato arbustivo, marcam presença a língua-de-cutia (*Heliconia psittacorum*) e as Rubiaceae (*Posoqueria longiflora*, *Psychotria capitata* e *P. racemosa*). Vários indivíduos de pau-de-jangada (*Apeiba tibourbou*), de diferentes tamanhos, são vistos em grandes quantidades nas bordas do fragmento. *Melanthera latifolia*, herbácea pertencente às Asteraceae, exibe flores amarelas bastante ornamentais e povoa, com grande representatividade, os locais ensolarados. Entre as trepadeiras que servem ao apelo de proteção das bordas, estão: *Stygmaphyllon blanchetii*, *Hyppocratea volubilis* e *Bignonia corymbosa*.

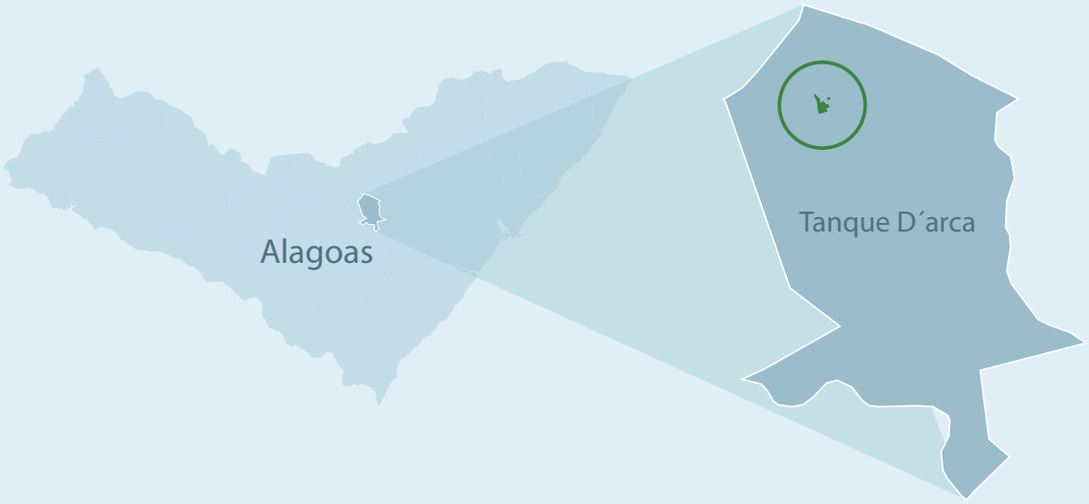
O local serve para alimentação, abrigo, descanso e dessedentação de diversos animais vertebrados. Entre os mamíferos que existem na Reserva de Gulandim, os principais são o tapiti, coelho-do-mato ou lebre (*Sylvilagus brasiliensis*), o quati (*Nasua nasua*) e o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), além de diversas espécies de morcegos. Boa parte da biodiversidade dessa Reserva é formada por aves, com os seus mais diversos padrões de coloração da plumagem. São encontradas a rendeira (*Manacus manacus*) e o tangará-falso (*Chiroxiphia pareola*), que fazem parte de um grupo especial da avifauna conhecido como "dançarinos" (*Família Pipridae*), devido à forma como fazem os seus rituais de acasalamento, como se estivessem dançando. Outras espécies de aves, como a juriti-pupu (*Leptotila verreauxi*), o aracuã (*Ortalis guttata*) e a alma-de-gato (*Piaya cayana*) também fazem parte da avifauna local. O lagarto-preguiça (*Polychrus acutirostris*) e a cobra-cipó (*Oxybelis aeneus*) estão entre os répteis, além de anfíbios anuros, como a perereca-de-moldura (*Dendropsophus elegans*), a perereca-de-banheiro (*Scinax fuscovarius*) e a rã-assobiadeira (*Leptodactylus fuscus*).

◄ O tangará-falso (*Chiroxiphia pareola*) faz parte de um grupo especial da avifauna, conhecido como 'dançarinos'. Foto - Sérgio Leal.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN SANTA FÉ

Informações gerais
Criação: **Portaria n° 022/2008**
Tamanho: **17,61 ha**
Município: **Tanque D'arca**
Proprietário: **Luiz Alberto Fonseca de Lima**



Galo-de-campina ou cardeal-do-nordeste (*Paroaria dominicana*).
Foto – Neno Canuto.

A Reserva Santa Fé foi criada para a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema do bioma Mata Atlântica. Detém traços de área de transição ecológica, pois apresenta exemplares típicos dos dois principais biomas alagoanos: a Mata Atlântica e a Caatinga.

A Reserva compreende, em sua maior parte, feições de encostas (ora suaves, ora abruptas) e um vale atravessado pela rede de drenagem que forma o Riacho São Miguel. A RPPN é reconhecida pelo IBAMA como área de produção e coleta de sementes de espécies nativas. Estudantes de biologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) a utiliza para pesquisas a respeito da fauna e da flora regionais. O Herbário MAC do IMA também realiza coleta e pesquisa, com diversas incursões para composição da lista oficial do estado.

A RPPN inclui-se no domínio da Floresta Estacional Decidual, em trecho de transição, onde ainda são encontrados elementos da Floresta Ombrófila, mais comuns na área úmida, que pontualmente ampliam sua área de abrangência, atingindo alguns trechos do agreste alagoano. A vegetação se instala num trecho plano e no sopé de um inselberg, e o acompanha até o topo, ocupando espaços entre as rochas e mostrando uma cobertura vegetal razoavelmente preservada.

Indivíduos de ouricuri (*Syagrus coronata*) são vistos alternando-se entre as árvores da unidade. Trata-se de uma palmeira muito importante para a região semiárida e para o sertão alagoano. Ela produz um coquinho rico em óleos que alimentam o gado e a comunidade na época da seca, fornecendo também matéria-prima para a produção de derivados alimentícios e para a confecção de artesanato. É comum visualizar epífitas que aproveitam as calhas, formadas pelos restos de folhas antigas do ouricuri, para abrigar suas sementes que aí se estabelecem. O fragmento reúne espécies de porte baixo (3 a 5 metros), com a presença de algumas emergentes que ultrapassam 15 metros em altura. O extrato herbáceo não tem expressividade em época seca, voltando a se mostrar presente apenas nos meses chuvosos, quando podemos admirar, principalmente, as asteráceas, as boragináceas e as euforbiáceas.

Catingueiras, marmeleiros e muitas Cactaceae aparecem em meio às cupiúbas (*Tapirira guianensis*), embiriba (*Echweilera ovata*), murici (*Byrsonima sericea*) e pau-pombo (*Thyrsodium spruceanum*). As espécies epífitas estão representadas essencialmente pelas bromélias (*Tillandsia bulbosa*, *T. recurvata* e *T. streptocarpa*), que aparecem em ramificações baixas, em topos de árvores ou caídas sobre o solo. Um pequeno córrego margeia o sopé da serra que detém a vegetação protegida pela Unidade. Eventualmente, ocorre a invasão das terras da RPPN pelo gado bovino das propriedades do entorno, o que pode ameaçar o banco de sementes do solo, responsável pela reprodução natural das espécies.

A mastofauna local é caracterizada por apresentar um grande número de morcegos e mamíferos de pequeno porte, além de outras espécies de porte mediano, como o papa-mel ou irara (*Eira barbara*), a cutia (*Dasyprocta aguti*), o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), o quati (*Nasua nasua*) e o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*). O que

Foto - Neno Canuto.

é impressionante é a quantidade de aves típicas da área total da propriedade, 112 espécies, das quais, 66 ocorrem na RPPN. Essa grande diversidade tem motivado o proprietário a incentivar a soltura de aves nativas na área de sua reserva, a exemplo do sanhaçu-cinzento (*Tangara sayaca*), do canário-da-terra-verdadeiro (*Sicalis flaveola*) e do pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*) - espécie ameaçada de extinção. Também podem ser encontradas aves, como o bacurau-zinho-da-caatinga (*Caprimulgus hirundinaceus*), o gibão-de-couro (*Hirundinea ferruginea*) e o pica-pau-anão-canela (*Picumnus fulvescens*). Completam a fauna local, anfíbios anuros, como a perereca-verde (*Hypsiboas albomarginatus*) e o sapo-cururu-grande (*Rhinella jimi*); além de répteis, como o camaleão (*Iguana iguana*), a cobra-coral-verdadeira (*Micrurus ibiboboca*) e a boipeva (*Waglerophis merremii*).

Destacam-se também as atividades de divulgação e de educação ambiental propostas pelo proprietário das RPPN Santa Fé e Cachoeira, envolvendo a população e, principalmente, os estudantes da rede pública a conhecer e proteger esse patrimônio que, segundo suas palavras, não pertence a ele, mas sim ao povo de Tanque D'Arca e ao estado de Alagoas.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN SANTA MARIA

Informações gerais

Criação: **Portaria n° 010/2009**

Tamanho: **9,13 ha**

Município: **Murici**

Proprietário: **Fernando Antônio Baltar Maia**

Perereca-cinza (*Hypsiboas crepitans*). Foto – Sérgio Leal.

A Reserva Santa Maria foi criada com o objetivo de preservar o meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema integrante do bioma Mata Atlântica. Ela faz parte de um complexo de sete Reservas Particulares, inseridas na Área de Proteção Ambiental (APA) de Murici. Juntas, promovem a proteção de fragmentos de mata nativa na região. Dessa forma, são criados importantes corredores de biodiversidade. É cortada pelo córrego conhecido como Riacho das Pedras, e está estabelecida, em sua maior parte, nos vales interioranos e cristalinos da Borborema.

A vegetação da RPPN Santa Maria é de constituição secundária, com predomínio de árvores de grande porte, que podem chegar a 25 ou 30 metros de altura. Preserva trechos de Floresta Ombrófila em bom estado de conservação. Nela, a vegetação nativa ocupa área de difícil acesso, adentrando pelas encostas íngremes, o que certamente contribuiu para a sua permanência e para o resguardo da sua diversidade.

Algumas plantas apresentam raízes de escora para se apoiar em trechos muito inclinados. Nessa categoria, aparecem, por exemplo, a munguba (*Eriotheca macrophylla*) e o mangue-da-mata (*Tovomita guianensis*). A flora na RPPN está composta basicamente por espécies que aparecem em outros trechos de mata da região, como a banana-de-papagaio (*Himatanthus bracteatus*), murici (*Byrsonima sericea*), murici cabeludo (*Byrsonima crispa*), massaranduba-de-igreja ou goiti-de-morcego (*Chrysophyllum splendens*), tuturubá (*Pouteria grandiflora*), embira-vermelha (*Xylopia frutescens*), embiriba (*Eschweilera ovata*) etc.. Outras plantas, de hábitos variados, como as herbáceas, arbustivas, lianas, trepadeiras e epífitas, estão sempre presentes nas bordas e no interior do trecho florestado, produzindo alimento para a fauna associada.

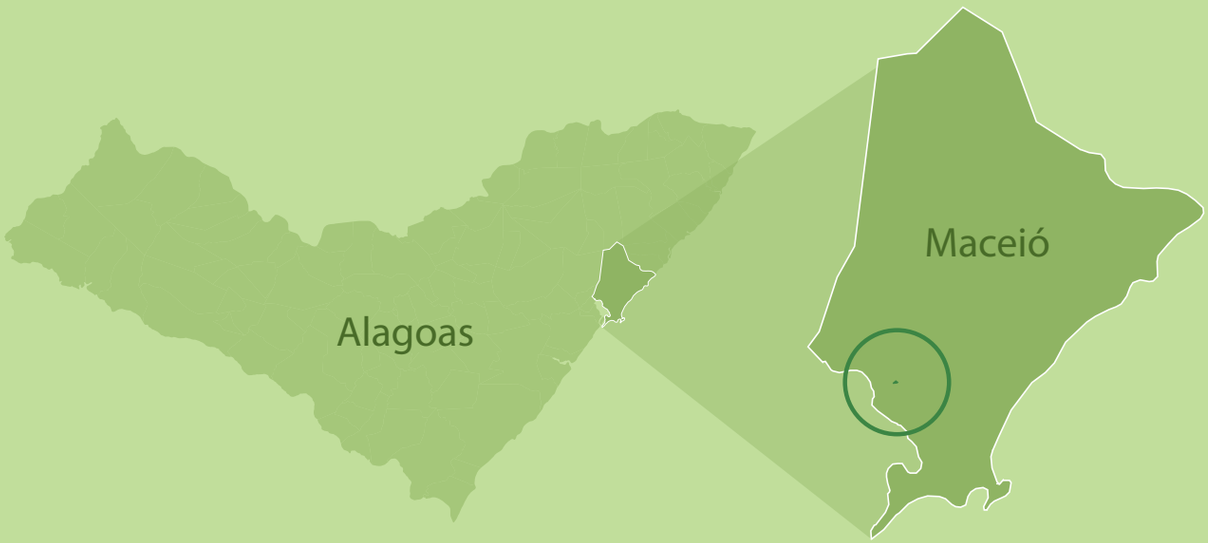
Nas proximidades do Riacho das Pedras, é possível escutar alguns anfíbios anuros vocalizando durante a noite, como a perereca-verde (*Hypsiboas albomarginatus*), a pererequinha-amarela (*Dendropsophus branneri*), a perereca-nebulosa (*Scinax nebulosus*) e a perereca (*Dendropsophus decipiens*). As margens do riacho também são visitadas por serpentes, como a jararaca (*Bothrops leucurus*), que procuram presas (sapos, rãs, pererecas e pequenos mamíferos). Nessas margens, são também encontrados lagartos, como o papa-vento (*Anolis punctatus*), a lagartixa (*Tropidurus hispidus*) e o teiú (*Tupinambis merianae*). Entre os poucos mamíferos que vivem nessa Unidade de Conservação, estão o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), o rato-do-mato (*Wiedomys pyrrhorhinos*) e algumas espécies de morcegos. Durante as primeiras horas do dia, quando as aves estão mais ativas, é possível observar o tico-tico-da-mata (*Arremon taciturnus*), o pula-pula (*Basileuterus culicivorus*), o arapaçu-verde (*Sittasomus griseicapillus*) e a rendeira (*Manacus manacus*).

No local, existem algumas residências de posse da fazenda, cedidas aos trabalhadores rurais do local. O trabalho deles consiste em tratar os animais e fazer a manutenção de sítios de árvores frutíferas comum na região. Há, também, produção artesanal de queijo coalho, pequeno comércio desenvolvido na feira livre de Murici, além da agricultura de subsistência.

◄ A embiriba (*Eschweilera ovata*) é uma das espécies encontradas na Região.
Foto - Neno Canuto.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN TOBOGÃ



Informações gerais
Criação: **Portaria n° 016/2007**
Tamanho: **01 ha**
Município: **Maceió**
Proprietário: **Maria Stela Cavalcante Purcell**

Foto - Neno Canuto. ►

Nascente na reserva Tobogã.
Foto - Neno Canuto.

A Reserva Sítio Tobogã possui o atual status de menor RPPN do estado de Alagoas, e está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) do Catolé e Fernão Velho. Foi criada com o objetivo de preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema do bioma Mata Atlântica.

Registra-se a existência de duas nascentes de grande importância ambiental e de uso para abastecimento do sítio. As duas apresentam boas condições, uma vez que possuem vegetação preservada e de grande porte no entorno. As nascentes são consideradas como Áreas de Preservação Permanente (APP), de acordo com o Código Florestal Brasileiro. A Reserva representa um importante fragmento protegido e contínuo a outros de propriedades vizinhas, localizados na encosta dos Tabuleiros Costeiros da região. É importante ressaltar que não existe um tamanho mínimo para o reconhecimento de uma área como RPPN, principalmente se aspectos e atributos de elevado interesse ambiental e ecológico são evidenciados na área.

O conjunto florístico define-se como Floresta Ombrófila, atualmente com trechos em estágios avançados de regeneração, com o registro de espécies testemunha que atingem 15 metros de altura, a exemplo de: mungubas (*Eriotheca macrophylla*), cupiubas (*Tapirira guianensis*), amesclas (*Protium heptaphyllum*) e ingás (*Inga laurina e Inga fagifolia*). O pau-lacre (*Vismia guianensis*) é bastante visualizado na área, expondo seu porte que atinge até quatro metros de altura. Possui os ramos novos, de cor ferrugíneo-pubérula, e folhas amareladas, na face inferior. Produz látex, de cor amarelo-alaranjado, que exsuda ao realizar-se um corte em várias partes da planta. Desse látex, é preparada uma goma resinosa, denominada "goma-guta americana" — utilizada para a obtenção de esmalte de unhas (Lorenzi & Matos, 2002).

Além dessas, outras plantas de hábito arbustivo e herbáceo, como *Senna angulata*, *Mimosa sensitiva* e *Cuphea racemosa* convivem

com diversas frutíferas, como jaqueiras (*Artocarpusheterophyllus*), mangueiras (*Mangifera indica*) e cajueiros (*Anacardium occidentale*). Em toda a área é comum a presença de indivíduos de embaúba (*Cecropia pachystachya*), indicando uma possível regeneração do fragmento em longo prazo. As nascentes verificadas na RPPN ainda apresentam vegetação preservada no seu entorno, e, eventualmente, formam pequenas lagoas que abrigam ninfeias, gramíneas e ciperáceas — que recobrem todo o espelho d'água.

Provavelmente, a maioria das espécies de fauna, que vive na Reserva, busca recursos em outras áreas no entorno como forma de complementar suas necessidades, sendo geralmente animais mais generalistas. Portanto, a fauna de mamíferos, que pode ser encontrada nesse pequeno remanescente de Mata Atlântica, consiste em alguns morcegos e em pequenos roedores (ratos diversos), além de duas espécies que, frequentemente, são encontradas nos mais diversos ambientes: o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) e o sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*). Das principais espécies de aves que podem ser observadas, podem ser citadas: a saíra-amarela (*Tangara cayana*), o ferreirinho-relógio (*Todirostrum cinereum*), a guaracava-de-barriga-amarela (*Elaenia flavogaster*), a rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*) e o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) - todas comumente encontradas em áreas urbanas. Para a herpetofauna, são conhecidos alguns répteis, como a lagartixa-comum (*Tropidurus hispidus*), o calaguinho (*Cnemidophorus ocellifer*), a cobra-coral-verdadeira (*Micrurus ibiboboca*) e a cobra-verde (*Philodryas olfersii*), além de anfíbios anuros que podem ser observados nas proximidades de suas nascentes, como a rã-assobiadora (*Leptodactylus fuscus*).

Sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix Jacchus*) nos galhos de um cajueiro (*Anacardium occidentale*).

A RPPN Sítio Tobogã busca estruturação para recepção de visitantes, estudantes e pesquisadores. É visível o envolvimento dos proprietários na conservação da Unidade, buscando a prática de atitudes sustentáveis.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN TOCAIA

Informações gerais
Criação: **Portaria n° 018/2008**
Tamanho: **21,7 ha**
Município: **Santana do Ipanema**
Proprietário: **Alberto Nepomuceno Agra**

Foto - Neno Canuto. ►

A Reserva Tocaia foi criada para a preservação integral do meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema, e tem como principal objetivo a preservação de fragmento do bioma Caatinga, sendo a primeira Unidade de Conservação de Alagoas nesse bioma. Pela iniciativa de seu proprietário em perpetuar a área para as futuras gerações e compreender a importância da preservação, o Senhor Alberto Nepomuceno Agra foi agraciado com o Prêmio Destaque Ambiental 2008, do Instituto do Meio Ambiente.

Representada por um conjunto de plantas características, que compõe a Caatinga, o trecho preservado pela Unidade tem representatividade significativa, considerando que são ainda poucas as áreas protegidas nesse trecho hiperxerófilo, submetido ao regime elevado de estiagem, no estado de Alagoas.

Observam-se, na área, arbustos e árvores baixas, de 2 a 6 metros de altura, com raras emergentes que não ultrapassam 8 metros de altura. As mais conspícuas são: braúna (*Schinopsis brasiliensis*), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), jurema (*Mimosa hostilis*) joazeiro (*Ziziphus joazeiro*), bom-nome (*Maytenus rigida*), umbuzeiro (S*pondias tuberosa*) e mandacaru (C*ereus jamacaru*), esta última pertencente à família Cactaceae, uma das mais comuns na Caatinga em Alagoas. O xique-xique (*Pilosocereus gounellei*), outra Cactaceae comum, aparece em meio ao solo pedregoso e com cascalhos, sendo vista por toda parte, não só no trecho preservado, mas em toda a região.

As barrigudas (*Ceiba glaziovii*) são revestidas por acúleos, saliências que lembram espinhos, e apresentam caules intumescidos, na altura mediana, onde se tornam mais volumosos. São plantas emergentes que crescem até 15 metros

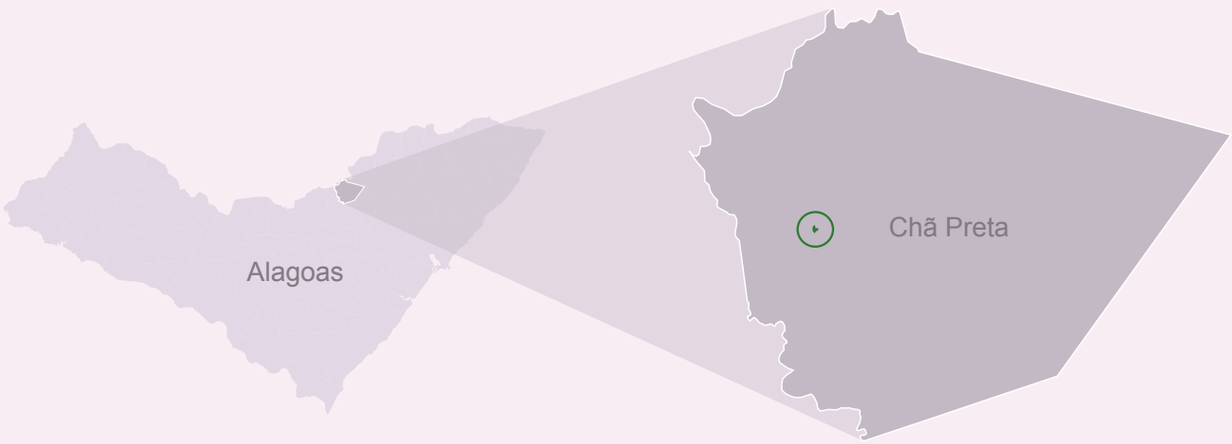
Foto - Neno Canuto

de altura, de copa ampla, flores brancas e sementes envoltas em pelos finos e sedosos que ajudam na dispersão das mesmas. Dentre as herbáceas, aparecem as das famílias Amaranthaceae, Asteraceae, Euphorbiaceae e Poaceae, com espécies geralmente encontradas nos ambientes sombreados.

A presença de um pequeno açude nos limites da Reserva, onde a fauna encontra água para dessedentação o ano inteiro, faz da área um refúgio. Entre os anfíbios anuros que podem ser encontrados, estão várias espécies de rãs, como *Leptodactylus troglodytes*; de pererecas, como *Dendropsophus soaresi*; e de sapos, como P*roceratophrys cristiceps*. Na herpetofauna local, podem ser citados a jibóia (*Boa constrictor*), a muçurana (*Clelia plumbea*), o lagarto (*Phyllopezus pollicaris*) e a lagartixa-de-listra -branca (*Tropidurus semitaeniatus*). Já as aves são representadas por espécies como o golinho (*Sporophila albogularis*), o rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*), o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), o alegrinho-balança-rabo (*Stigmatura budytoides*) e o asa-de-telha -pálido (*Agelaioides fringillarius*). Moradores comumente descrevem alguns mamíferos que existem na propriedade, como o gato-do-mato (*Leopardus sp.*), morcegos (*ex.: Carollia perspicillata*) e pequenos roedores (*ex.: Thrichomys apereoides*).

É notável o interesse de preservação do ambiente pelos responsáveis pela área. O local incentiva a visitação com objetivo científico, uma vez que a área abriga um elevado potencial ecológico, resguardando várias espécies da fauna e da flora.

RPPN VERA CRUZ



Informações gerais
Criação: **Portaria Ibama n° 68/1992**
Tamanho: **115 ha**
Município: **Chã Preta**
Proprietário: **Mauro Vasconcelos**

A RPPN Vera Cruz foi a primeira a ser criada no estado. Foto - Neno Canuto. ►

Foto - Fernando Pinto Neto.

Foto - Fernando Pinto Neto.

A RPPN Vera Cruz foi a primeira Unidade de Conservação (dessa categoria) reconhecida no estado de Alagoas. As principais bacias hidrográficas que drenam o município são as dos rios Paraíba do Meio e Mundaú. A precipitação total fica em torno de 1.400 mm, distribuída de forma irregular ao longo do ano. Está inserido geologicamente na Província da Borborema, e, geomorfologicamente, no Planalto da Borborema, na unidade das encostas orientais.

A Reserva Fazenda Vera Cruz resguarda um trecho bem preservado de floresta, que pode ser considerada como uma amostragem representativa da vegetação que ocorria em toda a região. Situa-se em posição isolada, em comparação com o entorno, considerando-se que nele os solos estão ostensivamente ocupados pela agricultura e pecuária.

O trecho é de difícil acesso e ocupa as encostas íngremes que levam até o fundo do vale, onde um pequeno córrego tem vazão constante, sendo uma fonte permanente de água no interior da floresta — úmida em quase todo o ano. Seu interior tem aspecto denso, com árvores que chegam até 30 metros de altura. Elas dividem espaço com as herbáceas, arbustivas, trepadeiras, epífitas, hemiepífitas, parasitas e cipós. As sapucaias (*Lecythis pisonis*), gameleiras (*Ficus pertusa*) e jequitibás (*Cariniana legalis*) estão entre as que atingem maior altura e que mostram seus caules mais desenvolvidos.

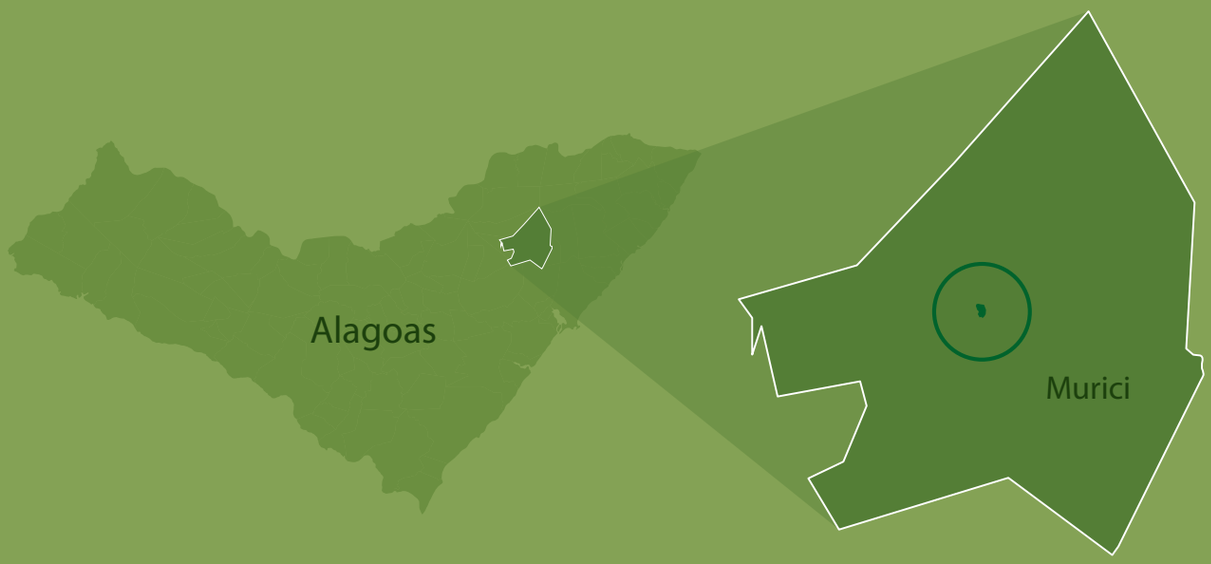
Algumas espécies são mais comuns nas áreas que margeiam o córrego, como as Heliconiaceae, Maranthaceae e Zingiberaceae, além de inúmeras samambaias e avencas. As Araceae (família dos imbés) são visivelmente comuns, tendo sido objeto de estudo realizado por Barros (1998), que fez um levantamento das espécies ocorrentes, em função de sua grande representatividade. *Rhodospatha latifolia*, *Monsteraa dansonii* e *Philodendron fragrantissimum* estão entre as espécies que, quando jovens, cobrem o solo e passam a epifitar as árvores à medida que se tornam adultas, mostrando grandes folhas com forma variadas (cordatas, sagitadas, lineares, trilobadas).

Por se tratar de uma região de transição fitogeográfica, podem ser encontradas tanto espécies que fazem parte da fauna típica da Mata Atlântica, como espécies que habitam áreas de Caatinga. Entre os mamíferos que ocorrem na região, estão o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), a cutia (*Dasyprocta prymnolopha*), o tapiti ou coelho-do-mato (*Sylvilagus brasiliensis*), o furão (*Galictis vittata*) e o punaré (*Thrichomys apereoides*). A RPPN Vera Cruz possui ainda uma grande riqueza de espécies de aves. Há registro do chupa-dente (*Conopophaga lineata cearae*), espécie ameaçada de extinção, além do vite-vite-de-olho-cinza (*Hylophilus amaurocephalus*), do beija-flor-vermelho (*Chrysolampis mosquitus*) e do galo-de-campina ou cardeal-do-nordeste (*Paroaria dominicana*), como espécies de áreas mais abertas. Na herpetofauna, há registro da cascavel (*Caudisona durissa*), a corre-campo (*Philodryas nattereri*), a lagartixa-de-linha-branca ou lagartixa-de-lageiro (*Tropidurus semitaeniatus*), a cobra-de-duas-cabeças (*Anphisbaena alba*) e várias espécies de sapos, rãs, gias e pererecas, a exemplo da pererecа *Scinax nebulosus*.

A visão preservacionista do proprietário poupou a mata Vera Cruz do desaparecimento, entendendo que a mesma seria importante para a manutenção da biodiversidade regional, apesar da grande pressão sobre ela.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN VILA D'ÁGUA



Informações gerais

Criação: **Portaria n° 017/2007**

Tamanho: **46,11 ha**

Município: **Murici**

Proprietário: **Regina Margarida Guedes Nogueira Gomes de Barros**

A cachoeira Vila D'Água possui grande importância ecológica e paisagística. Foto - Neno Canuto. ►

Nymphaea.
Foto - Neno Canuto.

A Reserva Vila D'Água tem como principal bioma a Mata Atlântica, e foi criada com objetivo de preservar o meio natural, sendo vedadas todas as interferências sobre esse ecossistema. Ela faz parte de um complexo de sete Reservas Particulares inseridas na Área de Proteção Ambiental (APA) de Murici, que promove a proteção de importantes fragmentos de mata nativa na região. Dessa forma, são criados importantes corredores de biodiversidade na região, que é densamente utilizada pela pastagem, cultura da cana e fruticulturas diversas.

O conjunto fisionômico do fragmento da Fazenda Vila D'Água está inserido na Zona da Mata, porção noroeste do estado de Alagoas, no Planalto da Borborema, sobre rochas do embasamento cristalino, datada do Pré-Cambriano Inferior, com ocorrência de afloramentos rochosos. No aspecto hidrográfico, destaca-se um afluente do rio Mundaú - o riacho Pitu -, que é de grande importância tanto para a questão ambiental quanto para o uso dos moradores da região.

A RPPN conserva área de importância ecológica e paisagística, a exemplo da Cachoeira da Vila D'Água. É constituída por Floresta Ombrófila de Encosta, caracterizada por árvores altas. A paisagem está repleta de agrupamentos de mata nos topos dos morros e de pequenas propriedades rurais em seu entorno. O trecho de mata pertencente à Unidade é rodeado de nascentes, de córregos e de pequenas quedas d'água. Apresenta-se em bom estado de preservação e resguarda elementos significativos da biodiversidade regional.

Encontram-se aí condições para o desenvolvimento de diferentes tipos de imbés, orquídeas e bromélias, bem como samambaias, musgos e diversas plantas ornamentais que dominam os ambientes úmidos, vivendo à sombra das jaqueiras-do-brejo (*Richeria grandis*), bulandis (*Symphonia globu-*

lifera), ingás (*Inga capitata*), jenipapo (*Genipa americana*), caiuias (*Henriettea succosa*) e jitós (*Guarea guidonia*). As árvores variam em altura e atingem até 20 metros, com destaque para o coração-de-negro (*Chamaecrista ensiformis*), praxim (*Anaxagorea dolichocarpa*), pindoba (*Attalea oleifera*), praíba (*Simarouba amara*), laranjinha (*Zanthoxylum rhoifolium*), canudo-branco (*Posoqueria longiflora*), dentre outras.

Essa Reserva florestal está inserida em uma das regiões que, há um bom tempo, já é conhecida como de grande diversidade faunística no estado de Alagoas, a APA de Murici. Entre as espécies de mamíferos que podem ser encontradas, estão o porco-do-mato ou cateto (*Tayassu tajacu*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o gambá-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*) e o morcego-vampiro (*Desmodus rotundus*) - espécie estritamente hematófaga, que costuma habitar áreas próximas de criação de gado. Existem 52 espécies de aves que ocorrem nessa propriedade, muitas delas tão pequenas e discretas, que passam despercebidas, como o cabeça-encarnada (*Ceratopipra rubrocapilla*), o tangará-falso (*Chiroxiphia pareola*), e a saíra-militar (*Tangara cyanocephala*), este que se encontra ameaçado de extinção, além de várias espécies de beija-flores, como o besourinho-da-mata ou abo-branco-rubro (*Phaethornis ruber*). A herpetofauna local também é rica, podendo ser representada por espécies como a serpente (*Dendrophidion atlantica*), o lagarto (*Enyalius sp.*) e o sapo (*Proceratophrys boiei*).

Na área da fazenda, que abriga a reserva, é desenvolvido o cultivo de flores tropicais. Outras culturas existentes na área se resumem à macaxeira, banana e pastagem para gado, porém em menor escala.

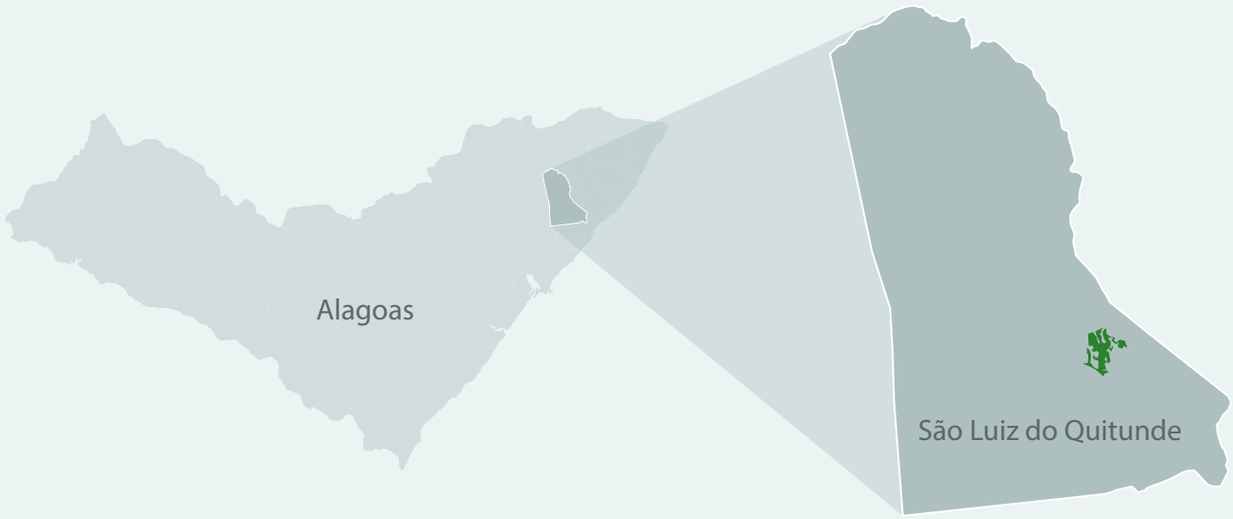
As flores tropicais, como a *Heliconia psittacorum*, são cultivadas próximo a Reserva. Foto - Neno Canuto.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN GARABU

Informações gerais
Criação: **Portaria n° 018/2013**
Tamanho: **244,35 ha**
Município: **São Luiz do Quitunde**
Proprietário: **Central Açucareira Santo Antônio**

Foto - Alex Nazário.



A Reserva Garabu funciona como núcleo de apoio da RBMA (Reserva da Biosfera da Mata Atlântica). Possui trilhas ecológicas bem definidas, Centro de Produção de Mudas, além de um receptivo formado por auditório e toda a estrutura de apoio para eventos. No local, ainda há espaço para exposições de artesanato típico da região.

A RPPN está localizada no município de São Luis do Quitunde, onde segundo o índice de umidade efetiva da classificação de Thornthwaite apresenta o tipo úmido (20 a 40). Quanto à estrutura geológica, está assentado no domínio dos complexos granitoides deformados, sobre rochas do complexo Migmatítico-Granítico que compõem o embasamento do Maciço Pernambuco-Alagoas. Geomorfologicamente está inserido no domínio de colinas dissecadas e morros baixos, numa zona de transição entre as compartimentações geomorfológicas formados pela unidade dos tabuleiros costeiros e das encostas orientais do planalto da Borborema. O relevo na sua maioria apresenta-se plano, ondulado e forte ondulado.A cobertura vegetal que ocorre no município é formada por remanescentes de Floresta Ombrófila (Mata Atlântica)

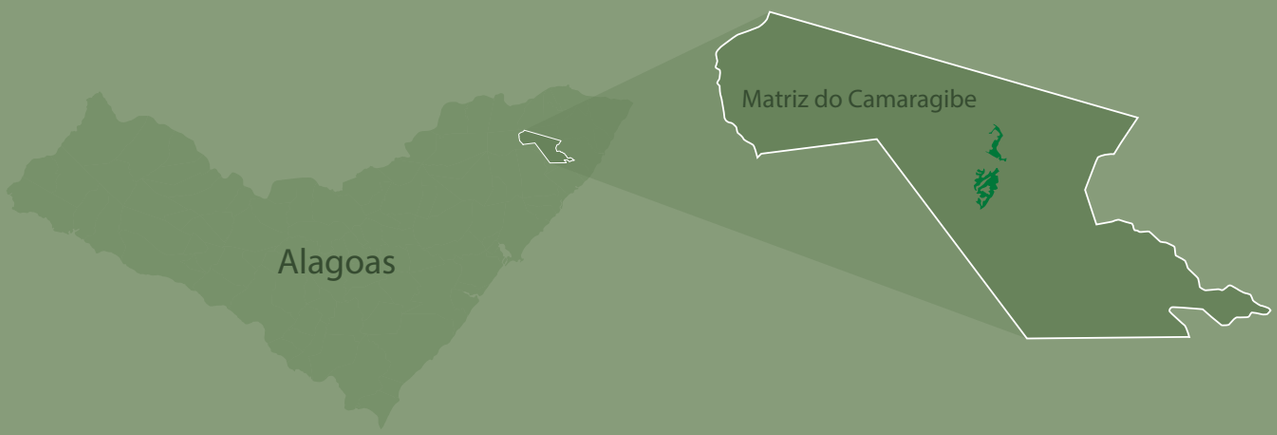
A reserva Garabu é caracterizada pelo aspecto florestal denso, com estrato arbóreo que atinge até 30 metros em altura, com destaque para: o visgueiro (*Parkia pendula*), a munguba (*Eriotheca macrophylla*) e a paraíba (*Simarouba amara*), que estão entre as mais altas na reserva. Apresenta, em seu interior, trechos íngremes e pequenos vales, além do riacho Garabu, o qual proporciona umidade que favorece a ocorrência de espécies mais exigentes, como a palmeira Jussara (*Euterpe edulis*) e a trepadeira (*Asplundia gardneri*) - espécies muito pouco observadas nos remanescentes nesse trecho de Alagoas. No interior da mata, árvores importantes como *Swartzia macrostachya*, *Hirtela racemosa*, *Simarouba amara*, *Tachygali densiflora*, *Pourouma guianensis*, *Ficus gomeleira*, entre outras, são facilmente observadas em todas as fisionomias presentes.

Alves (2009) analisou a florística do fragmento Garabu e listou 316 espécies de Angiospermas. A autora concluiu que há grande diversidade biológica local, e que os trechos menos favorecidos apresentam-se atualmente em estágio avançado de regeneração, corroborado pela presença de famílias com representantes pioneiros e aqueles que representam um estágio secundário de regeneração. A Reserva Garabu vem sendo preservada por seus proprietários há cerca de 10 anos. São relevantes os trabalhos de educação ambiental e de produção de mudas de espécies nativas para reflorestamento na região.

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN)

RPPN SERRA D'ÁGUA

Informações gerais
Criação: **nº 019/2013**
Tamanho: **194,23 ha**
Município: **Matriz do Camaragibe**
Proprietário: **Central Açucareira Santo Antônio S/A - filial Camaragibe**



Pseustes sulphureus.
Foto - Sérgio Leal.

Foto - Sérgio Leal.

A Reserva Serra D'Água representa importante remanescente de mata atlântica da região norte de Alagoas. É cortada por um afluente do Rio Camaragibe, um dos mais relevantes para aquela região e que também margeia todo lado leste do fragmento. Funcionando como Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, possui um receptivo com estrutura de piscina, bicas e uma área de apoio bem conservada para fins turísticos, recreativos e educacionais.

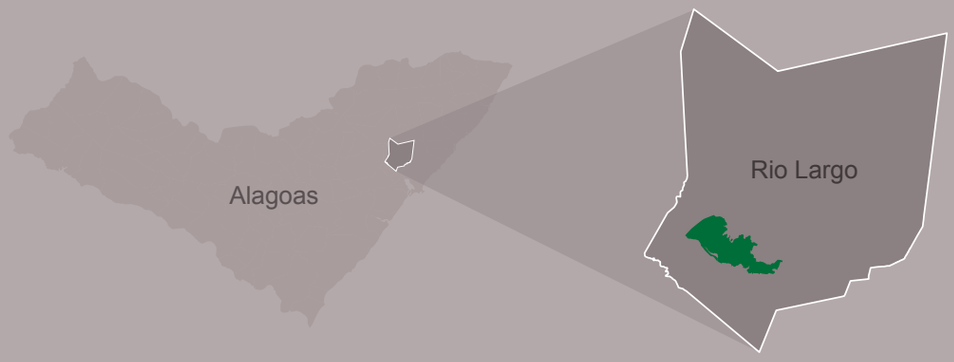
A RPPN está localizada no município de Matriz do Camaragibe, segundo o índice de umidade efetiva da classificação de Thornthwaite apresenta 2 tipos: o úmido (20 a 40) e o subúmido (0 a 20). Quanto à estrutura geológica, está assentado na sua maioria, no domínio dos complexos granitoides deformados, sobre rochas do complexo Migmatítico-Granítico que compõem o embasamento do Maciço Pernambuco-Alagoas, aflorando ainda depósitos areno-argilosos e argilosos do Grupo Barreiras.

Geomorfologicamente está inserido no domínio de colinas dissecadas e morros baixos, numa zona de transição entre as compartimentações geomorfológicas formados pela unidade dos tabuleiros costeiros e das encostas orientais do planalto da Borborema. O relevo na sua maioria apresenta-se plano, ondulado e forte ondulado

A Reserva Serra D'Água está composta visivelmente por dois fragmentos localizados nas margens do Rio Camaragibe, os quais se caracterizam pelo aspecto florestal denso, com a presença de inúmeras rochas expostas ao longo de seu interior, revestidas por espécies rupícolas, incluindo bromélias, briófitas e samambaias. O estrato arbóreo é bastante significativo e resguarda espécies consideradas raras em Alagoas como o pau-falha (*Aspidosperma discolor*) e o jequitibá (*Cariniana legalis*), que ultrapassam 30 metros em altura. Nas margens do rio, destacam-se inúmeros ingás, principalmente, de *Inga edulis*, que disponibilizam seus frutos para a fauna local, além de serem imprescindíveis para conter o assoreamento.

No corpo d'água, podem ser vistas várias espécies flutuantes ou enraizadas, que compõem o ambiente bucólico e preservado na reserva. É constante o esforço dos proprietários pela preservação desse trecho de Mata Atlântica. Eles trabalham há mais de 10 anos, com afinco, para envolver as comunidades do entorno nos trabalhos de preservação da Serra D´Água, mostrando como sobreviver com o que a mata oferece, sem precisar desmatar.

RPPN MATA DO CEDRO



Informações gerais
Criação: **Portaria n° 07/2014**
Tamanho: **978,7680 ha**
Município: **Rio Largo**
Proprietário: **Manoel Gregório Maranhão e Flávia Maria C. Duarte Ribeiro (S/A Leão Irmãos Açúcar e Álcool)**

A Reserva Mata do Cedro tem como com objetivo preservar o meio natural de modo integral, sendo vedadas todas as interferências sobre este ecossistema do bioma a Mata Atlântica. A RPPN é atualmente a maior, em extensão, reconhecida no Estado de Alagoas. É de grande representatividade por ser contínua, abrangendo uma grande faixa de terreno plano a ondulado. Com a presença de nascentes que alimentam o Riacho da Conceição, faz parte de um complexo de grandes fragmentos junto a outras matas próximas. Dessa forma, representa um dos mais importantes remanescentes de mata atlântica da região metropolitana de Maceió.

O conjunto fisionômico do fragmento da Reserva Mata do Cedro está inserido na Zona da Mata, porção Noroeste do Estado de Alagoas, no Planalto da Borborema, sobre rochas do embasamento cristalino, datada do Pré-Cambriano Inferior com ocorrência de afloramentos rochosos.

É de significativa relevância a preservação desse fragmento como RPPN pois conserva importância ecológica e paisagística. Devido a sua extensa área preservada, é uma das selecionadas pelo Instituto de Preservação da Mata Atlântica (IPMA) no Programa de reintrodução do Mutum de Alagoas[1] (*Pauxi mitu*), ave nativa da zona

1 - O projeto chamado Vamos Trazer esse Alagoano de Volta é realizado pelo IPMA, com apoio do IMA/AL e do Ministério Público do Estado (MPE/AL). O animal foi extinto no estado e o trabalho pretende reintroduzir a ave que hoje existe apenas em dois criadouros localizados em Minas Gerais.

Foto - Alex Nazário.

da mata alagoana, declarada extinta na natureza.

A Mata do Cedro em vários trechos de sua extensão comporta indivíduos de grande porte, que chegam a atingir 20 a 25 metros, como "sambacuim", "sapucaia", "pau-falha", "munguba", entre outras. Apresenta uma representatividade considerável de plantas trepadeiras e lianas, estando presentes tanto nas bordas e clareiras naturais, como atingindo o dossel. No sub-bosque estão as arvoretas, arbustos e ervas, sendo as mais conspícuas as espécies popularmente conhecidas como "ervas-de-rato": *Psychotria capitata P. colorata* e *Palicourea crocea*.

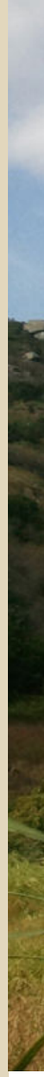
No açude situado no interior no fragmento ocorrem plantas que encontram nas margens do reservatório condições ideais para o seu estabelecimento, como a ausência de correnteza e a grande disponibilidade de sedimentos em suspensão. Entre as espécies encontradas estão: *Tonina fluviatilis* (Eriocaulaceae), *Apalanthe granatensis* (Hydrocharitaceae), *Nymphaea pulchella* (Nymphaeaceae) e *Eichhornia paniculata* (Pontederiaceae).

É válido destacar a ocorrência de *Quararibea turbinata*, uma árvore da família Malvaceae, conhecida para Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Essa espécie possui poucos registros de coleta para o Estado de Alagoas. Sua ocorrência para a Mata do Cedro é um indicativo de que o fragmento ainda se apresenta em relevante estágio de conservação.

Quanto à fauna que ocorre na mata e suas adjacências, é constituída por animais típicos de região de mata e, devido a sua extensão contínua, representa um importante refúgio na região.

ÁREAS EM ESTUDO PARA CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Existem outras áreas em estudo para criação de Unidades de Conservação no estado de Alagoas, e que, juntas, devem somar significativo tamanho de áreas protegidas. As Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) são as em maior quantidade, aproximadamente 17. A consolidação final aguarda apenas a entrega de documentos ou o cumprimento de alguma etapa formal. Outros locais, que devem se transformar em áreas protegidas pelo estado, chamam atenção pela beleza e pela biodiversidade encontrada.



SERRA DA CAIÇARA

Informações gerais
Área aprox.: **80.000 hectares**
Localização: **Poço das Trincheiras, Maravilha e Ouro Branco.**

Foto - Patrícia Pacífico.

A Serra da Caiçara é um maciço cristalino remanescente do grande Planalto da Borborema, sendo caracterizado como um inselberg com área aproximada de 2165 hectares. Está localizada no município de Maravilha, no sertão alagoano. Com quase 778m de altitude, possui características especiais, como um microclima que proporciona a ocorrência de espécies vegetais características de áreas úmidas. Diversificando entre espécies nativas da caatinga, representa um ecótono de grande importância para o bioma.

Devido à presença dessas áreas, os chamados "brejos de altitude" são considerados prioritários para a conservação da biodiversidade. A Serra da Caiçara é provedora de água para a cidade de Maravilha, e também para povoados e sítios existentes na Serra e em suas adjacências. O uso da terra de modo inadequado, a caça e o desmatamento são as principais ameaças aos ecossistemas locais. Existe a necessidade de ordenamento e cuidados, para atender as necessidades de recursos madeireiros da população da região, garantir a sustentabilidade da mesma e evitar os processos de erosão e perda de solo na época das enxurradas.

Além disso, segundo dados de pesquisadores do Museu de História Natural de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas e do Museu de História Natural de Maravilha, uma vasta área da planície sertaneja da região detém a ocorrência de sítios arqueológicos e paleontológicos, onde foi encontrada uma grande variedade de fósseis de animais que viveram na região há milhares de anos.

A solicitação da criação da unidade de conservação da Serra da Caiçara foi apresentada ao Governo do Estado de Alagoas pelo Professor Jorge Luiz Lopes, arqueólogo da Universidade Federal de Alagoas.

ÁREAS EM ESTUDO PARA CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

SERRA DA TABORDA

Informações gerais
Área aprox.: **1900 hectares**
Localização: **São José da Tapera**

A Serra da Taborda é uma formação tipo inselberg, de formato alongado, destacando-se na paisagem do município de São José da Tapera, próxima ao povoado Caboclo. Popularmente conhecida como Taboje, ou Tabode, a Serra apresenta uma vegetação nativa em bom estado de conservação, que modifica sua coloração com a mudança das estações quente e chuvosa na região, promovendo um panorama cênico de rara beleza.

Com 537m de altitude, a Serra engloba também o Morro do Pilão, em sua porção sul, fazendo parte de um conjunto de elevações que se estendem até o município de Pão de Açúcar, às margens do Rio São Francisco.

A proposta de criação da Unidade de Conservação da Serra da Taborda é do IMA, através de estudos realizados no período de 2008 a 2011, pelo seu corpo técnico. Atualmente, está em fase de organização processual para realização da necessária consulta pública.

ÁREAS EM ESTUDO PARA CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARQUE ESTADUAL DA SERRA DA MÃO

Informações gerais
Área aprox.: **entre 1500 e 3000 hectares**
Localização: **Traipu**

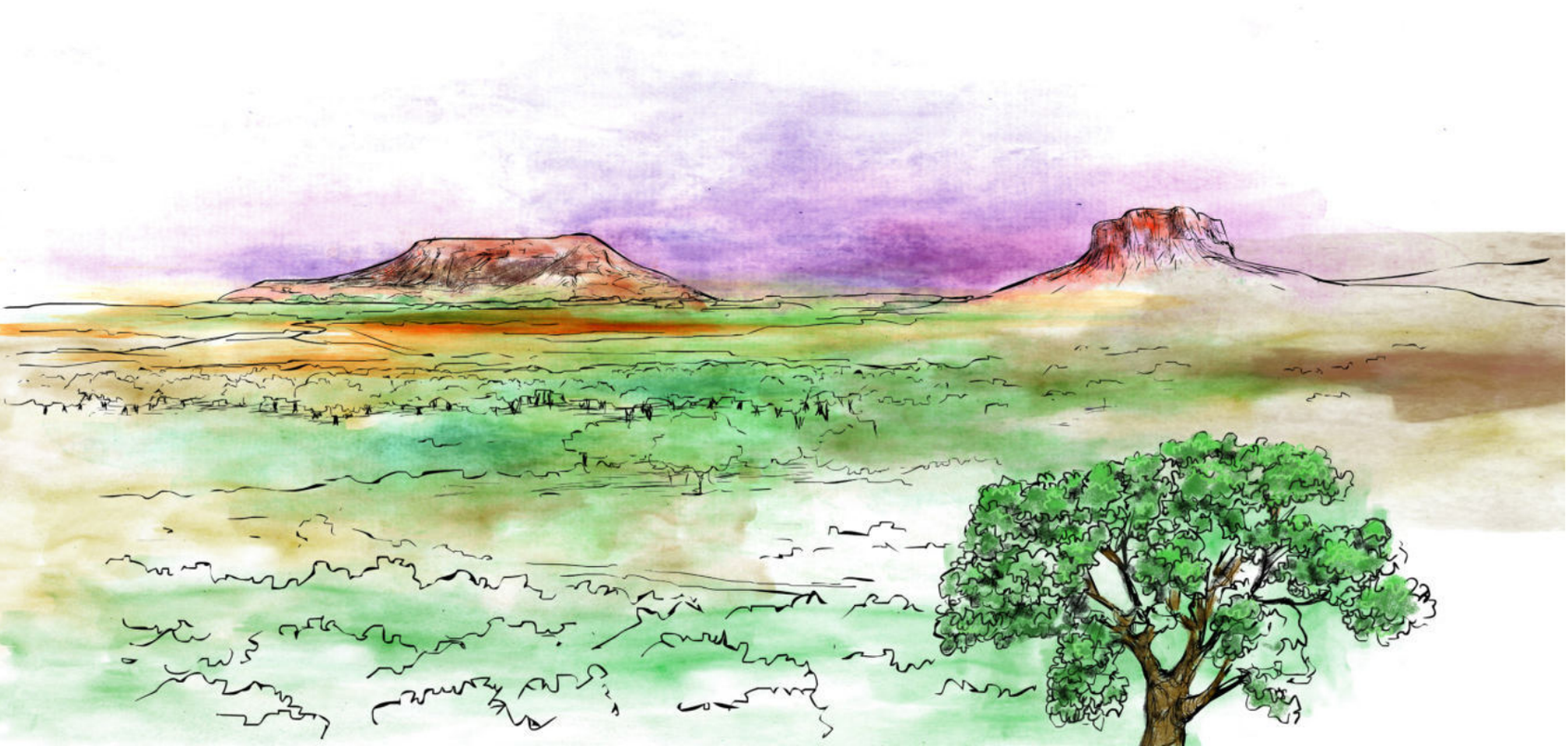


Foto - Neno Canuto.

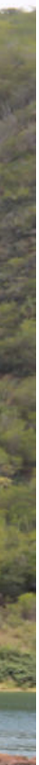
A Serra da Mão (ou das Mãos) representa uma elevação com traços residuais às margens do Rio Traipu, onde, em suas margens, foram encontradas pinturas rupestres, denotando a presença de antepassados do homem na região. As mais famosas são marcas de mãos humanas impressas na rocha, daí o nome adotado para a serra. Com 664m de altitude, é marcada pela presença de micro clima, que confere à vegetação um misto de representantes típicos dos Biomas Mata Atlântica e Caatinga, com uma flora e fauna bastante rica.

Através da implantação da Mineração Serrote da Lage, da mineradora Vale Verde, estão sendo realizados diversos levantamentos e estudos, inclusive com a determinação da criação do Parque Estadual da Serra da Mão, como medida de compensação pela instalação do empreendimento na região.

Foram várias e proveitosas as tratativas e parcerias entre a Vale Verde e o IMA no intuito de produzir material técnico e conhecimento que pudessem embasar a definição da proposta de criação desse que será o primeiro Parque Estadual de Alagoas. A proposta de criação do Parque Estadual da Serra da Mão é uma parceria entre o IMA e a Mineração Vale Verde.

ÁREAS EM ESTUDO PARA CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

BAIXO SÃO FRANCISCO



Em virtude da necessidade de estabelecer as reservas legais de alguns perímetros irrigados e empreendimentos, a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Paraíba (CODEVASF) está em parceria com o IMA, com objetivo de adquirir áreas de interesse ambiental, para posterior doação ao Governo do Estado e consecutivo reconhecimento de novas Unidades de Conservação, ou mesmo a ampliação de unidades existentes.

Com isso, estudos estão sendo realizados nos municípios de Piranhas e de Penedo para realizar o reconhecimento e a caracterização de áreas em bom estado de conservação das características naturais.

Atualmente, estão em estudo duas áreas de biomas distintos: uma em Piranhas, com aproximados 1757,33 hectares, que poderá ser reconhecida como uma unidade às margens do Rio São Francisco; e outra em Penedo, com 670,84 hectares, com a possibilidade de acrescer a APA da Marituba.

◄ Foto - Clarice Maia.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Alagoas em Dados e Informações. Disponível em: http://informacao.seplande.al.gov.br/

ALAGOAS. Decreto nº 3.050, de 09 de fevereiro de 2006. Dispõe sobre a instituição de Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN e dá outras providências. Maceió, 2006, 09 de fevereiro.

ALAGOAS. Decreto n° 35.858. Cria a Área de Proteção Ambiental da Marituba do Peixe. março. 1988.

ALAGOAS. Decreto n° 17.935. Cria o Refúgio de Vida Silvestre dos Morros do Carauná e do Padre. janeiro. 2012.

ALAGOAS. Decreto n° 37.589. Cria a Área de Proteção Ambiental do Pratagy. junho. 1998.

ALAGOAS. Decreto n° 6.274. Cria a Reserva Ecológica do Saco da Pedra. junho. 1985.

ALAGOAS,___, Decreto n° 32.355, cria a Reserva Ecológica da Lagoa do Roteiro. jun

ALAGOAS,___,Diagnostico, Avaliação e Zoneamento. Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu / Roberaldo Carvalho de Sousa (coord.) - Maceió: EDUFAL,2000,424p.

ALAGOAS, Governo do Estado de Alagoas, Secretaria de Planejamento, Instituto do Meio Ambiente SEPLAN-IMA.Diagnóstico físico-conservacionista da bacia do rio Pratagy (Coord. Rocha, J. S. M). Alagoas, Secretaria de Planejamento, Instituto do Meio Ambiente; Alemanha, Deutschegesellschaftür Technische Zusammenarbeit (GTZ) GMBH. Maceió, 1993a, 90p.

ALAGOAS. Instituto do Meio ambiente. Disponível em:

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 18/2013. Homologa o pedido de criação da Reserva Garabu. Maceió, 2013, 03 de dezembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 19/2013. Homologa o pedido de criação da Reserva Serra D'Água. Maceió, 2013, 12 de dezembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 005/2007. Homologa o pedido de criação da Reserva Aldeia Verde. Maceió, 2007, 25 de maio.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 017/2007. Homologa o pedido de criação da Reserva Vila D'Água. Maceió, 2007, 21 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 015/2007. Homologa o pedido de criação da Reserva Boa Sorte. Maceió, 2007, 21 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 018/2007. Homologa o pedido de criação da Reserva Osvaldo Timóteo. Maceió, 2007, 21 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 23/2008. Homologa o pedido de criação da Reserva Cachoeira. Maceió, 2008, 13 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 22/2008. Homologa o pedido de criação da Reserva Santa Fé. Maceió, 2008, 03 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 18/2008. Homologa o pedido de criação da Reserva Tocaia. Maceió, 2008, 09 de outubro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 19/2008. Homologa o pedido de criação da Reserva Jader Ferreira Ramos. Maceió, 2008, 03 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 04/2009. Homologa o pedido de criação da Reserva Fazenda Estância São Luiz. Maceió, 2009, 12 de março.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 004/2007. Homologa o pedido de criação da Reserva Canadá. Maceió, 2007, 25 de maio.

ALAGOAS. Instituto do Meio Am-

biente – Portaria nº 003/2007. Homologa o pedido de criação da Reserva Placas. Maceió, 2007, 25 de maio.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 03/2009. Homologa o pedido de criação da Reserva José Abdon Malta Marques. Maceió, 2009, 12 de março.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 10/2009. Homologa o pedido de criação da Reserva Santa Maria. Maceió, 2009, 14 de setembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 11/2009. Homologa o pedido de criação da Reserva Porto Seguro. Maceió, 2009, 10 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 13/2009. Homologa o pedido de criação da Reserva Planalto. Maceió, 2013, 17 de dezembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 08/2012. Homologa o pedido de criação da Reserva Papa Mel. Maceió, 2012, 03 de dezembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 09/2012. Homologa o pedido de criação da Reserva Estrela do Sul. Maceió, 2012, 03 de dezembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 10/2012. Homologa o pedido de criação da Reserva Porto Alegre. Maceió, 2012, 03 de dezembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 014/2009. Homologa o pedido de criação da Reserva Triunfo. Maceió, 2009, 10 de novembro.

ALAGOAS. Instituto do Meio Ambiente – Portaria nº 015/2009. Homologa o pedido de criação da Reserva Bosque. Maceió, 2009, 10 de novembro.

ALAGOAS. Plano de Manejo e Gestão da APA de Santa Rita. Convênio IMA-CHESF, Instituto de Pesquisa e Preservação Ambiental (Consultoria Técnica). Maceió/AL, Maio de 2010.

ALAGOAS. Plano de Manejo da APA da Marituba do Peixe. Programa de revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Convênio SEMARH-CODEVASF, Geo Lógica, consultoria ambiental (Consultoria Técnica). Maceió/AL, Março de 2006.

ALAGOAS,____, Lei n° 4.607, cria a Área de Proteção Ambiental de Santa Rita. dezembro. 1984.

ALAGOAS,____, Lei n° 5.347, cria a Área de Proteção Ambiental do Catolé e Fernão Velho. maio. 1992.

ALAGOAS,____, Lei n° 5.907, cria a Área de Proteção Ambiental de Murici. março. 1997.

ALAGOAS,___, Lei Municipal n° 2.541, o Município de Maceiócria o Parque Municipal de Maceió. junho. 1993.

ALAGOAS,___, Lei Municipal n° 12, o Município de Paripueira, cria o Parque Marinho de Paripueira. junho. 1993.

ALAGOAS,___, Lei Municipal n° 928, o Município de Coruripe, cria a Área de Proteção Ambiental do Poxim. dezembro. 2002.

ALAGOAS,___, Plano de Manejo e Gestão. Área de Proteção Ambiental de Santa Rita. SEMAH/IMA. maio.2010

ALAGOAS,___, Plano de Manejo e Gestão. Área de Proteção Ambiental da Marituba do Peixe. SEMAH/IMA. março.2006.

ALAGOAS. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos. Disponível em: http://www.semarh.al.gov.br/

ALVES, P.B. 2009 Florística em fragmentos de Mata Atlântica: Mata do Gribu, São Luiz do Quitunde, Alagoas. Trabalho de conclusão de curso (graduação em C. Biológicas) UFAL, 2009.

ASSIS, J.S. de. O uso do Sensoriamento Remoto no planejamento de Unidades de Conservação. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOPROCESSAMENTO E SENSORIAMENTO REMOTO, 1, 2002,Aracajú. Anais... Aracajú: 2002. p. 1-16.

ASSIS, J.S. Um projeto de Unidades de Conservação para o Estado de Alagoas. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1998. Tese (Doutorado em Geografia - Organização do Espaço). IGCE/UNESP, 1998c. 241 p.

AUTO, P. C. C. Unidades de Conservação de Alagoas. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Superitendência Estadual de Alagoas._ Maceió: IBAMA, 1998. 239p.

AZEVEDO, D. M. C.; TAVARES, K. A. S. Identificação dos principais impactos ambientais na APA do Catolé e Fernão Velho em confronto com os objetivos estabelecidos no ato de sua criação. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)-Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

BARROS, C.S.S. 1998. Araceae da Reserva Particular de Vera Cruz, Chá Preta, Alagoas Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). UFPE, Recife 1998.

BRASIL. IBAMA - Portaria nº 068/92. Homologa o pedido de criação da Reserva Vera Cruz. 2009, 25 de julho.

BRASIL. IBAMA - Portaria nº 119/94. Homologa o pedido de criação da Reserva Rosa do Sol. 1994, 01 de novembro.

BRASIL. IBAMA - Portaria nº12/95. Homologa o pedido de criação da Reserva São Pedro. 1995, 08 de fevereiro.

BRASIL. IBAMA - Portaria nº 111/01. Homologa o pedido de criação da Reserva Lula Lobo I. 2001. 03 de setembro.

BRASIL. IBAMA - Portaria nº 113/01. Homologa o pedido de criação da Reserva Pereira. 2001, 03 de setembro.

BRASIL. IBAMA - Portaria nº 120/01. Homologa o pedido de criação da Reserva Santa Tereza. 2001, 03 de setembro.

BRASIL. IBAMA - Portaria nº 098/01. Homologa o pedido de criação da Reserva do Gulandim. 2001, 03 de setembro.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/

BRASIL. Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Lex: Brasilia, 2000, julho. 179o da Independência e 112o da República.

BRASIL. Lei n. 11.516 de 28 de agosto de 2007. Dispõe sobre a criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Instituto Chico Mendes; altera as Leis nos 7.735, de 22 de fevereiro de 1989, 11.284, de 2 de março de 2006, 9.985, de 18 de julho de 2000, 10.410, de 11 de janeiro de 2002, 11.156, de 29 de julho de 2005, 11.357, de 19 de outubro de 2006, e 7.957, de 20 de dezembro de 1989; revoga dispositivos da Lei no 8.028, de 12 de abril de 1990, e da Medida Provisória nº. 2.216-37, de 31 de agosto de 2001; e dá outras providências. Lex: Brasilia, 2007, agosto. 186o da Independência e 119o da República.

BRASIL,___, Decreto Federal n° 88.421, cria a Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu. junho. 1983.

BRASIL,___, Decreto Federal n° 98.542, cria a Reserva Biológica de Pedra Talhada. dezembro. 1989.

BRASIL,___, Decreto Federal n° 1.709, cria a Área de Preservação Permanente do IBAMA. novembro. 1995.

BRASIL,___, Decreto Federal S/N, cria a Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais. outubro. 1997.

BRASIL,___, Decreto Federal S/N, cria a Estação Ecológica de Murici. maio. 2001.

BRASIL,___, Decreto Federal S/N, cria a Reserva Extrativista Marinha da Lagoa do Jequiá. setembro. 2001.

BRASIL, República Federativa do Brasil, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis. Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC: lei n. 9985 de 18 de julho de 2000. Brasília: MMA/ Secretaria de Biodiversidade e Florestas, 2000a.

BÉRNILS, R. S.; COSTA, H.C. (org.). Répteis brasileiros: Lista de espécies. Versão 2012.2. Disponível em http://www.sbherpetologia.org.br/. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessada em 26/12/2013.

BIRDLIFE INTERNATIONAL. A diversidade Faunística e Florística de Murici e a Importância de sua Conservação. 2003.

CARTA GEOLÓGICA da Bacia Sedimentar Sergipe Alagoas, Folha Marechal Deodoro SC.25-V-C-IV-2 (MI-1660-2). Brasília: Petrobrás, 1975. Carta, color., 63,5 x 75 cm. Escala 1:50.000.

CARTA GEOLÓGICA da Bacia Sedimentar Sergipe Alagoas, Folha Maceió SC.25-V-C-IV-2 (MI-1660-2). Brasília: Petrobrás, 1975. Carta, color., 63,5 x 75 cm. Escala 1:50.000.

CARTA TOPOGRÁFICA da Região Nordeste do Brasil, Folha Maceió SC.25-V-C-IV (MI-1600). Brasília: IBGE, 1985. Carta, color., 62,5 x 75 cm. Escala 1:100.000.

CARTA TOPOGRÁFICA da Região Nordeste do Brasil, Folha Marechal Deodoro SC.25-V-C-IV-1-SO (L12). S.L.: Petrobrás, 1998. Carta, color., 62 x 76,5 cm. Escala 1:25.000.

CARTA TOPOGRÁFICA da Região Nordeste do Brasil, Folha Mundaú SC.25-V-C-IV-1-SE (L13). S.L.: Petrobrás, 1998. Carta, color., 62 x 76,5 cm. Escala 1:25.000.

CARTA TOPOGRÁFICA da Região Nordeste do Brasil, Folha Pilar SC.25-V-C-IV-2 (MI-1660-2). Brasília: IBGE, 1985. Carta, color., 63,5 x 75 cm. Escala 1:50.000.

CARTA TOPOGRÁFICA da Região Nordeste do Brasil, Folha Roteiro SC.25-V-C-IV-3 (MI-1600-3). Brasília: IBGE, 1985. Carta, color., 63,5 x 75 cm. Escala 1:50.000.

CARTA TOPOGRÁFICA da Região Nordeste do Brasil, Folha Roteiro SC.25-V-C-IV-3-NE (K13). S.L.: Petrobrás, 1998. Carta, color., 62 x 76,5 cm. Escala 1:25.000.

CBRO. Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Listas das aves do Brasil. 11ª Edição, 1/1/2014, Disponível em <http://www.cbro.org.br>. Acesso em: 05/07/2014.

Cobertura vegetal do estado de Alagoas & mangues de Alagoas/ Afrânio Farias de Menezes (coord). Maceió: Instituto do Meio Ambiente de Alagoas. Petrobrás, 2010. 202 p. il.

Checklist - Flora de Alagoas: Angiospermas/ organização: Rosângela Pereira de Lyra Lemos ... [et. AL.]. Maceió: Instituto do Meio Ambiente de Alagoas – Herbário MAC, 210. 141 p.

DANTAS, J.R.A; Calheiros, M. E. de V. In: BRASIL, DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL. Mapa Geológico do Estado de Alagoas. Recife, 1986. 1 Mapa, color., 90x110 cm. Escala 1:250.000.

Enciclopédia Municípios de Alagoas/ Carlos Alberto Pinheiro Mendonça: Instituto Arnon de Mello. Leonardo Simões: Coordenação geral. Maceió – Núcleo de Projetos Especiais, 212. 576 p. il.

ESTADO DE ALAGOAS, Projeto de Unidades de Conservação, Mapa 1. 1 mapa, p&b, 81x140cm. Escala 1:250.000. (Organizado por: José Santino de Assis, 1998).

FONSECA, A. L. B. de Azevedo, L. M. P. Climatologia. In: BRASIL, MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA, SECRETARIA GERAL, PROJETO RADAMBRASIL. Folhas SC. 24/25 Aracaju/Recife. Rio de Janeiro: PROJETO RADAMBRASIL, 1983 p. 812-837 (Série: LRN. V. 30).

GOES, M. H. de B. Ambientes Costeiros do Estado de Alagoas. 3 v. Rio de Janeiro, 1979, 397 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.

INVENTÁRIO da Biota da Serra da Mão - Alagoas/Afrânio Farias Menezes,(coord.)¬¬¬--Maceió: Instituto do Meio Ambiente de Alagoas. Mineradora Vale Verde, 2012. 130 p. il.

IUCN. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.1. Downloaded from <www.iucnredlist.org> Acessed on 05/07/2014.

JACOMINE, Paulo K. T. A NOVA VERSÃO DO SISTEMA BRASILEIRO DE CLASSIFICAÇÃO DE SOLOS (SiBCS).

José Maria Cardoso da Silva et al (org), 2003: A Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Ministério do Meio Ambiente.

LOBO-ARAÚJO, L.W.; TOLEDO, M.T.F.; EFE, M.A.; MALHADO, A.C.; VITAL, M.V.C.; TOLEDO -LIMA, G.S; MACARIO, P.; DOS SANTOS, J.G.; LADLE, R.J. Bird communities in three forest types in the Pernambuco Centre of Endemism, Alagoas, Brazil. Iheringia, Série Zoologia, Porto Alegre, 103(2). 2013.

LOBO-ARAÚJO. A avifauna da Mata do Catolé e da restinga da Praia do Francês e Barra de São Miguel, Alagoas, Brasil. Monografia apresentada à coordenação do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas. 2006.

LOBO-ARAÚJO. Efeitos da fragmentação florestal sobre a riqueza de espécies de aves no Centro de Endemismo Pernambuco, Nordeste do Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de Alagoas. 2013.

MACHADO, A. B. M., Drummond, G. M. & Paglia, A. P. eds.

Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, Fundação Biodiversitas. 1420p. 2008.

MACHADO, Maria Aliete Bezerra Lima. Florística e fitossociologia do estrato arbóreo de fragmentos da mata atlântica da usina Coruripe - estado de Alagoas. 2003. 100 f. Dissertação em Agronomia: Produção Vegetal Universidade Federal de Alagoas, Rio Largo 2003.

MOURA, F.B.P. (org.). A Mata Atlântica em Alagoas. Série: Conversando sobre ciências em Alagoas. Maceió: EDUFAL. 2006.

NASCIMENTO, A. L. C. P.; SANTOS, J.W. Coendou speratus Mendes Pontes, Gadelha, Melo, Sá, Loss, Caldara Jr., Costa & Leite, 2013 (Mammalia, Rodentia, Erethizontidae) in northeastern Brazil: Filling gaps in its geographical distribution. Check List 10(5): 1223–1225, 2014.

PAZ, J. E. Dados pluviométricos mensais do Nordeste: Estado de Alagoas. Recife: Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, 1990. 116 p. (Série Pluviométrica, 7).

PINHEIRO, A.I.L. 2005. Fitossociologia da comunidade arbórea da serra do Ouro, estação ecológica de Murici, Alagoas. Dissertação (Mestrado em produção Vegetal) UFAL, Rio Largo.

Plano de Manejo da APA Costa dos Corais. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBIO. Dezembro de 2012.
Relatório IMA - DIRUC n° 066/2008

REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; PEDRO, W.A.; LIMA, I.P. Mamíferos do Brasil. Londrina: Nélio R. dos Reis. 2006.

Reserva da biosfera da mata atlântica: os postos avançados/ organização: Afrânio Farias De Menezes. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2012. 154 p. il., tabs. e maps. color.

RICTHER, A. J., et al. In: MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA, PETRÓLEO BRASILEIRO S. A., DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL. Cartas Geológicas da Bacia Sedimentar Sergipe - Alagoas: – Folhas: Rio Largo (SC.25-V-C-I-3) São Luís do Quitunde (SC.25-V-C-I-4), Marechal Deodoro (SC.25-V-C-IV-1) e Maceió (SC.25-V-C-IV-2): 1975. Recife, 1975. 4 Cartas, color., 60 cm x 60 cm. Escala 1:50 000.

RODA, S. A. et al. Conservação de aves endêmicas e ameaçadas do Centro de Endemismo Pernambuco. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 79 p. 2011.

RODRIGUES, M.N.2002. Levantamento florístico e análise de estrutura fitossiológica de um fragmento de Mata Atlântica na APA do Catolé, Alagoas. Dissertação (Mestrado em Produção vegetal), UFAL, Rio Largo.

SANTANA, E. 2013 Trepadeiras na Reserva Biológica da Pedra Talhada, Alagoas: Aristolochiaceae, Cucurbitaceae, Dioscoreaceae e Passifloraceae. Trabalho de conclusão de curso (graduação em C. Biológicas) UFAL, 2011.

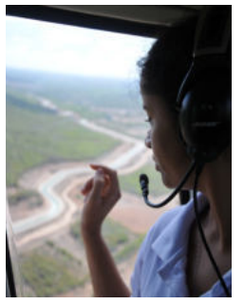
SEGALLA, M.V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C.A.G.; GRANT, T.; HADDAD, C.F.B; LANGONE, J.; GARCIA, P.C.A. Brazilian amphibians – List of species. Accessible at http://www.sbherpetologia.org.br. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Herpetologia Brasileira - Volume 3 - Número 2 - Julho de 2014. Captured on 22/10/2014.

SICK, H. Ornitologia Brasileira. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 912 p. 1997.

TAVARES, K. A. S. Gestão ambiental participativa como proposta de implementação em áreas propostas: O caso da APA do Catolé e Fernão Velho/Alagoas. Trabalho de Especialização em Ciências Ambientais. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

TOLEDO-LIMA, G.S.; MACARIO, P.; LYRA-NEVES, R.M. DE; TEIXEIRA, B.P.; LIMA, L.A.F. DE; SUGLIANO, G.O.S.; TELINO-JÚNIOR, W.R. Richness, composition and trophic groups of an avian community in the Pernambuco Endemism Centre, Alagoas, Brazil. An Acad Bras Cienc 86 (3). 2014.

BASTIDORES



IMA
ALAGOAS
FISCALIZAÇÃO
NMK-5721

Vista da APA da Marituba do Peixe - "O Pantanal Alagoano". Foto - Neno Canuto.

REALIZAÇÃO

ALAGOAS
GOVERNO DO ESTADO

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE
ESTADO DE ALAGOAS

APOIO

Mineração Vale Verde Ltda.
Aura Minerals Inc.

REALIZAÇÃO

ALAGOAS
GOVERNO DO ESTADO

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE
ESTADO DE ALAGOAS

APOIO

Mineração Vale Verde Ltda.
Aura Minerals Inc.